

A portrait of a man with a beard, wearing a black suit jacket over a white shirt. The shirt is open at the collar, and a white pocket square is visible in the jacket's breast pocket. His hands are clasped in front of him. The image is framed by a red border that is partially cut off by a diagonal white line.

DANILO
BARBOSA

PERFEIÇÃO



PERFEIÇÃO
DANILO BARBOSA
1ª. Edição

Direitos autorais de Danilo Barbosa

Revisão: Ivany Souza

Capa: Danilo Barbosa

Diagramação digital: Criativa TI

Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento por escrito da autora.

“Eu tenho uma aparente liberdade, mas estou presa dentro de mim.”

Clarice Lispector



SUMÁRIO

[CONFISSÃO](#)

[1](#)

[CONFISSÃO](#)

[2](#)

[CONFISSÃO](#)

[3](#)

[4](#)

[CONFISSÃO](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[CONFISSÃO](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[CONFISSÃO](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[A PRIMEIRA CONFISSÃO](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[EPÍLOGO](#)

[Agradecimentos](#)

[Conheça outras obras do autor](#)

[Siga o autor nas redes sociais](#)



CONFISSÃO

Marcos, eu precisava te confessar uma coisa... Comecei a te esquecer. E não foi tão dolorido como imaginava, sabia? Assumo que o ato foi até meio libertador... Pensei que, ao te tirar de meu coração, estaria perdida, sem saber quais sentimentos colocar no lugar... Mesmo depois de tudo que fez... É como se, mesmo sem você ao meu lado, eu ainda fosse dependente daquilo que chamávamos de amor.

A primeira coisa que fiz foi arrancar dos livros que me deu todas as dedicatórias feitas. Das páginas que não consegui tirar, risquei o seu nome, com força e sem hesitar, quase rasgando o papel. Depois, rasurei as nossas fotos juntos e rasguei os cartões cheios de palavras bonitas que me mandava. Foi assim que comecei a me exorcizar da sua presença.

Já deixei de falar o seu nome a cada conversa que tenho... No começo, machucava-me quando as pessoas me perguntavam sobre você ou quando tinha de contar o final de nossa história. O que fiz repetidas vezes, já que nem dos nossos amigos em comum você se despediu. Cansei de omitir a verdade, de criar histórias cordiais para um término sem dor que nunca existiu.

Sufrimento não ocorreu apenas no desenlace, mas sim nos últimos anos. Já não conseguia fingir, o sorriso estático enquanto as pessoas diziam que parecíamos feitos um para o outro... Tinha vontade de sair dali batendo os pés, trancando os lábios para não vomitar os mais cabeludos palavrões.

***Marcos** é um nome com que poderei chamar outras pessoas, mas não você. A partir de agora, será o “falecido” ou o “abençoado” — e não veja isso como um elogio. Qualquer dúvida, pesquise no dicionário a palavra sarcasmo. Eu me sentirei muito melhor se chamá-lo também de mentiroso, hipócrita ou cachorro... Ou por que não de grandessíssimo filho da puta?! Aos mais velhos, para não chocar demais, prometo te dedicar algo mais sério ou científico. O que acha de sociopata, insano ou traidor? Penso que estes títulos também lhe caem bem.*

Sei que deve estar pensando, ao ler tudo isso, que nosso relacionamento não foi de todo ruim. E concordo com você... Em nossos dez anos, tivemos muitas coisas boas, momentos em que eu me senti a mais feliz e amada das mulheres... E a mais odiada também. Pois sem que eu percebesse, você fez com que eu me anulasse, tivesse vergonha de ser quem eu era.

Então, por isso, afirmo que foi o meu salvador e carrasco, causador dos mais intensos prazeres e amargas lembranças. Foi uma ilusão, um boneco que moldei com todos os meus sonhos, anseios e expectativas. A criação perfeita que desejei durante anos, e fazia questão, cheia de orgulho, de mostrar a todos ... E você se aproveitou dessa imagem e a usou como um disfarce perfeito.

Sem que eu percebesse, você me quebrou. E nem precisou me agredir para fazer isso.

Só aqui, nestas páginas, quando estiver sozinha e a raiva me dominar a ponto de me sufocar, eu falarei com você. Pela primeira vez... E também pela última, as verdades surgirão. Chega de carregar feridas na minha alma, marcada pelos seus maus tratos. Preciso me curar daquilo que você deixou em mim... Na minha boca, na pele, entre as coxas. E sei que ninguém pode fazer isso a não ser eu mesma, porque preciso te sepultar para renascer.

Esse não é apenas um caderno de lembranças dos nossos encontros apimentados, dos insólitos momentos românticos ou das doces ilusões que um dia sonhei viver ao seu lado. Quero confrontar as amargas verdades que nos rondaram durante todos esses anos. Dizer como sobrevivi ao seu amor.

Já fui uma viciada em franca recuperação. Mesmo sabendo que me fazia mal, tiveram ocasiões em que senti sua falta. Não agora, mas antes, quando, para mim, a definição de perfeição era ver o seu sorriso, sentir suas mãos me pegando sem cuidado, percorrendo meu corpo, pegando-me com força pelos quadris enquanto nossos corpos se chocavam, fazendo sexo.

Perfeito era quando você me pedia para gozar e eu o obedecia. Ou quando eu velava o seu sono, os cabelos despenteados sobre o rosto e a satisfação nos lábios, sabendo que era adorado por mim como um deus.

Era quando andávamos de mãos dadas pela rua e me puxava em um canto qualquer só para ter a satisfação de provar dos meus lábios ou quando eu passava as mãos pelo seu rosto, na pele áspera da barba por fazer, em uma carícia, e você prendia os meus dedos entre os dentes e passava a língua com o olhar cheio de desejo. Era vê-lo dizer o quanto me amava, mesmo que eu tenha descoberto que tudo era uma mentira.

Mas sabe que hoje isso mudou? A plenitude que eu achava sentir

quando estava na sua presença, agora aparece quando me olho no espelho e sei que não preciso de ninguém, nem mesmo de você, para me sentir uma linda mulher. É saber o momento de tomar as minhas próprias decisões e fazer apenas as coisas que me agradam, e não aos outros. É me amar, e transbordar, sem me importar se um dia terei um romance como dos filmes. O que preciso é fazer a minha própria história.

E posso te confessar uma coisa? Quando estiver pronta, eu quero te reencontrar. Quero que saiba dessas palavras. E talvez — porque não — entregá-las em mãos, pois o pior não será me ver falar sobre nós, mas sim, descobrir que aprendi a ser feliz sem você.

Perfeição hoje, para mim, é ser livre para ser e viver o que eu desejar. Esse, sem dúvida, é o maior presente que a vida pôde me dar.



1

Eu adoro a vida nos palcos. Trabalhar sob o agito dos técnicos, o ensaio dos atores, o grito exasperado dos diretores pedindo mais dedicação entre uma cena e outra. Quantas vezes fico atrás das coxias, de olhos fechados, admirando as notas límpidas e agudas de uma cantora a falar sobre amores perdidos e sonhos quebrados? Ou alguém capaz de trazer a emoção necessária ao público, seja através dos risos ou das lágrimas, em uma atuação impecável?

Sempre fui atraída por aquela correria que ocorre antes das cortinas se abrirem e depois que elas se fecham. Nana, minha melhor amiga, insistia em dizer, na época em que fazíamos a faculdade de Artes Cênicas, que eu devia estar na frente dos palcos, e não nas sombras, oculta pelos bastidores. E eu sempre respondia com aquele meu sorriso, silencioso, de quando a gente finge que concorda com alguém para não contrariar.

A verdade é que não gosto de aparecer, de me destacar. Sou aquela mulher que passa despercebida na maioria das vezes, com blusas sem decotes, calças jeans retas, sem brilhos ou detalhes, os olhos cor de mel escondidos pelos óculos e os cabelos castanhos sempre presos, em um rabo de cavalo para que os fios não caiam sobre o rosto.

— Prefiro ser prática, Nana. Sabe que não gosto das coisas me atrapalhando, principalmente durante a correria das apresentações.

— Você não me engana, Andreia. Precisa parar de se esconder, isso sim! É uma mulher livre agora. Conheça novas pessoas, tenha novos amores... Faça sexo!

Quando ela me diz essas coisas, eu até concordo... Ou finjo. É que não consigo dizer a verdade. Confessar que, mesmo sozinha, ainda sinto que dentro de mim há algo quebrado, defeituoso, que me torna incapaz de me apaixonar por alguém novamente. Naquele momento, o meu único objetivo era o de me reconstruir, aprender a viver sozinha, dar os meus próprios passos. Preciso perder a hesitação e apagar as palavras que meu ex-marido insistia em me dizer todos os dias, como um eco na memória.

Será que não consegue fazer nada direito, Andreia? Sua burra! O que seria de você sem mim?

Uma mulher inteira. Hoje eu sei a resposta, pelo menos, na maior parte do tempo. Existem alguns dias em que nada está bem, que acordo com algo na garganta me sufocando, querendo me reduzir a cinzas, quebrar novamente aquilo que, aos poucos, eu reconstruo. Nessas manhãs, eu sequer tenho vontade de sair da cama. Sinto-me apontada como ridícula, feia e imprestável. Penso que não mereço ser feliz ou amada por alguém. A sensação é de um trapo velho e descartável, que as pessoas, ao passarem perto, olham torto, com nojo. É quando qualquer coisa parece me ferir, e me sinto com medo do mundo.

A terapeuta me ensinou, em nossas sessões, a lidar com esses momentos. Afirmava que a presença do meu “ex” em mim era como um membro fantasma, que só podia me causar dor se eu assim permitisse, já que ele não estava mais lá, presente.

— Ele não tem mais poder sobre mim. Só eu posso me salvar ou me destruir. Eu sou a responsável pela minha própria felicidade! — são frases como essas que eu vivo a repetir nas horas sombrias, como costume nomear esses momentos tenebrosos. Elas acabam por se tornar um mantra que digo com ênfase, até que volte a respirar ou que as lágrimas se derramem pela minha face, como que lavando minha própria alma.

Já faz dois anos que comando os meus próprios passos, mas ainda sinto as cordas que me prendiam os braços, pernas e pescoço, as que me tornaram, durante anos, um fantoche, submissa às vontades e desejos do outro. E isso me apavora. Talvez seja por isso que me esconda, como Nana insiste em dizer. Por medo de que, se decidir correr, esses laços opressores me puxem de volta e joguem meu corpo ao chão. Talvez meu maior temor seja que, se decidir me aventurar no amor novamente, eu caia nas mesmas armadilhas do coração. Mesmo que insistam em me dizer que nem todos os homens são iguais... Eu não sei se sou capaz de sobreviver se for transformada em cacos novamente.

O que me impulsiona é o meu trabalho. Fazer cenografia sempre foi a minha paixão, mesmo que tenha deixado de lado a minha profissão enquanto estive casada. Montar as cenas, achar os móveis adequados, as roupas que cada personagem precisa, pintar os cenários... Dar vida e cor ao espetáculo... o cenário perfeito para que os atores ou cantores troquem suas emoções com a plateia. Ajudar a construir ilusões que permitam, durante o tempo da apresentação, fazer as pessoas sonharem.

Foi Nana quem me trouxe de volta à ativa. Mesmo que eu ainda tivesse ficado em Ribeirão Preto e ela vindo para São Paulo, se tornado uma

conhecida diretora, e depois produtora de teatro, nós nunca perdemos o laço emocional — apesar do contato ter se rompido durante muito tempo, permanecendo apenas um relacionamento distante e cordial.

Até o meu divórcio, ela achava que eu vivia uma história de amor perfeita, pelo menos para mim. Não porque era assim, mas pelo simples fato de que eu sabia fingir muito bem que nada errado acontecia. Quando a verdade veio à tona, e eu pedi ajuda, sem forças para mais nada, ela pegou o primeiro avião e veio me socorrer, sem questionar. Permitiu que eu me libertasse de toda a dor que aquele relacionamento nocivo me causara e me fez acreditar que tudo ficaria bem. Mesmo quando eu mesma não acreditava.

Hoje, sei que ela tem razão. Mesmo que as coisas demorem mais do que eu gostaria...

Os meus primeiros trabalhos, pós-divórcio, foram algumas peças infantis da cidade. Aquelas de final de ano escolar, sabe? Cercada por professores com egos de diretores artísticos e mães que viviam reclamando. Entretanto, eu já tinha passado por coisas piores e tirei aquilo de letra. Logo minha amiga usou da influência que tinha e me arrumou alguns contratos em companhias de teatro da região. Em poucos meses, parecia que nunca tinha abandonado a profissão.

E, agora, chegou a hora de dar o próximo passo: a convite de Nana, minha amiga, incentivadora e fada madrinha, acabo de chegar a São Paulo para ser parte de sua equipe em um grandioso projeto. O primeiro de muitos, assim espero.

Desço na rodoviária da maior cidade do país, pego as minhas malas com algumas roupas — cheias, na verdade, de papéis e croquis —, e vou em direção à saída que leva ao metrô. Sinto-me viva no meio desse caos. Adoro estar ali, em meio às pessoas, mais um número, alguém sem identificação, algo que possa ser julgado e apontado sem que isso me machuque. Desconhecida.

Consulto o itinerário das linhas de metrô e vejo como chegar à estação da Luz. A equipe de Nana, junto à Prefeitura e ao Ministério da Cultura, marcou “aquele” primeiro encontro para apresentar o projeto à imprensa, incluindo todo o elenco, músicos e profissionais envolvidos. Para minha alegria, o local escolhido para a reunião foi a maravilhosa sala São Paulo, considerada um dos mais belos locais para concerto do mundo.

Entrar naquele lugar, para mim, já era um presente. O imponente prédio, projetado por Christiano Stockler das Neves em 1925 para ser o edifício da Estrada de Ferro Sorocabana é uma amostra do ritmo acelerado e compulsivo

da cidade naquela época, estimulado pela produção de café, poucos anos antes da Queda da Bolsa de Nova Iorque, em 1929.

Infelizmente, ele foi pouco utilizado com o propósito inicial, pois a construção terminou 13 anos depois, quando os automóveis já tomavam as ruas, tornando mínima a utilização de bondes e trens. Assim, grande parte do seu espaço foi utilizado para festas e eventos institucionais no decorrer das décadas, até a Secretaria da Cultura assumir o controle em 1997, transformando todo o prédio no Complexo Cultural Carlos Prestes, bem como a sede oficial da OSESP — Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo. Oficialmente, a sala foi inaugurada apenas em 1999, com a apresentação de *A ressurreição*, de *Mahler*, trazendo, através da música, a vida para o centro de São Paulo.

O trabalho que me leva até ali é a montagem de uma nova versão da ópera mais assistida no mundo — *Carmen*, de Bizet — em comemoração ao aniversário da capital. Para essa montagem do musical sobre a cigana devoradora de homens e corações, eles queriam uma abordagem longe da clássica, que homenageasse também a cidade. Então, sugeri à Nana, em uma conversa através de videoconferência, que criasse uma ambientação que lembrasse a antiga São Paulo no começo do século 20, um dos períodos mais glamourosos da cidade.

— *A fábrica de cigarros, por exemplo, onde Carmen e as outras meninas trabalham, pode ser inspirada na Fábrica de Cigarros Alfredo Fantini, colocando até a famosa porta de madeira com o brasão e os trilhos à frente, representando a ferrovia da São Paulo Railway.* — Nana comentara, entusiasmada quando falei do projeto.

E, quando tive a ideia, pesquisei alguns possíveis locais e opções antes de lhe contar, portanto, conforme foi escutando minhas ideias, os olhos de Nana brilhavam através da tela do computador. Imaginávamos as meninas nas roupas dos anos 20, discretas, mas sensuais, e a cigana, fatal em vermelho, com a flor em seus cabelos, pronta para causar a discórdia ao coração do pobre soldado.

Não preciso nem falar que ela apresentou a ideia, que foi aprovada. E melhor, com unanimidade pela comissão organizadora, já que colocaria em destaque pontos que faziam parte da história da cidade, mesmo que alguns já tivessem sido esquecidos. Na mesma hora que soube o resultado, Nana me ligou, eufórica, e me chamou para enfrentar aquele desafio com ela. E, sem pensar, aceitei.

O metrô para na estação e eu subo, pedindo licença para as pessoas, seguido de desculpas, desviando as malas — a de rodinhas e a de mão — dos transeuntes. Apesar do vagão cheio, consigo um lugar para sentar. Passo os

minutos que tenho até a minha parada com um livro em mãos, um romance divertido e altamente erótico sobre um confeitiro e uma jornalista — união inusitada, confesso, mas algumas cenas me deixam até vermelha. Afinal, estou solteira, e assim desejo permanecer, fugindo de quaisquer relacionamentos, mas isso não quer dizer que seja assexuada. Só não me sinto pronta para algo do tipo, por enquanto...

Desço na Estação da Luz e fico, por um momento, encantada com aquela estrutura, que nos faz viajar no tempo. Após uns dois ou três pedidos de licença e um empurrão, começo a me dirigir para as escadas de saída. Atravesso por uma porta e me deparo com um grande espaço, quase um salão, onde ficam as bilheterias. Sei que é só atravessar aquela área que saio do lado do antigo Museu da Língua Portuguesa, e uns passos adiante, a sala São Paulo de um lado, enquanto do outro lado da avenida fica o Parque da Luz e a Pinacoteca.

Passei poucas vezes por aquela região cheia de contrastes, mas a guardo em minhas lembranças. É possível chegar pelo outro lado da estação, mas a paisagem é bem mais assustadora, pois era onde ficava a antiga Cracolândia e seus habitantes sem esperança. E é sempre bom prevenir quando se está sozinha.

Continuo o trajeto, perdida em pensamentos e expectativas, quando algo me faz parar. Uma música tão dolorida e pungente que me estremece e me aperta o coração, permitindo que da minha boca saia apenas um doloroso suspiro. Cada nota que ressoa é como se eu compartilhasse das emoções de quem as toca, recebendo suas mágoas e oferecendo as minhas, expondo as feridas e destruindo os mecanismos de defesa que eu tão bem montara durante todo esse tempo.

O som me atrai, puxa-me e caminho em sua direção. No meio da estação, entre as pessoas que iam e vinham, perdidas em seus afazeres, existe um piano. O instrumento já está descascado em várias partes, a madeira já lascada em outras, mas o som que sai de suas teclas naquele momento faz com que eu me esqueça de tudo. Sobre ele, um homem toca, de olhos fechados e lágrimas nos olhos. Os dedos longos e delicados, em contraste com o rosto fechado, correm pelas notas pretas e brancas, em uma entrega total. Poucas pessoas estão ali, paradas para ver aquele desconhecido despindo-se através da música. Parece que não existe mais nada além de mim, dele e do piano.

Não sei quanto tempo fico ali, impregnada por aquilo que a música me desperta. É como se eu fosse o piano, e com as mãos sobre mim, ele entendesse o que passei e me acariciasse, na tentativa de cicatrizar todas as minhas feridas. Sem saber como reagir, não consigo sair dali até que a última nota seja tocada,

presa àquele momento, e de alguma forma, aquele homem sem nome ou identificação, como nunca estivera antes.

No instante que o último acorde ressoa e ele abre os olhos, a cabeça vira em minha direção, indiferente às poucas palmas que ressoam. No momento em que nossos olhares se cruzam, meu corpo estremece, como se tomasse um choque, como se reconhecesse ali alguém que é parte importante na minha vida. Sinto que o desconhecido não permanece indiferente, pois parece balbuciar algo em minha direção. *O que está acontecendo comigo?*, é o que não canso de me perguntar, presa naquele momento parado no tempo.

Sem explicação, o homem se ergue do banco e estende um braço na minha direção, como se a minha presença ali fosse uma visão, um delírio, talvez. Entretanto, eu, assustada com o gesto, desvio o olhar e me afasto, quebrando assim a ligação misteriosa que nos une. De cabeça baixa, respiro, tentando conter as emoções e impedir que elas aflorem. Quando sinto, eu me machuco, *me* magoo, sofro. O que me mantém inteira é a capacidade de lidar com coisas que posso controlar. E isso que aquele homem desperta em mim não é uma delas.

Aos poucos a sobriedade me volta e ergo o rosto. Do misterioso pianista que conseguiu tocar a minha alma, não há sinal. Parte de mim fica satisfeita por isso. Outra parte se entristece, sentindo, mais uma vez, o gosto amargo da solidão. Nada mais me resta a fazer do que esquecer aquilo e continuar a correr atrás do meu destino, mesmo que sinta uma parte de mim ficando para trás.



CONFISSÃO

E hoje me pergunto: o que você viu em mim?

Teria sido a fala hesitante ou a forma que te olhava, sem acreditar que pudesse ter me escolhido para ser sua? Será que acreditou que eu seria a princesa prometida, disposta a satisfazer todas as suas vontades, ou a rainha servil que tomaria para si qualquer decisão que precisasse ser tomada?

A verdade é que a coisa mais atraente aos teus olhos foi a minha fragilidade. As cicatrizes que me habitavam a alma. O fato de ter sido maltratada e me acostumado a ver mulheres sendo maltratadas desde pequena, sem saber agir quando as pessoas demonstravam gentileza... Ou afeto.

O que te fez me oferecer amor foi perceber que eu nunca o tive.

Pelo menos, até você chegar.

Nunca duvidei de que se apaixonou pelo meu passado conturbado. Pela violência do meu pai, que chegava bêbado em casa — isso quando voltava — e fazia de toda a família um alívio para as frustrações através da violência. Ou da inconformidade que habitava em mim quando pedia para que a minha mãe lutasse, revidasse, sempre em vão. Ela se via impedida, não por questão de força, mas por ser apaixonada pelo próprio algoz, em uma Síndrome de Estocolmo perniciosa e de fácil contágio.

Você se agarrou ao meu passado e a toda a violência sofrida. Da forma com que cresci me declarando forte, já desde aquela época uma sobrevivente, mas tão carente de amor que me contentava com a mais sutil carícia. Por isso, você se esbaldou sobre os despojos da minha desgraça, com a desculpa de que sanaria com beijos e paixão todas as minhas dores.

Pode ser até que tenha cumprido sua promessa... Por um tempo, pelo menos.

Antes disso, eu achava que não precisava de ninguém. Declarava, de boca cheia, que não cairia nas mesmas armadilhas que minha mãe, para me ver

de mãos atadas, tendo a minha feminilidade tornando-se subjugada a um homem. Nunca admitiria que alguém do sexo oposto houvesse me ferido com os punhos ou pés. Achava que perceberia os sintomas, que era inteligente demais para isso. Pobre jovem...

Ainda na faculdade, eu me declarava impetuosa, cheia de ideais e sonhos, com força e disposição na alma o suficiente para mudar o mundo. Só que, por dentro, era um ser em frangalhos, tomada por milhares de rachaduras que podiam ceder a qualquer momento. Era feita de doces mentiras que criara para mim mesma a fim de fugir da realidade. Tão bem elaboradas que, em meu âmagô, tornaram-se verdades.

Tinha um escudo pronto para lidar com qualquer homem que se apresentasse com atitudes machistas e agressivas. Não para a sua categoria de predador, Marcos... A que seduz e entorpece a vítima, envolve e estilhaça a vontade e a resistência aos poucos, não de forma física e contundente, mas esfacelando o psicológico, deixando marcas indelévels, mas permanentes.

Naquela época, todos me adoravam. Havia desabrochado, deixado de ser a menina tímida e retraída graças a companhia de Nana. Era a companhia constante das festas, a amiga sempre disposta a ajudar. Nessa confusão de máscaras e papéis que eu exercia, simplesmente não me enxergava na totalidade a ponto de notar as microfissuras, o meu calcanhar de Aquiles que, se atingido, me faria cair em batalha.

Simplesmente me enchia de compromissos, com pessoas e coisas a fazer para não me confrontar com a miserável solidão que fingia ignorar, aquela capaz de se camuflar em meio à multidão.

Até que você apareceu...

Nosso primeiro encontro foi em uma festa, organizada pelos alunos de Cinema. Estávamos no penúltimo ano de faculdade. Nana havia me carregado até lá a contragosto, já que tínhamos um trabalho para entregar no dia seguinte e precisava escrever os apontamentos finais.

Ela aparecia e, em poucos minutos, sumia de vista, com um copo de cerveja na mão, abraçando e beijando todos os conhecidos, como ser livre que era. Eu fiquei ali, em um canto, imersa entre as sombras enevoadas dos cigarros, a voz engolfada pelo som de dance music, cumprimentando os poucos que passavam.

Vou parar essa narrativa por um momento para falar de Nana, pois sei o quanto a despreza, o tamanho da raiva que, secretamente, nutria pela nossa amizade... Sei que tinha medo dela me mostrar como me libertar de você,

por isso nos afastou... Mas fique sabendo que você foi embora, mas ela permaneceu. Voltou a ser parte da minha vida e nunca mais permitiremos que alguém nos afaste. Em alguns pontos, ainda somos como luz e sombras, antagônicas e complementares, opostas e tão unidas. Parte dela sempre estará em mim, e eu nela.

Se fosse no começo de nosso convívio, assumo que teria mais chance de que nosso rompimento fosse definitivo, como desejava... Me tornar só e vazia sem você. Para o seu azar, você errou por alguns anos. No começo da faculdade, achava que o meu convívio com Nana, dividindo o mesmo quarto, fosse se transformar em um tormento, já que tudo nela era demais... Vivia demais, festejava demais, levava homens demais para a cama...

Disposta a viver um padrão completamente diferente daquele, eu revirava os olhos e tentava manter o ambiente harmonioso, concordando educadamente todas as vezes que ela dizia que seríamos amigas pela vida toda. O divisor de águas não foi uma palavra diferente, um desentendimento ou algo que resolveu, por fim, nossas rugas. Foi o instante em que reconheci, nas milhares de facetas, que aquele diamante havia algo com que me reconhecia. Foi no dia em que abri a porta do dormitório, no segundo ou terceiro mês de faculdade, penso eu, e me deparei com ela ouvindo Cartola, cantando de olhos fechados, somente de calcinha, imersa na música. Parecia ter saído do banho, os pequenos seios molhados pelos fios de água do cabelo, naquela época, multicolorido, que mal secaram.

Ali eu vi que existia alguém simples e real, tão frágil e precisando de afeto como eu, a dançar com o corpo seminu portando uma delicadeza singela digna de uma pintura. Na verdade, os defeitos que insistia em sussurrar para me manter distante eram o que mais me atraíam nela como pessoa. Nana era parte do que eu gostaria de ser, e ofereceu a sua amizade para mim dia após dia, sem receber um mísero sorriso real em troca.

Vi então que precisava de ser tola, me autossabotar, e, em vez de criticá-la, deveria aprender com ela, apoiando-me naquela amiga, assim como ela fez em mim por muitos instantes... Mas estes foram depois. Daquela vez, a única coisa que fiz foi cumprimentá-la, com um sorriso hesitante. E ela, ao me ver ali, pela primeira vez ficou vermelha e correu para se vestir. Nessa ocasião, que pode parecer sem sentido, vi que ela tinha razão: ela seria, mesmo, a melhor amiga, a “tal” da vida toda.

Quando você saiu da minha vida, deixando somente os restos de mim, foi para Nana que liguei. Pedi ajuda como se a distância formal que você e o tempo nos impusera nunca existisse. Ela foi a primeira pessoa que eu permiti

que me tocasse em um abraço carinhoso, e me ajudou a procurar por uma nova casa, isenta de lembranças, onde entrei apenas com alguns objetos que não foram maculados pela sua presença.

Foi essa amiga que você tanto lutou para afastar — e conseguiu por um momento — quem foi capaz de me mostrar que sobrevivemos após a esse amor, destrutivo e cruel. Ela beijou meu rosto, misturando assim o calor dos seus lábios às nossas lágrimas... Somente ela soube compartilhar a minha dor, e a importância alegre de respirar e viver, finalmente, sem a sua presença.

Mas vamos voltar a falar de nós agora. Estou aqui para confessar aquilo que me destruiu, e não o que me salvou.

Portanto, voltemos ao ritmado eletrônico da música, o aroma de nicotina e suor dos corpos que dançavam. Minha amiga foi para o meio do povo dançar. Até tentou me levar com ela, mas recusei. Na época, era uma péssima dançarina.

“Você sabe que eu não sirvo para isso. Eu, dançando, pareço que estou tento convulsões.”

Ela sabia que era verdade, por isso me deixou em paz. Peguei então um copo de plástico, cheio de vinho barato e fiquei em meu canto, analisando o ambiente, pensando no projeto que gostaria de reler mais uma vez, e me sentindo velha, ranzinza e entediada para qualquer ritual de paquera e acasalamento, como o restante do pessoal espalhado pela casa. Corria os olhos sem um ponto fixo, tentando me manter ali o tempo necessário para não parecer antissocial, ou até que minha amiga estivesse tão bem-acompanhada — beijando alguém — que não sentisse minha falta.

Foi quando virei o rosto e fui capturada pelo seu olhar. Naquele momento, tornou-se impossível desviar de você, sequer abaixar a face. Era como se cada centímetro da minha pele fosse acariciado, me arrepiando, invadindo meu ser, tentando fazer com que eu me abrisse e abaixasse a guarda para você se aproximar. Fiquei sem saber como reagir, a respiração apressada e a boca seca, tentando processar o que estava acontecendo comigo.

Mas você sempre soube dar o próximo passo, não é mesmo? Por isso, utilizou o seu maior trunfo naquela noite, o que me desarmaria e nos conectaria de forma inevitável.

Você sorriu.

Como resistir a isso, Marcos?!

Quando os lábios se abriram e os dentes refulgiram, eu me rendi. No momento em que te vi rir, o restante se transformou. Ao vislumbrá-lo, deixei de

analisar a pele clara, os olhos esverdeados e os cabelos compridos que, quando soltos, chegavam aos ombros. Sequer o ar indiferente, quase soberbo, com que fitava aquilo que não te interessava. Sentia apenas o calor, o aconchego, um átimo de felicidade. Você se tornava solar, e toda e qualquer sombra desaparecia.

Seus sorrisos, juntos aos beijos, sempre estarão nas lembranças ternas da nossa história.

Eu me tornei, naquele milésimo de segundo, irremediavelmente ligada a você. Por isso, retribui ao gesto e não saí correndo quando começou a se aproximar. Senti os nossos corpos próximos, a energia presente entre eles a acelerar os corações, o aroma cítrico do seu perfume. E o modo com que fiquei muda, à espera do próximo gesto.

Quase não contive um gemido quando a boca se aproximou do meu ouvido, o queixo quase roçando o meu pescoço e a voz grossa fazendo-se ouvir, segura e prepotente.

“Posso saber o nome da mulher com quem vou me casar?”

O espanto fez-se riso e relaxei. E, num falso gesto de tédio, revirei os olhos.

“Quantas vezes já disse isso somente essa noite?”

Você sequer hesitou. Com firmeza, enlaçou-me pela cintura e beijou-me na bochecha, resvalando no canto da boca.

“Foi a minha primeira vez. E espero que seja a última.”

E, nos seus olhos, eu vi verdade. Pena que não durou para sempre...



2

Na tentativa de controlar as emoções que se encontram desgovernadas depois daquele misterioso encontro, eu acelero o passo. Tento conter a respiração e guardar novamente em mim os sentimentos que afloram, desgovernados.

O que acabou de acontecer?, é o que me pergunto, mas não encontro respostas plausíveis. A imagem dele está gravada em minha mente. Os ombros arqueados a se jogarem sobre o instrumento, os olhos fechados, em total entrega à sua dor. E os lábios, entreabertos, como que encaixados em meio à barba desenhada, vermelho vivo sobre o escuro do pelo, talvez esperando o beijo de alguém que nunca mais voltaria.

A sensação de que ele não estava simplesmente tocando piano, mas fazendo amor com ele naquele momento me excita como há muito tempo nenhum homem faz. Imagino cada um dos dedos longos e delgados me tocando... Nos mamilos, no umbigo, correndo pelas costelas, entre as minhas coxas. E, na imagem vívida que me povoa a imaginação em cada toque, saem dos meus lábios os mais diferentes gemidos, de puro deleite.

Paro de pensar e volto à racionalidade quando ouço, repentinamente, o celular tocar. Estaco, de pé, e vejo, espantada, que acabei de passar a principal entrada da sala São Paulo. Envergonhada por me deixar distrair daquela forma por um encontro casual e platônico com um desconhecido, atravesso a porta, o aparelho ainda vibrando dentro do bolso da calça jeans. Mal dou alguns passos e vejo Nana, de celular na mão, virando-se em minha direção ao reconhecer o toque do aparelho que ressoa tão próximo a ela.

— Até que enfim, Andreia... Onde você estava?!

Corre na minha direção, sem medo algum de cair dos gigantescos saltos que usa, e me abraça com uma alegria quase juvenil. Largo a mala de lado por um momento e retribuo o gesto, mergulhando o máximo em toda aquela alegria e afeto. No decorrer dos anos, Nana não mudou muito. Posso até dizer que se aprimorou em alguns aspectos. Usa agora o cabelo liso, curto, e consegue, por milagre, manter a pele sempre em um tom dourado, apesar desse céu

paulistano eternamente nublado.

Elegância parece ser o sobrenome dela, pois nunca é vista publicamente com algo espalhafatoso ou fora do lugar... Mas se acha que isso a torna esnobe ou fútil, engana-se. Sabe alfinetar e ser enérgica sem perder a compostura, e se luta por algo, não é para perder. Mas também reconhece quando erra e trata a todos com igual respeito.

Depois de certo tempo, ela me afasta do abraço. O sorriso some, dando lugar a uma face séria, avaliadora. Nana me olha de cima a baixo, balançando a cabeça em negativa e fazendo uma série de *hums* e *hams* que mal consigo compreender. Por fim, canso-me daquele mistério todo e tento romper o silêncio, mas ela me corta, utilizando da corriqueira sinceridade destruidora.

— Andreia, onde pensa que vai desse jeito? Vender muamba na 25 de março?!

Fico vermelha e penso em, pelo menos, uma dúzia de palavrões para respondê-la, mas nem sei por onde começar. Tomo fôlego, ergo o rosto com toda a dignidade que me resta e tento me defender, mesmo sabendo que as chances são poucas. Na verdade, quase nulas.

— O que tem de errado com a minha roupa? — ajeito o casaquinho cinza de algodão que cobre a camiseta branca, lisa. Uma típica roupa de um dia de trabalho qualquer.

— Nada, se você quer se esconder do mundo... — lá vem ela com esse papo novamente.

Todas as vezes em que nos encontramos, não perde a oportunidade de apontar que preciso sair do casulo e me encontrar como mulher no mundo. *Você é um ser sexual e pensante. Que precisa viver todas as emoções que tem direito. Permita-se amar, Andreia. Saia com homens. Goze...*

No começo, eu ficava intimidada com isso, até expus meus próprios argumentos em certas ocasiões, mas assumo que já ouvi essas frases tantas vezes que até desligo o cérebro e disperso quando palavras como amor e relacionamento começam a aparecer em qualquer trecho dos nossos diálogos. Já se passaram dois anos após o meu divórcio, mais de 730 dias em que tive de aprender a andar com minhas próprias pernas, guiar-me por minha própria voz e dilemas... E, acima de tudo, reaprender a me respeitar.

Milhares de horas que pude dedicar a fazer aquilo que eu desejava, mesmo que no começo eu me negasse a ver isso... A voltar a me olhar no espelho e dizer que me amava. Por que pensaria em me submeter a outro novamente? Ser avaliada constantemente por quem deveria apenas me admirar e

caminhar ao meu lado, em pé de igualdade?

Se um dia eu achar um homem que me trate como desejo e respeito, quem sabe? Mas, sinceramente, acho difícil. Todos vivem imersos em um machismo arraigado, onde tudo para eles é permitido e, para nós, negado. Nesse país, tenta-se velar as coisas, deixá-las ocultas, mas elas ainda estão ali, presentes em nossas rotinas. Aqueles detalhes e escolhas que transformam os homens em viris e as mulheres em vagabundas.

Tanto que, quando nos separamos, e me livreí daquele homem que me destruía, muitas pessoas de nosso círculo íntimo se perguntavam o que eu havia acontecido, ou jogavam em mim culpas que nunca me pertenceram... Muitos eu ignorei, mas os mais próximos, quando a verdade foi exposta, se mostraram incrédulos e afirmavam que “ele” parecia tão bom para mim... Como se me indagassem se tinha certeza das minhas afirmações.

Por isso, mesmo que Nana me fale todas as vezes sobre possíveis encontros e noites ardentes, à espera de que eu mude de opinião visando à *minha felicidade e bem-estar*, eu ainda prefiro colocar o foco em outras partes da vida.

Como a minha carreira, por exemplo.

Antes, deixa que eu relembre: não é que seja uma mulher assexuada, entende? Longe disso. Eu me dou muito bem com o meu vibrador, obrigada. Só que nesses momentos em que o coração hesita e começa a bater por alguém que ainda não conheço, por um amor que ainda não tive, fecho os olhos e peço ao universo que apareça alguém que me mereça. Apenas isso.

Portanto, não tenho pressa...

Pelo menos não tinha, já que nos últimos instantes, o que era silêncio se converte em música, um som que, desconhecido, faz morada na minha memória, ajudando a mente fantasiosa a transformar um estranho encontro em uma fantasia romântica, talvez um delírio de amor...

— Vem aqui! — Nana me puxa, o estalar dos saltos ecoando pelo chão, mais uma vez me trazendo um pouco de discernimento.

Cumprimenta o segurança que está na porta, comenta que estou com ela e faz com que atravesse uma das muitas portas que há ali. Entramos no que parece uma mistura de escritório com sala de ensaios, entre vários suportes de partituras encostados em um canto e algumas cadeiras espalhadas. Em uma delas, está pendurada uma daquelas capas de plástico, utilizadas para guardar ternos... Ou vestidos. Olho para aquilo e já recuo, disposta a sair correndo de qualquer coisa que Nana esteja tramando.

— Vai, tira logo essa roupa, Andreia — cruza os braços e não parece

nada disposta a ceder. — Acha mesmo que não te conheço? Sabia que viria parecendo um menininho, ou aquela tia-avó que mal sai de casa...

Nego com a cabeça, disposta a lutar até o fim pelo direito de vestir o que quiser. Minha amiga apenas revira os olhos, e os saltos finos e vermelhos do sapato começam a fazer um *tec tec* infernal pelo lugar.

— Sem a menor chance de eu vestir algo escolhido por você... Com certeza terá decote demais e comprimento de menos.

— Nem quando estávamos na faculdade você usava roupas parecidas com as minhas. Sempre teve um corpo lindo, e morre de vergonha de mostrar... Ainda mais depois de... — fico vermelha na hora e ela para, tentando mudar de assunto.

Olho para aquela capa, desconfortável, como se dali fosse sair um monstro cheio de tentáculos e me devorar.

— Fique tranquila, Deia. Tenho certeza de que se sentirá linda quando eu terminar com você. O que não posso é te deixar entrar na cova dos tubarões, entre políticos, músicos e cantores, em meio a todo mundo que precisa conhecer, parecendo que tem uns 20 anos a mais... Eles sabem que fizemos faculdades juntas. Se for assim, quantos anos dirão que eu tenho? — brinca no fim, na tentativa de me amolecer. — E, se isso não for o suficiente, aqui eu sou sua chefe. Pense nessa roupa como um tipo de, sei lá, uniforme...

Aquiesço e caminho, com os ombros caídos, até a cadeira. Abro o zíper do plástico e, ao ver a etiqueta que Nana deve ter esquecido com o preço, quase caio para trás.

— Sem chance! Com o valor dessa roupa eu pago um ano de aluguel lá em Ribeirão Preto... — Onde teria dinheiro se, por acaso, estragasse aquele traje que, pelo visto, deveria ter fios de ouro?

Nana me lança aquele sorriso de quem está fazendo arte, e comenta como quem não quer nada:

— Pode ficar tranquila, eu o ganhei de presente...

Minha amiga é muito bem resolvida, em todos os sentidos. Simplesmente, como ela mesma diz, é praticante usual e inveterado do desapego, por isso, deixa atrás de si uma trilha de cacos dos corações que partiu. E o pior é que não deixa inimizades no caminho: ainda consegue terminar amigavelmente todas as histórias de amor que inicia.

— E a Jiboia ataca novamente... — ela se finge de brava, mas logo está rindo.

Uma vez, ainda no começo da nossa amizade, eu brinquei dizendo que

ela era como as cobras gigantes da Floresta Amazônica, que pegam o novilho sem pressa e o abocanham, devorando-o sem pressa ao sol, até que não sobre nada. E o apelido nunca mais sumiu.

— Esse, pelo jeito, tem dinheiro.

Ela confirma, mas já complementa.

— Uma pena que logo nossa história terminará. Ele é metódico demais, segue sempre a mesma rotina. Acredita que na cama sequer muda de posição? Primeiro me pega de frente, depois de lado... E tem certas horas que ele coloca a língua pra fora e urra como um urso velho, de forma que não sei se gozo ou rio...

— Nana! — ela me olha, como se não entendesse qual o motivo do espanto. — Tá, vou colocar a roupa... Onde fica o banheiro por aqui?

— Banheiro? Para quê?! — quando ela entende o que eu quero dizer, se aproxima, *me vira de costas* e tira o meu casaco antes que eu cruze os braços. — Para com isso agora mesmo, dona Andreia Muniz! Que palhaçada é essa agora? Já que você não começa a se despir, eu faço isso...

— Pode deixar — em um fio de voz tiro a blusa e a calça e retiro o vestido do pacote.

Ele é longo, de um lilás bem claro, de um tecido tão leve que parece que vai desmanchar entre meus dedos. Não tem o decote proeminente, como eu temia, isentando-me assim da sensação de me sentir quase nua. Eu o visto e ele escorrega pelo meu corpo, roçando na pele, encaixando-se nos lugares certos. E, pela primeira vez, eu me sinto diferente, feminina... Parece que hoje é o dia de relembrar sensações adormecidas, o que me enche de alegria e culpa, já que, para me resguardar, aprendi a esconder.

E o som rompe o meu silêncio, a música em notas perfeitas ressoa dentro de mim. Os olhos do pianista misterioso me voltam a memória. Como parecia me olhar sem reservas, a compartilhar de tudo que sou, como se libertasse uma parte de mim cansada de ficar adormecida, calada, quieta... Torno-me, então, a mulher que deseja ser vista por ele nesse vestido. Os dedos negros a correrem pelo tecido, o marcando. O calor da pele sobre o gélido pano, capaz de queimar...

— Ainda bem que a calcinha que roubou da sua avó não marca no vestido... — abraço o corpo, arrancada do breve desejo.

— Vou te ignorar, Nana... Só porque gostei do vestido — ela faz uma medida, como se estivesse no palco.

— Ah, não me esqueci dos sapatos. Ainda me lembro do seu número.

Estão debaixo da cadeira.

Vou até lá e vejo o *peep toe* azul com os olhos brilhantes. Possuo um prazer ao calçar um belo e colorido par de sapatos, que me é incontrollável. Penso que neles exponho um único e discreto vislumbre de beleza e independência, onde o meu coração e vontades se expõem em meio aos vários tons sóbrios que visto. Na cor e nas linhas finas dos sapatos, mostro meu lado mais secreto, pois mesmo quando uso um tênis, ele tem de possuir cores vibrantes, que chamem a atenção, sem passarem por excessivos ou descabidos, é claro.

Sento-me na cadeira e calço o par com reverência. Ergo a perna ligeiramente, vislumbrando o meu pé mergulhado naquele pedaço de céu.

Fico de pé e Nana me rodeia, como se me fiscalizasse. Desfaz o meu coque e solta os meus cabelos, permitindo que eles caiam, lisos, pelos ombros. Pega a bolsa, que só agora percebo que está ali, e tira de dentro um estojo de maquiagem. Segura-me pelo queixo, como se faz com uma criança teimosa e passa batom, blush e sombra. Só obedeço quando me manda abrir os olhos, fechá-los, fazer bico, abrir a boca, sem nada dizer. Sei que se a contrariar agora, ela me deixará parecendo um palhaço ou uma *drag queen* caricata.

— Agora sim — ela pega o celular. — Faça uma pose!

Sequer dá tempo de pensar em algo quando o flash espoca na face. Sorrindo, talvez até um pouco emocionada, Nana vira a tela do celular na minha direção. Olho para aquela imagem e não me reconheço.... E isso não é ruim. Pela primeira vez estou sem as tensões, o medo e o peso que foram colocados sobre mim a vida toda, pois eu nunca era o suficiente. Tornei-me a tela que renasce, pintada sob nova ótica.

Pela primeira vez me acho verdadeiramente linda.

E isso é libertador.

Antes que comece a chorar, eu respiro. Nana entende o meu momento e também sei que se emociona.

— Agora, vamos encher a cara de *prosecco*. Deixe as lágrimas para depois.

Sem nada responder, deixo que ela me conduza ao evento de lançamento.

Quando Nana me disse que seria um evento de apresentação do projeto, pensei logo em várias pessoas sentadas, em tom entediado, ouvindo alguém falar sobre a ópera e como ela seria montada. Contudo, a primeira

surpresa acontece quando passamos pela porta que leva à Sala de Concertos e seguimos até a Estação das Artes. Ouço a trilha sonora de *Carmem* antes mesmo de adentrar o espaço e me maravilhar com a festa que acontece ali, diante dos meus olhos.

A sala, maravilhosa e alta, deixa a luz natural entrar pelos seus vitrais. Os lustres de ferro vigiam os nossos passos, como testemunhas atemporais do lugar. Em meio ao burburinho de vozes, começo a cumprimentar, encantada, pessoas cujo nome desconheço, em meio ao burburinho de vozes.

Uma taça aparece em minhas mãos e eu bebo o líquido gelado, abafando o riso quando as borbulhas explodem na ponta do meu nariz. Sinto-me transportada para um mundo emprestado, mas me sinto à vontade a passear por ele, como a Cinderela que é levada ao baile pelas mãos da Fada Madrinha. Só que, desta vez, não existe um Príncipe Encantado...

Ou talvez eu me engane sobre esse quesito.

Sinto o olhar dele antes de tudo. Estremeço, me sentindo vigiada. Meu corpo esquenta, mas se arrepia como se sentisse frio. A respiração acelera e tento entender o que acontece. Olho para os lados, mas nada vejo.

— Vou ali cumprimentar o diretor da sala São Paulo. Quer ir comigo?

— Não... Eu espero aqui — fico paralisada com a sutil presença quase sobrenatural a me rodear, tomando conta de mim. É a mesma sensação de reconhecimento que me assomou há pouco tempo...

Naquele fortuito momento onde nossos olhares se encontraram antes que eu os baixasse. Todavia, é impossível que ele esteja aqui! E, mesmo se estiver, como pode ter essa influência sobre mim, como se o olhar dele se tornasse uma carícia física, palpável, capaz de me notar como verdadeiramente sou, isenta das roupas, papéis e máscaras que uso diariamente?

Ergo a cabeça e, por fim, eu o vejo. O misterioso pianista está ali. E só então percebo que seguro o ar preso em meu peito e a mão com a taça treme levemente. Ele se aproxima, e naqueles lábios grossos um sorriso se desenha. Consigo olhar agora os olhos amendoados, o cabelo cortado baixo, rente, tão densa quanto a barba... E a pele negra, imaculada, como a noite a me trazer segredos. Ele se aproxima em seu andar felino, e sei que é impossível fugir. De alguma forma, já estamos destinados um ao outro.

Ele pega a minha mão e a beija, como se fosse um cavalheiro romântico. Bebe um gole da taça que carrega nas mãos e deixa que a voz rouca seja ouvida por mim pela primeira vez.

— Qual delas é você?

Eu hesito, antes de tentar compreendê-lo.

— Não entendi a sua colocação... — a voz sai em um fio.

— Você é a mulher em roupas elegantes e de marca que vagueia pelo salão, cumprimentando as pessoas e se apresentando? Ou é aquela que se emociona com uma música desconhecida, desaparecida entre trajes sem graça, capaz de expor os sentimentos para um desconhecido através do olhar?

Eu o encarei, presa naquela pergunta, como se me deparasse com a antiga Esfinge e seus enigmas.

Será que eu sei a resposta? Ou restará a mim ser devorada?



CONFISSÃO

Como acreditei que havia encontrado o meu mundo em seus braços?

Poderia afirmar que estava cega, vinda de uma existência emocional imbecil, pontuada de acontecimentos breves de felicidade. Talvez, tenha inventado desculpas... Aquilo que eu buscava nunca tinha presenciado, já que o exemplo que tive dentro de casa era, no mínimo, desastroso.

Com certeza, a tola, a romântica que existia em mim se deixou aprisionar no exato instante em que você sorriu e se declarou em falsos gestos de amor. O fato é que não fui diferente dos demais tolos e sonhadores seres humanos, mergulhados em ideais que nunca se cumprirão, sempre dispostos a fugir das grandes verdades e se apoiar na doçura das pequenas mentiras, na ilusão do que poderia ter sido...

Entretanto, naquela noite ainda estava longe de descobrir isso... Em cada instante que passamos juntos na festa, conversando e trocando olhares, você foi o homem romântico que sempre desejei. Parecia saído de um sonho, todo respeitoso e gentil, construindo o clima e a tensão necessárias ao nosso redor. Distraidamente, as mãos se tocavam, os braços se roçavam, provocando arrepios, deixando a boca seca. Era como se ambos tivéssemos o receio de que, quando nos beijássemos, o encanto pudesse se quebrar.

Saímos daquele ambiente barulhento e fomos para a calçada. Sentados no chão, com as costas em uma árvore, ficamos apenas ali, conversando... Como se isso bastasse... A simples e sutil companhia um do outro. Divagamos sobre os mais variados temas, com novas latas de cerveja na mão, conforme as antigas iam se esvaziando; ombros encostados, risadas que se completavam, divagações que excitavam a mente, que se encantava pela beleza proveniente da inteligência.

As horas se passaram e mal parecíamos perceber isso. Mencionamos o tudo e o nada de nossas vidas. Palavras saíram sobre o tempo, arte, experiências pessoais e coisas bobas do dia a dia. Marcos, eu me lembro de

como falou, cheio de orgulho, sobre suas irmãs, assim como o amor de seus pais... E aquilo fez o meu coração derreter.

Pensei, por um momento, que queria ser parte daquilo.... E, como se lesse meus pensamentos, você me olhou, e todo o discurso que eu ensaiava falar, só para ficar mais um pouco do seu lado, perdeu o sentido. Eu me vi refletida em seus olhos e parecia tão linda, disposta a amar e ser amada, que não hesitei. Aproximei-me disposta a ser beijada se assim você quisesse.

Para minha surpresa, você abriu ainda mais aquele sorriso envolvente, que eu achava ser impossível ficar mais lindo. Deixei que seus lábios tocassem uma das minhas bochechas, e depois a outra, parando, por fim, sobre a minha testa, escorregando até a ponta do nariz. Ainda me pegou pela nuca, com gentileza, e deixou que nossas bocas quase se roçassem.

“Não vou te beijar, Andreia... Pelo menos, não hoje...”

Hesitei, tentei me desvencilhar, achando que tinha feito algo para te desagradar, mas você se manteve firme, disposto a me prender ali.

“Eu tenho certeza de que encontrei a pessoa certa. Tanto que só vou provar da sua boca quando aceitar ser a minha namorada...”

Por um momento, parei, sem saber como reagir diante daquelas palavras. Era difícil discernir se o que tinha era um excesso de confiança, uma insanidade velada ou uma impulsividade romântica. Por isso, recuei por um momento e, ainda com os olhos fixos nos seus, eu o desafiei.

“Acha mesmo que vou me apaixonar perdidamente por você em uma noite?”

“Não... Você não é como muitas pessoas que conheci, que se apaixonam às duas horas, imaginam a vida com o outro às quatro e já desejam se divorciar às seis. Nem eu sou assim, Andreia.”

“Mas concorda que sua tentativa de me conquistar passa longe da normalidade?”

“A rotina e o racional saem correndo quando o coração toma à frente. Contudo, fique tranquila. Eu quero te conquistar aos poucos, sem pressa, de uma forma deliciosamente lenta... De um jeito, que quando te pedir para ser minha, você aceite sem qualquer dúvida ou receio”.

“Está certo disso?”

“Espere para ver...”

Naquela noite, e nos dias seguintes, você me transformou em uma voyeuse, onde sentia a sua presença e ansiava por ela, sem tê-la. Nana dizia que

aquilo era loucura, repetia incontáveis vezes que não suportaria a ideia de um homem que a “temperasse” sem comê-la, e eu ria, o rosto vermelho, imersa em flertes, pensando em como seria aquele corpo nu a se enroscar no meu.

Questionava se os seus mamilos eram róseos como os lábios, se eles se arrepiariam quando eu os tocasse... Eu me roçava pelos cantos, solitária, a receber presentes, flores, pensando em qual delas residiria o cheiro agridoce dos pelos descendo abaixo do umbigo. Comia os chocolates e ouvia a voz ao celular, a brincar e jogar comigo, conquistando-me, pedindo pelo gosto do seu beijo, para ouvir sobre coisas secretas que só os casais conhecem.

Ao se negar a me tocar, enaltecendo-me com o romantismo dos amantes clássicos, você deixou que a minha imaginação se povoasse, deu asas a ela, fez que eu desejasse ser sua antes de sê-lo. Conduziu-me com migalhas, boba que eu era, até o meio da floresta, para que fosse entregue em sacrifício. E, mesmo quando o fogo me pareceu alto demais, quando a razão gritava que eu poderia me machucar, eu me deixei queimar.

Naqueles primeiros meses, como eu te amei, Marcos! E, ao seu modo, sei que retribuiu com igual intensidade.

Pena que durou tão pouco...



3

— E quem te disse que devo ser apenas uma?

Tento soar séria e indiferente, mas falho tragicamente. A voz é apenas um sussurro, quase inaudível pela força da música secreta que nos rodeia mais uma vez. A respiração está acelerada, a pele queima sob aqueles olhos cor de mel que me observam, inquietos, avaliando-me cada centímetro do corpo. Existe algo nele, na forma como faz um meio sorriso, deixando uma sutil covinha na bochecha, que me incendeia.

— Talvez eu seja as duas mulheres que conheceu... Ou, quem sabe, ainda exista muito mais em mim do que possa analisar em dois breves encontros... — no instante em que digo isso, coloco a mão nos lábios, o rosto vermelho. *É isso mesmo? Estou paquerando um desconhecido? Só pode ser por causa do vinho, com certeza. Ou algo além da razão já nos apresentou em outras ocasiões?*

Penso em pedir desculpas, mas ele se aproxima ainda mais, parecendo instigado pela minha resposta. Ergo a cabeça para encará-lo e acompanho aquela boca, deixando que os meus lábios se entreabram, demonstrando sensações que meu coração desaprendera sentir. A mão grande pega a minha, o tom negro da pele contrastando com a minha palidez, como se ambas se complementassem, necessitando uma da outra. Um tremor involuntário me percorre e fecho os olhos por um momento, perdendo-me naquilo que um simples e respeitoso toque foi capaz de provocar.

— Eu estou disposto a conhecer tudo que quiser me mostrar... — e, sem perder a conexão de nossos olhares, ele me beija entre os dedos.

Eu gemo, baixinho, pois não são apenas os lábios carnudos que tocam a pele, de modo formal e galanteador. É a língua, macia e rosada, que passa no encontro entre os dedos, como se fizesse morada entre as minhas coxas. Eu me afasto e saio do seu alcance, na tentativa de me libertar daquela teia que me enlaça. Ele sequer hesita ou perde a compostura, apenas deixa que a língua percorra suavemente sua boca, em um convite tentador.

— E você, qual deles é? — tento assim ganhar tempo para me recompor daquele jogo de sedução que reside nos mínimos detalhes. Ele hesita, o sorriso, por um momento, perde o calor.

— Pense que sou igual à música que nos envolve. Ora posso ser lento e melodioso, as notas dedilhadas sobre os instrumentos, como se fizesse amor com você, lentamente, deixando que o som dos seus gemidos se misture aos meus acordes. Em outras ocasiões, por que não ser sinfonia retumbante, a tomar-lhe de uma vez, invadindo-a e a despindo de qualquer razão? Sou como aquela canção que pode não estar nos seus ouvidos, mas ainda deixa resquícios, vibrando dentro de você...

Eu recuo, em um misto de presa acuada e mulher que reluta em perder o controle, disposta a tomar para si as rédeas da situação. Há tempos não me sentia tão vulnerável diante de um homem. Alguém capaz de ignorar a civilidade da troca de nomes, mas que despertava algo inexplicável em mim. A pele se ouriça, o pulso acelera, o sexo vibra e a emoção me toma, com medo e desejo do que ele me causa.

Todavia, não sou a única nesta dança, tocada pela sedução das notas que circundam entre nós, cheias de promessas e desejos. Percebo, nos detalhes, aqueles que podem parecer imperceptíveis, como ele não me vê apenas como uma conquista provisória, apesar dos seus ares de felino, a bela e sedutora exótica pantera negra disposta a despertar a fera em mim.

Noto a pulsação acelerada na veia do pescoço, as mãos que se abrem e fecham, sequiosas pela minha pele, os olhos brilhantes e a boca seca de quem não está propenso a perder. Por isso, ele não hesita, circunda-me e se avizinha. E, quando eu, de tanto me afastar, erroneamente bato as costas na parede e percebo que me escondi atrás de uma pilastra, sei que estou perdida.

— Não é muita prepotência do músico achar que toda nota que toca é sublime, uma sinfonia? — agarro-me com todas as forças à razão, na tentativa de resistir à atração tão avassaladora que me toma. — Nem todas as músicas são capazes de tocar o coração. De que adianta transformar uma partitura perfeitamente redigida, notas e tons em harmonia, em som, se aquele que a faz não é movido pela paixão? Para que eu montaria um lindo cenário para uma peça, cores e móveis com perfeito equilíbrio, se ele não conduz o expectador ao ambiente correto? Espera mesmo que eu seja seduzida pela rouquidão da sua voz ou pela fome nos seus olhos? Você está tão seguro de si, que nem mesmo me disse seu nome...

— Caio... Eu me chamo Caio. E você é a Andreia...

Na mesma hora entro em defensiva.

— Como descobriu o meu nome?

— Bastou perguntar à pessoa certa. Mas o que importa isso? Apenas letras, seguidas, a fim de produzir som. O importante é como eu o pronuncio... Andreia... Linda e deliciosa Andreia...

Fecho os olhos por um momento, a respiração apressada. Como alguém aparece na vida da gente, de repente, e destrói tudo o que construímos? Alguém cuja única informação que tenho é o primeiro nome, e que parece ligado a mim por laços que não sei explicar...

— Caio... — Seu nome se aprofunda entre os meus lábios, como um suspiro. Ou um gemido.

Por um segundo, penso que pode ter verdade em suas palavras, que ele pode ser diferente, que assim como já li, existe essa irrefreável atração à primeira vista, mas quando penso em ceder, todos os instintos disparam em perigo. Por isso, desvio do rosto que está perto demais do meu. Mordo os lábios e os aperto entre os dentes, para que a dor me impeça de beijá-lo naquele instante, de um jeito juvenil e irresponsável.

— Você é perigoso, Caio... Mas homens prepotentes e senhores de si, que pensam poder fazer das mulheres o que bem quiserem, apenas com canções vazias, estão longe de me conquistar — bato a mão em seu peito e sinto os músculos escondidos sob a fina camisa.

O coração dele acelera e os batimentos ressoam na ponta dos meus dedos, fazendo as palavras, por um momento, sumirem, escapando assim da minha linha de raciocínio.

— Esses que brincam de reizinhos mandões em reinos que nunca lhes pertenceram são apenas meninos. Acredito na maturidade daqueles que entregam o que são... Sem vergonha ou hesitação.

Minhas palavras não o atingem. Ao contrário, parecem excitá-lo, em um claro convite para que eu não me contenha. Ele coloca as duas mãos ao lado do meu corpo, apoiadas na parede, e o rosto está tão próximo que quase parecemos respirar o mesmo ar. Nada nele é possessivo ou dominante. Apesar de ver a masculinidade em cada um dos gestos de Caio, eles não invadem o meu espaço. Sei que basta apenas um leve não, por mim pronunciado, ou um balançar de cabeça, para que ele se afaste.

— Você ainda duvida de que eu sou incapaz de lhe entregar aquilo que sou? — ele sorri, sarcástico. — Pensa mesmo que saio desperdiçando com qualquer mulher o som do meu coração? Nega que nossas almas se tocaram

naquela estação de metrô, diante do velho piano? Eu senti o seu olhar sobre mim, assim como a dor vinda de você, antes mesmo de me virar na sua direção. Pode me achar louco, se assim quiser, mas nunca um mentiroso — os olhos dele, naquele momento, brilhavam com lágrimas contidas. *Que enigma era aquele homem chamado Caio?*

— Por que se acha capaz de reconhecer a minha dor?

— Não posso te explicar. Sei que sinto o medo e vejo a confusão no seu olhar, e eles também estão em mim. Alguém te quebrou, Andreia... E eu sei como é ser destruído dessa forma — ele explica antes mesmo que eu fale. — Sempre que passo ali, vejo aquele piano como alguém abandonado, um solitário à espera de companhia. Como nós... Por isso, eu lá me sentei e me dispus a tocá-lo. Na tentativa de fazer uma promessa a mim mesmo, e também uma despedida... — por um momento, algo passa em seu semblante, mas logo se desfaz.

— E ninguém parou antes para escutá-lo, como eu fiz? — tento encontrar respostas plausíveis para aquele encontro.

Ele assente com a cabeça e eu insisto: — E vai me dizer que dessa vez foi especial, Caio? — o sarcasmo vem de forma automática.

— Você consegue negar isso? Foi como se os nossos pesares se conectassem e procurassem consolo um no outro, duas pessoas no processo de reconstrução que se identificaram como iguais. Eu me reconheci em você, e isso encheu o meu peito de música como há muito não acontecia. No momento em que te estendi a mão, era impossível a mim discernir se era real ou fruto do meu desejo. Não era como se a visse pela primeira vez, mas como se a reencontrasse. Olhe nos meus olhos e negue que sente algo parecido, nem que seja uma fagulha!

Eu fico sem reação, a cabeça e o coração se tornando tempestade, trovejando em mim, nublando-me e me deixando incapaz de pensar racionalmente. Como alguém pode mudar tanto, em poucos segundos? Surpreendo-me completamente quando, em um novo movimento, o predador se rende, expondo a alma dilacerada para que eu a salve ou a destrua. Entretanto, como fazer isso se eu mesma ainda estou em carne viva? Sem que planejasse, naquele instante, Caio se tornou o meu espelho. E vi no seu semblante tudo aquilo que repudio, mas desejo desesperadamente.

Sem pensar ou hesitar, faço então a atitude mais ousada e impensada até aquele momento: coloco as mãos em sua nuca e o beijo, a fim de expulsar de vez a dor que habita em mim. Nesse momento, não há sexo ou tom de pele que

nos diferencie ou defina, apenas uma vontade insana, algo que está além de gestos e palavras. Sua boca se agrega à minha, mordendo, desvendando... e ele geme, pressionando-me contra a parede. Insensata, mergulho nele, peço por mais, enquanto os lábios grossos brincam com os meus, a língua domina minha boca, os dentes passam por mim, descobrindo o quanto a maciez de um beijo pode ser sorvida.

— Andreia... Deliciosa... — sussurra mais uma vez. E aquelas palavras adquirem um novo sentido.

As mãos pegam em minha bunda com possessividade e a língua se despede da minha boca, caminhando pelo pescoço e ombro, fazendo-me gemer. Mergulho a mão em na aspereza dos cabelos bem baixos e o pressiono contra mim, na tentativa de sanar todas as feridas produzidas em minha alma.

É naquele momento que o a lucidez cai sobre mim. E eu o afasto.

Caio para, por um segundo, atarantado, e percebo a razão também o dominar aos poucos, fazendo-o voltar ao eixo. Ele estende as mãos e me retraio por um momento, mas dessa vez não há fuga. Acaricia o meu rosto e limpa as lágrimas que por ele escorrem. Um choro silencioso que sequer percebi que vertera. Em seguida, coloca os dedos úmidos em seus lábios e os lambe com delicadeza, em um gesto extremamente erótico.

— Não vou desistir de você, Andreia. Ainda despertarei as mais belas sinfonias que seu corpo é capaz de produzir...

E antes que retrucasse, ele recua, misturando-se, em poucos segundos, ao restante da festa.



4

Encostada na parede, eu me desfazo. Coloco a mão no peito e vejo que o coração acelera e se manifesta, voltando a sentir, ignorando a minha vontade de que volte à segurança da indiferença. Saio discretamente, à procura do banheiro mais próximo, e só paro quando me vejo diante do espelho, as lágrimas como traços finos e brilhantes a marcar o rosto, ainda maquiado.

Passo os dedos pelos lábios borrados e inchados e fecho os olhos por um momento, perdida na sensação daquele beijo. A pele se arrepia e desço as mãos pelos meus quadris, pensando naqueles dedos grandes, mas, ao mesmo tempo, delicados, tocando-me como há muito deixara de que alguém fizesse. De forma atrevida, ao ver que estou sozinha, junto a mão entre as coxas e, surpresa, vejo que estou excitada... Confusa, presa entre o medo e a euforia, sinto-me uma adolescente e uma velha louca, ansiosa por ser cortejada e devorada por um homem que nada sei... Apenas as inúmeras vontades...

Caio, o que esconde por trás de seus olhos reluzentes? Quais são as vontades e dores que te movem? Pretende mesmo me ajudar a me reconstruir ou vai rir sobre as ruínas que deixará? Mais ainda, serei eu capaz de me entregar novamente? Depois de tudo...

Cheia de felicidade e mágoa, algo em mim diz que aquele homem veio para ficar na minha vida. E, por ele, eu me toco, ansiando-o, sussurro o seu nome e o imagino ali comigo, em um ato impensado. Deixo que os dedos pressionem o vestido, permito que o corpo ali, solitário, longe dos olhos desconhecidos, ditem as regras. Arfo e gemo, as mãos abraçando o quadril e subindo pelo corpo, a fim de me aplacar, saciar minha fome e deixar que, por um momento, todo o passado se torne esquecido.

No entanto, eu me lembro. E paro. Recuo as mãos, os gestos, expulso o desejo e me fecho, vendo por fim, no meu reflexo, aquilo que me tornei. Uma sombra. O fantasma que apenas vagueia entre pessoas e lembranças daquilo que nunca sentiu de verdade.

Controlo-me, por fim. Visto novamente a máscara que tão bem me

esconde e ensaio o sorriso repleto de formalidades de que necessito para a ocasião. Ser alvo das atenções, quando quero apenas voltar aos cabelos presos e roupas largas é algo que me incomoda, mas sei que devo fazer parte do espetáculo. Por Nana, que fez de tudo para que eu estivesse aqui. E por mim, mesmo que me ache incapaz de merecer isso.

Saio da segurança daquele cômodo me sentindo entorpecida, desesperançada e morta, em mim a sutil lembrança não só do que poderia viver, mas também daquilo que me impede que o faça. Os movimentos são lentos, como se andasse debaixo d'água, os sons abafados, as pessoas a passar como um borrão sob os olhos, cada pedaço de mim tentando aprisionar a vontade de fugir daquele lugar, abandonar a cidade e sua grandiosidade, os possíveis projetos e perspectivas. Conter a face oculta que anseia pelas cobertas da cama conhecida, com cheiro de aconchego.

É Nana quem me desperta, quando em um choque, sinto seus dedos em meu braço. Eu a encaro, sem entender o que diz, os lábios se mexendo e a expressão a me encarar, começando a ficar preocupada.

— Deia, tá tudo bem? — o volume interno parece voltar à sua intensidade normal e eu aceno a cabeça, de volta à realidade. — Onde você estava? — fico perdida por um momento, pensando no que dizer, quando a vejo estender a mão, pedindo que espere um pouco.

Minha amiga me conduz até a beirada do pequeno palco próximo a nós, e ali me deixa, quando a orquestra de câmara ^[u] encerra a apresentação. Nana se coloca diante deles e bate palmas, e todos repetem o seu gesto. Não me canso de ver o modo com que minha amiga domina a cena, fazendo-se senhora do espaço onde está. Muitos acham estranho ou incômodo esse nosso relacionamento, como se, em alguns momentos, eu vivesse à sombra dela. Contudo, não para mim: na maioria das vezes, ser relegada ao esquecimento é permanecer em segurança. Principalmente hoje.

Paz. É a única coisa de que preciso.

— São Paulo. Uma cidade fervilhante, cheia de energia. Suas ruas, como veias intrínsecas de um órgão em plena juventude, nos cercam de histórias, ora felizes, ora tristes. Nas casas e prédios que nos rodeiam, cercadas dos mais diferentes sons, pessoas nascem ou renascem, criando aqui seus vínculos e amores. E, para comemorar o aniversário da maior e mais celebrada cidade brasileira no próximo ano, por que não refazermos a mais assistida ópera do mundo? Carmen, a cigana sedutora capaz de levar os homens à loucura, e suas paixões intensas e passageiras, transgressoras para a época. Quem nunca ouviu suas récitas ou foi embalado pelas notas musicais de Bizet, que deixou a própria

marca no tempo, mudando-o, reagindo a ele, assim como essa cidade que tanto amamos faz com nossos corações?

Nana parece tirar aquele discurso do âmago e não paro de olhar para ela. A paixão por aquilo que faz, pela dedicação em homenagear a cidade que a adotou com uma das obras musicais clássicas mais intensas e apaixonantes que conheço, toca-me profundamente. Respiro fundo para não me emocionar mais uma vez. Afinal, sequer imagino o que pode aflorar de mim, já que nem consigo decidir se estou em pleno controle dos meus instintos...

— Em uma montagem nova e arrojada, Carmen foi transportada para a São Paulo do começo do século 20, tomada pelo povo cheio de esperanças de uma nova vida após terem suas vidas despedaçadas pela guerra, sem imaginar que uma ainda pior estava por vir. A dissimulada cigana, o galante toureador e o obsessivo soldado, reinventados para se adaptarem ao tempo em que a peça será adaptada, formarão um triângulo amoroso em cenários que fizeram parte da cidade, cuja criação é obra da talentosa cenógrafa Andreia Verri, que aceitou esse lindo projeto de braços abertos... — todos os olhares se focam em minha direção, alguns em avaliação, outros com curiosidade.

Fico sem jeito e hesito, trêmula diante de tamanha exposição, mas sorrio com timidez. Penso, por um instante, em sair dali, mas sinto aquele braço que começa a se tornar conhecido do meu corpo me amparar, e a voz, naquele timbre grave capaz de me roubar a sanidade, ressoar ao meu ouvido:

— Erga o rosto, deliciosa. Sorria, como se eles fossem meros e tolos expectadores diante da sua triunfal estreia. Deixe que a vejam como uma igual. Lembre-se sempre de que os predadores sentem o cheiro do medo... E você não precisa disso.

Por incrível que pareça, no instante em que sinto o contato de Caio, tudo o que me oprime desvanece. A inquietude some, como se me conduzisse para as estrelas em busca de ar. Eu me torno leve, capaz de alcançar os céus, pois todo o meu ser insiste em mostrar que ele irá me segurar e ser o contato com o chão, a realidade.

Olho para o rosto dele, que sorri para mim, e retribuo o gesto. Pareço-me iluminar e seus lábios se abrem ainda mais, pois ambos sabemos, naquele momento, que será impossível resistir à conexão que nos une, mesmo que eu tente fugir e me negar àquela experiência. Eu, que me sinto metade, vejo-me através dos olhos dele como inteira. Alguém para ser admirada e amada, em toda a minha complexidade. E isso é mais do que posso desejar.

Quando os primeiros flashes espocam ao nosso redor, a carícia que

ressoa em nossas almas se atenua e voltamos os olhos para a multidão. Caio, em vez de se afastar, toma as minhas costas com o braço em um gesto possessivo, a mão sobre a minha cintura. Eu, aos poucos, relaxo, encostando-me em seu corpo, de lado, como se tivesse ali me repousado muitas e muitas vezes.

Agradeço aos cumprimentos e volto a olhar Nana, que me faz aquele típico olhar de “*que porra é essa?!*”. Tento demovê-la de qualquer indagação, já que nem eu mesma sei explicar. Nana, então, cobre o microfone e vejo os lábios murmurarem um “*depois a gente conversa*”, antes de voltar a assumir o palco, tirando assim, para o meu alívio, o foco sobre nós.

Ela continua falando, mas as palavras perdem o senso, o ritmo e o significado. Só penso na proximidade de Caio, na maneira que me provoca, dedilhando-me a cintura, como se o tecido do vestido fossem as teclas do seu piano. Tento ignorar a forma com que se reclina sobre mim e respira ao meu ouvido, aspirando vagarosamente o perfume que me rodeia, provocando-me com palavras insinuanes.

— Pertencemos um ao outro, Andreia. Somos notas pertencentes a uma mesma sinfonia, que se entrelaçam criando algo único, pungente e selvagem. Estou ansioso para te ver sem roupa, nua em meus braços, branco e negro unidos no íntimo e urgente sexo... Preciso de você por cima de mim, deliciosa. Quero te ver cantando o prazer através dos gemidos. Preciso te beijar os seios, a boca, pegá-la pelos quadris enquanto nos unimos e nos encaixamos... — ao ouvir aquilo e me lembrar de quem eu sou, estremeço.

Meu gesto o faz me prender ainda mais contra si. Fico tonta, quero fugir dali... Talvez ele ache que meu vacilar é de deleite, diante das palavras que excitam e enaltecem. Contudo, Caio mal sabe que a hipótese de me revelar nua diante dele me apavora, que essa entrega total que ele pede é algo ainda difícil para mim. Como permitir que ele me veja como vim ao mundo, se durante muito tempo fui incapaz de fazer o mesmo diante do espelho?

Ele se afasta e, por um momento, perco o rumo. Firmo os pés e o coração perde o compasso, pensando se de alguma forma eu o afastei, mas sinto suas mãos ainda entre as minhas. Uma nova salva de palmas ressoa entre as pessoas ao nosso redor e é ele quem hesita. Surpresa com a reação, procuro encará-lo e vejo os olhos se tornarem cinzas e a face se fechar em fria indiferença.

— Seja bem-vinda, Tamianara Diniz, a nossa Carmen!

Sinto a mão de Caio apertar a minha quando uma mulher entra no palco, vestida em exuberância e vermelho. A pele, de um tom dourado pelo sol,

parece refulgir no vestido que, justo, mostra cada uma de suas curvas, de um jeito quase despudorado, indecente. É impossível não a ver e não pensar em sexo, já que cada gesto dela é sedutor e convidativo, como a própria cigana que dá o nome à ópera. Ela agradece, dobrando o corpo sutilmente, mostrando, pelo decote, o seio generoso, fazendo com que eu me sinta ínfima, nula. Mulheres como ela são prêmios cobiçados. E, as como eu, são as descartáveis, esquecíveis.

Os olhos dela correm em direção a todos, cheias de promessas indecifráveis através da música, com um sorriso misterioso nos lábios. O corpo, uma verdadeira escultura, acentuando um rosto perigosamente angelical sobre um pescoço esguio, adornado por cabelos curtos, em madeixas suavemente cacheadas. Carrega na mão direita uma flor vermelha, como aquela que a personagem joga para o soldado José, desencadeando a sua destruição pelo amor. Todavia, ao nos ver, o rosto suave se torna trevas, predatório, o olhar disposto a me dilacerar, se assim fosse possível. Assusto-me com aquela reação.

Sinto-me, então, no meio de um duelo de vontades, colocada ali por acaso pelo meu coração. Ela quase ri, cheia de sarcasmo, diante da reação que me causa. Inocente, cheguei a pensar, por um momento, que se finalmente abrisse o peito a fim de me arriscar, teria diante de mim uma história sem rivalidades ou contratempos. Como sou tola... Pelo visto, Caio tinha mais pessoas interessadas nele... Sou capaz de reconhecer a obsessão vinda de uma mulher apaixonada.

Para marcar território, Tamianara faz a vida imitar a arte e joga a flor na direção daquele que me acompanha, e este não faz o menor gesto para segurá-la. A suave rosa faz um baque no chão, o sutil som parece gigantesco diante da plateia que encara os três, estarrecida, ansiosos pelo drama que se torna real. Um silêncio cheio de expectativas parece me oprimir quando Nana me salva mais uma vez.

— E, para acompanhar nossa musa na emblemática *Habanera*, ninguém melhor que um dos mais conhecidos pianistas de nossa música clássica, que nos brinda com o seu triunfal retorno à cena paulistana. Presenteie-nos com a sua música, Caio Rodrigues!

E sob a ovação do público, ele sorri, mas vejo que receia me deixar. Sou eu quem tomo coragem e me afasto, sussurrando que “*tudo ficará bem*”, como fez comigo momentos atrás.

Num átimo, ele me olha, e mesmo com o barulho das pessoas à nossa volta, consigo ouvi-lo claramente.

— Por favor, Andreia, confie em mim. Na hora certa, eu te contarei

tudo...

Eu assinto com a cabeça, mesmo sem compreender toda a imensidão de suas palavras, pois vejo a verdade em seus olhos. Sabia que, se fugisse, como tentei fazer várias vezes naquela noite, ele me assombraria até que eu enlouquecesse. Estava cansada de viver entre fantasmas.

Para minha surpresa, e a de todos os presentes, Caio sorri e me pega nos braços. E como se fôssemos o mais apaixonado dos casais, não como se tivéssemos nos conhecido a apenas algumas horas, ele me beija mais uma vez, fazendo com que eu me esqueça de tudo. Gentilmente me puxa para si, em contraponto com a força com que devora minha boca e morde meus lábios. Gemo baixinho e me excito com aquele sentido de pertencimento. Pela primeira vez, naquela proximidade, sinto algo despertar entre as coxas dele, enrijecendo de puro desejo. Por mim... Caio me beija e fica cheio de tesão por mim! Isso não tem preço.

— Pavane... Opus 50... — sussurra e morde a minha orelha, sem se importar com nada. — Ouça...

Ainda sem compreender, eu o vejo subir no palco. Meus olhos o acompanham até cruzar com Tamianara, e testemunho o olhar gélido entre os dois. Nele, reside o ódio. Nela, a posse, a obsessão. *O que será que une aqueles dois?*

A cantora, por fim, *me* encara, de punhos cerrados, o rosto indecifrável e pronta a esquecer todos os monstros que lhe habitam a alma para se entregar à música. Poderia até achar que nada do que aconteceu comigo e Caio teve importância, se não fosse a forma com que aperta as mãos. Com força, a fim de conter a raiva, de forma que as unhas cravam nas mãos e o sangue começa a manchar as pontas dos dedos.

Olho para aquilo, assustada, e recuo, instintivamente. Ela sorri de forma perniciososa, mostrando quem manda por ali, até que, diante do primeiro acorde, a música toma asas e se transforma em sedução. Enquanto os sentimentos se digladiam ali, para que todos os vejam, Nana desce do palco e, sorrateiramente, pega-me pelo braço, e tenta me afastar daquele lugar.

— O que está fazendo? — tento me desvencilhar, mas ela se mantém firme.

— Vou te colocar em um táxi agora, antes que a imprensa caia impiedosamente sobre você... Quando estiver em casa eu te explico tudo.

— Só por eu ter beijado o Caio?! — assim que saímos do meio da multidão, consigo me soltar. — Não estou te entendendo, Nana. Passou os dois

últimos anos brigando comigo, falando que eu deveria tentar e me apaixonar de novo. Insistindo para que eu vivesse e fosse feliz... Que nem todos os homens eram como o Marcos... E agora que faço algo por mim, você quer me fazer sair correndo como um ladrão no meio da noite?

— Eu só não pensei que, na sua primeira noite aqui, criaria o triângulo amoroso mais comentado do teatro paulistano! Que, com poucas horas em São Paulo, fizesse parte daqueles romances clichês, a desconhecida se envolvendo com o mocinho atormentado e se tornando alvo da mais cruel e antipática *prima donna* da atualidade. Quer mesmo ficar aqui e ser cravada de perguntas ou ir embora e deixar que as coisas aconteçam naturalmente? Você quem manda — ela olha o delicado relógio que está em seu pulso. — Temos poucos minutos antes que eles percebam a sua ausência.

— E o Caio? — fico pensando no que acontecerá quando a música findar e ele não me vir.

— Eu farei com que se encontrem... Como acha que ele descobriu seu nome? Tenho uma tendência boba a finais felizes.

— Então, posso ir embora...

Em poucos minutos, um dos assistentes de Nana chama um táxi. Fico na sala em que me troquei, à espera, e nada digo quando colocam as minhas coisas no veículo. Debruçada sobre o vidro, ela passa o endereço do prédio onde mora, já conhecido por mim, no Itaim. Recosto-me no vidro, de olhos fechados, enquanto me afasto, deixando ali algo de mim que ainda não sei definir.

Por um momento, a presença de Caio se faz presente. E a voz dele, a se despedir, a prometer coisas que alguém nunca cumpriu. Peço para os céus para que, se for de verdade, que permaneça, pois não quero mais me cobrir de esperanças e sonhos, impressões efêmeras que acabem em sofrimento.

Nesse momento, algo me vem à mente. Pego o celular e procuro no aplicativo de vídeos as palavras que ele me confidenciou antes de subir ao palco. Aperto para iniciar o primeiro *frame* e, antes que veja os dedos sobre o piano, reconheço a música que o vi tocar na movimentada estação de metrô. Era aquele som que nos habitava.

Fico perdida na sinfonia, inebriando-me de algo que ainda não sabia mensurar ou definir, e assim permaneço até chegar ao meu destino.



CONFISSÃO

A sua forma de amar é parasita... Uma criatura vil e pegajosa, que se camufla em cores e carícias, destruindo silenciosamente cada uma das minhas barreiras e vontades.

Arrancou pedaços de mim, devorou, guloso, a minha autoconfiança como alguém que se banquetearia dos meus despojos. Deixou-me medrosa, louca, insegura de minhas vontades. Eu, que me achava tão dona de mim, permiti que você me prendesse em uma teia, cobrisse meus olhos, prendesse os braços e pernas, fazendo com que até que o mínimo gesto de respirar acontecesse sob sua vontade.

Aos poucos, todos se afastaram de mim. Cortei todos os laços que me faziam alçar voo e me deixei submeter às suas correntes. Nana foi embora para São Paulo cheia de mágoas, as frases dela me rasgando o peito, uma parte de mim, sufocada pelo seu amor, tentando rasgar o véu cinzento que cobria meus olhos.

“Andreia, onde você está? Cadê a minha amiga? Você só repete o que Marcos fala... Acorda, merda! Não percebe que está em um relacionamento abusivo?!”

Abuso... Essa palavra pareceu tão dissonante naquele momento. Você era o homem que me respeitava, capaz de oferecer os gestos mais românticos... Era quem, no dia dos namorados, convidava-me para jantar em seu apartamento e derramava pétalas de rosa pelo chão, ao som de Madredeus.

Haja o que houver

Eu estou aqui

Haja o que houver

Espero por ti

Volta no vento

O meu amor

Volta depressa

Por favor.” [2](#)

Ao som dessa sutil promessa, você me fez atingir o orgasmo várias vezes. O corpo sob o meu, a boca devorando a minha e minhas pernas cruzadas em suas costas, enquanto os meus gemidos ditavam o ritmo com que entrava e saía de dentro de mim. Como achar que me submetia o homem que me fazia gozar várias e várias vezes, e só quando estava exangue, sem forças, ejaculava sobre mim, as gotas peroladas a me enfeitar o quadril, empoçadas sob o umbigo?

No entanto, só percebi tarde demais que as piores tentações, aquelas capazes de nos levar ao inferno, são as mais doces.

Nunca precisou me ferir a carne, Marcos. Eu me liberei do peso dos teus punhos, de empurrões ou qualquer tipo de contato físico hostil, mas suas palavras... Ah, essas me dilaceraram e me feriram de forma que as cicatrizes que carrego ainda me fizeram hesitar muito antes de viver.

Eu me libertei de você, não como o pássaro que encontra a plenitude do ar, através da gaiola cuja porta foi aberta, mas sim como da raposa presa na armadilha de aço, que arranca a própria perna para fugir.

A máscara caiu bem depois, quando não havia mais ninguém para me defender. Antes, só vieram sílabas de afeto, frases de incentivo e elogios, olhos brilhantes. No começo, apoiávamos os passos um do outro, torcíamos, fazíamos planos, pensávamos em crescer juntos. Para mim, éramos adultos que caminhávamos lado a lado, na busca de algo duradouro e verdadeiro. Tanto que, até que tudo ruiu, não conseguia planejar nada sem você. Ninguém conseguia ver Andreia sem Marcos, ou Marcos sem Andreia. Você foi o mestre em criar ilusões. E eu assim permiti que fizesse.

E quando o assunto era sexo, você era supremo. Arrefecia minhas dúvidas pelo gozo, domava minhas vontades e me fazia crer que aquilo que tinha com você, nenhum homem mais me proporcionaria. Suas mãos não conseguiam ficar longe de mim para me fazer carícias e me explorar inteira.

Em qualquer canto, enfiava a mão entre as minhas saias e me fazia incendiar sobre a calcinha, o dedo a roçar o pano, deixando-me úmida. Ao meu ouvido, prometia as mais obscenas e deliciosas formas de sentir prazer, e as cumpria assim que nos víamos a sós. Adorava que eu desfilava diante de ti, nua, orgulhosa de quem eu era. E, trancados no quarto, puxava-me pelas coxas e me colocava sentada em sua face, de forma que nossos lábios, o seu e aquele meu, o íntimo, se tocassem, fendas e línguas a se misturarem.

Ah, como me senti viva naquela época, monstro. Longe de pudores ou rompantes, obcecada por aquilo que me dava, como um ser esfomeado por migalhas. Adorava os jogos de sedução, de indiretas secretas, o jeito com que me pediu para tirar a calcinha uma vez no cinema e me tocou, fazendo com que eu gritasse, em êxtase, enquanto outros o faziam pelo sangue na tela.

Ou a forma com que parou com o carro no meio da estrada e me penetrou, com força, sobre o capô do carro, indiferente aos faróis que passavam, porque eu o tinha provocado, colocado o seu sexo entre os lábios, sentindo-lhe o gosto, a textura de como ele crescia em mim enquanto dirigia.

Será que se cansou disso? Ou você até tentou ser contrário à sua natureza egoísta e cruel? Tornou-me exatamente aquilo que desejava, um objeto de luxúria e desejo particular, para me descartar no momento em que mais precisava tê-lo comigo? Não, acho que isso veio antes. No momento em que você me chamava de louca ou insegura, quando via você flertando com outras pessoas, ou passava aos amigos a imagem de que eu era desligada, relaxada ou desmazelada.

As palavras grossas com que me tratava, a falta de respeito e os apontamentos, e quando eu me mostrava sentida, tratava logo de mudar o jogo, dizendo que eu estava implicando com suas palavras, interpretando-a da forma que eu quisesse.

Uma coisa em que você é hábil, Marcos: em deturpar conversas e nos incutir culpas que não são nossas...

O pior é que eu acreditava, pedia desculpas por ser vilipendiada, omissa e ter visto de forma errada. Quantas vezes, na festa da sua família, aquela aparentemente perfeita, mas que eu amava — e pela qual ainda sinto afeto — por todas as forças, você colocava em pauta os defeitos mais ínfimos? Como algo que esqueci no fogo, ou o dia em que não arrumei algo ou nem tive tempo de me arrumar.

Foram várias as vezes em que ouvi um comentário sobre a correria do final do curso e o trabalho extenso atrás de fazer um nome, criando cenários para peças de escolas infantis ou festas ridículas, por preços miseráveis, pois não era conhecida. Ou mesmo, como esperava qualquer gafe minha para comentar diante de todos, ignorando o meu cansaço, como se eu fosse o alvo de brincadeiras da turma. Dos seus amigos... Pois os meus, onde estavam? Cansados de ver eu me tornar uma sombra de mulher.

Hoje, eu olho tudo isso e me odeio. Penso em como uma mulher como eu pôde ter chegado a esse ponto... A descer ao nível mais degradante do amor

porque um homem assim quis! E ainda não sei responder... A única coisa que consigo, com certeza, é me manter afastada de homens como você.



Até aquele dia, pareceu tão seguro. Passei dois anos escondida da vida, amortecida, impedindo-me de sofrer — na verdade, de sentir qualquer coisa que pudesse me levar ao fundo do poço em que fui jogada anteriormente. Sempre pensei que seria capaz de antever o próximo golpe, a suspeita de algo que me

tiraria dessa falsa estabilidade.

Como estava enganada!

Saio do chuveiro, trêmula. Seco-me e a toalha parece irritar a pele, sensível, mas esse incômodo não me faz hesitar. Passo com mais força o pano sobre mim, deixando que os braços e o quadril fiquem vermelhos, percorro o rosto e a cabeça com sofreguidão, na esperança de que, ao me fitar no espelho, eu veja outra mulher, sem passado, disposta a viver as próprias vontades e anseios sem hesitar ou temer nada. Faço isso até que lágrimas me saiam dos olhos, furtivas e cristalinas gotas de frustração.

Para uns, o maior medo é o de viver sem se apaixonar. No meu caso, é de que volte a amar alguém novamente, da entrega que esse sentimento oferece, pois ao entregar o coração nas mãos de outra pessoa, ela pode admirá-lo e respeitá-lo, ou simplesmente oferecê-lo como refeição aos lobos.

Ao me ver sozinha, outros homens apareceram em meu caminho. Das mais variadas idades, tipos e classes sociais, com múltiplas intenções, desde a desculpa esfarrapada de “vamos nos conhecer melhor” à tão famigerada e proveitosa “fast-foda”, ou como dizíamos antes, “uma noite e nada mais”.

Com alguns troquei olhares; com outros, até um ou dois beijos em um encontro casual, mas nenhum deles eu permiti que dessem o próximo passo, pois, em algum momento, notava a prepotência ou o sentido de predador do homem que manda, ordena e mutila. Aquele que impõe vontades sobre o outro. E eu não estava disposta a repetir a mesma história, arruinar-me em um ciclo de ofensas, apontamentos e abusos, a abaixar a cabeça para outra pessoa por motivo algum.

Então, por que com Caio é diferente? O que aconteceu que, mesmo à distância, a presença dele não me deixa, como se fosse algo sobrenatural?

Talvez seja pelo simples fato de que, antes do desejo, anterior a qualquer afeto, foi a dor que nos uniu. E esses laços, quando feitos, parecem inquebráveis.

Paro diante da pia, enrolada na toalha, e passo a observar o meu reflexo.

Quem é você, Andreia? Parece que ouço a voz dele a me indagar.

A verdade é que não sei. Há muito não me sinto mulher, objeto de desejo. Talvez eu seja nada, ou tenha ficado tanto tempo sem ver a minha face que não a reconheça mais. Abro a porta do banheiro e caminho até a sala, ignorando completamente as gotas que pingam pelo piso de madeira.

Ligo o sistema de som, e o conecto ao meu celular via *bluetooth*.

Deixo que os acordes do piano ecoem pelos cômodos, a música que fez os meus olhos pousarem *nele* pela primeira vez. Percebo que não levei roupa nenhuma ao banheiro e vou ao quarto buscar algo para vestir. Penso em encostar a porta, mas não quero ficar sem a música, sem um pedaço *dele* junto de mim.

Eu me enxugo rapidamente e, ao me virar para colocar a mala sobre a cama, deparo-me com a minha imagem nua, no espelho. Em um primeiro momento, recolho-me, envergonhada, os braços cruzados sobre o tronco, as pernas unidas e o rosto, vermelho, afogueado, ao me lembrar de que há tempos não me via assim, tão exposta.

Sento-me na cama, os braços ainda enroscados, e contemplo as coxas magras, normais, com celulites e as típicas estrias na altura dos quadris. A cintura, que permanece acentuada, na gentil curva onde Caio me puxou para si... Diante do furtivo pensamento, os olhos encontram o reflexo no rosto novamente vermelho.

Nessa hora, sequer tento pensar em quem eu sou... Mas sim, em quem desejo ser. A mulher que os olhos dele denotam, a pessoa que ele vê em mim. Fecho os olhos e a música cresce, preenche-me e me torno o piano em que ele toca. Sinto seus dedos sobre mim, dedilhando as coxas, aqueles lábios me circundando o umbigo, descendo... É como se ele estivesse ali, conduzindo minha mão aos cabelos baixos, crespos e macios de sua nuca, para pressioná-lo, o rosto contra o meu sexo, para que ele descubra meu gosto.

Com ele povoando a minha imaginação eu me toco. Fecho os olhos e pressiono o dedo em meu clitóris, massageando-o, deixando que a música me guie o ritmo. Permito que as pernas se retesem, indiferente à porta aberta, que Nana chegue ou mesmo um desconhecido entre. No espelho, a outra mulher que pertence a mim se retorce, morde os lábios e geme, imaginando como será o momento em que o corpo negro e musculoso se debruçará sobre ela e abrirá as carnes com a dele.

Ela imagina o pênis em detalhes, entrando e saindo dentro de si, e a nádega rija e lisa a se contrair em movimentos sôfregos. Morde os lábios ao pensar em Caio pegando-a pelos cabelos e a puxando para si, para lhe saciar a boca. Em um grito, a mulher do espelho e eu gozamos, tornando-nos uma novamente. E, em nossos lábios, é o nome dele que explode entre os dentes.

Quando a vontade arrefece, eu me olho no espelho e vejo que algo está diferente. Pela primeira vez, emocionada, o reflexo daquela que sou não mostra um monstro, uma aberração, algo quebrado que merece apenas pena. Reside em mim uma mulher, alguém que se privou da vida por tempo demais, deixando que os próprios monstros vencessem.

Na teoria, os poucos que conhecem a minha história me julgam poderosa, cheia de qualidades e empoderamento, mas lá no fundo, através das máscaras de amabilidade, existe uma essência presa, condicionada a se achar ninguém. Já é hora de mudar... E, talvez, de me atrever a sentir o amor, e, quem sabe, o tesão que essa atração pelo pianista pode me proporcionar.

A questão é: será que ele está mesmo disposto a saber quem eu sou?

O que pensará depois de me ver, sem máscaras ou artifícios? Como Caio reagirá ao descobrir sobre o meu passado, e, mais ainda, sobre as cartas escritas para exorcizar os demônios em mim?

A única solução é deixar que o tempo me faça descobrir. Subo na cama e pego a primeira calcinha e sutiã que vejo. Puxo da mala uma camiseta, com uma estampa do *Ursinho Pooh*, que tenho certeza de que Nana vai revirar os olhos ao ver, e tento dormir um pouco. Desligo o som no celular e deixo, para me acalantar, que os acordes ainda reverberem em minha memória.



No entanto, de que adianta se lamentar sobre o passado? Todo o rio

segue o curso a si destinado, não se pode lutar contra a corrente... Mesmo que minha melhor amiga tivesse insistido, penso que as decisões seriam as mesmas, e, no final, poderíamos ter nos magoado ainda mais, e só Deus sabe como estaríamos nesse momento!

A voz dela ressoa pelo apartamento, chamando-me a atenção. Sinto, no tom, que está irritada, mas cansada, como se estivesse numa discussão há muito tempo. Um sinal de alerta ressoa em mim, aquela parte instintiva que sempre esteve presente nos momentos certos, a fim de me proteger. Eu me levanto, disposta a saber o que está acontecendo.

Procuro algo para vestir, mas a primeira coisa que encontro é um robe, de um rosa bem pálido. Nana deve tê-lo deixado ali em algum momento. Pego-o entre as mãos e sinto a maciez do tecido e o frescor dele em contato com a pele. Coloco-o nos ombros e dou um suspiro, sentindo-me acariciada por aquela trama... Minha amiga sempre exigiu na vida o bom e o melhor para si, em todas as situações. E, apesar de sermos tão díspares em vários quesitos, assumo que não me incomodaria em ter um pouco desses luxos...

— Eu preciso vê-la, Nana... — a voz que surge me corta o pensamento e me faz estremecer como se soasse perto do ouvido, arrepiando a pele.

O coração acelera e fecho os olhos por um momento, tentando fazer com que o meu lado racional volte a tomar as rédeas sobre mim, mas algo me atrai naquela direção desconhecida, como se eu fosse um marinheiro a me soltar do mastro sob o tom grave de Caio, o canto da sereia, atraindo-me para o esquecimento do mar profundo.

— Mas não agora, Caio... Nem assim... Você está bêbado. Olha o seu estado... Vá para casa, tome um café, durma... Tem noção do que está falando? Apaixonado? Sério? ... Vocês homens são tão bobos... Dizem e prometem o universo até comerem a gente, provarem da novidade...

Estanco, no limiar da porta. Estou ouvindo certo? Aquele homem, que para mim ainda era um enigma a ser desvendado, mencionara a paixão como impulso? Um sorriso me brota no rosto, transformando-me em criança, esquecendo, por um momento, todo o receio e senso de proteção que me levava até ali.

Volto a caminhar em direção à sala, lentamente, absorvendo cada detalhe da conversa e me perguntando se ainda existe uma parte minha que acredita em histórias de amor à primeira vista, como nas ficções. E se essa parte ainda não foi extirpada, quanto seria capaz de restaurar o que não foi destruído?

Mais ainda, quanto dessa história, se eu seguisse adiante, sobreviveria à verdade?

— Não é sexo, Nana... — ouço Caio tentando se explicar, a voz hesitante, como na busca das palavras certas.

— Ah, tá... Então, Caio Rodrigues, o grande devorador de mulheres, não tem interesse nenhum em levar a minha amiga para a própria cama? — o sarcasmo de Nana é evidente.

— Porra, lógico que quero... Quando eu a toquei e por fim a beijei, qualquer noção de civilidade e cavalheirismo foi para o espaço. Eu me perdi nela, no gosto daquela boca, na forma com que nossos corpos pareciam se encaixar... Eu sentia fome, necessidade dela... Precisei apenas de uma pequena dose para me viciar em Andreia, Nana.

— Quantas palavras bonitas, colocadas assim uma do lado da outra... Consigo até entender por que a mulherada adora abrir as pernas para você... Mas ela não é uma qualquer para entrar na sua lista de conquistas baratas. E se tentar fazer algo assim, eu te farei sofrer com requintes de crueldade. Se quer diversão apenas, ligue para a Tamianara... Tenho certeza de que ela adorará se divertir com o seu pau... Pois já fiquei sabendo que é um belo exemplar...

— Aquela mulher é doida, e a única coisa que desejo dela é distância... Quanto ao restante das coisas que me apontou ou acusou, para mim não têm valor ou importância. Principalmente quando vêm de você... Nana Bragança, aquela que rege o seu espaço no *show business* com rédeas de aço e renda. A devoradora de homens, incapaz de se apaixonar, que os descarta assim que perdem o gosto, ou o vigor, como dizem alguns... O que viu ou fez para te deixar assim?

Nana sempre foi dessa forma, esse espírito livre, movida a paixões e não a ternos amores, como aqueles que eu sonhava para mim. Entretanto, o músico tinha razão em uma parte, aquela que nós duas nunca mencionamos: quando minha amiga e eu nos reencontramos, muitos dos laços que tínhamos foram imediatamente reatados, como se nunca tivéssemos nos separado.

Ela é um porto seguro, amiga, irmã — e cão de guarda, como está se mostrando —, é um vínculo que parece além desta vida, mas algo nela se fechou nesse meio tempo, certa mágoa e arrependimento passeiam no âmago dessa mulher, e nem eu consigo me aproximar.

— O que faço da vida não te diz respeito. Mas o que pretende fazer com a sua em relação à minha amiga, é...

— Respeito a sua lealdade por Andreia e a admiro... Não sou tão

insensível quanto pensa. Sei que algo cerca sua amiga para que a proteja dessa forma, mas já adianto que sei ir com cuidado, não se preocupe. Quando nos vimos pela primeira vez, eu percebi, nos olhos dela, quanto medo e sofrimento a cercavam... E, por isso, disse a Andreia, e repito a você, que reconheço nela a minha dor. Quando a vida nos arranca a pele e faz com que sangremos, cada um tenta amortecer ou se consertar de alguma forma. Uns se escondem, à espera de que o tempo cure tudo, mas se acostumam com o silêncio e o frescor do qual se cercam... E, ao fazerem isso, acabam se esquecendo não só do que os fere, mas também daquilo que os faz felizes. Outros, como eu posso muito bem citar, desejam calar o grito que ecoa dentro de si em uma fuga completa da racionalidade. Nós nos perdemos em vícios e gozos. Transformamos o pênis, a boca e as mãos em ferramentas voláteis de dor e prazer, como uma forma de expurgar a sombra que nos habita. Mendigamos por momentos vazios, mas fugimos se algo maior e verdadeiro aparece... Eu fui sim um miserável objeto de prazer, capaz de, como você mesmo disse, deixar todas as mulheres _a minha volta bem satisfeitas... Que saía das camas pelas quais passava sem nenhuma vontade de voltar... Mas eu preciso me dar uma chance de ser feliz. Meu coração me diz que é com ela que devo tentar... E, pela primeira vez, em muitos anos, estou disposto a escutá-lo.

A voz dele se embarga e sei que não posso deixar que ele se vá. Mesmo que Nana brigue comigo, é hora de sair da fortaleza que criei à minha volta, e me dar uma chance. Caio desperta em mim coisas, sensações, emoções que são impossíveis de negar. Se me recusar a aceitar a oportunidade que estou recebendo, estou acatando cada uma das palavras que *aquele monstro* me deixou, e acabarei permitindo que ele seja eternamente vitorioso...

O que eu desejo? Viver uma falsa conquista, mentir para mim mesma que estou inteira, pronunciar esse fato infinitas vezes até que meu âmagô acredite? Ou vencer a guerra, colocando-me de frente para a batalha, sentindo, sofrendo e morrendo se for preciso, acabando com todos os ecos do ontem que ainda restam em mim?

Sei o que preciso fazer... Mas terei coragem?

— Você não acha que está sendo precipitado demais, Caio? *Me* parece loucura demais, e ambos podem sair destruídos nesse processo... — Eu me aproximo do pórtico e vejo Nana revirar os olhos, de braços cruzados, ainda com a roupa da festa.

Caio está sentado no sofá, diante dela, a cabeça baixa e os ombros encurvados. Noto que o corpo dele treme, como se tentasse conter a torrente que sai do coração, finalmente exposto. A única coisa que desejo naquele momento é

ampará-lo, fazer com que se sinta bem. Através daquilo que o atormenta, esquecer — ou quem sabe tentar compreender o furacão que habita em mim.

— Eu sei que parece conversa de bêbado, ou de gente louca, Nana. Sequer consigo dizer o momento em que isso começou. Se foi no instante em que nos conectamos, na estação, ou se foi antes disso... Se os laços que nos conectam são tão longínquos como penso, esse é o momento de nos reencontrarmos.

— Assumo que para mim, agora, você parece as duas coisas... Bêbado e maluco, mas ainda vou te pedir para ir embora, já que, pelo visto, há vários aspectos dessa história de que nem faço ideia. Como essa coisa na estação... — vejo que ele tenta se explicar, mas minha amiga estende a mão, o silenciando. — Não precisa me dizer. Vou sentar com Andreia e ouvir o que ela tem para me falar... Na verdade, nem sei como ainda não acordou com o dramalhão correndo solto aqui na sala.

— Quem disse? — deixo que finalmente me vejam, tentando manter a seriedade no rosto.

Eu me nego a agir como inconsequente e me jogar nos braços dele ou mandá-lo embora sem ver o que deseja, como minha amiga pretendia fazer. Proponho-me, internamente, a ver para onde essa atração irresponsável vai me levar. Todavia, será do meu jeito, já que eu terei de lambar as próprias feridas, caso fracasse.

Nana me encara, séria, enquanto Caio se levanta, enxugando o rosto, sem jeito, na tentativa débil de resgatar o homem sedutor do último encontro. Em apenas um dia nos vimos três vezes, e ainda não sei qual deles ele é de verdade... Aquele que sangrou na estação, o que me excitou, apoiado na parede durante a festa, ou o que se despe e se mostra humano, nesse exato instante. E é essa pergunta que lhe faço:

— Qual deles é você?

A ansiedade e a expectativa nos rodeia, pesa e se intensifica. Nana ensaia algumas palavras, aponta-me o dedo como se fosse aconselhar algo, encara Caio e, por fim declara, como em um ultimato:

— Caio, fica a dica: eu sou aquela amiga que vai te ajudar a esconder um corpo... Mas se for me desagradar, não se esqueça... Eu sei como esconder um corpo. E sou boa nisso... — afirma e me encara por um momento, antes de declarar, com aquela típica cara de poucos amigos que faz quando é ignorada. — Pelo visto vou ser obrigada a dar mais uma volta, deixar os dois a sós... Visitar algum dos meus contatos, quem sabe? Acho que eles me proporcionarão coisas

muito melhores que esse silêncio.

Sai batendo os pés, pois sabe que nada do que fizer irá me demover dali. Pega a bolsa, fecha a porta e nos deixa a sós... Eu, envolta em vontades. Ele, repleto de fome. Entre nós, uma atração que é impossível negar.

— Eu sou este homem, Andreia... Aquele que deseja ser seu...

Mal posso discernir o momento em que ele se aproxima e toma a minha boca na dele. A partir desse momento, eu me perco.

Ou será que me encontro?



7

Quando os lábios dele tocam os meus mais uma vez, não há estranhamento ou hesitação. É como se soubesse que esse acontecimento era inevitável. Penso em inúmeras maneiras de recuar, mas meu corpo só deseja recebê-lo por inteiro. Cada parte nossa se move em uma dança única, complementar, que sequer hesita em tomar o que deseja. Fecho os olhos e gemo quando ele me pega pelas ancas e puxa para junto dele. Tento resistir, tomar o controle daquele momento, mas o corpo se torna inimigo, traidor, dando espaço a emoções nada sutis.

— Você é tão linda, Andreia... Tão gostosa... Por favor, seja minha! Não só hoje, agora, ou esta noite, mas por todo o tempo que desejar...

Parte de mim se envaidece com aquela declaração cheia de desejo, enquanto um ser ínfimo, a sombra que me habita o peito, insiste em dizer que aquilo são apenas palavras vãs, mais uma mentira para gozos fáceis e solidões profundas. É como se, por mais que lutasse para não me afogar, a próxima onda estivesse ali, sempre à espreita, para me levar para o fundo. Eu estremeço e Caio vê nisso um sinal de consentimento, descendo os dedos pela minha bunda. Levanta o robe e corre a mão pela pele, deixando-me ainda mais úmida... Excitada e viva, como há muito não sentia.

Será que estou pronta para me permitir?

— *Me* deixa provar o seu gosto, Andreia! *Me* deixe contemplar o delicioso mistério que reside entre suas coxas... — os polegares brincam com a lateral da minha calcinha, e só penso em como será a sensação daquele homem dentro de mim.

Desisto de ser consciente e madura, de pensar em amores passados e julgamentos desnecessários. Danem-se os nós que prendem minha alma, aprisionam o meu âmagio e me fazem hesitar! No momento, só anseio ver esse homem nu diante de mim, a pele de ébano a reluzir pelo suor do sexo... Exijo esse mesmo olhar de devoção quando ele gozar, chamando o meu nome, fazendo-se parte da minha alma.

Passei grande parte da existência achando que se apaixonar era a eterna entrega, o servir-se sem medida, algo que não poderia acontecer num rompante, inundando-nos. Engana-se quem pensa assim... Amar é um tiro certo, direto no peito. Rouba o nosso ar, doma as vontades mas, ao mesmo tempo, desperta-nos em relação a nós mesmos e ao outro. O sentimento só é verdadeiro quando a outra pessoa está disposta a se jogar nesse furacão de emoções ao seu lado, *te* vendo como um espelho do próprio ser, não como alguém que apenas lhe inflará o ego e aquiesça sempre, numa tentativa vazia de agradar.

Caio e eu estamos no olho do furacão, isso é um fato. E nenhum de nós parece disposto a recuar.

Por isso, nada digo, apenas mordo seu pescoço, subitamente, e subo com a língua até a orelha dele. Sinto-o reagir, abaixando a minha calcinha, espalhando o começo da curva das nádegas, fechando os dedos sobre a parte carnuda. Na calça social, posso notar a ereção que se forma, grande e grossa, a pulsar sobre o tecido, a única coisa a separá-lo de mim. A vagina exposta não hesita em se exhibir, em se fazer desejável, e me roço nele, provocando-o, disposta a devorá-lo pouco a pouco.

Caio tenta arrancar toda a minha pouca roupa, deixar-me nua, mas me recuso e me afasto, deixando-o com o olhar perdido, sem saber como agir ou lidar com a mulher que se revela diante dos olhos, mais uma nova faceta surgida em mim... Uma que sequer conhecia.

Nego com a cabeça, mas nos meus olhos é possível notar que proibição, naquele encontro, é algo inexistente. Que só preciso de um pouco de paciência, pois nem todas as feridas devem ser expostas. Desejo que, esse momento, seja quase um sonho, onde possamos sentir sem pensar, viver em um tempo, talvez, onde havia a inocência presente em meu cerne, e acreditava em finais felizes. Quando via a esperança como algo bom, e não apenas um mal à espreita, que me imobilizou durante anos, esperando que as mudanças viessem, impedindo-me de alcançar a almejada libertação.

— Essa sinfonia eu conduzirei, Caio... Deixe que eu toque o seu corpo, permita que eu descubra os melhores acordes entre os nossos gemidos e promessas...

— Eu disse que pertenço a você, Andreia. Faça de mim o instrumento que sua vontade pede...

Tiro sua gravata, entre beijos, e percebo que a respiração dele acelera, os olhos brilham como chamas acesas a se derramarem sobre mim. Então, pego

gentilmente as mãos dele e as beijo, passo a língua sobre os dedos longos, chupo-os um a um, tornando-me libidinosa e indecente, sentindo o suor em meio a saliva quando calo os gemidos dele com a minha boca.

Eu o levo para o sofá e lhe arranco o paletó, com displicência. Abro a camisa e vislumbro o peito nu e sem pelos, os mamilos escuros sobre o peito definido, como jabuticabas prontas a serem sorvidas do pé. Passo a língua sobre os lábios e me aproximo, belicosa.

— Me dê suas mãos, Caio!

Ele pensa em me questionar, mas não o faz. Simplesmente as estende, permitindo assim que eu as amarre com a gravata. Os olhos miram as palmas e depois sobem em direção aos meus olhos, ansioso por respostas.

— Existem muitas coisas sobre mim que não sabe... Fatos que poderiam ter destruído a minha alma... Um gesto em falso pode fazer com que eu te mande embora, pois o medo e a vergonha cobrirão as minhas vontades mais do que o desejo. Por isso, se me quiser aqui, mesmo que dure um minuto, algumas horas ou a noite toda, preciso que não tente me tomar como propriedade sua ou me colocar nua sob o seu julgo. Peço que me deixe fazer à minha maneira. Ao contrário de você, não corri por muitas camas ou degustei de variados homens para esquecer...

Por um momento, eu o vi se espantar.

— Você ouviu a minha conversa com a Nana...

— Teria como não o fazer? E por isso já te confesso que sim, eu fechei as minhas portas, Caio. Escondi-me do mundo na tentativa de calar a dor que ameaçava me enlouquecer. Acostumei-me tanto com a escuridão pesada e silenciosa a me confortar que esqueci de como eu mesma era, como mulher, pessoa, um ser cheio de desejos e vontades... Escondi-me atrás de camadas de roupas e croquis de trabalho, criando cenas para histórias maravilhosas que nunca viveria. Pensei que seria capaz de seguir a vida toda assim, mesmo que todos à minha volta dissessem que estava errada, que deveria voltar a viver... Mas sentir poderia também significar sofrer, e não estava disposta a correr o risco...

— E o que te fez mudar de ideia? — Caio indaga, e vejo expectativa naquela voz grave que me acaricia.

E, num instante de loucura, eu me revelo, como um malabarista que decide ignorar todas as redes de proteção que o fizeram se sentir seguro até aquele momento... Mesmo tendo a certeza de que aquele número seria o mais perigoso de todos.

— Você, seu maldito e delicioso filho da puta... *Me* despertou com a sua música, com as palavras, beijos e toques. Convidou a minha alma a vibrar com acordes nunca antes imaginados, *me* fez desejar ser tocada por você como faz com as teclas do piano, convertendo canção em gozo. Eu me mantive protegida durante dois anos, e em apenas algumas horas, com breves encontros, fez com que me sentisse impregnada de você. Na pele, nos lábios, no pensamento... — fecho os olhos e, sem me conter, ergo a frente do robe e exponho o meu sexo, úmido, ansiando por ele...

Toco-me, presa entre a necessidade e a timidez e entreabro os meus lábios, aqueles do sexo, sem ver ali o quesito obsceno que muitas vezes é empregado.

— Por algum tempo, ao pensar em homens, em obter o meu prazer às custas de seus corpos, era como se rejeitasse tudo que isso representa — me toco no clitóris, que está rígido, excitado, implorando por gozo.

Caio, inquieto se contorce, ansioso por me tomar nos braços, mas sabendo que aquilo não é apenas um jogo de sedução, é a minha tentativa de expor o corpo através da alma.

— Afinal, foi um de vocês que utilizou as palavras e os gestos para me castrar, através de um senso nocivo de amor e posse, mas no instante derradeiro em que nos tocamos, as palavras proferidas e seu olhar me diziam coisas que não poderiam ser mentiras. A escuridão, antes tão propícia a oferecer um ninho no qual me reconfortava, desfez-se, fazendo-me sentir novamente. Vieram em mim tantas coisas, vontades e receios misturados...

— Existe uma possibilidade de que façamos novas canções através dos nossos corpos, Andreia? Será você uma musa para minhas sonatas de amor? — Caio era hábil no jogo de palavras, sabendo como despertar a minha insaciedade nas entrelinhas.

— Isso só o tempo poderá dizer, Caio... Basta, agora, que confie em mim para que eu faça o mesmo com você. Deixemos que nos envolvamos vagarosamente, nota a nota, acorde a acorde...

Ele arfa por um momento, a chama nos olhos parecendo disposta a incendiar o ambiente.

— Toma-me como teu, Andreia! Faz dos meus gemidos e palavras de luxúria a gloriosa música de seu recital de prazer! Ofereço a ti meu corpo e vontade... Deixa que eu mergulhe no teu gosto e te desvende...

E, assim, olhos a se encararem, nós nos aproximamos. Caio escorrega do sofá para o chão, os punhos ainda amarrados em sinal de rendição. Ele morde

os lábios enquanto o pênis, maravilhosamente pronto para mim, parece arrebentar a calça. Seguro o robe na altura da cintura, em uma cena que, por um momento, poderia parecer cômica, já que o inocente ursinho amarelo se enrola no tecido, talvez tentando esconder os olhos diante de tão deleitosa cena. Paro diante de Caio, abro as pernas, colocando cada uma das coxas de um lado da cabeça dele e digo, num resquício de voz:

— Faça música em mim... — e gemo alto quando me sento sobre aquela boca carnuda e sedenta.



8

Naquele momento, descubro que, ao contrário do que vemos nos filmes, o desejo não tem por base aquele fundo cheio de sensualidade e lascívia, onde as irregularidades do corpo são atenuadas, à meia-luz, e se vislumbram apenas o roçar o movimento dos corpos. O contato primal, quando acontece, tem a sua própria sinfonia, composta pelo frêmito dos corpos, os beijos, o roçar da língua, a respiração acelerada e o gemido contido, aquele que nos faz ficar no limite, prestes a irromper.

Com as coxas travadas sobre a cabeça de Caio, fazemos novos arranjos, descobrimos a canção secreta, aquela dos amantes, que eu havia esquecido. A forma com que permito ser segurada pela cintura, logo acima das ancas, com delicadeza e posse, para senti-lo pressionar a face contra o meu sexo, os lábios carnudos a se lambuzarem de mim, como, na verdade, eu nunca sentira.

Em meio a tanta maciez, a ponta da língua se destaca, tocando diretamente o clitóris, inquieto e preciso, fazendo com que o prazer me inunde em intensidades variadas. Para mim, é impossível permanecer estática, quieta. Vou e volto, retorço o corpo, encantada e, ao mesmo tempo, temerosa de que aquilo seja um fortuito sonho, que eu em breve acorde em meu pequeno e inócuo apartamento, despido de emoções.

Contudo, Caio me faz despertar em um estremecimento, a voz tomando forma e saindo pelos lábios ressequidos e ansiosos por sentir o gosto, quando toma aquele que me dá o êxtase entre os dentes e o chupa. Eu gemo e ele ergue o rosto, o calor daquele olhar me fazendo encará-lo... Quanto afeto e desejo feroz enxergo? Como não sentir mais tesão ao vê-lo lambe a boca, como um gato que se sacia, a face ainda marcada pela umidade da minha vagina?

Caio morde levemente minhas coxas, fazendo com que eu estremeça, arrepiada com o toque. E, sem que eu peça, mergulha de cara na minha boceta; nariz e boca, friccionando a barba por fazer, sem perder o fôlego ou diminuir a intensidade. Diverte-se, *me* lambe de cima a baixo, do púbis à bunda, diminuindo ou aumentando a intensidade de acordo com a intensidade. Eu

estremeço e grito.

A dor infligida pelo passado torna-se névoa, embaça-se, é expulsa como um demônio diante da santidade de um corpo que se restaura, de uma mulher que finalmente se reconhece em toda sua feminilidade, como um ser sensual e sexual, capaz de proporcionar prazer não apenas a si, mas ao outro. Esqueço-me das palavras depreciativas que ouvi no correr da minha jornada, dos olhos acusadores e cheios de decepção que me castraram, pouco a pouco, despojando-me do meu posto de mulher e dona de mim.

Nesse momento, estou no controle. E Caio, mesmo que nos gestos seja subserviente, arranca de mim, finalmente, tudo aquilo que fazia com que eu me desprezasse.

Antes que eu goze, afasto-me, as pernas trêmulas. Fito aquele homem que promete me tratar como se eu fosse a única diante dele.

— Eu quero mais... Preciso de mais.

— Quero te ouvir cantar, Caio... Agora, é a vez de ouvir os seus gemidos...

Antes que ele diga algo, eu me abaixo. Abro o botão da calça, seguido do zíper, e me deparo com a cueca azul, contornado o pênis, que parece prestes a romper o tecido. Beijo o pano, primeiro hesitante, sem jeito, e o ouço me xingar, sem nenhum pudor.

— Puta que pariu! Não me tortura assim não, minha linda. Me chupa... Mete a boca com vontade no meu pau...

Eu provoco, pois há muito já deixei de obedecer a outras pessoas. Encho a boca, mordendo-o em toda a extensão, sugo a glândula sobre a cueca e a encharco, maravilhada com as possibilidades de tudo aquilo que está à minha disposição. Todas as vezes que Caio desce os braços, disposto a me tocar e me puxar pela nuca ou forçar a cabeça, eu paro e me afasto, sorrindo, como o felino que brinca com a presa antes de devorá-la. Torno-me torturadora, mas invés de causar dor, meu único objetivo é multiplicar o êxtase entre os dois.

Sinto fome, mas não é o meu estômago que ronca, e sim o sexo, que vibra e lateja, querendo-o dentro de mim. Abaixo por fim o traje íntimo e, o pênis se ergue, reto e imperioso, pronto para me servir. Paro, por um momento, e percorro com os dedos o membro grosso por inteiro, da haste à base, quase do mesmo tom da pele de Caio. De tão duro, chega a brilhar, pulsando levemente, como se estivesse vivo, um ente separado do dono, disposto a me levar a lugares que nunca imaginei. Duas veias grossas percorrem todo o pau, corado por uma glândula arroxeadas, na ponta, uma gotícula transparente a brilhar, pronta para se

derramar.

— Gosta do que vê? — a voz rouca dele ressoa, senhor de si.

No entanto, qualquer palavra se transforma em gemido quando eu o coloco na boca. Mergulho no gosto acre e ancestral, deixando que qualquer razão se ausente, e me perco no vai e vem daquele carne contra meus lábios, esfregando-se em bochechas, dentes e língua. Eu me delicio sentindo-o estremecer, perdendo o controle, enquanto o pênis, macio e convidativo, dobra-se à vontade de meus lábios. Passo levemente os dentes pela glândula e depois o esfrego pelo rosto. Deixo que ele veja, os olhos parecem arder em chamas, ao me ver ali, tão livre de amarras.

— Gosta do que sente? — essa é a resposta a provocação.

Mamo mais uma vez a ponta do pênis e desço a língua pelas veias, alcançando o saco. Chupo as bolas com cuidado e o ouço me xingar ainda mais e empinar o corpo quando mordo o interior das coxas.

— Está ruim? Não quer mais? — penso em me afastar, mas ele trava as pernas em mim. Por isso, não me faço de rogada e mergulho na pele negra, encontrando novos gostos, texturas e aromas. Tudo ali tem jeito e gosto de novidade, mas os corpos se reconhecem, como se sempre pertencessem um ao outro.

— Por favor, Andreia... Me devore... Não aguento mais essa vontade de estar dentro de você! — o corpo bruto, mas suave, como talhado em mármore, por fim relaxa.

Vou ao quarto de Nana e abro a gaveta do criado-mudo, ao lado da cabeceira da cama. Com a intimidade de anos que nos une, sequer me intimido ao pegar uma camisinha ali, de tamanho diferenciado, entre tantas, com sabores, texturas e os mais diversos diferenciais. Abro o invólucro sem pressa, aumentando a sensação de poder que se atrita com a ansiedade dele. E, aos poucos, desço o látex pela pele, vendo a face do homem que já revirara o meu mundo transmutar em vontades.

Finalmente eu me abro, as carnes entre as minhas coxas recebendo Caio, pouco a pouco, os lábios vaginais degustando-o, centímetro a centímetro. Nesse instante, ele se rebela com tamanha tortura. Livra-se da gravata que o aprisiona, gruda-se a mim e me deita no sofá. Antes que eu proteste, ele entra inteiro dentro em meu corpo, e perco o ar.

Enlouqueço.

Esqueço-me de qualquer cuidado ou dúvida. Busco a boca dele e mergulho, despejando entre aqueles lábios não só a minha saliva e o gosto

daquele pau que me tira do prumo, mas também os gemidos e a vontade de implorar por mais.

— Quero mais, Caio... Mete com força, fundo... Ah... — ele obedece e cria um novo ritmo, desigual, fazendo com que tudo dentro de mim cresça, amplifique-se, tome para si uma nova voz.

— Você é deliciosa, Andreia. Quero isso mais, todos os dias... Como é apertadinha... Tão gostosa... Quero te ver inteira, Andreia... Nua...

Nesse instante o fio se rompe e, entre lágrimas, eu gozo. Caio me acompanha e urra, os movimentos parando por um momento, o corpo relaxando, enquanto o cacete, ainda dentro de mim, pulsa, aos poucos voltando ao descanso inicial. Eu viro o rosto, o choro aumentando em um misto de alívio e medo... Daquilo que me libertei e do que pode vir...

Agora, que não tem mais a minha vagina como um prêmio a ser conquistado, Caio ainda seguirá com as palavras sedutoras e promessas apaixonadas? Ou estou destinada a tocar o deleite supremo com a ponta dos dedos e depois ser afastada, como aquela que viverá a desejar, sempre, por coisas que nunca possuirá?

Caio toca o meu rosto e tenta secá-lo. Beija minha testa e tenta me abraçar, mas resisto. A face dele entra no meu campo de visão, e um sorriso, simples e emocionado, brota-lhe nos lábios.

— Não deixe que te firam jamais, Andreia. Nunca se esqueça de que, para mim, você sempre será perfeição...

A palavra me queima e o sonho se desfaz. Eu me levanto e lhe dou as costas, deixando-o ali, seminu, os braços ainda abertos dispostos a me acolher, querendo entender por que tomo, naquele instante, uma postura que o rejeita. Abaixo a cabeça e peço, antes que perca a coragem:

— Caio, pode ir embora. Você já teve o que procurava... Pode me colocar na sua lista de conquistas, pianista...

— Do que você está falando, Andreia? Enlouqueceu? Acha que todas as palavras que te disse hoje foram por um sexo rápido, sem compromisso?

Eu quero gritar que estou brincando, para ele vir ao meu quarto, mas as últimas palavras dele me batem, despertam a culpa e o pavor que resiste em mim... O que será de nós se, em algum momento, ele descobrir que estou longe de ser a perfeição que o olhar, nublado pelo afeto, insiste em ver. Que despida de vestes, exposta em peles, sou quebrada, incompleta, alguém capaz de lhe causar pena e não tesão? Por isso, para não cair em tentação, vou para o meu quarto... E da porta me viro pela última vez.

— Não acho que tenha falado isso por apenas algumas horas de sexo, Caio. Mas sim incentivado pelo mistério da conquista, pelo álcool, o ambiente festivo... Amanhã isso será apenas uma mera lembrança, cenas vagas de um momento em que ambos nos divertimos. Você já tem a sua dor. Duvido que desejará carregar a minha...

— Para de falar besteira, Andreia. Por que tem tanto medo de viver? Se me mandar embora, voltarei aqui disposto a tê-la ao meu lado amanhã, e depois, e depois... Se preciso for, eu te conquistarei todos os dias, como aqueles adolescentes que amam pela primeira vez. Quero que me conheça, Andreia, e que permita que faça o mesmo com você. Algo maduro, sem expectativas, sonhos ou aspirações. Deixa eu cuidar de você...

— Sabe o que aconteceu com o último homem que deixei cuidar de mim, Caio? Me destruiu... — ele pensa em me dizer algo, mas o interrompo. — Você disse que eu tenho medo da vida, Caio... Mas não é isso. Só passei tanto tempo morta que desaprendi a viver.

— Eu vou lutar por você, Andreia — ele se levanta e fica próximo... Demais. Penso em lhe estender a mão, mas hesito no último momento e afasto.

Prefiro acabar com tudo antes que veja como estou longe de ser a mulher que ele imagina. Ver a decepção naqueles olhos que me olharam com tanta vontade me mataria. Se nunca mais nos encontrássemos, este dia, desde a nossa primeira troca de olhares, já valeu a pena.

Com uma centelha de expectativa dentro de mim, aquela pequena criança que insiste em sonhar, mesmo quando tudo parece impossível, eu aceno a cabeça, oferecendo a ele o mal da esperança.

— Só peço que não seja hoje... Nem agora, Caio — ele me vira e toma os meus lábios pela última vez naquela noite. Apoio-me na parede, pois as pernas já não obedecem e acaricio seu rosto tão sedutor e convidativo. Caio sorri, sem barreiras, e eu retribuo, cheia de reservas.

— Boa noite, Andreia! Sonha comigo...

Fico apoiada na porta enquanto ele termina de se vestir, pega as coisas dele e se despede, fechando a porta da sala devagar, sem fazer ruído. Em pouco tempo, os sons que me circundam somem com ele, a música criada pelos nossos corações some, restando apenas o pesado silêncio dos que se punem.

Vou para o quarto e me encolho, pensando naquilo que gostaria de ser para um homem como Caio e nunca poderia. Dou vazão, até adormecer, às lágrimas e frustrações, o corpo já com saudades dele.



CONFISSÃO

O pior não era a forma com que acreditava no amor quando estava ao seu lado, mas sim como você manipulava, a seu favor, esse sentimento por mim idealizado. Pegava tudo e quebrava, partia e esfacelava, transformando minhas asas em grilhões decorados de promessas tão frágeis quanto cristais.

Quebradiça também se tornou minha vontade e autoestima, deteriorada por suas palavras e críticas. Lembro o quanto, após me ferir, você me acalentava com vãs palavras de afeto, frases a mim dirigidas não em tom de desculpas, mas para mostrar a importância da sua egocêntrica e perniciosa presença.

“Digo isso, porque te amo...”

“Eu só quero o seu bem...”

Nas poucas horas em que tinha um vislumbre de razão, e discutíamos, você invertia o jogo, despejando em mim todas as culpas, e eu me acostumara a vesti-las, tornando-me o eterno algoz, aquela que sempre buscava se corrigir... Sequer percebia que já havia deixado de ser eu mesma para me tornar sua sombra... Por fim, o projeto idealizado ganhava vida. Ainda bem que, com isso, aprendi a me despir daquilo que não me cabe, e devolver tudo que invade minhas salas ao seu verdadeiro dono.

E é o que estou fazendo agora... Com essas cartas... Essas sutis confissões.

Contudo, também sei reconhecer os meus erros e ver a minha insistência em ter o relacionamento idealizado e perfeito, já que o dos meus pais havia sido um verdadeiro desastre. Tola, criei uma imagem perfeita de você para os outros, quase vinda de um sonho, mantendo em portas cerradas toda a sua monstruosidade. Constantemente eu me diminuí e permiti que me vampirizasse, murmurando inúmeras mentiras, criando uma versão própria do mundo, alimentada por sua soberba maldade, pois não há palavra melhor para te

descrever...

Apesar de todos os bons momentos, você era um homem mau. E se sentia poderoso com isso.

Sabe, quando descobri a sua primeira traição, foi por acaso. Com certeza, devia ter feito várias vezes antes e cometeu muitas mais depois, mas, em meu íntimo, ainda existia uma versão deturpada sobre você. Era o cavalheiro nobre e gentil, disposto a me ensinar como ser a namorada ideal, dentro e fora da cama. Era a rosa idolatrada, sob a redoma de vidro, que cuidava e protegia, enchendo-a do mais puro afeto. Por isso, demorei a perceber o seu olhar distante, os gestos mais frios e a forma que, às vezes, ficava pensando... O olhar perdido, rodando entre os dedos o discreto pingente que parecia um rolo de filme. Adereço esse que surgiu em você de repente, cuja origem eu desconhecia.

Naquela época, por causa da correria da faculdade e compromissos familiares, nem sempre podíamos estar juntos. Você corria entre os cursos extracurriculares, não só na região, mas também nas capitais. Eu tendo de lidar com as adversidades da faculdade, mais a doença da minha mãe... Não tinha a quem me agarrar enquanto o chão sob os meus pés cedia. E foi num dia, no meu quarto, em pleno desespero, que gritei o meu pedido de socorro... Na tentativa de que me amparasse.

“O que está acontecendo, Marcos? Em que lugar o seu coração está quando eu preciso do seu apoio? Esse pingente no seu pescoço ganha mais atenção que eu...”, as palavras se derramaram ácidas pelos lábios afora. Foi nessa hora que você empalideceu e retesou o corpo, em alerta. Eu era submissa, mas não estúpida. Sabia discernir quando algo o atingia. “Tem alguma coisa para me dizer?”

Diante do seu silêncio, eu me apavorei... Nunca soube lidar muito bem com o desconhecido, com fatos e situações que fugiam do meu controle. Por isso, ao entender a situação que eu fingia não ver, as lágrimas surgiram incontroláveis pelos olhos... Neguei com a cabeça e indaguei com palavras secas se estava tendo um caso, esperando que talvez se mostrasse ofendido, emitisse contra mim alguma real palavra de ofensa, como se aquilo fosse um fruto da minha deturpada imaginação, mas nada veio...

“Há quanto tempo?”

“Não estou entendendo...”, tentou, por fim, arrumar uma desculpa, mas ergui o rosto, com ódio de você, por tratar com descaso tudo que tínhamos. E com raiva de mim por, mesmo diante de tudo, saber que não conseguiria caminhar sozinha, destruir aquilo que sentia contigo. O seu semblante voltara

ao normal, escondendo-se atrás da armadura de mentiras que habilmente tecia sobre mim.

“Um mês, dois, seis?”, me aproximei, ergui a mão e tentei puxar a corrente que lhe enfeitava o pescoço. Aquele foi o primeiro instante que você finalmente se mostrou, despiu-se das máscaras, ao agarrar meu pulso e apertá-lo. Permaneci indiferente à dor física, pois o que sentia em meu peito era bem pior. “Faz quanto tempo que está comendo a garota que te deu esse presentinho?”, tudo saía aos borbotões, dando forma à minha mágoa e frustração.

Como foi assustadora a mudança na sua face... Os olhos perdendo o brilho, o rosto tornando-se tenso e a boca transformando-se em uma linha reta e tênue.

Estava contrariado, pois não havia arrependimentos ali, mas sim o autodesprezo, por mostrar-se fraco, falho, por ter sido descoberto. Lembro como suspirou e me soltou, empurrando-me para o lado.

“Desde o Rio de Janeiro”, confessou, sem emoção na voz.

Sem forças, eu me apoiei na parede. Puxei na lembrança quando foi apresentar um projeto da faculdade na capital carioca. Me ligava de lá todos os dias, com um comentário sobre o evento do dia, cheio de cansaço, disposto a ir logo para debaixo dos lençóis. Mal imaginava eu que era acompanhado...

Nesse momento, o correto seria cortar os vínculos e excluir a sua existência da minha. Mas quem disse que o coração sabe discernir, solicitar a ajuda da razão? Eu só desejava me rasgar, sofrer, bradar o meu papel de vítima, com parte de mim querendo arrancá-lo da existência... Enquanto a outra, minha metade sombra, doente e contaminada pelo seu julgo, implorava que a culpa o fizesse voltar atrás e se tornasse o antigo homem que eu desenhara na imaginação. Um que constatei depois nunca ter existido.

“Quem é ela?”

Você tentava argumentar, mas eu repetia a pergunta em tom monocórdio, incessantemente. Até que cedeu e começou a me narrar tudo, sem hesitar, como se fosse um ato que não lhe pertencia, algo que sequer tivesse vivido. Narrou como, ao saber do evento de que participaria, começou a contatar pessoas de lá através dos aplicativos, em busca de uma emoção, um desejo que parecia amortecido em si... Algo que, segundo você, eu deixara escapar em nosso relacionamento, imersa na rotina e no comodismo dos dias — e não aos problemas que se acumulavam ao meu redor.

Confessou como a conhecera, a professora de psicologia madura,

exótica e mística, quase uma Mrs. Robinson pós-moderna, já que tinha 56 anos — uma grande conquista para os seus 20 e poucos... Me fez ver, através das palavras, cada um dos 7 dias que ficou na casa dela, em Niterói, e não no hotel, como antes mencionado... Como, ao sair do telefone, alegando cansaço, descobria prazeres que a maturidade feminina poderia proporcionar...

“E você está apaixonado por ela...”, eu o cortei, a voz em um suspiro, disposta a me humilhar se precisasse para tê-lo de volta. Mesmo que uma parte de mim sangrasse, tentando me impedir dessa insanidade.

“Por que diz isso?”, e como negar algo ao vê-lo acariciar novamente o maldito pingente entre os dedos, movimento frequente, gerado possivelmente pela saudade?

“Nega se for capaz, Marcos... Que estava pensando em como me largar para viver ao lado dela?”

“Eu não sei o que pensar, Andreia. Eu também te amo, sabe? Mas, às vezes, você só me cobra, exige e pede. Eu tenho de ser tudo o que espera de mim, e qualquer coisa que peço parece difícil ou complicado. Você me sufoca... Ela não.”

Analisei o nosso relacionamento ali, milhares de vezes, e não conseguia ver qualquer um dos meus atos com a insurgência que me lançara. Mas nunca pensei que você estivesse tentando salvar a situação cômoda em que vivia, com uma mulher fraca e manipulável à sua disposição. Por puro egoísmo e medo da solidão, eu constantemente me nublava para a verdade.

“Mas será que ela te ama mais do que eu, Marcos?”

“Eu não sei o que pensar, Andreia...”

“Bom, se pensa que vou brigar, gritar e tirar satisfações com ela, está enganado. Nós somos um casal, Marcos. Não temos quatro dias ou meses, mas sim anos de história, lado a lado, tecendo uma vida a dois. O que preciso saber é: se deseja ficar comigo ou ir embora, ao encontro dela. Estarei em paz com qualquer decisão que tome...”, eu era uma péssima mentirosa e você sabia disso. “Faça o seguinte: ligue para ela e conte a verdade: que sei de tudo e estou disposta a te perdoar, e a lutar por você. E a fazer esse relacionamento dar certo, com ambos aprendendo por esses erros. Explique a confusão de sentimentos e veja se ela está disposta a lutar. Não percebeu, meu querido? É apenas um garoto que lhe ofereceu uma foda de verão, um corpo jovem, sem responsabilidades, fresco e rijo, com o qual ela se fartou durante sete dias... Quanto ela pagou desse presentinho, comprado em alguma loja de bugigangas?”

“Acha que ela não é capaz de sentir algo por mim, Andreia?! Eu a vi, os olhos dela sobre mim, o modo com que gemia chamando meu nome. Ela não reclamava de posições, me dava toda hora, sempre que queria. Me chupava até me fazer gozar e bebia de mim como se fosse um vinho exclusivo. Arrebitava aquela bunda gostosa para mim e me dava sem pestanejar. Era uma mulher, ao contrário de você, uma menina cheia de pudores. Estou longe de ser um troféu para você ostentar. Sou um homem e quero ser tratado como um.”

“Para que eu te trate como um homem, aja como um. Faça o que te pedi e venha com uma decisão... Ou tenho alguém do meu lado, ou estou sozinha...”

Foi a primeira vez que eu te tirei da minha vida, mesmo que por algumas horas. E aquilo doeu, tirou o meu ar, a vontade de viver. Os planos futuros, que não imaginava vivenciar sozinha, caíram por terra, tamanhos os nós que me prenderam a você. Me sentia podre, despedaçada, incapaz de segurar o homem que me amava, que, mesmo sem perceber, fora incapaz de manter o final feliz imaginado. A solidão já me acercava, como um abutre à espera da minha carcaça... E isso era enlouquecedor.

Mas aguentei firme, sem procurá-lo, mordendo as mãos para conter os gritos. Imagino, hoje, se tivesse ido embora naquela ocasião, o quanto minha vida seria melhor.

Mas não foi isso que aconteceu... Você voltou naquela mesma noite, em lágrimas, completamente diferente do homem que saiu. Pediu-me perdão e disse que estava certa. Prometeu ser o homem que eu merecia e me provaria isso todos os dias. Beijou-me antes que eu protestasse e me despiu com fome e zelo. Assim que colocou os lábios em meus seios, fez meu corpo urgir de saudade, o sexo latejar, proporcionando-me inúmeros orgasmos com a língua antes de me penetrar, só parando quando minhas pernas estavam amortecidas. Calou a minha razão através da passional comunhão entre a carne e o desejo.

Por isso, quando me pegou entorpecida, com a guarda baixa e disse, seguro de si, que gostaria de deixar o passado para trás, me pedindo em casamento, eu aceitei. Pois você era a minha droga mais nociva, a que me destruiria...

O que não percebi foi que a dor que eu sentira antes não era pela falta daquele amor cruel, mas sim a alma se livrando do veneno maldito e viciante que você se tornara... Algo que me matava dia a dia, minava as minhas vontades, tirava-me a razão... E eu achava que estava tudo bem.

Pois a morte mais cruel é aquela que nos massacra aos poucos, que

*nos tira tudo. A que vem revestida de uma falsa ilusão de amor.
Algo que você sempre soube fazer com maestria.*



9

Desperto aos poucos, recoberta de vazio. O meu corpo, até a noite anterior acostumado a se proteger com a solidão, dói, sente frio, rebela-se, como se tentasse punir a mente por voltar à irritante fragilidade no momento errado, mandando Caio embora, desdenhando do desejo e dos sentimentos que ele mostrava sentir. Entretanto, como confiar em conexão tão momentânea?

Serei eu capaz de acreditar que um homem como aquele, tão poderoso e belo como uma divindade africana a ser reverenciada, colecionador de mulheres — pelo que pude ouvir na conversa dele com Nana — se jogaria aos meus pés, com tamanha devoção, após tão breve e intenso contato? A vida me tornou cética, e longe do calor do momento, tudo perde a aura mágica, aquele clima de *romance de banca* que sonhamos em ter na vida real.

Eu me reviro no lençol e esfrego as coxas, a presença daquele homem em mim como uma aparição. Assombrada pela paixão com que os dedos longos tocavam o piano, o toque suave, mas apaixonado com que passeava pelas teclas, nas duas ocasiões em que o vi transformar a normalidade em glória através da música.

Na primeira ocasião, era o anjo negro, perturbado em confronto com mágoas e sentimentos ocultos, flor fechada em luto, semente rígida relutante em florescer, cores frias e tons cinzentos sem definição a respingarem à volta dele. Na segunda, não... Era oposto, livre de opressões, dedicando cada nota a mim em tons quentes, amarelo e laranja, púrpura e carmim, na boca ainda o gosto do beijo, na pele o anseio em senti-lo. Derramava-se além das palavras, mostrando aquilo que sentia através de cada nota que ressoava. Mal distinguíamos a voz de Tamianara, que tentava macular os laços, romper os vínculos, com sedução na voz. Ele me tocava por inteiro...

Passo as mãos pelos lábios, toco o rosto com a maquiagem borrada e aspiro o aroma da minha pele, ainda com o cheiro do nosso suor, meu e dele, criando algo único, agri-doce assim como, pelo que pude perceber, são as nossas trajetórias. E nada mais lógico que o coração aproveitar a oportunidade e se aliar

à carne para contrariar a minha fria mentalidade, fazendo-me estremecer com resquícios das sensações produzidas pelo nosso último encontro.

A barba baixa, áspera, sobre o meu sexo, contrastando com a língua macia, os olhos amendoados a me fitarem, o peito negro com os mamilos escuros, subindo e descendo no arfar do corpo, e o pênis... Ah, imenso e libertador instrumento a me invadir a boca, a pulsar em mim e adentrar o meu íntimo me fazendo gozar. Anseio por mais, em despi-lo por completo, em cravar as minhas unhas naquelas costas largas, ver o movimento das nádegas rígidas enquanto transforma a perda em ressurreição, a morte que existe no meu âmago em vida.

Ah, Caio, por que invocou aquela que jazia dentro de mim?! A que sonha, anseia, deseja romances e finais felizes? A que não se contenta mais em ter orgasmos solitários, apoiada nos homens utópicos da imaginação?

Pego o travesseiro, cubro a cabeça e grito. Com toda a força que há em mim. Exorcizo o anseio, a frustração e a culpa. Tento expurgar tudo em que ele me transformou, qualquer esperança de recomeço, para não me cercar de ilusões. Proíbo-me de fantasiar coisas com alguém que é apenas uma mera impressão, uma ideia fugidia a me atormentar.

Posso estar errada, e perceber, no decorrer do tempo, que cada ação, palavra e reação de Caio são reais, que não sou mais uma conquista momentânea, como ele afirmou... Todavia, pelo modo em que as coisas ocorrem na vida real, tenho grandes chances de estar certa.

Minha voz só diminui quando sinto um suave toque no meu ombro. Tiro a cabeça do travesseiro e encaro Nana, que não tenta me crivar de perguntas com o jeito costumeiro. Espera que eu me acalme, respire controladamente e dê à minha voz a firmeza necessária para continuar.

— Eu o mandei embora, Nana... — é a primeira coisa que confesso. Na mesma hora a sinto se retesar.

— Ele te fez alguma coisa?

— Várias...

— Aquele ordinário te ofendeu, machucou você? Se fez isso, eu o encontrarei para picá-lo em mil pedaços! — Ela ameaça se levantar, mas eu a seguro.

Tento reter o sorriso que me brota nos lábios ao ver minha amiga tão enfezada. Se Nana fosse um desenho, nessa hora soltaria fumaça pela cabeça. Da mesma forma como me identifico com o urso melancólico e guloso da camiseta que estou usando, eu a identificaria com o tigre, amigo dele, hiperativo e

múltiplo, sempre disposto a resolver as coisas de forma instintiva. Eu a faço me encarar e tento explicar, sem ficar vermelha.

— Amiga, ele me deu o melhor orgasmo dos últimos anos. Se bobear, de toda a minha vida... — a fala vai sumindo conforme é anunciada, até se tornar apenas um sussurro.

Ela me olha espantada, por um instante, assombrada, como se eu tivesse me transformado de repente em um unicórnio ou em alguma outra criatura mítica que povoa a imaginação humana. Depois começa a gargalhar, alto, o corpo a se retorcer na cama de forma desregrada. O rosto fica vermelho, os olhos se enchem de lágrimas e a encaro, sem saber o que pensar... Nana tenta se conter, toma fôlego e busca mais informações.

— OK... Deixa eu ver se entendi... Aquele negrão gostoso da porra, depois de te beijar loucamente em uma festa, e aparecer aqui se mostrando todo apaixonado, finalizou a noite te pegando gostoso, fazendo com que gozasse como uma doida?!

— Sim... — nada melhor do que ver as coisas sobre o ponto de vista dela.

— E depois de tudo isso você mandou o cara embora? — começo a assentir, mas ela me interrompe dando um grito que me faz estremecer. — ANDREIA, VOCÊ ESTÁ LOUCA?!

Penso por um momento, ao ver as coisas tão diretamente mencionadas, como minha escolha parece mesmo sem noção. Contudo, ao pensar em como Caio me vê, sem máculas, só faz com que note o quanto, diante dele, eu sou quebrada, deficiente...

Após tanto tempo, aprendi a me amar, a me manter resguardada em meu canto escuro, lidando com os laços de amizade e afinidades. Reconheço em mim os defeitos e tento ignorar as marcas, mantendo a distância necessária para evitar que invadam o meu espaço tão fragilmente estruturado.

Pelo menos, até ontem... Caio me pegou desprevenida, e chegou sem aviso, arrebatando portas, destruindo paredes, tirando o pó de locais há muito abandonados... Quando eu dei por mim, já era tarde demais.

— Ele falou que eu era linda, Nana... Perfeição, foi a palavra que sou... Como posso deixar que ele se aproxime de mim, amiga?

É impossível conter a frustração e o desprezo na minha voz. Nana se espanta com as palavras, e vejo, por um momento, os olhos dela refulgirem em lágrimas.

— Imagina quando ele souber toda a verdade... O que aconteceu

comigo, aquilo em que me tornei?! Por mais que lute todos os dias, partes de mim nunca serão consertadas... Sempre terei algo faltando, incompleta. Ninguém gosta de levar para casa um produto quebrado...

— Pare de falar besteiras, Andreia!

Em um gesto instintivo, ela se afasta de mim e me chacoalha. Minha cabeça se desgoverna e eu me calo, assustada. Vejo que minha amiga chora, de verdade, ferida pelo momento depreciativo e cheio de autocomiseração que insisto em deixar aflorar de vez em quando.

— Chega! Pare agora mesmo de ser vítima de si mesma. Acha que só você tem problemas, traumas e receios? Você não foi a primeira e nem a última a ser ferida por uma história como essa. A questão é: o quanto vai deixar ser escravizada por isso e por quanto mais permitirá que seu ex-marido mande na sua vida?

Tento me defender, mas ela me interrompe:

— Marcos pode não estar aqui, mas há ainda vestígios dele em você, *te* algemando, sabotando-a, impedindo de ser feliz. Ele é como uma doença que te corrói, e mesmo que saiba que tem a medicação certa para o erradicar de vez, parece que hesita. É como se tivesse medo disso, como se, ao arrancá-lo, não tivesse nada mais para preencher o vazio.

— Olha para mim, Nana! Eu sou uma casca, um projeto de mulher inacabado... Como alguém como o Caio pode me querer? — soco o peito com força, repetidas vezes, na tentativa de que a dor física cale a emocional.

Parece que me sufocarei, sem ar, tamanha a sensação de opressão que me toma. Por isso, não paro, por mais que minha amiga peça. Até que ela se cala e me canso, sabendo que aquilo só fará mal a mim mesma. Nana pega então meu punho com delicadeza e o beija.

— O Marcos te dizia isso, Andreia. Era no que ele gostaria que acreditasse. E conseguiu... Sabe como eu te vejo? Uma mulher linda e inteligente... Sobrevivente. Alguém que aos poucos se refaz, e que admiro todos os dias. Tem um passado, uma história muitas vezes cruel e desumana... Mas quem de nós não tem? Quanto conhecemos um do outro para julgar que nossa dor é maior ou que merece ter mais pranto? O que nos torna melhores não é o quanto sobrevivemos à dor, mas sim com quanto desapego a deixamos ir permitindo que coisas melhores surjam em nosso caminho... Lembre-se sempre disso, ok?

Aceno com a cabeça. O ar volta aos poucos e me aconchego novamente nela.

— Agora me conta tudo, desde o começo. Adoro um bom drama... Só vai faltar a pipoca, apesar de não ser saudável a essa hora da manhã... — o tom debochado na voz se faz novamente presente.

E eu o faço. Narro sobre o encontro na estação, e nossa inusitada e reveladora conversa na festa. Analiso os sentimentos em voz alta, e a forma com que me senti após o nosso encontro... E, por fim, menciono como, em nenhum momento, ele vacilou, e prometeu que lutaria por mim...

— Sou obrigada a assumir que estou com um pouquinho de inveja agora... Caio, literalmente, superou todas as minhas expectativas. O cara realmente se apaixonou à primeira vista...

— Essa intensidade que me assusta. Como alguém pode ser um colecionador de calcinhas e logo em seguida se torna o mais dedicado e apaixonado cavalheiro? — O receio de me lançar ao desconhecido, mesmo se for por uma aventura, *me* apavora.

— Colecionador de calcinhas? — Nana começa a rir. — Pensei que a noite passada, você tinha ficado com o Caio, não com o Wando... *Você é luz, é raio, estrela e luar...* — começamos a rir juntas.

— Você me entendeu, Nana.

— Sei que peguei pesado com ele ontem, Andreia...

— Pegou mesmo — ainda me lembro dela rodeando Caio como um cão bravo, disposta a me defender.

— Se ele não te quisesse, de verdade, acha que viria até aqui? Mais ainda, perderia tempo ouvindo todo aquele discurso de mãe-amiga-irmã superprotetora?

Nana não deixa de ter razão.

— Ontem, durante a festa, se visse o jeito como ele ficou quando me encontrou no meio da multidão, sozinha, após ter te colocado no táxi... Devia estar te procurando há um bom tempo. Quando eu neguei com a cabeça, e Caio compreendeu que tinha partido, o rosto dele perdeu a luz. Era como se tivesse sido abandonado, entende? Estava de pé, sob os aplausos do povo, com Tamianara se debruçando nele, um dos braços enroscados, tentando mostrar que ainda havia algo ali, mesmo depois daquele beijo. Foi questão de segundos para a voz dele se fazer ouvir, e o controle se desfazer. “*Me solta*”, o Caio gritou, desvencilhando-se dela, e todo mundo ficou naquele silêncio incômodo.

Consigo ver toda a cena na minha cabeça, e não sei se fico triste por ele, ou, em um gesto egoísta, feliz por mim.

— Caio a deixou sozinha, plantada no palco, enquanto foi ao balcão

beber. Ficou lá a noite toda.. Vigianto-me, pelo jeito, pois antes de entrar na garagem daqui do prédio, ele parou diante do carro, parecendo um *stalker*. Foi quando percebi que tinha me seguido... E mesmo que tenha achado a atitude dele a mais insensata do mundo, resolvi deixá-lo subir... Porque o jeito que você brilhava para ele... Ah, fazia muito tempo que não te via tão feliz.

Será que é esse o sentimento que borbulha dentro de mim e não consigo identificar? A cada momento mais dúvidas me tomam, em vez de respostas. Ainda não sei qual o próximo passo dar, sequer tenho a certeza de que as promessas de Caio são reais. O que posso fazer é deixar as coisas acontecerem e, na hora em que a decisão estiver em minhas mãos, tomá-la.

— Obrigado, minha amiga. Bom, as minhas palavras não podem mais voltar boca adentro. Foram ditas e lançadas ao universo, assim como as dele... Se nossos caminhos voltarem a se encontrar, tentarei fazer o que meu coração mandar.

— Já é um começo... Mas algo me diz que ele voltará a te procurar mais cedo do que imagina — ficamos em silêncio por um momento, antes de Nana sair da cama. — Agora, saia um pouco, dê uma volta. Ficar trancada aqui dentro não adianta e nossa próxima reunião sobre a peça é só amanhã, antes de você ir embora. Essa sua insistência em voltar para Ribeirão Preto me cansa...

— Você sabe por que eu fico lá... — já discutimos isso tantas vezes que perco a conta.

— Eu sei... Mas quando quiser, também pode morar aqui, comigo — aquilo não me convence.

— Você não me deixaria dormir, com homens entrando e saindo desse apartamento. A Jiboia é insaciável — começo a rir quando ela me joga uma almofada.

— Por falar nisso, vou almoçar mais um hoje. Na verdade, daqui a pouco. Um dos músicos da orquestra de câmara... O violinista — o olhar de predadora esfomeada não me engana.

— Aquele loirinho?! Nana, ele parece que nem tem idade para tirar habilitação!

— O que me importa é que ele saiba pilotar essa máquina aqui. Portanto, vai passear, mulher!

Levanto-me e a beijo na bochecha.

— Ordinária! — falo e corro antes de ouvir algo bater à porta.

Algum tempo depois, agradeço ao motorista e desço no meu lugar preferido em toda a cidade. Um dos prédios mais conhecidos da Avenida Paulista, o MASP – Museu de Arte de São Paulo, abriga nas mostras itinerantes e na exposição fixa a arte em toda diversidade. Inclusivo e plural, faz com que viajemos no tempo, inspirando-nos não apenas na arquitetura diferenciada do prédio construído em 1968, mas nos pedaços da história ali expostos. Nas estátuas, pinturas e objetos não vejo apenas obras de arte, mas pessoas que se inspiraram no próprio tempo em que viviam, com as próprias dores, desilusões e conquistas para encontrarem a própria voz.

O MASP e eu somos velhos conhecidos. Esse prédio é meu porto seguro, a certeza de que as cores e formas não se desvanecem com o tempo. É aqui que venho quando preciso pensar, deixar a mente fluir e ver a minha vida como se fosse um grande quadro. É entre essas paredes modernas, em meio ao aço e ao vidro, que dou um passo para trás e vejo a existência em todas as vertentes. Passo por esses andares incógnita, mais uma transeunte entre tantas, um corpo sem nome ou história, ouvindo os ecos do passado das obras clássicas, junto aos gritos da arte contemporânea.

Aos poucos, ali eu me sinto em paz.

Impreterivelmente, o meu passeio sempre termina no mesmo lugar: diante da estátua da *Vênus Vitoriosa*. A mulher esculpida em bronze por *Pierre-Auguste Renoir* parece tão senhora de si, pisando sobre as vestes, expondo-se nua, carregando em uma mão o traje que despreza, e na outra o fruto do pecado, a culpa que a sociedade insiste em nos impor. Para ela, é como se aquilo não tivesse importância ou peso, desfazendo-se por fim daquilo que a oprime. Aquela peça, maior que eu em tamanho e tempo, é tudo que eu almejo ser. Plena e dona de mim, sem me importar com o que pensem.

— É assim que te vejo... Uma deusa, carregando o meu coração entre as mãos — algo destoa dos meus pensamentos. Não é possível... Aquela voz? Como ele me descobriu ali? — Eu te disse que não desistiria. As palavras de ontem não foram ditas por um bêbado, alguém que só queria um momento de prazer ao seu lado.

As mãos me enlaçam a cintura com gentileza e a voz ressoa ao meu ouvido. Estremeço.

— *Me* deixe entrar na sua vida, Andreia. Por que resistiremos um ao outro?

Ele me conduz, girando-me na sua direção. Nossos olhos se encontram, e, mesmo que esteja cercada de anseios e medos e que tudo esteja

indo rápido demais, sei que é impossível lutar contra o que habita em mim. Por isso, eu o abraço, e deixo que minha ausência de palavras conte a ele tudo que eu preciso.



10

Silêncio nunca é falta. Quando deixamos as palavras de lado e tudo à nossa volta parece se aquietar, é quando damos atenção aos mínimos ruídos: o farfalhar das roupas, o barulho do vento, o palpitar dos corações... Navegamos além do sentido, percebendo coisas que na rotina deixamos de lado, dando vazão à importância dos gestos, do contato, entrando em sinergia e compartilhando emoções que fogem ao som das palavras pronunciadas.

Por mais que o mundo esteja em caos, no eterno ruído inconstante, ali, abraçados, Caio e eu permanecemos sem nada dizer. Aconchegada no peito dele, em meio ao tecido vermelho da camisa, sou inebriada pelo perfume amadeirado que casa tão bem com a sua pele, sentindo os dedos me tocando levemente as costas, talvez com medo de que me parta se apertar demais... Ou talvez esteja disposto a me amparar caso caia no chão.

— Cada vez que me empurrar, eu me aproximarei mais. Quando me xingar, eu te lembrarei de como os elogios são bons. Se tentar me ferir, eu te darei prazer. Sou o oposto, sou aquele que atrai, seduz e cura. Não vou fugir ou te abandonar... Sequer surgi na tua vida para te magoar... Estou aqui para te lembrar que a felicidade existe, Andreia... Mesmo que as pessoas, durante o correr da vida, afirmem ou nos mostrem que ela é impossível, inalcançável.

Ergo o rosto e passo a encará-lo. Sob a luz branca do museu, eu o vejo sem nuances ou omissões. Os cabelos crespos, cortados rente... A pele negra e imaculada, tão macia ao toque... O nariz sinuoso com a ponta arredondada e o queixo forte, quadrado, escondido pela sombra da barba escura, em sintonia com a boca vermelha carnuda, guardadora de um dos sorrisos mais lindos que já conheci.

Ele usa dois brincos de brilhante nas orelhas, o que o deixa mais parecido com um *rapper* americano do que um pianista clássico. No entanto, o que mais me chama a atenção são os olhos, mel insondável, misterioso, indefinível e oscilante. Em algumas horas mostra uma dor imensurável, em outras um desejo incalculável. Agora, eles só me mostram ternura... Mas

independente do momento, neles sempre vejo uma constante... A verdade.

Caio é mistério, impulso e emoção. É como se algo divino rasgasse a realidade e o colocasse em meu caminho, num rompante, o homem que pertenceu aos sonhos de menina, demonstrando um volume de sentimentalidades e, em menos de um dia, o que certos casais levam anos para afirmar. Isso quando conseguem...

Como, mesmo que deseje, posso acreditar com todas as minhas forças que isso é real? Eu devia temê-lo, fugir da sua presença, vê-lo mais como um obcecado, um homem que perdeu a sanidade por algo impronunciável... Contudo, não quero fugir daqueles braços, da boca que me convida a loucuras, do corpo que me tira o eixo. Caio me permite sentir... E isso não tem preço.

Eu sei que preciso resistir ao impulso de dar o salto no escuro que os insensatos fazem. Permitirei sentir em conta-gotas, pouco a pouco, até que a certeza me preencha, colando finalmente os cacos que faltam, e eu consiga me mostrar sem vergonhas, medo ou barreiras. Aprender não apenas a aceitar quem eu me tornei, mas também que outros olhos me percorram, sem fraquejar diante de julgamentos que possam vir.

— Você me fala sobre amor como se fosse uma realidade, Caio. Não vê como essas palavras são descabidas, como tudo soa implausível? Há poucas horas nem sabíamos da existência um do outro... E agora insiste em dizer que lutará por mim, que reconhece a dor que insiste em morar em meu peito e ainda parece disposto a erradicá-la. O que sabe de mim, o quanto me conhece? — Tenho de falar, tirar do caminho todas as dúvidas que me assolam, destituir-me do pilar divinal que ele me colocou.

Se esta história seguir adiante, não quero ser um animal ferido disposto a ser salvo, mas sim uma mulher querendo e merecendo ser amada.

— Andreia, não penso no nosso encontro como algo fortuito, inesperado. É mais como um reencontro ansiado, destinado a acontecer... — tento me afastar, mas as mãos permanecem em mim, de forma carinhosa, mas firme. — E um dia você concordará comigo, no momento certo. Quanto a essa conexão — o rosto se aproxima do meu, a barba sobre a minha face, passando na pele, provocando arrepios —, sou obrigado a discordar. Não é necessário conhecermos alguém para nos apaixonarmos. Nós nos declaramos e criamos expectativas das impressões, imagens criadas por nossas emoções daquilo que desejamos. O verdadeiro amor só desabrocha ou se desfaz com o tempo, quando os traços do sonho se desfazem e a realidade se mostra crua, com toda a dor e prazer que o casal se dispõe a compartilhar, numa conquista diária.

Há imensa certeza nas palavras, verdades que parecem vir das lições de um sábio ancião, e não de um homem que sequer chegou aos quarenta. Ele não continua a falar, à expectativa, como se esperasse cada uma das minhas desculpas e medos para refutá-las.

Sinto apenas o ar quente em meu pescoço, um pequeno farfalhar que me acende todo o corpo, culminando no ponto secreto que reside entre as coxas. *Como vencer essa luta interna que me divide? De que forma unirei a racional que recusa a se entregar, à emocional, que insiste em se jogar nessa história e à carnal, que grita de fome e volúpia?*

Preciso encontrar um equilíbrio em mim.

— Se aquilo que fala sobre mim é uma mera impressão, o efêmero sonho ansiado em noites de lençóis frios, entre as inúmeras mulheres que passaram por sua cama, já te aviso que está começando errado... Estou longe dessa perfeição que insiste afirmar. Sou como um vaso quebrado, colado errado, com todas as pontas dos cacos voltados para fora. Sou irregular, desconectada, ínfima e desconhecida... Eu me vejo como um fantasma, um eco de uma mulher que existiu... em outra época, onde era capaz de ver a leveza dos dias e acreditar em doces amanhã.

— O que é perfeito para você, Andreia? — a boca dele sobe e me beija a testa. Desce então aos meus olhos e os toca um a um, como se sorvesse as lágrimas que me embargam as palavras, mas se recusam a sair.

— As cores que passam pelos meus dedos, os detalhes sutis da natureza, a arte que perdura os séculos, todas as coisas que alegam o coração e fazem esquecer da sombra que nos cerca — digo e me viro, ficando novamente de frente a Vênus. — Essa estátua, para mim, é perfeita...

— E o que te difere dela, do simbolismo por esta escultura aqui representada?

Contenho-me para não começar a gargalhar no meio da sala. Olho para um dos lados, e, no final do corredor, o vidro me reflete. Os cabelos soltos a ocultar parte do rosto, o *cardigã* cobrindo a blusa preta, sem estampas. A calça que não acentuam as curvas do corpo e o tênis em tons sóbrios. *Existe algum traço da gloriosa deusa ali retratada em mim?*

— Não me faça rir, Caio. Ela carrega nas mãos o conhecimento e se despe de rótulos, julgamentos ou máculas. Exibe-se plena, sem vergonha. Estampa a vitória no peito. Caminha em direção à luz, enquanto eu... Eu apenas me escondo.

— Eu não vejo assim — noto que ele percebe o meu reflexo e me vira

na direção do vidro. — Ambas, estátua e mulher, são vencedoras de seu próprio tempo. Carregam, em suas formas, pequenas rachaduras, deformidades ou ranhuras que os outros, e o próprio tempo causou, mas são exatamente essas histórias que as tornam únicas.

Caio me abraça por trás e beija o meu pescoço. Gemo baixinho e, na mesma hora, sinto-o enrijecer sob a calça.

— Eu vou te decepcionar, Caio... Em algum momento, isso acontecerá. Escolher ficar comigo como tanto deseja é caminhar a passos lentos, com alguém ainda inconstante. É insistir em se relacionar com alguém que nem mora aqui... Será que conseguirá desejar uma mulher que ainda não tem coragem de se mostrar nua para você? — tento confessar mais coisas, abrir o coração e lhe expor a cruel verdade, mas me contenho.

— Deixe que eu sofra, *me* desiluda, caia... Como é possível fortalecer algo sem percalços, Andreia? Estou disposto a caminhar no seu ritmo, mostrar-lhe aos poucos como tudo aquilo que acha ser defeituoso, alquebrado e digno de pena são exatamente os pontos que realçam aquilo que há de melhor. Todas as chamadas imperfeições que te rodeiam te transformam, aos meus olhos, nessa mulher especial e valiosa. A minha pergunta é: está disposta a tentar?

Enquanto hesito, Caio morde minha orelha, e meu sexo estremece. Não existe outra resposta a não ser...

— Sim, eu quero...

Nessa hora, abro os olhos e vejo que um guarda se aproxima, na sutil tentativa de que possamos nos conter em público. Então, nós nos afastamos e Caio murmura um sutil pedido de desculpas, antes de me puxar pela mão em direção aos elevadores.

— Vamos almoçar — convida. Assinto, enquanto o ascensorista nos conduz ao nível mais baixo do museu.

Nesse nível, além do delicioso restaurante pertencente ao espaço, temos posições itinerantes e a sala de exibição em vídeo, sempre com alguma mostra audiovisual. Como estamos durante a semana, o lugar está quase vazio. Os únicos transeuntes que passam são os que vão direto para a área de alimentação, ignorando, muitas vezes, as atrações ali expostas. Caio me pega pela mão e circula, cobiçoso, entre as pinturas, com um sorriso malicioso assomando a face.

Ao ver o título da mostra, fico vermelha. O tema não poderia ser mais instigador para duas pessoas que lutam contra o desejo que ameaça os invadir naquele exato momento: *Profano e Libertino, o sexo através dos tempos*. Sem ar,

tento demovê-lo e caminhar direto para o restaurante, mas ele se recusa.

Meu pianista — uma vez que o aceitei em minha vida, acredito que posso pensar nele assim, não é mesmo? — me conduz pelos corredores, entre quadros cheios de lascívia, gravuras e fotografias com pessoas nas mais diversas posições. Uma coleção de fotos, inclusive, chamou minha atenção: pessoas dos mais diversos gêneros e idades, com instantâneos tirados na exata hora em que o orgasmo os alcança. Fico imaginando o momento para cada um, o instante em que toda a racionalidade e os sentidos somem, dando espaço a sensações que nada é capaz de definir.

— Nunca vou esquecer o seu rosto ontem, quando gozou comigo... — Caio provoca, incauto. Parado ao lado, desce as mãos pelas minhas costas e me pega pela bunda, mostrando o lado possessivo dos amantes. — Estou ansioso para ver mais uma vez...

A devassa que existe em mim desperta, incitada não apenas pela provocação, mas pela expectativa do lugar público, do proibido, do possível flagrante. Olho de um lado para o outro, e ao ver que estamos sozinhos, puxo-o pela boca e mergulho no beijo.

Fome, vontade, gosto de menta e promessa, a língua que invade, líquida e sólida a me invadir as bochechas, roçar os dentes. Aprofundo-me e deixo que me puxe na direção do corpo rígido, enquanto, belicosa, uso a outra mão para lhe abrir o zíper e enfiar a mão dentro da sua calça. Ultrapasso a barreira da cueca e lhe sinto a carne e o modo como pulsa ao receber o sangue, cresce e enrijece para me levar a plenitude. Passo a ponta das unhas na borda da glândula e Caio geme, o som vindo para dentro de mim, pequena degustação do que está por vir.

Aos poucos cesso o contato. Diminuo o ritmo dos lábios e o deixo novamente em repouso. Fecho o zíper e o deixo a marcar na calça, prestes a estourar. Finalizo com um casto encostar de lábios, tal qual uma menina fogosa que desperta em si a curiosidade do coito. Inquieta, provocativa e insaciável.

— Agora, vamos almoçar! — sussurro-lhe próxima a orelha.

Pego-o pela mão e começo a conduzi-lo vagarosamente ao local pré-determinado. Sei que, nesse momento, o rosto negro deve estar úmido de suor, os lábios inchados pelos beijos. E os olhos... Ah, estes querem fazer comigo as mais deliciosas fritações. No entanto, evito de olhá-lo, pois nessa hora o vejo como a lendária górgona, capaz de petrificar as minhas vontades com apenas um contato.

E o que devia ser o motivo da minha conquista, acaba se tornando a

causa da ruína. Focada apenas no próximo passo, não percebo que estamos passando pela sala de vídeo, um discreto vão, tomado pela semiescuridão. Sem pensar, ele me puxa para aquele interior, transformando o espaço em nosso mundo secreto. Tento protestar, mas não tenho tempo, pois a boca dele volta a devorar a minha, enquanto a mão dele me abre a calça, retribuindo a provocação causada.

Mal consigo discernir se há alguém na sala. Em vislumbres, noto várias cenas sensuais passando pelo telão, o erotismo e a sexualidade que nos permeou através do cinema, da televisão e do teatro, embalados pelas provocantes letras de *Justify my love*, da Madonna.

“Wanting, needing, waiting

For you to justify my love

Hoping, praying

For you to justify my love^[3]”

— Como não achar perfeita essa boceta que abre para os meus dedos. Que se molha inteira para mim? — A voz dele me confessa, já sem pudor.

Esqueço onde estou enquanto ele massageia o meu clitóris, ambos os corpos apoiados na parede. Abaixo a calça e a calcinha até o meio das coxas e afasto as pernas, facilitando a entrada. — Como achar errada essa boca que me beija com tanta paixão e geme de forma tão deliciosamente desavergonhada?

Não espero. Cercada de urgência, vou na direção do botão da calça de Caio e a abro, abaixando as calças e libertando o membro cobiçado sem delicadeza ou pudor. Eu o afasto em um empurrão e deixo de lado a civilidade educada que me rodeou até ali.

— Quero que você me foda... Agora...

Dou-lhe as costas e arrebito a bunda, as pernas afastadas, pronta para ser devorada. Ele me deixa na expectativa por alguns segundos, para colocar o preservativo e me segura pelas ancas. Sinto a glândula abrir caminho entre os grandes lábios, pouco a pouco, conquistando minha carne, oferecendo-me prazer como nunca houve antes. Caio começa a se movimentar, com delicadeza. Entretanto, esse momento, não pertence aos que anseiam por romances e gestos gentis, mas sim aos que sentem a fome lhes devorar as entranhas e o desejo lhes cegar onde a urgência prevalece.

— Me pega com vontade, Caio. Mata a minha fome de você! — peço e ele obedece, em estocadas profundas e longas, empurrando meus quadris para frente, encostando-me o rosto na parede.

Somos tomados pelo clima proporcionado pelo ambiente, pela música,

rendendo as nossas vontades como parte da exposição, celebrando o profano ato advindo do sagrado sentimento que começa a surgir em nós. O prazer, vindo em ondas cada vez mais intensas, atinge o ápice e eu alcanço o êxtase, com ele em seguida, nossas vozes se unindo ao langor da canção lasciva.

Caio me encosta na parede, sem tirar o pênis de dentro de mim. Seminus e encaixados, as mãos dele procuram as minhas e os dedos se entrelaçam. Ele me beija no rosto e me sussurra a mais linda constatação que posso ter:

— Viu como somos perfeitos juntos?

Minha respiração para por um instante e, por um momento, nada mais parece importante.



11

Quando fecho a porta do apartamento, na volta, os cômodos já se encontram cobertos de sombras, e ao meu redor reina o silêncio. Caminho lentamente, um sorriso pronto a fugir pelos lábios e uma sensação imensa no peito, algo que não sei como conduzir ou definir. Não me incomodo que os cabelos estejam soltos, desgrenhados e o batom há algumas horas tenha deixado de residir nos lábios. Com espanto, analiso que as mãos de um homem me deixaram com o corpo dolorido, mas em vez de me transformarem em lixo, fizeram-me vislumbrar o infinito.

Eu sei o nome do que sinto, mas tenho medo de sonorizá-lo, dar forma e força... transformá-lo em som e, com isso, deixá-lo ir embora... É algo que havia esquecido a sensação, *me* desacostumado... Essa euforia no estômago, a gargalhada que vibra na garganta, o fato do medo se tornar insignificante e a imagem de Caio brincar entre os meus olhos, fazendo-os brilharem.

— Eu estou feliz... — sussurro, com medo de ter me enganado, mas o coração acelera, despertando-me uma vontade de dançar pela casa.

Vou até a janela da sala e repito aquelas palavras, diante das luzes dos outros prédios, como se contasse àquela metrópole, aos milhares de habitantes que se encontram ali, o meu segredo. O medo é enxotado, já que não cabe mais dentro de mim, e começo a pular, deixando que o sentimento tome conta. Comemoro, efusiva como uma criança, em uma dancinha completamente desengonçada de vitória. E é assim que estou quando um barulho vindo da cozinha me chama a atenção. Na esperança de ser Nana, corro ansiosa para lhe contar a novidade.

Contudo, ao contrário do que imagino, ao chegar ali, fico tomada pelo espanto, estática, ao me deparar com, em vez da minha amiga, o *garoto* dela, o tal músico com quem ela passaria a tarde. As costas brancas e pálidas, porém largas, acimam uma adorável e lisa bunda redonda, quase rosada como a de um bebê. Ele nem percebe que estou ali, procurando algo para beber na geladeira...

— Onde você deixou o champanhe, Regina? — reviro os olhos na

mesma hora em que a voz ansiosa e quente quebra o silêncio que cultivara até ali.

Tento conter o riso, pois sei que ela não responderá. Na verdade, tenho certeza de que, naquele exato instante, o pobre acabou com todas as chances de um segundo encontro. Nana, desde que a conheci, odeia que alguém mencione o nome dela. Se quisesse vê-la emburrada comigo, sem me dirigir a palavra por horas, era só mencionar as primeiras letras do seu nome dela, que além de não combinar em nada, era composto, digno de uma protagonista de dramalhão latino. Como ela insistia, Nana era apenas o que ela precisava para marcar presença na história... E dentro das cuecas dos homens, é claro.

— Regina, amor... Tá acordada? — ai que vergonha alheia.

Sempre podemos piorar uma situação, não é mesmo? Fico em comichões para tomar uma atitude, é contra a minha índole deixar as pessoas caminharem na direção dos próprios precipícios pessoais. Por isso, tenho de fazer algo antes que ele coloque um alvo sobre a testa e seja metralhado sem dó. Eu me muno de coragem, tentando desviar o olhar dos glúteos exageradamente redondos do rapaz, *me* aproximo e comento, de forma mais calma possível, como se aquele encontro fosse ocasional, banal.

— Estou vendo a champanhe daqui... — *junto a outros detalhes anatomicamente interessantes*, é o que minha mente completa, fazendo-me ficar ainda mais ruborizada.

Assumo que, diante daquilo, eu esperava inúmeras reações: ele ficando sem graça e correndo para o quarto, ou até ostentar a ereção, que permanece ali e, na atitude insegura e fetichista masculina, *me* fazer uma proposta indecente... Mas o que surge em seguida é um grito agudo e esganiçado, como se mil demônios aparecessem em um rompante, as bocas ensanguentadas prestes a lhe devorar... Apesar de que, diante daquele par de glúteos tonificados, eles teriam uma refeição.

Independente dos comentários jocosos, diante daquele momento, o circo se instala nas paredes do apartamento. O rapaz tenta tampar a pélvis e grita ainda mais, a ereção já se despedindo de meus olhos incautos. Eu fico tentando analisar qual será a melhor e mais contida reação a esboçar, mas nada faço, com receio do caos se tornar ainda maior.

Todavia, a bagunça impera quando Nana aparece nua e esplendorosa na porta do quarto e se depara com a cena. Por um momento o silêncio retorna — e quase posso traçar um quadro do instante e intitulá-lo de “*A pudica, o histérico e a mulher nua*” — até que a sedenta mulher que tão bem conheço,

começa a gargalhar da situação. Faz em alto e bom som, como se tivesse, diante de si, uma comédia pastelão.

O rapaz, de que nem sequer recordo se ela mencionou o nome, fica cada vez mais vermelho, trazendo para si um pouco de recato, já que coloca o pano de prato cobrindo a frente, a traseira muita bem encostada à famigerada geladeira, quase como se fosse fundir-se a ela.

Decido então tomar uma atitude, já ciente de que toda a minha empolgação de lhe contar sobre o dia incrível que tive desaparece em um passe de mágica, ou como anda a minha cabeça ultimamente, uma nota musical. Eu me aproximo dela, que se esbalda na nossa falta de jeito e digo apenas uma frase, a única que tenho certeza de que será capaz de mudar em definitivo aquela reação.

— Eu vou dormir... Amanhã nos falamos, Regina Célia — faço questão de frisar o nome, sílaba a sílaba, vendo-a empalidecer conforme o temível nome, pedido da avó, é pronunciado. Antes que ela fale algo, corro para o quarto e me tranco antes da risada se tornar grito. Eu me encosto na porta a tempo de ouvi-la me chamar, carinhosamente, de *traidora*.

Dessa vez quem ri sou eu, e a situação fica ainda melhor quando ouço a única voz masculina ali presente se fazer ouvir, em um tom de voz mais moderado, enunciando a própria sentença de morte.

— Regina Célia?

E a voz dela retribuiu na mesma hora, tão afiada que poderia cortar um diamante.

— Já está na hora de você ir embora...

Tomada pelo cansaço, dispo-me, com a felicidade anterior, aquela que foi despertada à tarde, a me aconchegar. Tomo um banho, visto uma camiseta — dessa vez um unicórnio de óculos escuros — e me jogo na cama. Entre os lençóis, estampada na minha vestimenta, é a única hora que permito dar vazão a criança interior. Isso se estiver sozinha, é claro...

É quando um clarão me vem à cabeça. Terei de aprender, em muitas ocasiões, a dispor de meus momentos solitários para o Caio, já que o aceitara em minha vida. Depois do último encontro, passamos do ponto de retorno. Estamos irredutivelmente ligados, entrelaçados, de tal maneira que se eu me recusar agora e tentar fugir, eu me destroçarei ainda mais.

Sou a mulher contida no poço escuro, com o ar rarefeito. Posso me debater e me render à escuridão que me assola há anos ou prender o fôlego e mergulhar, à procura da saída, enfrentando os meus medos mais absurdos com a coragem tola que a companhia de Caio me traz.

Ainda estou tentando me reconhecer na mulher que fui durante a tarde. Provocativa, insinuante, capaz de se deixar levar pela luxúria, em um local público, incitada pelo perigo. Disposta a se deixar dominar e, ao mesmo tempo, conduzir a situação e estabelecer limites. Com um sorriso, recordo-me dos momentos vividos ao lado do homem que habitava meus pensamentos mais íntimos.

Assim que saímos da sala de exibição, fomos almoçar e depois caminhamos pela Paulista, sem nos importarmos com o passar das horas. Falamos sobre banalidades, assuntos que eram do terreno comum, de mãos dadas, sem indagações que poderiam pressionar outras. Falei de ilustrações e fotografias, um assunto do qual entendia, enquanto ele discorreu sobre música. Não existia em nós o medo das coisas, a insegurança do porvir, deixamos acontecer, as ideias se cruzarem, e nos desnudando aos poucos, sem pressa.

Foi Caio quem me deixou ali, na porta do prédio. E, antes de mergulhar os lábios nos meus, levando-me a perder qualquer senso de racionalidade, fez a promessa que guardarei comigo, como garantia de que dessa vez dará certo. A promessa que afastou as sombras do meu olhar:

— Andreia, eu não estou atrás do seu passado. Quero ser parte do seu presente e futuro. Conte-me sua história quando sentir necessidade, e, se quiser, eu te contarei a minha sem hesitar. Passarei os dias em que nos encontrarmos mostrando a beleza que te cerca, aquela que tão tristemente deixou de notar. Eu te ensinarei novamente a viver, a amar e receber de volta amor, com toda a amplitude que merecer.

— Você não sabe nada sobre mim...

— Lembra-te do que te disse antes? É com o tempo que nos despimos das primeiras impressões. E posso saber mais sobre você do que imagina...

Peguei na mão dele e beijei os dedos, que me acariciaram a face. Ao ver os dedos delgados e as mãos tão cuidadosamente tratadas, eu me lembrei de outra pessoa, cujas mãos fechadas e feridas me causaram preocupação.

— O que pode me dizer sobre Tamianara?

— O que tem ela?—

Na mesma hora, o semblante dele se fechou, como se ela fosse associada a lembranças nada agradáveis.

Contei-lhe então o que tinha visto, a reação dela ao nosso inusitado beijo e o comentário de Nana sobre eu ter adentrado um notório triângulo amoroso. Assim que terminei, a aparente benevolência e docilidade sombrearam o rosto dele. Era notável a raiva na voz ao declarar, de modo incisivo.

— Essa mulher nada significa para mim. Assumo que maldito foi o dia em que estive entre as coxas dela — eu me encolhi ao escutá-lo vociferar aquilo.

Juntos, Caio e Tamianara deveriam ser um casal maravilhoso, digno de causar inveja a quem os rodeasse.

— A verdade é que ela transborda maldade e loucura em seus atos e gestos. Seremos obrigados a conviver durante esse trabalho, mas não fora dali. Peço que a esqueça. Caso aquele demônio tente algo, avise-me. Se for preciso, eu mesmo intervirei.

Mesmo hesitante com aquele rompante, senti-me segura e encorajada pela hábil tentativa de tentar me proteger. Eu o beijei mais uma vez — na verdade, várias — e descii daquele carro com a sutil sensação de borboletas no estômago.

— Eu te reencontrei para fazê-la feliz — foi a última coisa que dele se fez ouvir antes de eu adentrar no prédio, sem imaginar que veria outro homem nu tão cedo.

E, após todas as desventuras que findaram o momento, fico deitada na cama, a emanar lembranças e sensações, repetindo mentalmente que não é um erro o fato de permitir que Caio seja parte atuante da minha existência. Algo em meu íntimo diz que essa viagem emocional me trará inúmeros contratemplos, pois, para crescer, precisamos experimentar a dor... E, se tudo que nos permeia for real, posso me agarrar com todas as forças a essa história.

— Tenha calma, Andreia... Um passo por vez — repito incessantemente, pois prometi não me unir à ansiedade dos desesperados, e sim à serenidade dos que celebram o amor. Leio um pouco, pela primeira vez satisfeita, pois a minha história parece que se tornará melhor que a dos romances que povoam minhas estantes. E pego no sono ali mesmo, o volume aberto displicentemente jogado de lado, à espera que o coração não sofra demais no desenrolar dos próximos capítulos.



12

Abro os olhos de repente, os sentidos já despertos ao ritmo de Raul Seixas, que ecoa pelo apartamento no último volume. Pego o celular e olho o relógio, para verificar a hora, e me levanto. Dormir e acordar, para mim, é como um simples piscar, uma pausa da máquina humana. Há anos não sonho, mergulhando no vazio do esquecimento enquanto o corpo repousa. Talvez seja a sutil tentativa da mente de me poupar dos monstros que já me rondam diariamente, proporcionando-me o alívio da ausência durante algumas horas.

Começo a sorrir quando ouço a voz de Nana acompanhar a letra de *Ouro de Tolo*, em alto e bom som. Ela sempre foi muito conectada ao universo musical, principalmente, ao das músicas populares, e dependendo do que está escutando, é possível saber como anda o seu humor. E, pelo tom da voz, está irritada — comigo, com certeza.

Contudo, a convivência me ensinou a hastear a bandeira da paz e abrir negociações, com confissões indecorosas e provas de amizade. Afinal, os afetos só se estreitaram desde que ela entrou como um furacão dentro do meu quarto no CREU^[4] com os cabelos cacheados cheios de mechas coloridas, pulseiras de miçangas ocupando um braço, saia estampada e uma blusa de alcinhas... Em nada lembrava a mulher elegante e sóbria que conheço hoje.

Além de sermos completamente opostas, já que eu era sempre quieta e focada nos estudos, ela vivia determinada a mudar o mundo através da arte, vinda de uma cidade minúscula chamada Santo Antônio da Alegria, sem saber nada do mundo. Eu me lembro de como eu estudava para fugir de uma existência cercada pelas brigas dos meus pais, da violência. O quanto me dispunha a sair dali e fazer o meu próprio destino. Mal imaginava o quanto estava destinada a repetir o círculo de ódio que me rodeava. Todavia, pelo menos, o final foi diferente...

Sempre debochada, ela chegou naquela primeira semana de aula acompanhada de um moreno maravilhoso, que carregava as malas dela. Cumprimentou-me rapidamente, indicou onde ele deveria deixar as coisas e se

despediu dando aquele beijo, capaz de me deixar boquiaberta. Assim que ele se despediu e nos deixou a sós, a primeira coisa que surgiu dos lábios dela foi um — bela bunda, não é? Rapidamente endireitei o rosto, vermelha, tornando impossível negar que também havia reparado. Como é possível perceber, ela tem uma verdadeira fascinação por homens bundudos...

— Agora sim, posso me apresentar. Eu sou a Nana, a garota que chegou para mudar sua vida. Muito prazer — sentada na cama em frente à minha, fitava-me à espera de que dissesse algo, mas estava tão assombrada com a espontaneidade dela que fiquei sem reação.

— Oi, eu sou a Andreia... — olho novamente para a porta antes de perguntar. — Aquele é seu namorado?

Nana acompanhou o meu olhar e simplesmente começou a rir, o que me deixou mais confusa.

— Não sou uma garota de namorados, Deia... Posso te chamar assim? — acenei, perplexa. — O conheci agora há pouco, no estacionamento. Ele veio todo oferecido se oferecer para me ajudar a carregar as coisas. Perguntei o que ele queria em troca e disse: um beijo... Eu aceitei, e ele veio... Acho que o nome dele era Jean...

— Você beijou um desconhecido, assim, à toa? — aquilo não fazia parte do meu universo.

— Não foi à toa... Ele trouxe as minhas malas, oras — analisando a minha cara de choque, Nana logo revirou os olhos. — Para que essa necessidade de supervalorizar ou dar definições sentimentais às coisas? Foi só uma troca básica de saliva, proveitosa para ambas as partes... Acostume-se, porque acho que mudarei muito os seus conceitos...

E não é que ela fez isso mesmo? Nos anos que se seguiram, Nana foi, segundo os alunos do Campus, o iceberg que afundou o Titanic. Eu, por outro lado, acabei me acostumando com as entradas dela, de mansinho, no quarto, pegando algum estudante da FEA^[5], por exemplo, já que alegava que o pessoal de humanas era sentimental demais. O mais próximo que chegava de algum estudante que continha cálculos e números em suas matérias era os alunos de Química e Farmácia.

— Gosto de homens exatos, racionais, que não querem me chamar de amorzinho depois do sexo... Esperar algo mais de mim é ter o coração partido.

E como ela os quebrou naquele período... Nana era amada e odiada na mesma intensidade... Apenas uma vez a vi abrir o coração de pedra. Foi um dia, bêbada, que me confessou ter se deixado levar pelas emoções. Levy era o

nome dele, e havia sido o seu primeiro amor... E, segundo ela, o último.

E eu pensava que, aos 17 anos, não tínhamos como mensurar o tamanho do amor, mas, pelo visto, estava enganada... Nana nunca na vida me confessou estar apaixonada. Sequer passou mais de três meses ao lado de alguém.

— Mais que isso a gente cria vínculos emocionais ou empregatícios... É melhor não abusar da sorte...

É perdida nessas lembranças que vou para a sala, o sorriso tornando-se terno e apaziguador. A música termina assim que chego e me sento à mesa, diante dela. A mesa está posta e pego uma xícara de café, esboçando um alegre cumprimento.

— Oi... — ela me encara com o inferno glacial nos olhos, achando que chamarei pelo nome de batismo, mas emendo no mesmo instante — Nana.

— Humph! — ela grunhe, com um pedaço de pão na boca.

A maçã começa a ocupar o ambiente, e ela começa a cantar de boca cheia, evitando que eu puxe assunto. Eu continuo a agir de forma despreocupada, como se nada tivesse ocorrido, mas ao mesmo tempo em que ela era desapegada aos romances, era intensa nas amizades.

— Pelo visto não está mesmo disposta a conversar, né? — insisto.

Ela age como se eu não estivesse ali, permitindo-se ser uma adolescente e não a mulher que passara dos trinta. A letra da música continua a ser cantada, com toda a sentimentalidade permitida

*“Se eu te amo e tu me amas
E outro vem quando tu chamas
Como poderei te condenar?
Infinita tua beleza
Como podes ficar presa
Que nem santa num altar?”*

— Tudo bem... Então não preciso falar que o Caio me encontrou no MASP — ela dá de ombros, como se aquilo não fosse novidade.

O que é verdade, já que ele me mencionou durante o almoço que foi a própria quem lhe disse onde me encontrar.

— Certo... Posso dizer que resolvi dar uma chance para aquele homem que me faz perder o controle, ser uma mulher que desconheço — um pequeno brilho de curiosidade ronda nos olhos dela. — Insana a ponto de me arriscar a ser presa, fazendo sexo com ele dentro do museu.

E assim a mágica acontece. A aparente indiferença vai embora quando Nana cospe longe o suco que começava a tomar naquele momento. Pisca uma, duas vezes, tentando reconhecer em minhas palavras a Andreia tímida e complacente que sempre foi.

— Você deu para ele dentro do MASP?! — pelo visto, em todas as vezes que falássemos do Caio, teríamos alguns gritos e exclamações.

Sem me alterar, beberico a xícara de café e aceno com a cabeça, complementando:

— Dentro da sala de audiovisual...

De volta à energia habitual, ela bate palmas.

— Deinha, sempre me surpreendendo... — dispara.

Em seguida, levanta-se rumo para o quarto, gritando:

— Toma o café e se arruma. Temos uma reunião no Municipal ainda hoje! No caminho você me conta tudo... E se esquecer de algum detalhe, na primeira oportunidade eu conto para ele que você, na faculdade, seduziu até dois irmãos, aqueles gêmeos da Psicologia, só para ver se os paus também eram idênticos...

Ouçõ aquilo e grito, indignada:

— Mas isso foi você! — gargalho, virando o café e indo verificar se todas as coisas estão organizadas para a minha partida.

— Só que ele não sabe — eu a ouçõ rir e sei que tudo está de volta ao que era antes.

Ou quase... Já que eu mesma mudei, no instante em que decidi afastar a solidão de mim, em um acordo amigável, sem mágoas ou receios.

Estamos quase chegando à Sé quando termino de contar tudo, ansiosa por saber a opinião dela. Nana, após reagir com os mais sarcásticos comentários, mantém o rosto impassível sob os óculos escuros. Espero-a absorver todas as informações e pergunto, ansiosa, o que acha. Ela hesita, ensaia o que vai falar e para.

Penso, na hora, que minha amiga acaba de perceber, antes mesmo de mim, que aquilo tudo foi um erro. Vendo de fora, como espectadora, Nana constata que tomei uma má decisão, agindo por impulso, jogando o coração nas mãos de um desconhecido.

Vai dizer que talvez eu deva me afastar, descobrir mais sobre Caio, e não entregar o meu corpo sempre que o desejo me incendeia, pulsa em meu centro, implorando por ele. Entretanto, assim que ela para no semáforo, tira os

óculos da face por um momento e me encara, com carinho. *Me* acalma, dizendo a sentença que eu preciso nesse momento:

— Ele está te fazendo bem, Deia. Isso que importa... Pode deixar que eu tomo conta dele para você enquanto não estiver aqui... Ai dele se sair da linha!

Começo a rir e pego na mão dela, antes dela voltar a colocar o carro vermelho, que acabara de comprar, em movimento.

Deixamos o veículo em um estacionamento nas imediações do teatro e caminhamos a pouca distância até a Praça Ramos de Azevedo. Uma última lembrança me vem à mente, e, como se precisasse defender Caio, comento com ela:

— Pode ficar tranquila que não vou entrar em nenhum triângulo amoroso... — tento fazer o comentário soar engraçado, mas ele só parece fora de contexto.

— Do que está falando? — Nana me olha por um momento, sem entender o que eu digo.

— Caio me disse que não tem nada com a Tamianara. Inclusive, parece desprezá-la... Vi tanta raiva no rosto dele assim que a mencionei...

Vejo-a suspirar e comentar baixo, como se aquele fosse um assunto desagradável.

— Se você achar em algum momento que eu sou uma devoradora de homens, é porque não conhece Tamianara Diniz. Ela não hesita em manipular as pessoas para conseguir o que deseja. Sequer precisaria disso, pois tem beleza e talento, mas prefere ter as pessoas sob o seu controle. Quem não se curvar é descartado, sem dó ou piedade. Aquela mulher tem todos os excessos e prepotência de uma *prima donna* do século 18. E ser soprano titular do Municipal não diminuiu em nada o seu ego. Dizem as más-línguas que, já na escola de música, para tirar de uma apresentação um músico que a desagradou, ela parou diante da sala do maestro, tirou a roupa e entrou nua, disposta a fazer qualquer coisa para convencê-lo do seu intento. E, sinceramente? Não duvido de que isso tenha acontecido. Penso que, na verdade, isso só piorou com o tempo.

— Não consigo imaginar mesmo Caio com uma mulher dessa... No palco, ela parecia devorá-lo com os olhos, mas dele não saía sequer uma faísca em retribuição — constato.

— Será porque ele não tirava o olho da sua direção? — ela alfineta, jocosa.

Fico vermelha no mesmo instante.

— Todo mundo estranhou quando Caio e ela pareceram envolvidos. Ele é considerado um dos prodígios do OSESP – Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, um pianista talentoso que perdeu o rumo por algum tempo quando perdeu a filha há alguns anos... Tudo bem que ele tinha, até então, essa coisa de mulherengo, mas sempre foi bondoso e educado com todos. Apesar de fisicamente os dois serem dignos de nota juntos, por dentro são como água e óleo... Funk e música lírica... Incompatíveis.

— Oh, Meu Deus... Eu não sabia — no mesmo instante, meus olhos se enchem de lágrimas ao saber da perda pessoal dele.

Imagino o sofrimento daquele homem que traz luz aos meus olhos ao perder alguém que era parte dele. Agora compreendo por que diz que somos unidos pela dor...

— Sabe o que aconteceu?

— Pelo que sei, a menina era doente, tadinha.... Mas ele sempre foi considerado um pai exemplar. Acho que foi algo do coração. Já faz uns cinco anos... Eu estava na produção do *Rei Leão* na época, então, a música clássica e as parcerias com a prefeitura ainda não eram uma constante no meu universo... Foi só um ano depois que fechei o primeiro projeto. Quando o conheci, ele já estava longe da imagem de exemplo paternal. Era misterioso e sedutor com as mulheres... Um homem sem laços. Era capaz de ver toda aquele desespero incutido nos olhos dele, assim como vi em você um tempo depois... Ele conseguia ser instigante e malicioso, mas tinha em volta de si uma barreira que nunca vi alguém adentrar... Até você chegar.

— E Caio nunca tentou te levar para a cama? — essa é uma questão que me incomoda, mas havia me faltado coragem para perguntar até aquele momento.

— Se tentou, acho que ignorei... Na época, ainda tinha escrúpulos e não me envolvia com pessoas do trabalho... Até que a ópera, essa amante exigente, passou a exigir demais de mim — ri diante do comentário. — Quando trabalhamos no teatro musical, seja a contemporânea ou a clássica, torna-se muito difícil o tempo para interagir fora do meio. Bom, agora nem preciso te falar, né? — na mesma hora eu relembro daquela “abundância” que encontrei na cozinha do apartamento. Por isso, na mesma hora, eu nego com a cabeça.

— Bom, então, ele e Tamianara ficaram juntos em algum momento. E não deu certo... Portanto, bola para frente — quis finalizar o assunto, mas Nana me interrompe.

— Não é bem assim. Apesar de Caio não ceder às investidas, pelo

menos não publicamente, ela parece ter ficado obcecada pelo homem. Aquela louca já teve rompantes homéricos, que se fosse eu no lugar, nunca mais permaneceria perto dela. É graças ao profissionalismo que podemos contar com ele na peça, ao lado daquela megera.

— Você fala de um jeito como se ela pudesse invadir a minha casa e cozinhar o coelho de estimação na panela^[6]...

— Quase isso... Ela já riscou o carro do Caio uma vez, escrevendo VOCÊ É MEU dos dois lados. Uma dançarina do coro, com quem o seu pianista estava saindo, foi empurrada da escada e, por sorte, não quebrou uma das pernas... Isso é o bastante para você? Agora, imagina como ela reagirá depois do beijo daquele dia? E, mais ainda, quando souber que os dois estão juntos?

Ao ouvir aquilo, um mau pressentimento me toma, gela minhas pernas e me percorre a espinha de forma perniciososa. *Será que sempre terei um algoz a destruir os meus ideais de amor? Depois de tanto tempo tentando me proteger, não terei a sorte de algo tranquilo?*

— Só quero que tenha cuidado, Deia. Estarei ao seu lado com unhas e dentes, pronta para defendê-la. E, pelo que me disse até agora, penso que Caio também. Só que não posso estar sempre ao seu lado, e Tamianara sabe quando e como fazer o que deseja. Ela é um ser rastejante, insidioso e maligno, sempre pronto a dar o bote quando ultrapassam o seu caminho.

Havia tomado uma decisão, sem chance de voltar atrás. Estou cansada de submeter a minha chance de ser feliz a todos os “Marcos” e “Tamianaras” que entram em meu caminho, achando que as pessoas são suas propriedades para manipularem e descartarem como bem entendem. Ainda não sei os rumos que a minha história com Caio tomarão, mas uma coisa é certa: não recuarei ou me sabotarei por medo ou falta de tentativas. E se tiver a certeza de que o aquilo que sentimos um pelo outro é certo, a enfrentarei com tudo que tiver.

É hora de perder o medo. Posso ser a vítima a vida toda ou a heroína da minha própria história. E acho que sei a resposta certa.



13

Adentrar no salão principal do Theatro Municipal de São Paulo é mergulhar no passado, tomar um novo fôlego, imersa em meio à manhã. Com toda a arquitetura baseada no *L'Opera* de Paris, o prédio histórico transborda luxo e elegância em sua estrutura toda cheia de detalhes greco-romanos. Caminho por ali com reverência, imaginando como deve ter sido a noite em que ele abriu as portas pela primeira vez.

Vislumbro os barões de café e destaques da sociedade paulistana em 1911, encantados com a construção considerada ousada para a época, enquanto nas ruas, cerca de 20 mil pessoas acompanhavam a cerimônia do lado de fora, diante da chegada dos ilustres convidados. Parece que ainda reverbera em mim o ecoar dos passos, dos dramas e da música que deixaram pedaços da própria história. Suspiro ao pensar que ali foi um dos importantes cenários da Semana de Arte Moderna de 1922 e prolifera cultura até hoje, não só a clássica, pelo qual o teatro é referência, mas também a arte contemporânea.

Só quando entro na sala de concertos e me deparo com o palco e suas reais dimensões, reflito sobre o tamanho da minha responsabilidade. Aquele espaço, que agora se encontra vazio e já levou pessoas a sombrios castelos ingleses, desertos escaldantes, tabernas esfuziantes ou mesmo a florestas encantadas, agora me transformaria em ferramenta de criação para reviver uma história centenária de amor e traição.

Acompanhada de Nana, eu conheceria a nova equipe e explicaria um pouco sobre o projeto, supervisionaria enquanto o marceneiro e outros encarregados tirariam as medidas do palco. Colocaríamos então os croquis em proporção e perspectiva, ajeitando o cenário de cada ato e suas nuances para deixá-los o mais crível possível para o público, de maneira que os espectadores se sintam imersos naquele ambiente, em empatia direta com a ópera.

Como essa parte levará alguns dias, eu posso voltar para casa e respirar, analisar essa história com Caio, levando-a para um ritmo mais vagaroso, sem revoluções. Mantendo uma distância, mesmo que por um curto prazo, talvez

consigamos descobrir mais um sobre o outro, desfilando, pelas palavras e pensamentos, os medos, ânsias e desejos, vendo onde esse pretense casal que nós formamos verdadeiramente se encaixa, já que, sempre que nos encontramos, a atração é tão forte que as palavras se esvaem, incendiadas pelo desejo.

Subo no palco e vejo uns quatro ou cinco homens me esperando. Aquela será, inicialmente, *a minha equipe*. Eles me olham com certo receio e desconfiança, aquele sentimento que permeia o sexo que se acha dominante, mas não me encolho ou hesito. Eu me aproximo e cumprimento cada um deles com um aperto de mão firme. Pergunto seus nomes com cordialidade o suficiente para que me vejam como uma aliada, mas distante para tentarem alguma intimidade.

A maioria me responde com certo receio, mas é o mais velho deles que me olha com superioridade. Claramente, os outros veem nele um porta-voz. E, em nenhum momento, eu o desmereço por essa atitude. Nesse meio, os egos são imensos em todos os setores, e profissionais como ele já viram muitas pessoas passarem pelo teatro, indo e vindo, enchendo o espaço com aquilo que desejaram aparecer, sem respeitar ou escutar a opinião de quem está ali.

Eu nunca fui assim, e não será na atual conjectura que mudarei. Estou longe de desejar ser apenas mais uma, entre os nomes que passaram por ali e foram esquecidos. Gosto de deixar a minha marca como uma profissional competente e direta, mas atenciosa, que sabe valorizar os que verdadeiramente fazem a sua parte.

Por isso, peço que Nana me deixe sozinha com eles para apresentar o projeto e, quando o faço, finjo desconhecer os olhares beligerantes vindos do seu Jair e dos outros. Coloco os croquis no chão e me ajoelho ao lado deles, sem nenhuma frescura, e, por isso, já sinto que as defesas deles começam a oscilar.

O fato de ser mulher nunca me tornou delicada ou *cheia de não me toques* para trabalhar. Odeio a imagem de dondoca que muitos ligam a nós como profissionais. Esse é mais um motivo que venho de calça, camiseta e cabelos sempre presos. Sou uma cenografista respeitada, com um currículo que trabalhei muito para ter... Nunca desfilei pelas coxias para ser objeto de desejo masculino, mas sim ser respeitada sem nenhum sexismo.

Ergo o rosto, vendo todos me olhando de cima, demonstrando um misto de confusão, junto a certo resquício de superioridade. Séria, eu os encaro um a um, penetrada, disposta a marcar o meu território se fosse preciso.

— Eu não estou aqui para ser melhor que ninguém, mas se pensam que vou me sentir pior ou menor que qualquer um de vocês, podem devolver os

equipamentos de proteção, irem para o RH e assinarem as cartas de demissão agora mesmo. Lutei muito para chegar aqui, assim como cada um, e sei que juntos faremos dessa ópera algo inesquecível. Eu tenho a ideia, consigo ver cada cena pronta na minha cabeça, e vocês, com a experiência que têm e o tempo de trabalho por trás desses palcos — paro os olhos no homem baixinho e de cabelos brancos que parece analisar o meu discurso — serão meus braços e pernas, dando forma as ideias. Se ficarmos perdendo tempo com guerras de poder, como tantas pessoas fazem por aqui, morreremos na praia, antes mesmo de começar. E não é isso que desejo, pois espero que esse seja o primeiro de muitos de nossos projetos. Portanto, se estão a fim de ficar mais que me olhando e coçando o saco, sentem aqui comigo, no chão mesmo, e vamos ver como transformar isso tudo em um cenário real, pois estou doida para colocar a mão na massa.

Jair me olha por um instante, sem demonstrar reação. Por fim, abre um meio sorriso e comenta, com ar bonachão:

— É, a senhora tem *culhão*, dona — e se agacha ao meu lado.

— Pode me chamar de Andreia, seu Jair — correspondo a cordialidade vinda dele, e os outros o acompanham, como se selássemos uma paz temporária. Espero que ela dure até a estreia de Carmen.

Discutimos o projeto como um todo, mudamos algumas medidas e adaptamos as cenas para a história não se perder. A taberna de *Lilas Pastia*, local de encontro dos contrabandistas, e onde o soldado desiste de tudo para fugir com a cigana, torna-se o bordel de *Feitiço Sorocabano*, uma das mais famosas prostitutas paulistanas a fazer da Rua Libero Badaró, no Largo do São Bento, o seu reinado.

O desfiladeiro, onde a cigana se mostra descontente pela possessividade do amante e descobre nas cartas ciganas a própria morte, transforma-se na Serra do Mar, em direção a Santos. É lá que tudo se desfaz, onde em vez do *Toreador*, que dá nome a uma das árias mais famosas, ela se depara com um marinheiro espanhol, que tem como apelido tão perigosa profissão, devido ao seu porte esguio e brutal, dispensando assim o soldado que abdicou de tudo por ela, e louco pelos ciúmes e rejeição, mata-a, acabando assim também com a própria vida.

Horas depois, eu me encontro suja de pó, o cabelo já todo fora de lugar, mas feliz, pois tinha resolvido cada detalhe necessário, e mostrado que não vim a passeio. Consegui, em algumas horas, encontrar um equilíbrio com a equipe. Mais para frente, nas etapas de finalização, mais pessoas seriam adicionadas ao projeto, e sei que terei de fazer esse trabalho várias vezes para reafirmar o meu espaço e conquistar confianças. Nunca é fácil, mas sempre é

gratificante.

Acabamos de fazer as metragens finais e estabelecer os prazos para aquela primeira etapa quando Nana se aproxima, com um sorriso tolo no rosto. Eu a olho de esgueio, pois tenho certeza de que está aprontando alguma. Paro ao lado da minha amiga, bato as mãos na tentativa de afastar a poeira e ela me estende uma toalha, para que eu enxugue o rosto. Pego a garrafa de água que sempre deixo ao alcance da mão e bebo o líquido que já nem se encontra mais gelado. Nana só me observa, em silêncio, o ar travesso ainda fazendo morada em seu rosto.

— O que foi, Nana?

— Nada... — lógico que o rosto dela me diz outra coisa.

Respiro fundo e cruzo os braços.

— Vai falar logo ou ficará com essa cara de boba até eu ir embora...

— É só que gosto de ver histórias tolas de amor se realizando...

Do que ela está falando? Deve perceber o ar de indagação na minha face, pois em seguida dá um passo para o lado, apenas sussurrando um “*Surpresa*”.

Só então vejo Caio um pouco a frente, sentado na plateia, com um buquê de copos de leite na mão... Mas como ele sabe que aquelas são as minhas flores favoritas? Olho para Nana, que vira o rosto, como se não tivesse participação nenhuma naquilo.

— Nana...

— Posso ser uma bruxa muitas vezes, mas adoro de vez em quando ser a fada madrinha — sussurra e começa a rir, pegando-me pelo braço e me levando até a beira do palco.

Paro no limite e Caio se levanta, lindo em uma calça jeans justa e uma polo branca, recoberta por uma jaqueta de couro. Sinto-me péssima quando ele se aproxima, toda desarrumada, fazendo com que a profissional determinada dê espaço à adolescente insegura que um dia fui. Contudo, algo nele parece mágico, sempre com a resposta certa a me dar, pois quando para diante de mim, abre um sorriso de canto, a lhe enfeitar aqueles lábios tão bons de beijar, e diz exatamente o que preciso:

— Pare de se preocupar, Andreia. Você é linda de qualquer jeito...

Ainda tento ajeitar os cabelos, mas ele segura uma das minhas mãos e a beija. Entrega-me as flores delicadas e encantadoras, pois são tão capazes de embelezar quanto de envenenar.

— O que veio fazer aqui, Caio?

— Achou mesmo que a deixaria se afastar, ir embora sem me despedir? Me negar a lhe dizer que falarei com você todos os dias, *te* conquistarei a cada segundo e deixarei que a música entre nós surja cada vez mais forte e vigorosa?

— Talvez a distância o faça se esquecer de mim... O tempo tem o dom de arrefecer as coisas, deixar que a racionalidade disperse as emoções.

— Não comigo, deliciosa Andreia — cada vez que ele me chama assim, a pele se arrepia. — Meu corpo e alma estão marcados pela sua presença. Aspiro, no ar da noite, o perfume que habita a suave curva do seu pescoço.

A cabeça dele se aproxima apenas alguns centímetros, aspirando o ar, e tento me conter, enfiando a face nas flores como se estivesse a cheirá-la.

— Sinto, nos meus lábios, o gosto almiscarado do teu sexo e peço por mais. Penso em ti e te desejo a cada segundo, mesmo ainda conhecendo tão pouco de você. É dócil e frágil e, ao mesmo tempo, brava amazona que me cavalga, as nádegas brancas a se perderem nas minhas mãos, a pele pálida que fica vermelha quando lhe seguro pelas ancas e bato, fazendo-a esquecer a dor, convertendo-a em prazer.

— Caio, as palavras quando saem desses lábios provocantes também têm a própria forma de fazer música. Parece que as vejo planar pelo ar, coloridas e etéreas, pousando sobre o meu corpo nos recantos mais ocultos, como carícias secretas cheias de promessas. É uma tentação disposta a virar meu mundo de cabeça para baixo, e cada vez mais me tira a razão.

Se estou disposta a tentar algo com Caio, devo dispor todos os meus medos, mas hesito, penso se o faço e corro o risco de ser amparada ou expulsa de uma vez por todas do seu convívio.

— Por que não se entrega? Viva isso o máximo que for permitido...

— Existem histórias demais, dores e cicatrizes que podem nos unir ou criar um abismo entre nós. Tenho coragem para dar um passo de cada vez, e não me jogar em teus braços em um voo cego, onde não consigo controlar os resultados. Meu medo e hesitação são como doenças que me impedem de correr de forma insensata atrás da felicidade.

— Deixe que o amor seja cura, Andreia. Liberte-se... — ele coloca as mãos em meus braços e ainda hesito, tentando me manter o mais distante e profissional ali.

E sequer sei o porquê. Jair e o restante dos rapazes já nem está mais ali. Nana também sumiu como num passe de mágica, mas os resquícios de vozes

vinda das coxias, talvez dos camarins, são um eco distante. Nunca deixo a mulher, o ser pessoal, interferir na minha profissão. Mesmo nos momentos mais tensos e cruéis, assim que me deparava com moldes, tintas, massas e madeiras, trancava aquela que chorava em um compartimento secreto e deixava que meus sentimentos se tornassem ações. Sabia que me envolver com Caio faria os dois mundos se confrontarem e teria de encontrar um equilíbrio entre ambos.

Nos olhos dele, eu vejo que está disposto a lutar por isso, com todo o seu ser. Caio poderia estar descansando ou no ensaio da orquestra, em qualquer lugar de São Paulo, mas escolheu estar aqui. Ele me escolheu e espera o mesmo de mim. Nossa história deixara de ser uma loucura de uma noite, ou o sexo aventureiro de uma tarde. Ele está me cortejando de forma galante, diante de quem quiser ver.

Penso em qual resposta dar quando um movimento no fundo da plateia me chama a atenção. Ergo os olhos naquela direção, onde um brilho resvala. Caio me acompanha com a cabeça e vejo o rosto dele se fechar, os dentes travados e um aparente desprezo refulgir no seu olhar. É como se uma neblina fria e pegajosa pairasse entre nós. Nessa hora estremeço, pois, meu coração sobrevivente reconhece a presença do inimigo antes de vê-lo. Por isso, sei quem está ali antes mesmo dela sair das sombras que povoam os primeiros bancos da plateia.

— Olha só... Não sabia que estavam ensaiando *Otello*^[7] por aqui. Vou ficar para assistir um pouco. Quem sabe não consigo ver a hora em que o rei mouro mata a esposa enforcada, achando que ela o trai? Assumo que adorarei ver a operária aí revirar os olhos... — aponta as unhas vermelhas na minha direção. — Vai ser bom um pouco de roxo nessa face descolorida.

Tamianara desce pelo corredor, perigosamente bela e mortal. Está exuberante em um macacão listado de preto e branco, em comparação com o meu traje de trabalho, amassado e sujo. O batom vermelha torna a boca arrogante e desdenhosa até convidativa para aqueles que dela nada sabem.

Antes daquelas palavras, poderia imaginar mil adjetivos para tentar compreendê-la, dizer que a paixão lhe cegou os olhos de ciúmes, ou que grande parte daquilo que disseram sobre ela poderia soar como equívoco ou inverdade... Contudo, não há como negar que Tamianara é má, possessiva e arrogante, disposta a tomar tudo que lhe é negado, como uma menina mimada que não sabe lidar com a recusa. Para ela é inadmissível sentir-se rejeitada.

O comentário jocoso dela, em vez de me intimidar, deixa-me vermelha, de raiva. E se aquela criatura pensa que sairei correndo ou fugirei diante do tratamento grosseiro, está equivocada. Foram tantas agressões verbais

e psicológicas que sofri no decorrer dos anos, que ofensas pueris como essa sequer me afetam. No entanto, sei que terei de responder no mesmo nível, se não a mente tacanha dela será incapaz de entender.

Caio pensa em dizer algo, talvez mandá-la sumir, mas aperto o braço dele, em um pedido mudo para que pare. Sei que entende o recado, pois se contém. A *prima donna* não está diante de uma menina que ela pode ameaçar ou impor as vontades, mas sim de uma mulher, que quando toma suas decisões, ninguém a demove delas.

— Desculpa, Tamianara... Mas você se enganou — coloco o buquê de flores no chão e pego na mão de Caio e a beijo, colocando-a sobre a minha cintura. Faço o mesmo com a outra e enlaço o pescoço dele. Viro-me de frente para aquele homem que me desperta e sorrio, sem hesitar. Os olhos dele se perdem nos meus e nada mais existe. Nem mesmo a sutil presença da outra mulher. — Na verdade, Caio veio aqui me pedir em namoro... E estava prestes a aceitar quando você nos atrapalhou.

— O quê?! — o tom de voz dela, já agudo, sobe alguns tons. Todavia, eu sequer me volto para ver a reação dela. Apenas encaro Caio, cujo olhar amendoado refulge, derramando-se sobre mim, os lábios tão desejáveis escancarados em um sorriso aberto, como se não acreditasse naquilo.

— Vai se jogar comigo, Andreia? Vamos compor a nossa história?

— Um compasso de cada vez, meu atrevido e apetitoso namorado... — começo a sorrir com aquele comentário, ficando vermelha antes mesmo de terminá-lo.

Ele tira uma das mãos da minha cintura e ergue o meu rosto. E, com emoção na voz, *me* chama daquela forma que tanto me excita.

— Ah, deliciosa Andreia...

Sem me conter, mergulho na sua boca. Ambos perdidos na paixão e hesitação de um romance que se descobre, para o bem e o mal, sobre o prazer e a dor, e, o mais importante, sem mentiras... Ouço o grito de Tamianara, algo primal de ódio e rancor, e, como forma de protesto, mergulho ainda mais os lábios e língua no homem que escolhi para caminhar ao meu lado, pelo tempo que ambos quisermos. Só quando perdemos o fôlego, nós nos separamos. E, daquela que se julga obcecada por Caio, não resta nem a sombra...

— Ela já foi? Que pena... Ia falar que a adorei naquele macacão de presidiária...

Caio dispara numa risada, que ecoa pelo palco vazio. Por fim, *me* dá um beijo rápido antes de comentar.

— Mais uma Andreia que se revela diante de mim... Despudorada e ácida... Gosto dela também, mas peço que tenha cuidado. Aquela mulher desconhece o valor do “não”.

— Aconteceu alguma coisa entre vocês, não foi?

Ele se afasta por um momento. Hesita, mas assente com a cabeça.

— Só não vamos falar disso agora, por favor... Deixemos que o passado se revele com todas as suas mágoas e rancores quando for a hora de nos despedirmos dele, de uma vez por todas — só me resta concordar.

Sei como remoer coisas e trazê-las à tona pode ser doloroso. Deixo que o semblante dele volte a serenar e o sorriso que tanto me encanta volte à sua face.

Caio então me estende a mão. E, num tom de brincadeira, comenta:

— *Come to me, my angel of Music*^[8]...

E, assim como a jovem Christine, que se deixou atravessar o espelho para desvendar o mundo luxuriante de seu secreto e sombrio amante, assim eu me permiti ser carregada pelos recônditos do teatro.



14

Perco a noção de tempo e de espaço enquanto passamos por corredores, adentramos vãos e salas diversas, vislumbramos rostos desconhecidos que refletem a alegria que assoma os meus olhos. Parecemos duas crianças, inconsequentes e sem medo do futuro. Eu, na tola tentativa de conter as gargalhadas, e ele, pedindo para as pessoas saírem de nossa frente, como se estivéssemos fugindo de algo. E por que não? Nesse momento, eu abandono, ainda que por um fugaz instante, o peso que me acomete.

Permito-me, então, viver. E assumo que isso nunca pareceu tão bom antes...

Paramos, subitamente. Nós nos encontramos diante de uma pequena escada de ferro, que desce pelas entranhas do teatro, no que parece ser o subsolo. Fito a porta logo abaixo e ela se parece com uma bocarra escura, plena de mistérios. Um som musical, de violinos, parece vir de lá, como se fosse o sedutor convite para algo prazeroso, ou talvez uma armadilha... Não há como saber.

Hesito, fitando a escuridão momentânea que se mostra diante dos meus olhos, e Caio me circunda os ombros com os braços. Involuntariamente, apoio a cabeça nele, que se posiciona atrás de mim. Abraça-me, as mãos pousadas sobre a minha barriga. O contato parece me eletrizar, como se cada gesto dele fosse dedicado a me seduzir, quebrar todas as impressões deixadas em meu cerne pela outra vida, aquela que era sombra estigmatizada, vivendo em deferência ao outro.

— Você tem medo do escuro, Andreia? — ele brinca com as palavras, deixando que os sentidos dúbios me adentrem pelos ouvidos e me encham de malícia. — Parece que não sabe que é sob o manto das sombras que os mais deliciosos atos são cometidos?

— Ao contrário do que pensa, pianista, desde que nossos olhares se cruzaram pela primeira vez, entrelaçando-se entre desejo e música, você me fez perder medos profundos e adquirir coragens imensas. Só que não quero viver

apenas de encontros furtivos, saciando o desejo à meia-luz. Para poder ser livre, tenho de me ver às claras, assim como aquele que eu desejar que esteja ao meu lado. Sem filtros, retoques ou máscaras. Mostre-se capaz de provar do mel e do fel que escorrem de mim. Prove-me que não fugirá quando abrir o meu coração e me expor sem reservas. Se deseja que nossa história seja música, como tanto insiste em dizer, mostre-me que no ápice não ficarei sozinha, jogada no chão, os braços estendidos à espera de dançar uma sinfonia que sempre será inacabada...

— E o que acha que estou fazendo aqui, Andreia? Tentando apenas te levar para um recanto escuro e perder alguns minutos dentro de você, é isso? Pensa que quando não estiver aqui, fugirá dos meus pensamentos como se não houvesse existido?

Suspiro, e nego com a cabeça, antes que isso crie suposições errôneas.

— Nunca poderei comandar os teus pensamentos, e caberá a mim escolher, a cada dia, se quero permanecer ao teu lado ou me afastar. Você também passará pelo mesmo processo. Só não quero arroubos ou promessas, pois a qualquer momento a força pode ser perdida e, as juras, quebradas. Se quero sentir? Intensamente, na medida que conseguir. No entanto, não exija que eu confie em você de forma cega, pois me recusarei. Só me permitirei fechar os olhos nessa dança quando me sentir segura o suficiente em seus braços. E, quanto a querer fazer de mim sua na primeira oportunidade que surgir, é um fato — afirmo e me encosto ao corpo dele. Sinto o volume na calça se destacar. — Só que estou reaprendendo a conhecer o meu corpo e vontades, a me sentir desejada longe dos pensamentos e brinquedos eróticos... Com você, Caio. Então não estrague querendo tomar as rédeas da situação ou tentando me pegar em qualquer lugar, inclusive os públicos — um tom de riso se mistura à minha voz.

Por fim, o clima parece se atenuar. Ele me beija a fronte e diz algo que me desarma completamente.

— Minha deliciosa, quem foi tão cruel a ponto de te machucar desta forma? Se pudesse arrancar tudo isso que te assombra, eu o faria agora mesmo...

O ar me some e a mandíbula trava, impedindo que crie subterfúgios ou omissões. Eu cambaleio, mas Caio não me solta, e continua a falar, como se consolasse um ente querido do luto inimaginável.

— De todos os momentos que tive ao seu lado, existe apenas um que me entristece, Andreia. O olhar de incredulidade e rejeição quando eu a chamei de perfeita. Pareceu uma criatura acuada, prestes a fugir, com medo de que, em algum momento, eu notasse que isso são apenas expectativas minhas, e, depois de um tempo eu a achasse uma farsa, jogando sob os seus ombros toda a minha

decepção...

— A perfeição é uma utopia para os sonhadores. Ou para os fracos.

— Não. Ao contrário do que pensa, ela está nos detalhes. Naqueles que o sentido pode explorar, que fazem a alma vibrar de alegria, transformando os momentos mais banais em inesquecíveis. Venha comigo, Andreia... Não só hoje, mas todas as vezes que nos encontrarmos, eu te mostrarei por que te acho assim... Até que você mesma acredite. Mergulhe comigo na minha forma de ver o mundo...

O jeito que me olha e sorri tira quaisquer dúvidas do peito. Chego à conclusão de que eu sou a minha aliada e algoz, e, se me recusar, serei a única a perder com isso.

Estendo a mão e descemos. E, assim que chegamos ao nível do chão, eu me surpreendo, encantada. Parece que entramos em outro mundo, cercado de pessoas dos mais diferentes tipos. Luzes de inúmeras cores percorrem o ambiente daquela que parece ser a estrutura de fundação do teatro. Em cada recanto ou reentrância a arte pulsa, em quadros, estruturas modernas e esculturas, além de uma mostra de dança contemporânea mais adiante. Abro a boca, incrédula, surpresa com aquilo.

— Bem-vindo ao Salão dos Arcos, Andreia! Por muito tempo esquecido, esse subterrâneo já serviu até como cenário de filmes, como o famoso *O beijo da mulher aranha*^[9]. Foi recentemente restaurado para servir como espaço de artes e eventos. Como esse que estamos agora.

Cada lugar a que meu olhar se dirige percebe um novo detalhe. Tudo é colorido e bonito, mas sem entrar em choque com os arcos de tijolo aparente que dão nome ao lugar.

— A ideia é que, no começo do ano que vem, após as comemorações de aniversário da cidade, seja inaugurado um bar aqui, com uma estrutura completamente nova, com música clássica, jazz e arte, além dos drinks exclusivos para aquecer as madrugadas paulistanas. Espero vir com você depois da inauguração... — a última frase me pega de surpresa, mas tento manter a sobriedade, sem alimentar esperanças.

Afinal, iríamos nos cruzar em muitos momentos, mesmo que não mais estivéssemos juntos. Ainda que nossa história afundasse ou erodisse em algum momento, aquele projeto em comum iria requerer certo tempo. Entre criação de cenários, idealização, ensaios e figurinos, levaríamos pelo menos seis meses para tudo ficar pronto até janeiro.

Diante do meu silêncio, ele me pega pela mão e me faz caminhar com

ele até o final de um corredor. Lá vemos uma caixa branca, como se fosse um armário, com a porta aberta. Dentro, incrustado por todos os lados, inclusive no teto, vejo pedaços de esculturas, pedras irregulares em ângulos estranhos, escuras e disformes, como formas inacabadas a brotar das paredes alvas. Observo aquilo com um misto de fascínio e curiosidade, na busca de compreender a proposta do artista naquele artefato realmente desprovido de beleza aparente.

Olho para Caio, que nada me diz, no rosto um ar de mistério. Em mim é nítida a dúvida do que aquilo significa.

— Para que me trouxe aqui, Caio? — ele estende os braços em direção à caixa, como se fosse óbvio, mas eu ainda não consigo entender. — O que tem aqui para eu ver?

— A sua perfeição...

Olho de novo para aquilo, incrédula. Analiso a caixa de madeira, apática, e as pequenas esculturas disformes, como pequenos apêndices, ou tentáculos, a ocuparem todos os espaços. Será mesmo que ele pensa que devo ver aquilo como um elogio? E é exatamente o que digo para ele... Caio começa a gargalhar, o que me deixa um pouco irritada com a situação.

— Para você, Andreia, o perfeito reside no padrão, na obviedade. Ao contrário disso, eu vislumbro o ideal através das nuances, naquilo que foge do comum. O que me faz vibrar é o oposto disso, capaz de me fazer expandir os sentidos, mudar ângulos, perceber novos pontos de vista e me maravilhar... Consegue me entender?

Posso me fingir de cordata, mas não o faço. Com sinceridade, nego.

— O que vê nessa caixa, Andreia?

Analiso tudo mais uma vez, a fim de evitar gafes antes de comentar:

— Várias peças estranhas, quebradas e feias, coladas de forma desordenada por toda a caixa. Parecem coisas ruins, gavinhas, como se tentáculos ou mãos fossem explodir dali para te catar a qualquer momento... Não tem nada de bonito aí...

— Será mesmo? Ou será essa nossa mania de nos apoiarmos no aparente, apenas naquilo que nossos olhos conseguem discernir?

Penso por um momento e desconheço a resposta.

— Você pode confiar em mim, Andreia? — a pergunta me soa tão sincera que eu hesito, apesar das barreiras que me imponho.

— Posso tentar... — fico meio ressabiada com o rumo da conversa.

— Preciso que feche os olhos e entre na caixa... Eu a fecharei lá dentro...

Uma parte da minha mente, a menina cheia de medo, quase fez um *não* saltar boca afora. E, ao perceber isso, Caio ergue as mãos em um gesto de paz.

— Calma, serão apenas alguns minutos. Preciso disso para que entenda...

Concordo, a contragosto. Entro no espaço, encolhendo-me para não encostar em nenhuma daquelas peças, já que muitas parecem afiadas, pontudas... Encaro o meu pianista que sorri, mostrando que não estou só. E, antes que eu corresponda o gesto, ele fecha a porta.

A sinistra ilusão de que mergulharia no breu se desfaz quando me vejo cercada por uma leve luz azul, tão suave quanto o mar... E é o som das marolas que me preenche os ouvidos, tornando aquele ambiente, antes tão amorfo, quase mágico. Dou um grito efusivo, espantada, quando as formas, antes vistas como quebradas e retorcidas, iluminam-se como uma projeção de imagem, tornando-se algas e corais que parecem balançar diante do fluxo da água.

Olho para o chão e o mesmo holograma se complementa, com pequenos peixes rodeando os meus pés. Torno-me sereia, em meio ao oceano cheio de segredos, e me maravilho com aquele momento único, onde o visível e aparente, como o próprio Caio diz, se desfaz, mostrando a beleza oculta que existe na peça... E, como ele me faz ver, em cada um de nós.

Movida pela curiosidade, eu crio coragem e toco uma das peças, a mais próxima do rosto, e vejo que os ângulos secos e a forma agressiva são apenas mais uma ilusão... A peça é macia, como se recoberto de nuvens, suave ao toque e flexível, dando mais a sensação de imersão. Emocionada, entendo o modo como Caio vê a beleza do mundo.

E descubro que sim, eu posso me apaixonar por ele sem medos ou reservas...

Nem sei quanto tempo fico ali, como uma borboleta em seu casulo náutico, restabelecendo as energias e me transbordando de um novo amor, próprio e todo meu. Assim que a porta se abre, mal espero e pulo nos braços dele, emocionada, mas em paz.

Beijo-o repetidas vezes, na testa, no nariz, nos lábios e o aperto, como se pudesse deixá-lo para sempre junto a mim.

— Você entendeu... — e nos olhos dele eu vejo uma imensidão de emoções.

— Sim. E agradeço por ensinar a me ver como verdadeiramente sou.

— *Te* ensinaram a se ver quebrada, disforme, deficiente, mas o outro só jogou em você aquilo que ele era... Para essa pessoa vê-la desabrochar, dóia demais, pois via em seu semblante tudo aquilo que nunca conseguiria ser.

— Como tem tanta certeza de que alguém fez isso comigo? — ele sempre parece ler a minha alma, como se soubesse algo que eu desconheço.

Nessa hora vejo um relance passar pelos olhos de Caio, que logo some, como se fosse apenas uma impressão... Fico me indagando quais segredos habitam o coração daquele homem que parece tão disposto a me salvar.

— Reconheço em você alguém que foi destruída pelo amor...

— Algo também te fez sofrer, Caio? — tento assim buscar mais informações sobre ele. Vejo que fica sério por um instante, antes de confessar.

— Um dia eu achei que tinha encontrado a felicidade... O maior amor que um homem pode ter... Mas infelizmente a arrancaram de mim... — ele fecha os olhos, tamanha a dor, e tudo à nossa volta some. Neste momento me arrependo de ter perguntado.

— Desculpa, Caio... Não quis te trazer lembranças tristes — ele respira e enxuga uma lágrima que escorre, furtiva, pela própria bochecha. Pega meu rosto entre as mãos e me beija, com se vivesse neste momento algo agridoce.

— Precisamos usar as tristes memórias para valorizar as boas, deliciosa Andreia... — e tão rapidamente quanto mergulha os lábios nos meus, ele se afasta, expulsando momentaneamente de nós qualquer tempestade que possa nos abarcar. — Preciso ir ao banheiro, amada. Você me espera aqui?

Assinto com a cabeça e lhe dou mais um beijo, antes que vá na direção das escadas do piso superior. Fico andando por entre obras de arte, pensando naquele momento libertador que acabara de viver, quando, de repente, uma dor aguda me aguilhoa o braço. Eu me viro, de repente, a tempo de ver as unhas, grandes e vermelhas, ferindo minha pele.

Ergo a cabeça tentando espantar o medo que se instala por um milésimo de segundo. Encaro, cheia de raiva, Tamianara, que parece me fuzilar com o olhar, um sorriso falso no rosto. Quem nos visse ali, pensaria que eram só duas amigas em uma conversa informal sobre arte, não duas leas na arena, prontas a se atacarem até não sobrar nenhum pedaço.

— Acho que está na hora de termos uma conversinha sobre o uso de propriedade alheia — era notável o veneno na voz da prepotente morena.

Eu não cedo nenhum milímetro. Ao contrário, ignoro a dor que ela me

proporciona e sorrio. Se ela pensa que pode me levar ao inferno, engana-se. Mal imagina que por anos fui esposa do próprio diabo.



CONFISSÃO

Você sempre foi o perfeito algoz, Marcos. Irrepreensível, acima de qualquer suspeita, o perfeito cavalheiro e marido ideal. E isso não ocorria apenas aos olhos dos outros, mas também aos meus... Pois era um exímio torturador, cruel e voraz. Incapaz de me deixar qualquer marca no corpo, mas na alma, em meu íntimo, você se deliciava. Cortava, marcava e arrancava pedaços de mim. Dobrava-me à força, até que eu não mais resistisse, fantoche entre seus dedos, afastada dos outros, em troca de palavras banais de amor e afeto.

Às vezes, pego-me imaginando se tiveram outras antes de mim... Tentativas fracassados, projetos inacabados de mulheres que preferiram se quebrar a dobrar diante de você. Afinal, seu passado sempre foi uma incógnita, assunto não declarado entre os familiares e amigos, que só sabiam te exaltar em vez de denegrir. Sua imagem, por falar nisso, até hoje se mantém incólume, pois quando tudo terminou, aos olhos dos seus, coube a mim acolher o papel da maldita vilã, da mal-amada, o ser visto com olhos de piedade, apesar de mantida à distância, como uma pária, mas não deturpar a bela e falsa imagem que você levava tanto tempo para construir.

Mas também, como alguém poderia desconfiar de algo, se nunca reclamei, aponte, ou sequer te ofendi? Aos olhos alheios éramos o casal perfeito, o típico casal de propaganda de margarina. Tão insípido e insonso quanto. Eu te olhava com admiração, comprava, com imenso ardor, os seus projetos e planos enquanto abdicava dos meus.

Ajudei-o a montar os primeiros projetos e deixei que colhesse os louros, sem que meu nome fosse sequer mencionado. Vibrei quando se encontrou como documentarista e dirigiu o primeiro projeto sobre os bastidores de uma dupla sertaneja, amigos de infância, sem imaginar que, em menos de um ano, ambos se tornariam fenômenos musicais, e seu pretensioso “filme” se tornaria a sensação do momento.

Quantas noites passei acordada ao seu lado, editando as cenas, analisando as fotografias, doando o melhor de mim para me transformar no quê? Em uma sombra sem voz, o caminho do meu marido ao sucesso... Lembrete da desculpa esfarrapada que me deu? “Amor, eles tiraram o seu nome do projeto. Não sei por quê! Tentei brigar por isso, mas não consegui. Pode deixar que, na primeira oportunidade, eu te agradecerei perante todo mundo...” Mais uma promessa, entre beijos falsos que nunca se cumpriram.

Era assim que agia. Primeiro me tirou a voz, privou a minha inteligência de crescer e transbordar. Cegou-me enchendo de tarefas, alegando que cresceríamos juntos, dizendo que aquele era o seu momento e jurava precisar de mim ao seu lado.

Como desacreditar? Quem ousa pensar que a pessoa que te admirava, exaltava suas conquistas e escolheu ficar ao seu lado, deseja te transformar em um ideal banalizado, um conceito machista de dona do lar acéfala, submissa e dependente? Alguém que sempre estará à disposição do outro, atônica, os braços abertos à espera de que ele volte e faça dela o que quiser, não importa por onde tenha passado...

Eu pensei que nunca me deixaria levar por homens como você. Presenciei meu pai espancar a minha mãe, infinitas vezes. Acordei com o som oco dele batendo a cabeça de um dos meus irmãos no pé da cama. Grudei no pescoço dele, pequena jovem em desespero, enquanto ele enforcava, no meio da sala, aquela que me carregara em seu ventre. Presenciei cada um dos meus irmãos ir embora e fiquei, porque tinha o sonho de salvá-la... Mas não consegui.

Por isso, sempre me precavi dos homens violentos, grosseiros, capazes de tentar mudar o mundo sob o peso dos punhos. Ignorava possíveis relacionamentos com tendência ao desastre, pois queria fugir do ciclo de violência e machismo que vivenciara grande parte da minha vida. Eu nunca imaginaria que, no romantismo de suas palavras, encontrasse o meu inferno...

Você começou com pequenos gestos, que insistia em ser para o meu bem. Falava de minhas roupas e cabelos, da voz alta e dos gestos impulsivos, com um tom delicado, como se eu fosse uma criança precisando ser educada. Insistia que os outros reparavam, comentavam perto de você e não ficavam à vontade perto de mim. Que me defendia com unhas e dentes, transformando-se no verdadeiro herói de uma história fictícia... Era tanta firmeza e veracidade no tom de sua voz que eu acreditava. Mudava, a contragosto, tentavam acatar o seu desejo, sentia-me errada. Apagada, acreditando ser o certo.

As roupas que você não aprovava, compradas em um gesto de

liberdade, sumiam de repente, ou apareciam rasgadas, no lixo. Ao indagar sobre aquilo, raivosa, você jurava inocência, transformando-se em vítima dos meus desmandos, fazendo-me ver que só eu poderia ter feito aquilo. Louca, era do que me chamava. A qualquer momento, sob inúmeros pretextos. Até que eu vesti a insanidade e ela me pareceu confortável.

Vivia na academia, abdiquei dos prazeres do lazer, porque você insistia que eu precisava emagrecer, fazendo-me enxergar um corpo que não era meu. Construía situações em que brigava com as pessoas que me amavam como era, pois, estas poderiam me libertar.

Depois de um tempo, nada que eu fazia era suficiente, e, ao chegar à nossa casa e encontrar o menor vestígio de desordem, você me feria. Não com socos ou tapas, como meu pai fazia, pois estes me tirariam do amortecimento e me fariam revidar. A violência despertaria a jovem que eu fora, que só não apanhou daquele que a criara, pois quando tentou fazer isso, ela revidou. Seus golpes atingiam a pessoa sedenta em agradar que morava dentro de mim, dizendo o quanto se esforçava para me dar uma vida boa, construir uma vida feliz, mas eu simplesmente o decepcionava. Era fraca demais, burra demais, feia demais...

“Você acha que sendo assim conseguirá um dia alguém? Só fico com você porque te amo... Se fosse outro, teria te abandonado há muito tempo...”

Condicionada àquilo, sem ninguém para me falar o contrário, eu acreditava... E sumia, tornava-me grão em meio à tormenta, inconsciente para me tornar parte sua. Aos outros, nada era dito. Pois você agia daquele jeito e me tratava assim para me ajudar, já que tinha amor por mim, aquele capaz de durar a vida toda... Eu te pergunto hoje, Marcos: que sentimento é esse que esmaga e tritura, te mastiga e cospe sem nenhum aviso, sugando tudo que há de bom em você?

Você pode dar o nome que quiser, menos amor...

Depois da traição, as coisas somente pioraram. A neurose e o pânico se instalaram sobre mim e tenho certeza de que, às minhas costas, comemorava por isso. Eu tinha pânico de perdê-lo e me ver só, e me desdobrava em mil para ser a esposa perfeita, a dona de casa exemplar, aquela que te encheria de orgulho, a mulher que você não gostaria de trocar. Era um autômato, um Pinóquio querendo que você me visse como um ser humano...

Sua fidelidade aparente durou menos de um ano. Logo começou a flertar com outras mulheres, trocava mensagens no celular e sequer pensava em disfarçar plenamente. Eu ouvia os cochichos, percebia as mulheres e pensava

que era a minha mente tentando me fazer me autossabotar. Quando, por fim, brigava com você, reclamava de tamanha perda de fidelidade, o mestre virava o jogo. “A louca” a me categorizar, “a eterna desconfiada” era o que vinha à tona em suas acusações. Lágrimas falsas lhe escorriam pela face, dizendo que eu sempre usaria a única vez que falhara para puni-lo, que estava vendo coisas onde não havia.

“Quer saber? Eu deveria mesmo traí-la! Olha como está, desleixada, em casa, vivendo de reclamações... Fica em casa o dia todo, na vida boa, só tem que arrumar o apartamento e cozinhar, e perde tempo me acusando. Por que não me espera cheirosa, com uma roupa nova, uma lingerie sexy? Sabe o que eu passo o dia todo, correndo atrás da produtora com financiamentos e novos projetos?”

E enquanto você crescia, com a produtora que sempre ambicionou, eu, o suporte, seu esteio, era cada vez mais mergulhada em lama e sujeiras... Anos seguidos de palavras gentis e grosseiras misturadas, gestos de carinho e desprezo, dor e culpa infligidos, provocando cortes, abscessos e cicatrizes. Já não era mais possível, no final, reconhecer em mim a mulher livre e feliz que conhecera numa festa da faculdade. E sua figura, Marcos, ostentava beleza e frescor, assim como a orquídea que floresce, bela e exuberante, enquanto parasita um tronco. Você me destituía, deixava-me seca, morta por dentro.

Mas a frase que mais me marcou foi a derradeira, a última. Ainda me vejo, em frangalhos, corpo e emoção cansados de luta, destroçados, prestes a ter o pouco que me restava arrancado de mim para sempre. Deitada em um leito alvo, sons ininteligíveis à nossa volta e eu só querendo um gesto de consolo. Você se aproximou e estendi a mão, mas você sequer ergueu um dedo na minha direção. Olhou-me com pena, como quem fita um cachorro enviado a sacrifício, por ser velho e doente demais.

Aí você soltou a frase que me rasgou por inteira, mas que também me libertou.

“Você nem como mulher tem serventia pra mim... É um projeto de algo que nem merece cuidado.”

Tentou se afastar e grudei no seu braço. Foi quando nossos olhos se cruzaram. Os meus, recobertos de medo e dor. Os seus, nublados pela indiferença. Uma troca que durou segundos, mas que ecoará dentro de nós para sempre.

Sabe o que mais odeio, Marcos?

Por só ter me livrado de você pela sua escolha. Por você ter me

libertado, pedindo ali, naquele dia, o divórcio. Precisei que me descartasse para aprender a felicidade de viver longe da sua companhia.

Odiei a minha fraqueza e o modo como você a fez proliferar dentro de mim. Por isso, lutarei sempre, por dez vidas se for preciso, para nunca mais me deixar abater novamente.

Nunca mais...



15

Enquanto a área à nossa volta explode em um caos cultural, onde arte e pessoas se misturam e ideias são deflagradas diante das novas experiências, ficamos ali, presas em um duelo sem palavras. Para quem passa, somos apenas duas desconhecidas, recobertas de civilidades, talvez em uma sutil carícia fraterna. Mal imaginam que somos, nesse momento, tempestades prestes a entrar em choque, prontas a nos transformar em ciclones e destruir tudo o que está ao nosso redor. As respirações permanecem aceleradas e os olhos se entrecruzam sem exhibir fraqueza. Um duelo elegante e limpo, de cortes precisos e profundos, como apenas duas mulheres podem fazer.

Tamianara e eu sorriamos, mas não pelo bem-querer destinado aos amigos. Ela o faz por deboche, achando que a mais banal ameaça me fará tremer ou fugir. Acha que está lidando com os jovens que circulam em volta dela, como mariposas tolas e deslumbradas, ansiosas por serem tocadas pela chama do parco poder que lhe foi concedido.

Essa prepotência é reservada àqueles que fazem da manipulação a primordial ferramenta, acostumados a serem reverenciados, e não negados. Para mim, ela não passa de uma tola, tão cega pela soberba... Não sou de tomar partidos, principalmente quando ainda desconheço todos os detalhes do romance — se pode ser chamado assim — entre ela e Caio, mas ao me atacar tão diretamente, mostra o quanto é má a sua natureza. Esperar condescendência após me ofender é insultar a minha inteligência.

Por isso, sem hesitar, revido.

— Nunca imaginei que tivesse algo seu que me interessasse — olho-a de cima a baixo, fingindo surpresa. — Coisas espalhafatosas demais, com brilhos em excesso, nunca me agradaram aos olhos. Até achei a sua roupa de presidiária *chic* interessante, mas, literalmente, é algo que eu nunca usaria...

E assim o velho e falso sorriso despenca, mostrando a verdadeira fera que ali existe, enjaulada. As unhas se afundam na minha carne e contenho o gemido diante da dor que me fiska, mas sei que qualquer sinal de fraqueza nesse

momento irá alimentá-la. Por isso, ao encará-la, penso em Marcos, e em todas as pessoas que, de um modo ou de outro, tentam nos quebrar durante a trajetória. Eu me sinto a guerreira, de espada e escudo em punho, diante do voraz dragão.

Dou um passo à frente e agarro o braço que me fere, torcendo-o sem hesitar, mergulhando nas sombras por ela libertadas. Tamianara se espanta, abre a boca e quase perde o equilíbrio. Por fim, solta-me, em desagrado, na boca que tantas canções de amor e traição evocou, há somente uma palavra, delicada e nada sutil a mim dirigida:

— Vadia...

Recupera-se e acaricia o local onde torci, mas se mantém próxima para que ninguém ouça o nosso diálogo. Permaneço atenta, pronta para reagir com palavras ou gestos, se for preciso, apesar de abominá-los, a fim de manter a minha posição.

— Isso é o melhor que pode fazer, Tamianara? De verdade? *Me* ofender e esperar que eu saia correndo como uma menininha com medo do bicho-papão?

— Andreia, é assim mesmo que se chama, não é? — parece ver tudo aquilo como uma brincadeira. — Você nem imagina do que sou capaz para ter o que desejo...

— Vamos ver... *Me* seguir como uma sombra e esperar um instante que eu fique sozinha para brigar por um homem que te rejeitou? — não consigo conter o sarcasmo, que parece a irritar cada vez mais.

Tal atitude parece despertar um monstro em mim, algo que desconheço, e não sei se celebro ou me enluto. É como se um pouco da maldade que me cercara durante tanto tempo tivesse respingado e proliferado em mim, esperando a hora certa de despertar.

Será que compensa isso, desencadear em vez de conter a insanidade, a violência. Perpetuar o círculo de ódio e possessão com mais raiva? Tento manter então uma aura pacífica, respirando fundo antes de argumentar.

— Eu não vou brigar com você, Tamianara... Ainda mais que nos veremos em muitos momentos nos próximos meses, em virtude do trabalho... Nada melhor que um relacionamento profissional amigável, não é mesmo? — tento me manter neutra, indiferente, mas por dentro estremeço.

Ela me rodeia como uma víbora a brincar com a presa. Eu sequer pestanejo. Abro os braços e giro sobre mim mesma, para que ela me veja por todos os lados. Penso em me manter quieta, mas deixo que as palavras a alfinetem, mostrando que submissão é algo que não encontrará em mim. Espero

que desconfie que, se ameaçada, posso ser uma adversária à altura.

— Está gostando do que vê? Posso dar mais uma volta se quiser — os olhos dela emanam desprezo.

Na verdade, o jeito que me avalia não importa. Desdenho das roupas de grife, cabelos arrumados e marcas, quando são usadas para ostentar, hostilizar e menosprezar os outros. Valorizo, nesse momento, muito mais a minha roupa empoeirada e com suor, que mostra a honradez do meu trabalho. Ao contrário dela, que se perde no vazio das embalagens.

— Bom, primeiro queria esclarecer que não sou obrigada a ter um bom convívio com você. Podemos estar no mesmo projeto, mas nunca trabalharemos juntas. Eu estou diante dos holofotes, sob os aplausos da plateia, encantando todos através da minha voz... Você estará sob as sombras, atrás do palco, cercada pela sujeira, tinta e poeira. Se bobear, nem estará presente no momento da grande estreia. Já terá voltado para o buraco de onde surgiu, e Caio terá enjoado de você...

— Engana-se se pensa que a sua história se repetirá comigo... — Tamianara começou a gargalhar, chamando a atenção de algumas pessoas que estavam parado perto de nós.

— Pobrezinha, você não consegue imaginar como aquele homem delicioso me pegava... A maneira que me fazia gritar de prazer... Duvido que enjoar de mim seja uma coisa possível. Digamos que me cansei dele um tempo, e agora o quero de volta... Mas só tem um problema: um ratinho caipira, de sotaque carregado e brega, que insiste em ficar no meu caminho. Terei de esmagá-lo... — bate o salto próximo ao meu tênis, a ameaça implícita nas palavras.

— Se fosse tão bom assim, vocês ainda estariam juntos, Tamianara. Não é mesmo? E tenho certeza de que ele te rejeitou... Porque só uma mulher abandonada se cobre de tamanha raiva e obsessão para assombrar a vida de um homem. A ponto de esquecer a própria existência. Aprenda a seguir em frente, *prima donna*. Gente feliz não enche o saco...

Estas palavras são o suficiente para tirá-la do eixo, deixando toda e qualquer racionalidade de lado. Em um ímpeto de fúria, Tamianara ergue a mão para me estapear a face, mas consigo segurá-la. Ela grita, frustrada, e avança sobre mim, sem controle, disposta a me arranhar a face, e eu só penso em me defender, recuando passo a passo, enquanto ela avança. Gritos de espanto são ouvidos ao nosso redor, e, rapidamente, mãos desconhecidas a seguram, enquanto ela se debate.

Depois de certo tempo, a razão parece voltar à cantora, junto com a prepotência que, para mim, tornou-se sua marca característica. E, naquele instante, eu me identifico com ela por um reles instante. Vejo uma mulher que ama alguém e não é correspondida, cheia de culpas, defesas e mágoas. Uma pessoa que pode ser fria e rancorosa com todos, mas é muito mais com ela mesma. A crueldade que dela transborda não é premeditada... Apenas não sabe viver de outra forma, pois é incômodo àquela serpente se ver em outra pele que não seja aquela.

Em um átimo de consciência, peço que a soltem. Aproveitando a deixa, ela se livra dos braços de quem a segura e se limpa, como se tivesse encostado em algo sujo, contaminado. Ouço comentários jocosos sobre o comportamento dela e só sou capaz de sentir pena de tanta imaturidade. Se em cada percalço que ela tiver se revoltar, ou desejar impor a vontade toda vez que a vida lhe disser *não*, Tamianara sofrerá... E muito.

— Vá embora! — é só o que sugiro, dando-lhe as costas para sair de perto daquela presença que só pensa em fazer mal.

Sinto o golpe me jogando ao chão, tirando-me o fôlego antes mesmo que os gritos voltem a ecoar pelo subsolo. Estou ainda zozza pelo golpe quando ela gruda em meus cabelos, erguendo-me o pescoço. Viro de lado para me afastar, dolorida e assustada pela violenta reação, mas ela parece vicejar com aquilo.

— Sabe por que eu vim te procurar? Só queria olhar nesse seu rosto vazio e sem atrativos... Tentando descobrir o que ele viu em alguém como você... Mas não consigo imaginar. Nem parece ter serventia para alguém, uma coisa sem graça e insípida. Para mim, é um projeto de algo, nem mereça que eu perca meu tempo...

São essas palavras, essas malditas palavras que me tiram a razão. Letras, que juntas, atravessam meu corpo e irrompem tudo que não consegui no passado, a vontade de lutar e destruir aquilo que me destroçara por tanto tempo. Cega, deixo a calma se esvair e abro a caixa da ira e liberto os furacões que transbordam de mim.

Ouço a voz de Caio, longínqua, na tentativa de impedir que algo pior aconteça, mas é tarde demais. A mão, fechada em punho, distende-se, como em choque, chocando-se contra a face de Tamianara, nem sei quantas vezes. Um grito rasga o véu do passado que me cobre a razão e a dor explode em meus dedos, assim como o nariz dela, manchado de vermelho.

Caio para trás, com lágrimas nos olhos. Não consigo mais discernir as

vozes, passado e presente se misturando diante de mim, o rosto de Marcos e Tamianara se fundindo, o tom das vozes ecoando em mim, cheios de ofensas e abusos... Tudo parece embaçado, confuso, como se estivesse me sufocando, mergulhando debaixo d' água. Olho a minha mão, ferida, e não consigo identificar seus traços. Até que um toque, já conhecido, me desperta. E tudo me toma, em uma cacofonia infernal.

— Andreia, está tudo bem? Fala comigo, por favor! — eu o encaro e vejo desespero no semblante. Logo ao fundo, Nana surge e encara a cena, de olhos arregalados. Eu o encaro e aquiesço com a cabeça, lentamente, mostrando que estou bem.

Só então percebo os seguranças retirando as pessoas dali, os olhos encontrando os meus com incredulidade e pena... Percebo, por fim, o que fiz e me abraço, enquanto Tamianara grita, prostrando-se como vítima de toda a situação.

— Essa louca quebrou o meu nariz! Eu vou processá-la, destruirei a vida dela de forma que nunca mais trabalhe em lugar nenhum nessa cidade — seguranças tentam contê-la, mas ela parece uma fera selvagem.

Seguranças do Theatro vêm de um lado para o outro. Ouço palavras como polícia e segurança, e eu só quero sumir. Sei que tudo está perdido, a carreira destruída e destinada ao rompimento por um impulso de dor. Mesmo sem estar presente, a sombra de Marcos me destroça, e mesmo a presença de Caio não é capaz de me livrar disso.

— Eu estou aqui para te proteger, Andreia... Não devia ter te deixado sozinha — meu pianista me beija a testa, toma o meu corpo entre os braços, diante de Tamianara, cuja face emana ódio na minha direção. A ternura dos gestos dele me acalenta.

Relaxo e constato que o passado só voltará a me invadir se eu assim permitir. Não devo me importar com as palavras dirigidas a mim, e nem com o veneno impregnado nelas, mas sim com o peso que eu permitirei que tenham na minha existência.

— Me tira daqui, por favor... Só me leva embora daqui, Caio... — sem pensar nas consequências, ele assente.

Pega-me no colo como se eu não tivesse peso e caminha comigo em direção à saída. Fico em silêncio, aninhada em seus braços, na busca de reconquistar a paz e o silêncio que tanto mantive até a intervenção aterradora de Tamianara. Aquele ridículo ser, que jamais se deixa ser esquecido, pois vem toda vestida em sangue, imponência e fúria atrás de nós, sedenta pela minha ruína,

pergunta aos gritos para onde ele vai me levar.

Nana surge no meu canto de visão. Fita-me com ternura e pena, beijando em um cálido gesto minha testa. Ergue então a face e vejo a mágoa lhe figurar a face.

— Eu disse que você a machucaria, Caio... — antes que ele se defenda, Nana chacoalha a cabeça em negativa. — Leve-a para um dos camarins, mantenha-a segura. Sorte que temos câmeras por aqui... Fui avisada assim que os seguranças reconheceram Tamianara...

— Eu estraguei tudo, Nana... — encaro a minha amiga com a voz chorosa, sentindo-me tão desgastada, alquebrada, como um velho soldado que volta da guerra com uma ferida incurável.

— Fique calma, Deia. Tenho certeza de que não teve culpa — aumenta a voz, dominando a cena, fazendo com que até mesmo Tamianara contenha as acusações. — Garanto que a verdadeira antagonista de tão ridículo ato será descoberta. E devidamente punida por isso. Não haverá ninguém entre os céus e a Terra que me impedirá disso.

Quero assentir ante a determinação daquelas palavras, agradecer e desabafar com Nana, fazendo-a mudar de ideia em relação a Caio, que tremula de vergonha e arrependimento. Preciso voltar o mundo, retroceder e não escutar o passado que insiste em rugir no meu encalço como um animal esfaimado... Mas depois, não agora.

Nesse instante, só preciso me apoiar no músculo do peito daquele que, em pensamento, já chamo de meu. Ouvir as declarações de afeto e outras intensidades. Ter os lábios dele para me aliviar das feridas e contusões do corpo e da alma.

Esquecer-me de quem eu fui e me lembrar do que posso ser.

Pelo menos, assim quero acreditar.



16

Deitada no sofá de um camarim desconhecido, tento fingir que está tudo bem, ignorando a dor vinda das feridas sutis que me marcam o corpo. Concentro-me no toque delicado de Caio a cuidar de mim. Por dentro, ainda estou tomada pelo espanto e choque, vendo que existiam em mim fissuras e partes faltantes que até ali não percebera.

Porque, querendo ou não, até aquele momento, havia me revestido do papel de vítima, enclausurada e fechada em mágoas, diante das agressões, abusos verbais e psicológicos do meu ex-marido. Um processo que não foi repentino, mas que teve a minha permissão, pois em nenhum instante revidei ou fugi aos ataques dele, deixando-me afogar pela sombra de egoísmo e dissimulação por ele emanadas... Imersa em uma culpa que aceitei de bom grado, iludida.

E Marcos era um genial manipulador nesse sentido, pois não utilizava a típica violência estampada diariamente nos jornais. Trocou os punhos pelas palavras que destruíam de forma mais efetiva. Serei mentirosa se disser que nunca tentei lutar contra aquilo... Algumas vezes, alguma parte minha, íntima e imutável, ficava prestes a romper a prisão que criara. Era quando ele trocava os gritos por sussurros, desprezo por carícias, lágrimas por prazer... Acabava por acalmar aquela que ansiava por liberdade, agitando as grades internas, ansiosa em escapar.

Até o dia em que tudo mudou...

Chega, recuso-me a pensar sobre isso agora. Sei que em algum momento terei de confrontar com minhas fraquezas e fantasmas, expondo-as... Não posso esconder mais tempo isso de Caio. Tenho certeza de que esta será uma prova de fogo, crucial para saber se os sentimentos dele por mim são tão fortes quanto declara, capaz de se despir de conceitos diante da sutil e dura realidade. Mas tudo a seu tempo...

O que mais me incomoda e assusta nesse momento é constatar a possibilidade de que, por baixo de todo essa permissividade que carreguei

durante anos, posso me tornar algo tão sombrio e cruel quanto Marcos ou até mesmo meu pai... Uma fria e sutil algoz, tão nociva, sombria e doente quanto eles.

E o que me faz pensar nisso? Aquele inusitado rompante de raiva, o soco desferido, o sangue a escorrer pela face de Tamianara, antes prepotente, enfim tomada de espanto... E por que não, medo? O que ela viu naquele instante, ao me fitar, que nem eu mesma sou capaz de perceber? Será que existe mesmo essa sombra dentro de mim, um parasita insidioso a me dominar?... Algo viscoso e pútrido, que me fez gostar de ferir outra pessoa? Ou sou apenas eu, inteira, disposta a tudo, a finalmente se defender e arrancar, nem que seja à força, quem ousar me oprimir?

Porque eu posso inventar milhares de conjecturas, mas se Caio não aparecesse, seria capaz de massacrá-la em regozijo. Foi ele quem calou a fera recém-descoberta que me habitava. O destino, esse palhaço, jogara-me mais uma vez no fogo das paixões, colocando-me no trapézio sem redes de proteção, e por mais que tentasse racionalizar, eu estava apaixonada por Caio Rodrigues... Ou, pelo menos, o mais próximo, perigoso e tentador disso...

O que eu faço? Existe outra solução a não ser viver tudo, plenamente?

Tenho de deixar de lado o legado de violência e tristeza que me ofereceram. Só porque os homens desfiguram e ridicularizam a força feminina, desde o primórdio dos tempos, é que sou obrigada a carregar tal fardo sem questionar? Eu, nesse exato momento, destituo-me de todas as alegorias machistas que me crucificaram, submeteram-me e fizeram de mim uma marionete incapaz de buscar a própria felicidade. Chegou a hora de finalmente cerrar a cortina dos dramas pessoais e melindres e tomar as rédeas dos meus próximos passos.

Viverei, não só esse relacionamento, mas tudo e todos que quiser, com todos os cacos e destroços que tiverem. Antes sofrer cem vezes no inferno ou encontrar o êxtase em outros milhares, do que permanecer em inércia, viver sendo esse ser egoísta que prefere se privar para se sentir seguro.

EU QUERO VIVER!

E se as circunstâncias me mostrarem que sou tão malvada quanto aqueles que me moldaram no passado, abraçarei a minha sombra com igual afeto, até que ela se transforme em evolução e não em caos!

— Andreia, fala comigo... *Me deixe saber que está tudo bem com você...*

A voz de Caio me traz de volta à realidade. Ele está agachado diante

de mim, os olhos enevoados pela preocupação, lágrimas umedecem sua íris, mas se recusam a cair. O leve incômodo das pancadas começa a me latejar nos braços, e só então percebo neles alguns hematomas.

— Estou bem, Caio... Já sobrevivi a coisas piores que Tamianara — pego o copo de água que ele me estende e bebo de um só gole. O frio do líquido me desperta de vez. — Estou preocupada de como isso tudo refletirá no projeto... Mal começamos e fui vista aos tapas com a principal solista. Já pensou nisso? Se esta sujeira toda tiver de respingar em alguém, quem acha que perderá tudo?

Inquieto e inconformado com aquela situação, Caio anda de um lado para outro, buscando soluções que não dependem dele. Num gesto de raiva, chuta longe uma cadeira que está no caminho, o estrondo quebrando a tensão do lugar. Para em frente ao espelho e encolhe os punhos, frustrado, pronto para socar o reflexo vítreo. Penso naquelas mãos, tão delicadas e firmes, feridas e recobertas de sangue, e corro para contê-lo. Eu o abraço pelas costas e Caio desmorona. Descemos ao chão, juntos, imersos em pensamentos e frustrações.

Sem dúvida, somos dois seres feridos à procura de abrigo.

— Por que essa mulher simplesmente não me deixa em paz? Não vê que a desprezo com todas as minhas forças?... Tamianara e eu juntos somos notas dissonantes, capazes de maltratar os ouvidos, causar asco e não paixão. Tocá-la é como se deparar com um instrumento afiado e cortante, que vai tentar lhe sugar a alma a cada canção tocada. O que ela deseja é posse, controle... Recusa-se a me deixar ir porque eu a abandonei, simplesmente não permiti que se enjoasse de mim para posterior descarte. Deixei-a sozinha no palco, esperando a deixa para que o seu musical megalomaniaco persista...

Ele me aperta os braços e, involuntariamente, eu gemo. Caio me solta então, consciente do meu estado, e se afasta.

— Agora você está ferida, por minha culpa... Por não dar um basta nessa situação de uma vez por todas... Quis me afastar na vã ilusão de que seria esquecido. Mas isso já ultrapassou os limites...

Um nó me sobe à garganta, torcendo para que o meu pianista não alimente o ciclo de violência ali desencadeado, aquele do qual desejo me exorcizar. Estremeço diante da ideia e ele me encara, desconfiado. Analisa minha expressão, com assombro, tirando as assim as próprias conclusões.

— Está achando que... Andreia, pensa mesmo que eu agrediria Tamianara? Que tipo de homem covarde acha que sou?! — tento negar, pedir desculpas, mas não o faço.

— É que vejo tanto ódio em seu olhar, Caio... Esse rancor ao falar dela... Nem sei o que pensar... — prometi ser verdadeira e cumprirei.

Sei que nós dois temos tantas perguntas a fazer... Eu tenho de descobrir a verdade sobre essa história... Mas me contenho, por medo de pressioná-lo. Pela primeira vez, vejo que Caio me olha com mágoa... Nunca o olhar decepcionado de alguém dirigido a mim doeu tanto.

— Olha para mim, Andreia, e me diz a verdade: acha mesmo que sou capaz de machucar alguém? — Baixo a face, sentindo-me envergonhada por tê-lo comparado a outros. Principalmente ele, que sempre se ofereceu a mim sem reservas. — Fico pensando que tipo de pessoas passaram pela sua vida para fazê-la sentir-se assim. Quem acredita que, na raiva, no ódio, na violência e no menosprezo pelo outro existe a solução para tudo? Se nesse tempo em que estivemos juntos você tivesse escutado, sem receios, tudo o que o meu coração tinha para te dizer, essa ideia nem te passaria pela cabeça.

Suas palavras me atingem em cheio e perco o fôlego. Noto que ele está certo: por mais que Caio seja diferente, eu ainda, em um plano subconsciente, comparo-o. Isso não afasta a culpa que sinto, apenas a realça.

Nós nos encaramos, e é como se estivéssemos de dois lados de um abismo, separados por todas as verdades que ainda restam, ocultas em nós... Afastados pelos segredos que hesitamos em mostrar, por medo de chocar ou magoar o outro, mas que acabamos por fazê-lo da mesma forma. Tanto Caio quanto eu temos medo do que o outro possa pensar quando as feridas forem expostas em toda a extensão.

— Quer saber toda a verdade, Andreia?

Estou mesmo pronta para isso? Será que seremos corajosos ou viveremos uma relação tateante, cercada de medo? O quanto deixarei que o passado me influencie no futuro?

Só há um modo de descobrir.

— Sim... Está na hora de nos vermos como realmente somos.

Ele assente com a cabeça e respiro fundo.

— Para isso, terei de voltar um pouco mais no tempo. Antes mesmo de Tamianara... Falar sobre meu casamento, a covardia de Lisandra... E, claro, sobre minha Juliana. Afinal, ela é a causa de tudo... Minha maior luz e dor...

Penso em dizer algo, encontrar uma forma de incentivá-lo a dar o primeiro passo, mas algo nos interrompe, mantendo-nos próximos, porém distantes, as palavras sendo obrigadas a nos sufocar entre os lábios.

— Está tudo resolvido — é Nana quem entra no camarim, séria, e se

depara conosco, em lados opostos, sentados no chão com os rostos manchados e olhos inchados. — Perdi mais alguma coisa? — diz e me encara, preocupada.

Como posso dizer que, graças a ela, naquele momento tenho mais perguntas do que respostas?

Nós nos levantamos, sem graça e ainda hesitantes. De rosto corado, eu tomo à frente enquanto Caio se recompõe.

— O que você resolveu, Nana? — eu a encaro, na tentativa de manter a minha dignidade. — Quer saber? Nem precisa me falar... Sei que terei de sair do projeto, mas no que puder ajudar, mesmo à distância...

— Se alguém tiver de sair dessa montagem, será aquela louca, isso sim... — a raiva na voz de Caio toma força.

Tento voltar aos argumentos anteriores, de que o nome dela, ali, é muito mais necessário que o meu, o que acaba se tornando uma balbúrdia de vozes a ressoar no camarim.

— DÁ PARA ME DEIXAREM FALAR?! — o grito imperioso de Nana se faz presente, silenciando-nos. — Nossa, como vocês falam! — passa as mãos pelos cabelos, recompondo-se, antes de voltar ao tom calmo e comedido usual, deixando-nos sem graça. — Ninguém vai ter de sair...

— Como assim? — e ao ver um sorriso de satisfação surgir no rosto da minha amiga, sabia que ela tinha arrumado uma solução para me manter ali.

— Fácil, queridinha. Esperei que a megera se acalmasse e a levei para a sala de controle. Caso não saibam, nossa segurança mantém uma vigília 24 horas por todas as áreas do teatro... Inclusive, lá no Salão dos Arcos... Na verdade, bem em frente de onde estavam... E como eu sabia que as câmeras pegaram o barraco em todos os detalhes, nada mais lógico que pedisse ao chefe da segurança que encontrasse esse famigerado momento. E adivinha o que eu fiz? Mostrei a ela, repetidas vezes, querendo saber que porra era aquela...

— Deixa eu adivinhar: você a ameaçou com o vídeo? — Caio nos olha, espantado... Mas aquilo em nada me surpreende. Eu sei o quanto Nana é justa, e não hesita em punir os culpados e atenuar os danos causados.

— Claro que não... Apenas sugeri, gentilmente, que ela me ajudasse a não ter mais contratempos ou situações delicadas como aquela para lidar. Afinal, espero um clima harmonioso até o final de nosso projeto, e se tivermos de figurar nas manchetes, que seja pela qualidade daquilo que fazemos, e não por baixarias, pois dessa vez consegui conter... Mas e da próxima?

— Ela aceitou de bom grado? — Caio parece não acreditar naquilo.

— Lógico. Ainda mais quando eu disse que, da próxima vez, poderiam

haver demissões. E se por acaso ela tivesse de sair de cena, e a imprensa me indagasse por que a grandiosa Tamianara Diniz tinha sido afastada de Carmen, eu teria de explicar o cansaço, o stress da talentosa cantora, e também as súbitas explosões de raiva, possíveis agressões... E, caso duvidassem, teria de mostrar a gravação para comprovar... Afinal, o show deve continuar.

— Nana, assumo que você não cansa de me surpreender... — Caio desabafa, com uma admiração incontida.

— Sei lidar muito bem com esse tipo de gente. Não cheguei até aqui passando a mão na cabeça de cobras, e sim mordendo-as.

— Só tem um detalhe: ambos sabemos que esse material não pode ser divulgado — diante do comentário Nana ri, deliciada.

— Acha mesmo que ela sabe disso? O ego, às vezes, *nos* recobre de ignorância — com aquele problema imediato resolvido, eu o encaro, pensando em que momento poderei ouvir a história de Caio, as palavras ainda insistindo em serem ditas.

O que será que tinha acontecido? E quem era a mulher cujo nome ele pronunciava com tamanha devoção?

— Bom, o importante é que ela vai se manter distante de vocês se quiser manter o posto dela de *prima donna*. A única coisa que peço é: evitem ao máximo qualquer problema com aquela vaca... Mesmo que ela os provoque, ignorem-na... Temos coisas demais a perder aqui. E se quiser fazer uma denúncia formal, estamos do seu lado, Deia.

— Você não imagina o quanto... — Caio me encara, mas aquiesce na direção dela.

O contato é finalmente restaurado, apesar de toda a dor impressa naquele olhar... Contenho-me para não ir em sua direção e abraçá-lo, pedindo que esqueça tudo, que não sangre para me mostrar a sua verdade...

— Nana, nesse momento eu só quero ir embora e esquecer tudo isso... E espero que respeitem a minha decisão. — A hipótese de passar em uma delegacia por horas, em meio a homens desconhecidos e olhares de soberba a me avaliarem, fazendo suposições machistas, me enojava. Isso sem contar o fato de precisar me despir, para possíveis exames. Se eu mal consegui me expor diante de Caio, o faria diante de olhares desconhecidos?

Nana nos observa, e aquiesce, me entendendo. Depois, respira fundo e se aproxima de Caio, na tentativa de tirar a atenção dele sobre mim. Ergue a cabeça e o encara, com um olhar predatório.

— Sei que foi escolha de Andreia ficar ao seu lado... Mas se algo a

magoar ou feri-la, eu não serei tão condescendente. Posso me destruir, mas te levarei comigo, pianista. Tenha certeza disso...

— Calma aí, Deia — tentei falar algo, mas Caio me estende a mão, pedindo que permanecesse em silêncio.

— Pode deixar, Nana. Tem a minha palavra que isso nunca acontecerá...

Ela assente e se dirige a mim, cheia de afeto e senso de proteção. Abraça-me forte, despida finalmente das vestes de guerra.

— Fiquei tão preocupada com você, amiga...

— Sou mais forte que isso, Nana. E pretendo não ficar mais sozinha...

— Espero que a história entre vocês dê certo. Apesar de parecer dura, às vezes, eu gosto do que Caio te faz, dos prazeres que proporciona — mal se importa que eu fique vermelha por declarar assim as minhas confissões diante dele.

— O problema é como lidaremos com o passado um do outro... — deixo escapar, mas Caio prontamente responde.

— Saberemos isso a partir de agora.

Nana, ao perceber que aquele era o momento de se despedir, assente e nos deseja sorte.

— Caio, você pode levar a Andreia até a Rodoviária, por favor? Ela tem um ônibus para tomar...

— Pode deixar, Nana... Garantirei que ela chegue bem em casa.

— Obrigada — trocam sorrisos, em um mútuo acordo. — Fico feliz de vê-los finalmente começarem a se entender.

— Mas antes tenho uma história para terminar de contar, Andreia. Depois deixo que tire as suas próprias conclusões... — Caio sussurrou junto ao meu ouvido, enquanto os braços me contornam a cintura. Eu me arrepio diante daquilo, sabendo que chegou a hora dos quartos há muito trancafiados serem abertos.

A única questão que me resta é: *será que sobreviveremos?*



17

Assim que entramos no carro, pela primeira vez reina entre nós o silêncio. E ele não surge porque as palavras nos faltam, mas sim pelo fato delas transbordarem de nós. A questão que nos faz hesitar é, no meio de tanta coisa a ser dita, por onde começar? Qual parte do novelo devemos começar a desfiar para que toda a verdade se revele?

Sei que o primeiro coração a se rasgar não será o meu. Olho para Caio, com certa ansiedade e expectativa, mas ele parece uma estátua, imutável e pétrea. Sei que precisa, assim como eu, de um tempo para colocar as palavras em ordem, já que, no calor do momento, Nana nos interrompeu. Entretanto, o tempo é nosso inimigo, pois o trajeto até que nos separemos cada vez se torna mais curto. Passamos no apartamento de Nana rapidamente, para pegar as malas e depois, seguimos o nosso destino, não há mais desvios. Retorço os dedos, pensando na melhor forma de fazê-lo começar. Impedindo que o mistério me consuma até um próximo encontro que sequer sei quando acontecerá.

De maneira repentina, Caio vira o volante e muda de direção. Entra na Marginal, ignorando todas as placas que nos direcionam ao Terminal Tietê.

— O que você está fazendo?

Ele nada diz e acelera. Vejo, incrédula, a Rodoviária passar por nós. Abro a boca e minha voz some, assombrada por tal gesto.

— Caio, para onde estamos indo? — e o silêncio dele é resposta. No rosto, vêm à tona todo o ódio e dor das lembranças que ameaçam consumir meu pianista.

Assustada, por um momento, algo em mim pensa em se recolher, temerosa ao ver no seu rosto sério, de olhos brilhantes, um homem com quem não sei como lidar... Mas respiro, proibindo-me de me perder outra vez nas armadilhas emocionais por mim criadas, desassociando Caio de todos os homens que desprezo, aqueles que acham que o escroto entre as pernas lhes permite ser donos do mundo...

Não demonstrarei medo ou temor, pelo contrário. A partir de agora, eu me recusarei a me submeter a qualquer gesto impensado de outra pessoa. Mesmo sendo de alguém que eu ame. Pois tenho de ser a minha principal prioridade. E ninguém está à frente disso.

— Caio, ou me diz para onde está me levando ou para a porra desse carro agora! — a voz vai crescendo até se tornar quase um grito, cheio de força. Ele estremece e a racionalidade parece voltar a tomá-lo, mas ele não freia ou diminui a velocidade.

— Estou te levando para casa, Andreia — nego com a cabeça, sem acreditar naquilo, até ver que estamos mesmo saindo de São Paulo.

— Quer dizer que vai me levar até Ribeirão Preto? — a ideia me parece tão absurda que sequer sei como reagir.

Ele simplesmente assente com a cabeça, e eu chacoalho a minha, pasma diante daquele gesto insensato. Noto o maxilar dele relaxar, a tensão dando lugar a outro sentimento, uma sensação, velha conhecida, mas inédita nas feições deste homem que sempre parece pronto a desbravar o mundo... Algo que, pela primeira vez, *me* faz hesitar.

Caio está com medo.

Mas o que aflige esse homem com tamanho poder e força? Quais serão as palavras e pensamentos que o fazem hesitar? Respiro, na tentativa de me conter, pois sei que me mostrar agressiva de nada adiantará. Agir insensatamente, como um menino turrão que abomina ser contrariado sequer parece uma atitude dele... Mas como posso afirmar isso com toda certeza, se mal nos conhecemos?

A insegurança, tão cômoda companheira, ameaça me rondar, mas eu a espanto, bato os pés, enxoto-a como um cão vira-lata, fedido e barulhento. Afinal de contas, nossos corpos se reconhecem — não na totalidade, como bem sei —, assim como as almas. Caio se mostrou de verdade, em dias, mais do que Marcos fizera em anos, isso é um fato. Sempre existirão nuances, gestos e atitudes do outro que nos serão desconhecidas, independente de quanto tempo caminhemos juntos. A questão é o quanto estamos dispostos a aceitar isso.

O importante é que eu já não sou mais a mesma mulher que foi descartada em uma cama de hospital, sozinha e em lágrimas, abraçando um corpo despedaçado. E Caio... Ah, esse nunca sequer pareceu o meu homem de antigamente. Por isso, nem penso em descarregar nele, naquele exato instante crucial, toda a minha raiva e medo. Devo, sim, manter-me calma, e tentar compreender o que acontece em seu íntimo. Apoiá-lo, deixar seu fardo mais

leve, assim como ele tem feito com o meu.

Nem consigo mensurar o quanto de tempo ficamos em silêncio, cada um perdido nos próprios pensamentos. Eu dou o primeiro passo, repousando a mão delicadamente sobre a coxa dele, na tentativa de mostrar naquele simples gesto que estou ali, pronta a apoiá-lo e escutá-lo no que precisar.

— Caio, por que decidiu me trazer?

Ele suspira, e, naquele gesto, percebo tanta dor... Como se ali, naquele momento, estivesse cansado de lutar contra o inevitável.

— Porque não podemos mais fugir das verdades. Prometi que te contaria a minha história, e a farei... Hoje, nesse exato instante, se assim quiser, antes que as palavras me fujam, ou eu ensurdeça para as notas que o meu peito possa produzir... Já te considero parte minha, Andreia. Deliciosa perfeição que invadiu minha existência vazia, fazendo com que, na missão de trazê-la à tona, eu também me afunde. Dando-me coragem para confrontar os próprios monstros. Mostrando, sem hesitação, o melhor e o pior de mim...

A voz dele fica trêmula, hesitante, e o coração se aperta quando eu vejo uma única lágrima descer pela face negra e se aninhar em meio à barba antes de alcançar aqueles lábios que enlouqueço ao beijar. Tenho certeza de que, ao ajudá-lo a trazer os monstros à tona, automaticamente trarei os meus, mas esse relacionamento não é como os outros... Parece que corremos e nos jogamos para compensar o tempo perdido de toda uma existência à procura um do outro. Para que postergar o que está fadado a acontecer?

Por isso, peço delicadamente que ele pare no acostamento por um momento. E assim que Caio o faz e me fita, conecto-me com sua dor de forma aberta e despuddorada no simples cruzar de olhares. Também, com os olhos ameaçando desaguar, beijo o rosto dele, passando a língua pela pele, bebendo-lhe as lágrimas, fazendo do seu passado o meu.

— Estou aqui para te escutar, meu pianista. Nossas vidas não se cruzaram apenas para executar o que agrada aos ouvidos... As notas dissonantes, as que doem o peito, também devem tomar forma, alcançar o vento, para que possam ir embora de uma vez por todas...

O beijo, com fome e urgência. As lágrimas surgem e se misturam, libertando assim o mais selvagem dentro de nós, a busca de alívio e coragem para as lembranças que mais uma vez tomarão forma. E, antes que percamos a vergonha e o juízo e nos tornemos exibicionistas tresloucados em plena via pública, eu me afasto.

Ele volta a dirigir pela autovia e, sem me olhar, faz a derradeira

confissão. As letras se agrupam, unem-se, fazem a própria cadência e despertam emoções adormecidas. Chega, enfim, a hora da verdade...

A música é o meu mundo, a base de minha existência, a forma em que encontrei para transformar método e ordem em beleza, acordes em sentimentos e sensações. Quando os dedos correm pelos pretos e brancos do piano, é como se cada coisa fizesse sentido. Para cada ação, uma reação... Ser músico é mais do que expressar arte, é servir a uma amante geniosa e dominadora, que ocupa sua mente e tempo.

Ela nos invade, extasia e nos ensina como causar paixões ou tristezas em um simples acordo de notas, na velocidade certa. O som cadenciado das notas remete nossa alma e coração às lembranças, de forma que, às vezes, um pequeno trecho nos traz um manancial de lembranças. Desde criança, nunca me senti um pianista, mas sim um guardião de memórias...

Foi ela que me manteve nos piores e melhores momentos. Não foi a música que nos uniu?

Para mim, essa amante e mentora foi dadivosa. Nosso flerte inicial foi leve e descompromissado. Minha mãe tinha um restaurante na Vila Madalena que acabou virando um ponto de encontro para os estudantes que começaram a morar na região desde a década de 70. Lá acabou virando um reduto musical, onde muitos jovens faziam o seu som. Um levou um pandeiro, outro um violão, mas o grande orgulho da minha mãe, dona Odete, era o piano que comprara, em um canto afastado do salão.

As melhores lembranças que tenho, de infância, é dela, cercada da molecada, cantando e sorrindo músicas populares, com seu sotaque baiano que nunca fez questão de perder, e sim de se orgulhar; a pele negra e os dentes brancos, sempre com um sorriso no rosto. Ela dizia que desde pequena via nos filmes o piano sendo tocado, e achava aquilo lindo.

Tanto que, quando aparecia alguém lá que tocasse o instrumento, era uma rodada de cerveja grátis para todos... Nunca a vi deixar de sorrir ou oferecer uma palavra de incentivo. A única vez que a viram chorar foi quando meu pai morreu, quando eu tinha três anos, atropelado por um carro que sequer parou para socorrê-lo... Foi nessa força que me amparei, muitas vezes, quando o meu mundo desmoronou...

Voltemos então à minha primeira história de amor. Eu tinha uns seis anos quando tive coragem de ir até aquele cantinho, em um dia qualquer, e abri a tampa do piano de madeira escura... Recordo-me da sensação dos meus dedos correndo por ali pela primeira vez, produzindo som com quase reverência. Na

verdade, eram mais ruídos dissonantes a forma com que o amor me deu as boas-vindas.

Nem imagino quanto tempo fiquei ali, naquela sensação de descobrimento, ou sequer o momento em que minha mãe chegou... Sei que, no outro dia, eu era apresentado a Estevão Rossi, o meu primeiro — e maior — professor de música. Nem tenho ideia de como ela o encontrou, nem como o convenceu a estar ali.

Era um velho cinzento, sempre de cara amarrada, e sabia perceber o menor desafino apenas em ouvir. A idade dele para mim era um mistério, poderia ter tanto 60 quanto 100 anos, já que uns diziam que ele tocou com a própria Bidu Sayão^[10]... Mas diante do piano, aquela figura encarquilhada tornava-se bela, leve e suntuosa, capaz de causar suspiros e paixões em que a assistisse.

Acho que aprendi bem a lição, né? Pois bem, foi ele que me levou, através dos tempos e contratempos, a conquistar e ser levado pela música. Infelizmente, ele veio a falecer um pouco antes da minha entrada na faculdade de Música, mas suas últimas palavras, emocionadas, foi a de que eu havia superado o meu mestre... Espero até hoje ser seu motivo de orgulho, onde quer que ele esteja.

Mas por que eu quis te dizer tudo isso? Que parte é essa do meu passado capaz de interferir em nosso futuro? O que ocorreu até aqui que me fez mergulhar nas sombras, despedaçar-me em infintos cacos?

Pelo simples fato de que ser um exímio musicista e amante devoto me fez esquecer de que, na vida, não há fórmula certa. Quando apertamos uma tecla, não temos variáveis calculadas a fim de saber o próximo passo para uma harmonia perfeita. Eu ainda desconhecia a inconstância das sentimentalidades e das outras pessoas, e como, sem ao menos esperar, nós nos vemos sozinhos, em queda livre, sem apoio algum.

Viver é como andar em um labirinto, sem um mapa para se guiar. Se ficarmos parados, viveremos sempre à espera de algo diferente, mas sem nada alcançar. E, caso sigamos adiante, podemos nem sempre encontrar a almejada saída, mas esbarrarmos com as maiores alegrias e desventuras no caminho... Ah, isso é uma certeza!

Até a faculdade, minha vida podia ser chamada de perfeita. Não do modo que defino a palavra perfeição, nas ranhuras e irregularidades que tornam cada coisa e pessoa diferente, mas dentro do conceito comum de pureza e imácula. Cheia de instantes que possuem uma aura quase lúdica, fora do

senso de realidade, que é capaz de nos encher de uma felicidade plena, mas passageira, que permeia nossa memória. Não é como o que temos juntos, minha deliciosa. Esta plenitude, onde tudo deixa de ter importância, só aprendi algum tempo depois, com a chegada da Juliana... Mas, para isso, a idealizada calmaria foi desfeita, mergulhando-me na escuridão e me esfacelando.

Ao falar da minha pequena estou adiantando fatos, tirando-os da ordem natural. Porque antes de falar da pequena centelha que me fez aquilo que sou hoje, preciso falar de Lisandra, mesmo que me doa fazer isso.

Sabe por que me reconheço na sua dor? Eu fui casado um dia, com alguém que pensei que teria ao lado para sempre. Afinal, se tinha uma vida virtuosa até ali, por que seria diferente? Eu a conheci nos últimos anos de faculdade, quando a minha carreira profissional começava a despontar.

Ambos cursávamos música, e, enquanto eu me debruçava sobre o piano, ela tinha um grande potencial no violino. Aquela beleza delicada de Lisandra me atraiu desde o primeiro instante: a pele morena, bem clara, e os cabelos negros e livres, que pareciam voar quando ela dançava com o instrumento apoiado sob o queixo. Parecia uma fada, um ser etéreo e profano, a fazer o violino gemer, em êxtase, vertendo o som em gozo.

Eu não precisava tocar em casamentos, pois já havia sido visto como um potencial músico da Sinfônica, mas aceitei o convite que ela me fez, para ficar perto dela. Foi questão de tempo para que a nossa amante em comum se tornasse cupido e madrinha, despertando a paixão entre os bemóis e sustenidos. Entre nós havia uma sintonia incomparável, uma mescla de inocência e luxúria, não apenas quando fazíamos música juntos, mas quando nossos corpos se encontravam nus no lençol. Como metades a se completarem. Em pouco tempo ninguém me imaginava sem ela ou Lisandra sem mim.

O pedido de casamento foi recebido com festa, pelo menos por parte da minha mãe. Os pais de Lisandra foram os primeiros a me mostrarem o preconceito, pois se recusaram a ir ao casamento da filha com aquele “moço de cor”, mas dona Odete não deixou que nos abalássemos, falando que as coisas boas da vida moravam no coração e não no tom da pele. Tanto que bancou a festa com todas as pompas que desejou, incluindo a cerimônia na Paróquia Nossa Senhora do Brasil.

“Vou mostrar para esse povo cheio de descaramento que a gente não precisa deles...”, ela resmungava aos quatro cantos. Nunca fomos pobres, e minha mãe era uma negociante nata, além de cozinheira de mão cheia. Nos anos que passaram, criou uma equipe com alta capacidade e investiu todo o lucro no restaurante, que atualmente se verteu em uma pequena rede, com cinco

unidades espalhadas pela cidade. E foi no Dendê original, da Vila Madalena, que recebemos os convidados, em uma noite que meu coração parecia prestes a explodir, tomado por tantas alegrias.

Se fechar os olhos, posso me ver ali... O momento em que o antigo “eu” achou que tinha tudo... Aquele hiato, silencioso, antes da dor chegar, destruindo todas as bases que julgava sólidas, mostrando-me o que verdadeiramente importa.

Nos meses subsequentes, tudo aconteceu como uma cançoneta^[1], com tempos marcados, dentro das expectativas, sem grandes arroubos. A vida de casado não alterara em nada o nosso relacionamento e a aparente cumplicidade ocorria tanto dentro quanto fora do lar. Eu achava que sabia tudo de Lisandra, mas estava cego nas expectativas e idealizações feitas sobre ela. Havia em sua psique algo frágil e autodestrutivo, que só fui ver quando era tarde demais.

Antes que tenha ideias preconcebidas, quero adiantar que ela nunca me traiu ou me magoou através de atos ou palavras. Longe disso, parecia de uma calma ou tranquilidade que em mim nunca existiram, que só se perdiam quando ela se conectava à música... Mas era como se algo se mantivesse no limite, esperando a menor dificuldade para explodir. Nunca havia percebido antes por que Lisandra era hábil em se esconder em máscaras, ilusões de vidas perfeitas sem percalços, da mesma forma que eu. Tentávamos criar uma vida utópica ou o mais próximo disso... Mas não somos todos assim?

Até que Lisandra descobriu que estava grávida... No decorrer da gestação, ela mostrava sua euforia, sorria, aguentava com paciência os meus arroubos e planos, mas escondia de todos, inclusive de si mesma, o quanto deixava de se reconhecer, com as mudanças corporais, o peso, os inchaços.

A ideia de se dedicar inteira e exclusivamente a um ser que não era ela mesma se mostrava pior no decorrer das semanas, revelava-se fardo em vez de alegria. Omitia de mim todos os medos e temores quando eu, encantado, encostava a cabeça na barriga dela e conversava com a pequena que estava por vir. Trancava-se no próprio mundo enquanto eu começava a escrever as primeiras notas da minha composição.

“Uma canção para Juliana”... Nome que eu sugerira e ela acatara, sem reclamar. Tentava entendê-la, alcançá-la, preocupado, mas ao menor sinal ela vestia a placidez de seu papel e fingia que tudo estava bem. Repetia os meus planos com um ar distante, como se imaginando-se em outro lugar, livre dos desgastes, mamadeiras, trocas de fralda e amor dependente.

E eu? Amava-a ainda mais, transformando minha vida em música e

me imaginava tocando uma amorosa e alegre sonata, enquanto minha pequena filha dançaria, com os passinhos incertos, o cabelo em cachos todo armado e o sorriso contagiante no rosto, aquele tipo que só as crianças têm.

Um simples desejo que nunca pude realizar...

O véu da ilusão foi retirado do meu semblante após o nascimento de minha pequena luz. Ainda não tinha visto Lisandra, e nem mesmo nossa Juliana, que sequer tinha subido para o berçário. Quando fui chamado ao consultório médico, uma apreensão me subiu ao peito, nublando aquele que pensava ser o dia mais feliz da minha existência, em que nada de ruim me aconteceria, e apenas agradecia a Deus por tudo que tinha.

Foi quando a doutora me explicou que minha filha ficou sem oxigênio durante o parto e tinha precisado ser entubada. Tomado pelo pânico, quis saber se ambas estavam bem, no que a doutora assentiu. Contudo, ao perceber que o semblante na face daquela que eu vira nos últimos meses não se alterou, sabia que algo pior estava por vir.

“O que mais tem para me contar, doutora?”

“Fizemos uma série de exames, inclusive o teste Apgar^[12], e, infelizmente, os problemas no nascimento causaram uma lesão no cérebro dela. É algo não progressivo, e só poderemos ver todas as sequelas com o tempo e tratamento adequados... Ela terá de ficar um tempo sob observação... Sei que saber essa notícia é algo muito difícil...”

Recebi o veredito entre lágrimas, enlutado pelos sonhos que tinha e pensando em como conduzi-los a partir dali. Restou para mim contar a triste notícia à Lisandra, ampará-la e falar que lutaríamos pela nossa menina, juntos, mas ela recebeu as minhas palavras com um pesado silêncio... Abracei-a, pensando que era o choque que lhe deixara daquele jeito, mas estava bem longe da veracidade.

Naquele instante, Lisandra jogou longe as máscaras e mostrou o pior que lhe habitava. Suas unhas se cravaram em meu braço e um murmúrio, a princípio inaudível, preencheu os seus lábios. A voz dela criou forças, assim como as garras, que me cortaram fundo. Tentei me soltar e consolá-la por um momento, até perceber o que ela dizia.

Chocado, como se a visse pela primeira vez, eu me afastei dela, saindo de costas pela porta, enquanto ela me fitava com ódio, gritando a plenos pulmões.

“EU NÃO VOU SER MÃE DE UMA RETARDADA!”

Aos prantos, fui até a sala de espera, onde minha mãe me aguardava.

Eu me joguei em seus braços e me derramei, deixei que toda a dor vazasse diante da primeira rachadura que surgira em mim. Ela, sempre forte, me acalentou até que o choro passasse, e tentou me trazer a razão.

“Não se avexe, meu menino. Espere o momento passar e vou te ajudar a lidar com todo esse fuzuê. Sua mulher vai se acalmar... Duvido que quando pegar a bacuri nos braços, não vai se derreter todinha...”

Apesar de todos os conselhos, nunca mais olhei para Lisandra da mesma forma. Durante as próximas visitas, fui tratado ora com a mais cruel e fria indiferença, ora com suas verdades, aquelas que lhe assolavam antes o peito, e passaram a se tornar dardos para me ferir. Aguentava tudo com paciência e, depois, ia para a área neonatal, ver a minha princesa.

Meu amor por Juju foi à primeira vista. Assim que pude tocar minha pequena e passar a mão em seu frágil rosto, entendi, pela primeira vez, a perfeição que ali me saltava aos olhos, evidenciada pelo puro amor. Estávamos ligados por laços da alma, impossíveis de se desfazerem, em plena comunhão. Lisandra, por sua vez, ia até ali e lhe dava o peito, sem nenhum sinal de afeto, como se aquele corpo nutriz e nem o pequeno ser que dele se alimentava fossem parte dela.

Um dia antes dela receber alta, cheio de sofrimento e mágoa, eu lhe perguntei por que tratava a mim e à nossa filha daquele jeito. E a resposta dela carregou até hoje comigo:

“Porque vocês esperam de mim algo que nunca poderei dar...”

No dia seguinte, enquanto fui para casa pegar uma troca de roupas para ela e algumas coisas para a pequena, Lisandra foi embora. Como um ladrão na calada da noite, foi-se embora e nunca mais olhou para trás. Tentei ligar nos dias subsequentes, falar com ela, trazê-la à razão... Mas em vão. Era como se a vida ao nosso lado fosse algo para ter vergonha, que devesse permanecer escondido.

Ficamos só eu e Juju contra o mundo.

Viver ao lado da minha filha se converteu nos melhores anos da minha vida. Atribulada, é fato, pois vivíamos cercados de médicos, fisioterapeutas e consultas, mas a cada dia nunca deixei de beijá-la, abraçá-la e dizer o quanto ela era perfeita para mim. A musculatura dos membros se retraiu, os membros atrofiados tinham de passar por dolorosas sessões de fisioterapia, mas sempre estava lá para incentivá-la...

Eu dizia que ela era forte como o papai e a vovó, e que a mãe dela era a rainha das fadas, que um dia a deixou para mim, de presente... Nunca

mentionei perto dela que não só Lisandra, mas também os avós, rejeitaram-na... Que a última vez que tentara me comunicar com ela, fui chamado até o prédio dos pais dela, que me esperavam com os papéis do divórcio. Me mostraram os documentos e me espezinham, cheios de desprezo, pois não aceitavam como neta uma negrinha doente. Tomado pela fúria, eu quase soquei o meu ex-sogro, e o vi recuar, percebendo a fúria estampada em meus olhos.

Mas, por minha filha, não o fiz. Eles não mereciam Juju em suas vidas.

Apenas assinei os papéis, os joguei na mesa e fui embora sem olhar para trás.

Minha filha era linda, esperta e cheia de amor, aprisionada em um corpo frágil, de curta duração. Teve um pai que a amou como a maior coisa do mundo... E uma avó que fez a vida dela sorriso e festa.

E teve a música, a esposa que nunca me abandonou... Que acolheu minha Juliana como sua... Eu a colocava na cadeira ao meu lado, prendendo-a de forma que não escorregasse, e tocava. As notas pareciam enlevá-la para um mundo mágico, onde não havia dor, diferença ou rejeição. Um mundo onde podia pegá-la nos braços e rodopiá-la, ouvindo os seus gritinhos de alegria e espanto. Em que, de olhos fechados, podia dançar com ela e dizer que a amava... Nós nos conectávamos através dos acordes, e via no brilho de seus olhinhos que ela recebia todo o amor que a música é capaz de ofertar.

Nos dias bons, em que Juliana não estava desanimada ou quieta, ela me ajudava a compor a canção que levava seu nome. Ia mostrando os acordes no piano e pedia sua opinião. Com uma das mãos corria as teclas, e com a outra segurava a pequena mão, que me apertava os dedos caso gostasse. Era um trabalho exaustivo e lento, mas espetacular... No fim, eu lhe beijava a testa e colocava a bochecha junto aos seus lábios, que me beijava ao seu modo.

Mas o que é belo e frágil dura pouco... E um belo dia terminei de me quebrar... Minha filha fechou os olhos enquanto compúnhamos os últimos acordes da sua canção. Sua mão, em vez de apertar a minha, soltou-se, e um suspiro audível deu-se antes do vazio. Ajoelhei-me diante dela e a chamei. Amparei-me no colo frágil e gritei o seu nome... Mas a borboleta alçara voo do casulo que a prendia. Meu anjo havia partido, vítima do seu frágil coração, para olhar por mim de onde os olhos humanos não conseguem enxergar.

Restou-me apenas a dor e os cacos deixados por aquela ausência ... Velamos o pequeno caixão com alguns amigos e minha mãe. Lisandra foi comunicada, mas não apareceu. Talvez consiga conviver com isso, ou talvez a

culpa que a consuma seja tão imensa, que um dia busque calar a dor no peito de forma mais atroz. Há muito deixei de ter rancor, pois ela me deixou o legado mais lindo que um homem pode ter.

Após o enterro de Juliana, fui eu quem fugi de qualquer sentimento. Entreguei-me ao piano com uma voracidade incrível, assim como aos corpos das mulheres, na tentativa de preencher um vazio, aplacar uma dor que não me pertencia... Acordava em camas a que sequer me lembrava de como cheguei, recebia ligações e dispensava mulheres cuja eu mal reconhecia... Mergulhei na escuridão que o amor de mim arrancado deixara. Na música, em vez de falhar, tornei-me soberbo, jogando nas partituras toda a dor que me cortava a cada instante, em um sangrar ininterrupto.

Foi nesse momento que conheci Tamianara e reconheci, na sombra dela, a minha. A dama da ópera, que entre quatro paredes era a juíza e executora, que deixava a comodidade dos laços e mordia, rasgava, urrava... Sugava meu pau até a última gota de sêmen. Nosso sexo não era feito com amor, mas sim com ódio, violência, um tentando dominar o outro e conter a fera sombria que havia em si.

Meu caminho em direção à escuridão parecia sem volta. Minha mãe ia até a minha casa, me ligava, mas passei a ignorá-la, odiando que me lembrassem do sofrimento, das fraquezas que tão arduamente estampava. Eu me tornara um fraco, exatamente o oposto do que minha filha me ensinara a ser, mas não sabia como me livrar desse ciclo... Até o dia em que resolvi fazer uma surpresa para Tamianara no camarim... Antes da estreia de “Madama Butterfly”. Eu me aproximei da porta que estava entreaberta e a ouvi dizer para Thiago Imbert, que faria a cena com ela, sobre o nosso envolvimento.

“O sexo com ele é uma delícia. E não pega no meu pé. Assim como eu, Caio não deixa o prazer interferir no trabalho... Na verdade, o pau dele é combustível para mim...”

Até aí, nada demais havia a ser escutado, mas foram as próximas palavras que fizeram tudo se desfazer...

“Cuidado que vai virar casamento isso, hein?”, o tenor se pronunciou.

“Até que a ideia não é má... Só não quero ter filhos. Imagina eu, estragar a minha carreira e corpo por causa de crianças. E ele já teve uma filha. Aquela criança retardada, a que morreu, sabe? Imagina que eu tenho cara de ser mãe de uma criança que parece um boneco, jogado em uma cama, babando? Tenho cara de horta para criar vegetal?”

“Que horror, Tamianara!” Não precisei ouvir mais nada. Abri a porta e a fitei, enquanto ela dava um grito de espanto. O tal do Thiago, também assustado, sequer sabia o que fazer. Com lágrimas descendo pela face, de pura raiva, nada consegui dizer. Apenas saí dali, ignorando todas as vezes que ela gritara o meu nome.

Assim risquei seu nome da minha existência, mantendo só a falsa convivência pacífica diante dos palcos. Vi que estar com ela me trazia o pior, e nunca queria me tornar alguém que faz joça de outrem que só tinha amor a oferecer. Eu sanaria as minhas dores ajudando outras pessoas a encontrarem a perfeição de suas vidas através da música. A mesma que fez minha alma e da minha filha se unirem. A mesma que me uniu a você, minha deliciosa...

Naquela mesma semana, pedi uma licença... Passei os últimos dois anos correndo primeiro o Brasil, depois a América Latina e o mundo, tocando não só em grandes apresentações, mas também em hospitais, asilos e locais onde a minha mensagem fizesse a diferença. Aos poucos, a dor foi diminuindo. Atenuando, na verdade, pois a cicatriz sempre estará aqui. Até sentir o momento, em meu âmago, que eu poderia sentir em frente... E quando o convite para Carmen veio, sabia que não poderia recusar. Algo me dizia que já era hora.

Ninguém deve ficar sozinho, e sei que, se Juju pudesse hoje me dizer algo, seria que eu fosse feliz. Na verdade, foi por acaso que me sentei ali, aquele dia, no piano da estação, pedindo ao meu anjo, que o amor voltasse a cruzar os olhos comigo. Alguém que fosse a minha redenção, e trouxesse nos olhos o reflexo dos meus.

E, ao te olhar, tudo isso se concretizou, pois vi em você tudo que eu antes via somente em mim... Tanto no amor, quanto na dor.

Por isso, eu me entreguei a você sem hesitar... E faço voz e canção das minhas palavras pela última vez, pois sei que não precisarei me abrir e me dividir com mais ninguém, por toda a minha vida!



18

O carro está parado no acostamento, em meio às sombras. Percorremos horas e anos, entre palavras e sentimentos perdidos, sensações afloradas e dores que assumem novas dimensões, abrindo espaço, rasgando a alma e nos conectando. O sol nos deixou em algum momento e, nesse instante, o céu cinzento derrama sob o veículo as primeiras gotas de chuva, como se os céus desejassem compartilhar o luto de Caio.

Ele também chora. Trêmulo, mas em silêncio, como se tivesse a obrigação de conter os gritos que o ameaçam sufocar. Eu suspiro e, assim como ele, tento fazer do sal que verte pelos meus olhos uma forma de alívio, pois as palavras me faltam. Hesito em tocá-lo, com medo de que este homem, que sempre vi como força, se rompa sob os meus dedos.

Compartilhar da verdade dele é mais do que dividir palavras associadas, ressoadas em meus ouvidos. Naqueles momentos em que ele me confessava os piores tormentos pelo qual passara, tornei-me parte do homem que tinha a certeza de amar. Abracei o seu sofrimento e colhi entre as mãos o coração sangrando, ferido. Beijei-o e o acalentei como uma criança que nasce, a fim de lhe velar o sono e permitir que volte a acreditar na beleza dos sonhos.

A chuva aumenta e o vejo respirar fundo, como se o ar lhe faltasse. Abraça o corpo, como se tentasse proteger de todo e qualquer olhar de compaixão, pois, nesse momento, ele se despe do herói, disposto a me salvar e se torna alguém à procura de alento... Movida por um impulso, eu me recuso a aconchegá-lo a mim e torná-lo vítima, imputar-lhe um papel que eu mesma, há tanto tempo, desejo renegar e finalmente começo a dar os primeiros passos rumo ao êxito.

Abro a porta do carro e saio correndo em meio à chuva, ignorando as roupas que grudam no corpo, correndo o risco de mostrar os defeitos que tão habilmente tento esconder. Passo pela frente do carro e observo os olhos dele, assustados e acuados, com medo de que eu fuja diante de tantas revelações, mas essa nunca foi a minha intenção...

Paro em frente à porta do motorista e a abro num rompante. Meu pianista me observa, estático, os olhos ainda úmidos se ligam aos meus, em busca de respostas. O que ele espera? Que eu o perdoe pelo momento de fraqueza ou o rejeite pelo peso do seu passado?

Será que não percebe o quanto eu o admiro por suportar todas as desavenças que o mundo lhe jogou, por ser capaz de transformar a desgraça que o feriu em uma ferramenta de salvação? Capaz não apenas de o manter ali, vivo, mas também de me salvar?...

Todas as feridas provocadas pela vida serviram para me amadurecer e me deixarem pronta para recebê-lo. Constató que, quando estamos mais fracos é que descobrimos o quão forte somos, pois diante de nós nada mais resta que a verdadeira essência que nos habita.

— Desce... — é só o que digo. De forma terna, mas incisiva.

— O que está dizendo, Andreia? Pode me explicar...

— Sai agora desse carro! — a voz irrompe o ruído da chuva e o atinge.

Não há raiva ou intransigência nas minhas palavras, mas anseio e desejo de liberdade. Sorrio para ele, mostrando que cheguei na vida dele para ficar, fazendo com que, no rosto que tanto admiro surja um sorriso, um resquício de alegria e esperança naqueles lábios tão desejados.

Ele me obedece, em um primeiro instante, mas para, relutante, diante do primeiro contato com a água fria. Antes que volte à segurança e ao conforto do carro, eu lhe estendo as mãos, em um claro convite. É me encarando que Caio aceita, parado diante de mim, em um mundo só nosso, recém-descoberto.

— Faz uma coisa, meu pianista?

— O quê? — ele tenta me desvendar, descobrir o que ressoa em meu íntimo, mas nesse momento me torno incógnita, para quebrar os grilhões emocionais que pesam ao redor.

— Grite! — sequer hesito em compartilhar a ideia que pode parecer absurda em um primeiro instante.

Ele repete a pergunta, sem nada entender. Eu coloco as mãos nos braços de Caio e os aperto com força, disposta a dar o primeiro passo, quebrando o silêncio das gotas e o murmúrio dos carros passando ao longe, fazendo da minha voz um lamento, como um animal ferido disposto a tirar do peito toda a dor, deixando que ela suma. O som se quebra em um soluço, mas não paro, deixando que toda a escuridão que me habita se transforme em lágrimas, voz e vida. Exorcizo-me na esperança de que ele faça o mesmo.

Caio, por fim, parece compreender e me acompanha. Primeiro, de

forma hesitante, um murmúrio sussurrado entre os lábios. Eu aumento, explodo, torno-me fogos de artifício a brotarem do peito em pleno expurgo, incitando-o a me acompanhar, as unhas cravadas em sua pele, o peito se aliviando de tudo aquilo que transformava o meu lado humano em miserabilidade.

Então, com júbilo, sua fúria toma os ares, em certo tom animalesco, arcaico e visceral. A fera que estava escondida nele assume e, junto com a gritaria que fazemos, vêm risadas e lágrimas, mágoas e perseverança, lamento e alento...

Ele me pega nos braços de repente e me ergue. Vejo ali o mesmo homem, mas ao mesmo um novo... Alguém mais leve, apesar das experiências... Que toma a minha boca com paixão e faz com que me entregue ali, sem me importar com o fato de que estamos em um lugar público, despreparados, mergulhados no fogo do desejo apesar da fria chuva.

Deixo que Caio me coloque no capô, na lateral do carro, e arranque as minhas calças, como fazem os apressados e jovens incautos. Gargalho enquanto joga minha roupa longe, com paixão, e abro as pernas, o sexo exposto e sem filtros ou meia-luz, para que ele me veja, deseje e me possua com toda a fome que mostra ter.

Nossos corpos se unem e assim que ele abre a braguilha, eu o guio para dentro de mim. Impensado e libertador. Inconsequente e seco, para saciar o que parece insaciável. Em uma estocada ele me abre e me preenche, daquele jeito que o meu corpo já pede e identifica. Eu o puxo para mim, ele me beija e geme alto, chamando-me daquele jeito que só ele faz:

— Andreia, minha deliciosa... Você é minha! — e para confirmar isso, ameaça tirar o pênis de dentro de mim, para arremeter mais uma vez, a chuva se misturando à minha umidade, os sexos reluzindo de umidade e desejo. — E nada mudará isso...

— Você é meu, pianista... Inspire suas músicas na minha carne. Transforme o nosso sexo em celebração. Chega de morte, tristeza e dor... Quero gozo... — e, para me atender, ele aumenta o ritmo, o corpo entrando em choque com o meu, deixando sua marca, aumentando o prazer dentro de mim.

Meus braços rodeiam o pescoço de Caio e atinjo o gozo com os lábios no ouvido dele, dizendo a única coisa que pensei nunca mais pronunciar na vida:

— Eu te amo, Caio...

Ele para, por um momento, o pau dentro de mim, pulsando, fazendo de meu íntimo o seu secreto lar. Pega o meu rosto entre as mãos e me encara, com aquele sorriso que só pertence a ele, capaz de me incendiar o coração. E diz a

frase que sela os nossos destinos:

— Eu sempre te amei, Andreia!

Desprendida, desço do carro e o encosto na lataria. Pego o seu pênis, grosso e belo, imperioso e negro, e o abocanho, sorvendo o gosto do nosso encontro antes que a chuva o lave. Eu o lambo, sugo e mergulho nele, reverenciando-me para então tomar posse. Língua, dentes, lábios e mãos unidos para satisfazê-lo. Grudo nas nádegas redondas, quase sem pelos, e forço caminho, fazendo com que ele foda a minha boca, brusco e certo, deixando de lado a gentileza que tão habilmente carrega.

— Vou gozar assim... — essa é a dica para que eu não pare, mas acelere, sugue-o e prenda aquela glândula arroxeada entre os dentes.

Torno-me criança esfaimada, sedenta, até que as pernas se travem e ele jorre o sêmen entre os meus lábios, o gosto agri-doce e tão humano a me escorrer garganta adentro.

Caio mal espera que nos recuperemos. Ergue-me e beija minha boca, sem nojo ou receio. Bocas e sexos se misturam, unificando o momento de prazer.

Nem sei quanto tempo permanecemos ali depois do gozo, seminus, parados na chuva, acobertados parcialmente pelo carro diante dos demais veículos que cruzavam a via. Banhados na chuva e no silêncio dos sentimentos que as palavras não são capazes de produzir. Em paz, por um momento...

Antes que começasse a despir as minhas verdades.

Seguimos o resto do trajeto sem a necessidade de palavras. As mãos buscam qualquer motivo para se tocarem, olhares são trocados, os sorrisos dispersam qualquer resquício do negativismo que ainda tente ocupar espaço na nossa felicidade... O medo que antes nos assaltava parece bobo, desimportante.

Quando avisto ao longe Ribeirão Preto, a cidade quente que faz parte da minha vida e passado, o coração se aperta. Sei que em breve voltarei à rotina dos dias, ao absurdo do antes apesar de ter mudado tanto em míseros dias.

Também tenho ciência de que é chegado o momento em que devo deixar as hesitações de lado e fechar ciclos. Entregar-me em confiança do mesmo jeito que Caio fez. Mesmo que, para sanar o ciclo de dor incutido em mim, eu tenha de mostrar aquilo que veio antes... A minha base roída e carcomida pelos abusos e segredos.

— Andreia... — acordo dos devaneios com o apelo de Caio.

— Oi, amor! — espreguiço-me, como se estivesse dormindo, e não me preparando psicologicamente para acabar com os segredos entre nós.

— Ainda não sei onde você mora... Se quiser me passar o endereço, agradeço. Preciso colocar no GPS...

Pego sua mão e suspiro. Beijo-a tentando externar todo o afeto do mundo.

— Não vamos para a minha casa...

— Está tudo bem? — ele deve ter percebido que a alegria que me inebriava dá lugar a uma tensão incomum. Eu apenas aceno com a cabeça, em concordância.

— Só preciso te mostrar um negócio antes... — antes que ele me faça mais perguntas, eu replico. — Sem mais segredos, certo?

Caio consente, como se entendesse a minha atitude. Beija meus lábios com delicadeza, encorajando-me como fiz há poucas horas. Sorri e a calma chega até mim, leve como uma brisa de verão. Toco-lhe o rosto e murmuro um “*obrigado*”, até que as buzinas começam a ressoar, unindo aos motoristas raivosos.

— Bem-vindo a Ribeirão Preto! — brinco, lembrando-me de que, infelizmente, a cidade já foi considerada a que tinha mais motoristas mal-educados do país. Eu me recordo, inclusive, de uma ocasião, na faculdade, em que o motorista quase atropelou a mim e a Nana, já que virou a rua sem dar seta... Um hábito mais comum aos moradores do que se imagina. E ela, toda irada, gritou para o piloto destruído: *seta não é o seu cu, meu senhor. Pode dar sem medo!*

Minha amiga sempre está associada às lembranças importantes da minha vida. As boas e ruins... Eu espero, de todo o coração, que Caio não seja um arremedo passageiro, e que juntos possamos viver inúmeras memórias afetivas.

Acreditar é o primeiro passo... E este já tinha sido dado.

Vinte minutos depois, paramos na porta do nosso destino, em um dos bairros da zona Sul da cidade, o Jardim Canadá. Assim que lê a placa com o nome que mais lembra um clube, Caio me olha, com estranheza, mas nada diz. Deixo que os fatos se apresentem antes que tire as próprias conclusões. Todos temos o benefício da dúvida antes de qualquer certeza.

Aperto o interfone que está logo abaixo do nome *Outono Residence*, a temida — e por muitos considerada depreciativa — frase *Casa de Repouso* estampada em menor tamanho logo acima. Digo o meu nome, liberando assim a nossa entrada. Atravessamos o portão, indo parar em um jardim simples, mas bem cuidado. Caminhamos através do calçamento, de mãos dadas, as roupas

ainda úmidas. Será que ele nota como minhas mãos tremem, percebe o temor em analisar de que forma o meu passado será interpretado? Só o tempo será capaz de me confidenciar isso...

Passamos por uma senhora já minha conhecida, magérrima e alinhada em seu vestido cinza, de corte reto. O único traço que denota bem a personalidade dela é o vivo cabelo azul. Aceno para ela, que retribui em um gesto efusivo. Quando Caio a encara, prestes a cumprimentá-la num gesto educado, ela lhe dá uma piscadela maliciosa.

— Ah, se eu tivesse uns cinquenta anos a menos...

Pela primeira vez, contemplo Caio completamente sem jeito. Libero uma gargalhada diante desse momento inusitado.

— Míriam! Você não perde tempo, não é mesmo?!

— Posso estar velha, mas não morta, minha filha — os lábios murchos fazem um biquinho travesso, quase juvenil. — Ainda mais com um chocolate desses...

Mal contenho o riso ao atravessar a porta, seguida por um Caio ainda sem saber o que responder... Vou cumprimentando “as meninas” conforme passo por elas, e logo avisto Lucy, a gerente do lugar. Eu a chamo e assim que me vê, a senhora, já minha velha conhecida, aproxima-se e me dá um abraço.

— Que bom vê-la... Sentimos sua falta esses dias.

— Estava em São Paulo participando de um novo projeto... — Eu a fito, séria, à espera de que tenha boas notícias para me dar. — Como ela está hoje?

Lucy me olha por um momento, antes de sorrir, trazendo-me alívio ao coração.

— Ela está em um dia bom... Pode ficar tranquila... — analisa Caio de cima a baixo, e um silêncio embaraçoso fica entre nós.

— Desculpa, Lucy... Este é o Caio, meu...

— Namorado — ele me corta e lhe estende a mão, desvencilhando-se da minha.

Fico vermelha, pois meu pianista age naturalmente, como se soubesse por que estávamos ali.

— Meu nome é Caio. Muito prazer! — e logo vem aquele sorriso cordial que pode aquecer a mais extensa e profunda geleira.

— Ai, que bom... Parabéns para os dois! Você tem uma mulher de ouro ao seu lado... Dá para ver o quanto são apaixonados. Só notar o jeito que

estão grudadinhos um no outro... — a gentil senhora, que parece uma das fadas da Bela Adormecida do desenho, só falta dar pulinhos de felicidade.

E, dessa vez, quem fica sem graça sou eu.

— Veio apresentá-lo para a Júlia?

Faço que sim com a cabeça. O que parece tê-la deixado ainda melhor.

— Tenho certeza de que ela ficará feliz por você... — Aproxima-se e me abraça mais uma vez. Estende os braços curtos para Caio, que precisa se abaixar para retribuir aquele tão belo sinal de afeto. — Ela está na sala de TV. Venham, eu os acompanho até lá!

Seguimos o corredor, cheios de expectativas. A cabeça de Caio deve estar repleta de questionamentos ou talvez ele esteja tirando as próprias conclusões. Eu, a cada passo, tento não criar conjecturas ou me encher de ansiedade. Deixo que cada vitória ou derrota surja no seu próprio tempo.

Em pouco tempo, Lucy entra conosco na sala e aponta para um dos cantos. *Ela* está longe das velhinhas que cochicham diante de uma das novelas tolas que reprisam durante as tardes na programação aberta. Repousa em uma poltrona, a cabeça meio baixa, no rosto, certo ar perdido, como se buscasse encontrar algo há muito perdido nos véus do passado.

Eu me afasto de Caio por um momento e me ajoelho diante dela. Afasto a cadeira de rodas que está ali, ao lado, e faço um carinho em seu rosto. Ela parece me reconhecer por um ligeiro instante... A mão hesitante se ergue e repete o contato, dessa vez na minha face. Ajudo-a a se arrumar na cadeira e ajeito os cabelos meio ondulados que lhe caem sobre o rosto.

Sem nada antecipar, peço em um gesto que Caio se aproxime. E assim começo a me desvencilhar do passado, com toda sua fúria e paixão, levando aquele que me ama a transpor comigo o deserto à procura de todas as respostas que desejar.

— Caio, quero te apresentar dona Júlia Muniz, a minha mãe!



19

Passo a mão pelo rosto tão conhecido, que tanta coisa vi passar. Raros foram nele os sorrisos verdadeiros e espontâneos, sem que esperassem aprovação ou permissão daquele que devia a respeitar e amar. Por outro lado, o medo e a dor... Estes sim fizeram morada nesta face, com tamanha regularidade que até hoje me choca. Minha mãe fecha os olhos e sorri enquanto a acaricio, como se fosse um gato, carente, que recebe um carinho inesperado após excesso de maus-tratos.

Sinto a presença próxima de Caio, a me apoiar em silêncio. Assim como deixei que as palavras fossem pronunciadas pelos lábios dele, construindo significados, sei que faz nesse momento o mesmo comigo. Enquanto isso, a mente trabalha com força máxima. O rosto mostra serenidade, tentando encontrar a palavra correta para puxar o fio desta história.

Falo com a minha mãe banalidades sobre o clima, como se lidasse com uma criança. Ela nada me responde, está imersa no mundo utópico que criou para si, um que se perde a cada dia, ainda presa ao amor submisso que a destruiu.

De repente, ela ergue os olhos e a razão parece lhe assomar a face. Olha para mim, e logo em seguida para Caio, e abre os lábios, estampa a felicidade, mostra os dentes. E aquele pequeno milagre, que me parece tão raro, acontece. Como se compartilhasse daquilo que sentimos, ela está de volta, um pequeno vislumbre através do espelho.

— Oi, minha filha... Você está tão bonita... — a voz é um fiapo, o simples resquício que me toca o coração e o aquece, fazendo-me lembrar por que insisto em ficar nesta cidade, palco de tantas tristezas pessoais... Mesmo depois que todos se foram... Os bons e os ruins.

— Obrigado, mãe. Como você está? — as lágrimas descem, incontroláveis e singelas, exibindo algo que, daquela vez, não é dor. — Estava com saudades suas...

— Estou sempre por aqui... — Parece espantada, o olhar vivaz e inquisidor sobre mim, como se estivesse a falar um absurdo.

Logo seus olhos alcançam os de Caio. E como se soubesse coisas que nem eu mesma conheço, estende uma das mãos para que ele a pegue, em um momento de plena ternura, como se a dor que nos conectou fizesse o mesmo com eles. Em um gesto atencioso se abaixa, parecendo uma montanha diante do meu corpo diminuto, sem alarde ou brusquidão. Coloca as mãos dela diante da face e as beija.

— Um perfeito cavalheiro... É você que vai namorar a minha filha? — ela comenta como se aquilo fosse comum. O coração acelera e abro os lábios, em choque. Como minha mãe sabia?

Começo a interpelá-la, mas uma risada baixa de Caio me interrompe. Ele assente e dona Júlia o acompanha com a cabeça, como se tivesse em si todos os segredos do mundo, além dos meus.

— Você vai fazê-la feliz... Só tenha um pouquinho de paciência, tá? Ela ainda tem algumas lágrimas para tirar do peito...

— Pode deixar, dona Júlia. Ela será minha pela vida toda.

— Eu sei, moço bonito — e retribui o gesto, beijando também as mãos dele.

Caio se levanta e eu tomo a frente, cabeça e coração fervilhando de dúvidas.

— Mãe, como você sabia que o Caio e eu...

— Uma mãe sempre sabe, minha menina. Por que comigo seria diferente? É tão bom te ver apaixonada de verdade...

Algo em meu íntimo diz para deixar de buscar respostas e apenas viver o momento que nos cerca. Aquele instante quase sobrenatural, mágico, onde os sentimentos estão à flor da pele. Sem nada entender, mas agradecida pela forma sutil de bênção oferecida por ela, reclino na direção da minha mãe e a abraço.

Seus braços me recobrem, as mãos grudam firmes nas costas e sou recoberta por todo amor que não consegui sentir na infância e juventude... E consigo retribuí-lo na mesma intensidade, perdendo o passado entre nós, deixando leve e mais fácil o fardo de contar tudo ao homem que amo.

— Me perdoa, mãe... Queria tanto ter te ajudado mais...

— Você faz o que pôde, minha menina. Fique tranquila... — estou de olhos fechados, imersa naquela simples felicidade quando tudo se desconecta e a cruel realidade me toma. — Agora se despeça do seu namoradinho e volte a

estudar. Logo seu pai estará em casa e preciso que me ajude a arrumar a mesa...

Eu me afasto, encarando-a e vejo o fogo novamente se perder, minha mãe imersa na demência a que se entregou por livre e espontânea vontade.

— Mãe? Mãe... — eu a toco, tentando trazê-la de volta, sem sucesso.

Dona Júlia volta a olhar para o vazio a que pertence. Levanto-me, a mão na boca a conter um grito, o corpo que deseja se retorcer de dor. Recuo e Caio me ampara... Nos seus braços desabo, deixo a dor me tomar, trazendo o passado e suas consequências à tona.

— Pensei que ela estava mesmo aqui... Mas não. Era só em uma parte do passado tolo, esse que insisto em esquecer...

Ele acaricia as minhas costas, com delicadeza. Vai com o corpanzil de um lado para o outro, como se eu fosse uma criança precisando ser ninada. Os gritos em mim parecem se arrefecer e os soluços diminuem, aos poucos, o nó na garganta se desfazendo.

— Eu prefiro acreditar em milagres, Andreia. E isso nem quer dizer que sou um homem religioso, mas sim de fé. Ainda acredito nas coisas boas que a humanidade pode oferecer, no quanto podemos pegar toda a miséria que nos consome e transformar em boas coisas...

— Daqui a pouco vai me falar sobre mares que se abrem, pessoas que voltam dos mortos e mulheres doentes que leem as mentes das filhas para descobrir o que aconteceu... — foi impossível evitar o sarcasmo.

— Longe disso. O ceticismo diário faz com que desdenhemos da fé de cada um, e das coisas boas e despretensiosas que executamos, o que nos impede de grandes feitos, de tirar os pés do chão e deixar o coração voar. Minha crença habita nos pequenos milagres, naqueles instantes em que coisas inexplicáveis acontecem em nosso cotidiano, coisas tão simples e banais que sequer percebemos.

— Então, o que aconteceu aqui? — indago e me viro, fitando minha mãe, que murmura coisas incapazes de serem compreendidas, como uma prece infinda.

— Talvez a empatia a tenha conectado a nós... Quem sabe? Acredito que, assim como uma música reverbera através do espaço, mexendo com nossas emoções, ativando além dos nossos sentidos formais... assim são os sentimentos... Sejam eles bons ou ruins. Nesse caso, prefiro acreditar que esse amor que habita em nós tenha transbordado e lhe tocado a alma, tirando-a da inércia em que se encontrava...

— Um jeito bonito de ver tudo isso... Obrigada! — enxugo os olhos e

beijo rapidamente seus lábios.

— Pelo quê? — parece curioso com a minha resposta.

— Que tal pelo fato de me ensinar a ver sempre o lado bom das coisas?

— Gosto disso — eu sorrio, de olhos fechados, o cabelo encostado no peito dele.

Sinto-o respirar profundamente e permanecer em silêncio por um momento, tomando e me oferecendo coragem para seguirmos em frente.

— Bom, você ainda tem uma história para me contar... Quer continuar?

Assinto com a cabeça e volto a me virar na direção de minha mãe. Beijo a testa dela e murmuro um “*eu te amo*” antes de pegar na mão de Caio.

— Vamos para o jardim... Preciso tomar um ar.

Caminhamos em um silêncio respeitoso, quase um momento de luto por tudo que tinha lutado, acreditando ser a verdade... E havia perdido. Momentos que achei que nunca se repetiriam comigo, de onde surgiram as primeiras culpas e decepções. No período no qual andei sob cacos de vidro, até as cicatrizes se tornarem tão grossas e calejadas que pensei ser impossível sangrar... Como me equivocara.

O jardim rodeia toda a extensão da casa, e, por isso, opto por me sentar com Caio nos fundos do casarão, em vez da frente, onde podemos conversar sem interrupções. Quando passamos por Lucy, pergunto a ela se tem algum problema, mas ao perceber meu estado, ela me libera, analisando minha face ainda marcada pelas lágrimas...

— Fique o tempo que precisar — a voz calma me dá coragem mais que qualquer gesto até aquele momento.

Agradeço-a, esperando que no sutil cumprimento ela sinta não só a gratidão por aquele gesto — o de receber a filha de uma residente toda descabelada, movida pelo fulgor da paixão e anseio de liberdade, com as roupas ainda úmidas de chuva junto ao corpo —, mas por todo o carinho e afeto que sempre trata a mim e minha mãe.

Não sou inocente... Sei que ali é um lugar privado, muito bem pago para esse fim. Afinal, faz-se necessário um grande montante para prover uma estrutura dessa, mas dona Lucy se dedica em prol dos outros. Durante todo esse tempo todo, fez desse lugar parte da própria vida.

Se fosse seguir o contexto utilizado por Caio, afirmaria que ela é um

dos pequenos milagres que a vida colocou em meu caminho...

Nós nos sentamos em duas cadeiras de vime, de costas para a casa, na área em que os residentes cultivam flores e ervas como forma de terapia. Portanto, vejo as mais diferentes e inusitadas florações, lado a lado, criando um jardim desordenado, mas harmonioso.

Há, inclusive, alguns girassóis mais à frente, altos e garbosos, as flores em busca da eterna luz, o brilho solar que nos abençoa, mesmo em meio às nuvens da chuva que se dissipou. É neles que foco o meu olhar, buscando a iluminação que preciso para seguir adiante e fazer o amor — por mim e por Caio — valer a pena.

Seguro nas suas mãos e as aperto, enquanto as palavras são derramadas.

Estamos fadados a repetir os erros dos nossos pais. Por mais que neguemos, isso é inevitável. Em algum momento, nós nos tornamos tudo aquilo que criticamos e para o qual reviramos os olhos... Proferindo cada palavra que insistimos dizer que nunca falaríamos.

Os atos podem não ser iguais, passo a passo, milimetricamente... Mas possuem o mesmo impacto, a mesma força destruidora a nos mover... Começo a te contar o meu passado, dessa forma categórica, neste lugar, porque relemburar o meu passado é mais que uma confissão... Aqui, coloco diante da pessoa que desejo ter no meu futuro... Que é você, Caio, antes que me fale algum gracejo... O meu passado, onde tudo começou... Minha mãe...

E, com isso, espero perdoá-la por se entregar a um amor destrutivo, com seus altos e baixos, e se permitir quebrar por não conseguir se ver só... E a me perdoar, porque por mais que tenha sido forte por ela, em algum momento, deixei de ser o suficiente por mim, pelos motivos errados.

Sabia que eu tive duas mães e dois pais? Pode parecer estranho, mas é verdade... Aqueles que existiam para o mundo... O casal feliz, cheio de amor e afeto, que andava de mãos dadas e estava sempre cheio de sorrisos um para o outro, utilizando uma máscara de cumplicidade que eu, conforme fui crescendo, via com raiva, sarcasmo e desesperança.

Já que os meus outros pais, os que moravam entre as quatro paredes da minha casa, eram amargos e rancorosos. Vivíamos em uma tensão constante e crescente, à espera de que o caos irrompesse. E ele sempre vinha, em algum momento, porque, a maior habilidade que meu querido e odiado genitor tinha em casa não era a verborragia, mas sim os punhos.

O excelentíssimo senhor Cléber Ventura Muniz era o empresário

exemplar, um verdadeiro líder para seus colaboradores e uma pessoa sempre a seguir como exemplo... Era isso que os outros diziam. Os que não compartilhavam da sua intimidade nem imaginavam como era ser aterrorizado por seus rompantes, a dever-lhe uma constante obediência em uma série de regras que mudavam a cada segundo, de acordo com o seu bel prazer.

Como filha mais nova e única mulher da casa, com dois meninos mais velhos, eu me cansei de vê-lo exercer seus desmandos e violência pelos motivos mais banais, sem saber quando aquilo começara. Acordava e pensava que teria um dia normal até ver gotas de sangue seco no chão e Douglas, meu irmão mais velho, com o nariz inchado. Ou minha mãe, com maquiagem no rosto a fim de cobrir o olho roxo. Thales, meu irmão do meio, uma vez teve o braço tão torcido que pensamos que tinha se quebrado ao ouvir o estalo, mas havia sido apenas um trinco...

Hoje me pergunto por que ninguém o denunciava. Talvez por medo, ou receio de que ele pudesse matar a minha mãe... Pois ela se silenciava e aguentava pancada após pancada, em uma idolatria que ainda me repugna. Ele a traía em suas viagens, humilhava-a, mas ela aguentava com uma subserviência quase santa, porque assim fora condicionada. Se estivesse só, como cuidaria dos filhos? Como se manteria?

O que ela sabia da vida?

Como se lesse os pensamentos dela e tentasse reforçá-los, as humilhações eram constantes, os gritos também. E aquilo me calava fundo, buscando algo que pudesse fazer para contê-lo. Sim, eu, pois meus irmãos foram egoístas, pensando apenas em se salvar antes de auxiliar a todos. Na primeira oportunidade, saíram de casa e cortaram laços, enviando notícias esporádicas até, por fim, silenciarem. Penso que inventaram para si novas histórias, sem irmã e com pais falecidos, lembranças cheias de floreios como amor, respeito e igualdade. No começo doeu, mas depois aprendi a esquecê-los, guardá-los em lembranças de uma outra vida... Talvez um sonho...

Durante a infância e adolescência, meu pai nunca me bateu. Para sobreviver, aprendi a guardar em mim a raiva, o rancor e a vontade de mudanças. Ficava em silêncio, a pedido da minha mãe, e me fechava quando éramos apenas três em casa, diante dos tapas e chutes que pareciam fazer o meu mundo estremecer. Tapava os ouvidos e sonhava com uma história de amor feliz, na qual fosse amparada e respeitada. Algo digno dos romances que lia, incansavelmente, para fugir de tudo que ameaçava me enlouquecer.

Só uma vez, antes do fim, ele quase perdeu o controle. Foi numa ocasião, quando estava prestes a vir embora para Ribeirão cursar a faculdade.

Eu me lembro de grudar no pescoço dele, arranhando-lhe o rosto, disposta a salvar a minha mãe que ele enforcava. Cléber, pois naquele momento não conseguia ver o monstro como pai, ergueu o braço para me socar... E o teria feito, se não fosse o grito de dona Júlia, trazendo-o de volta. Naquele dia ele saiu de casa batendo portas, deixando-nos sozinhas entre ferimentos e lágrimas.

Foi quando eu perguntei por que insistia em viver aquilo... E ela confessou que, mesmo diante de tudo, amava-o... E não sabia existir de forma diferente.

Naquele momento resolvi que um dia mudaria aquela realidade. De forma definitiva.

O que ninguém nunca soube foi o que fez aquilo acabar... Ou melhor, dar uma pausa, pois, a história se repetiu, quando eu me envolvi com Marcos. Não no quesito violência física, pois nesse caso eu saberia como lidar, mas no de minar minhas forças, fazer com que me sentisse destituída de todo e qualquer adjetivo e perdesse a própria voz, em cada alegação em que meu “ex” dizia me salvar e trazer o bem para a minha vida.

Quem libertou minha mãe do ciclo de tanta violência e dor fui eu... Com uma coragem que caberia aos jovens ou loucos, a força de quem estava cansada de ver a dor sendo espalhada como forma de dominação... De uma forma que não soube fazer por mim mesma quando precisei.

Assim que fui para a faculdade, meu mundo se expandiu. Não só por causa de Nana, mas de outros homens e mulheres que, no decorrer do tempo, mostraram-me que não existiam pessoas superiores ou inferiores devido ao sexo que movem suas entranhas... Que os ciclos de violências não devem ser alimentados, mas sim rompidos e debatidos. Eu só precisava esperar o momento certo... E foi o que fiz, sozinha.

Nunca disse para ninguém o que acontecia em casa. Talvez ali tenha sido a minha oportunidade de recomeçar e ser uma nova pessoa. Na verdade, penso que tinha vergonha... Não do meu pai, pois ele, mesmo sendo um monstro, vivia a própria natureza, dentro e fora de casa, sem nenhum resquício de culpa. Os dois eram ele, o bom e o mal, o perfeitamente aceitável e o sujo, nojento... Mas da minha mãe, que o amava e se submetia, jogando fora sua essência... Rezava, nos momentos mais solitários e angustiantes, para que ela pudesse ser feliz antes de morrer.

A oportunidade veio quando, em uma das férias, eu fui visitá-los. Já tinha começado a namorar o Marcos e queria ter ficado em Ribeirão, mas ele ia viajar com a família... E Nana também tinha compromissos naquele período.

Não me lembro exatamente o que era... Isso me fez voltar alguns dias para minha cidade natal, Franca, uma hora e meia daqui... Meu “ex” e eu nos falávamos todos os dias através do celular, e eu tentava sempre fazer isso nos horários em que estava sozinha, porque ainda não estava pronta para apresentá-lo aos meus pais, expor a infelicidade que imperava nas paredes daquele lar.

Eu também não fazia questão, pois mal cabia em mim a imagem de meus dois mundos se chocarem... Sequer imaginava que estava começando a me envolver com alguém quase idêntico àquele que me chamava de filha... Na verdade, um ser ainda mais cruel... Mas isso agora não vem ao caso. Tudo a seu tempo.

Minha mãe tinha ido fazer compras, o que me deu tempo para falar tranquilamente com o namorado... Conversamos sobre coisas bobas e sacanas que namorados dizem, promessas e lembranças, coisas banais do dia a dia... Aqueles fatos que fazem bem ao coração antes que a guerra se deflagre, coisas mornas e doces que alimentam a alma.

Estava tão concentrada e feliz naqueles minutos em que trocamos sentimentalidades através do aparelho, que sequer percebi que meu pai tinha chegado mais cedo. Ao me ouvir, entrou sem fazer alarde e escutou grande parte da conversa, até as mais íntimas...

Imagino hoje a face dele, pálida e depois vermelha, em fúria, ao perceber que a filha lhe fugira do controle e tinha corpo, vontade e força... Eu havia crescido e me tornado um mistério. Afinal, se eu falava aquilo ao telefone com um homem que ele não conhecia, ali dentro, sob o seu teto, o que não faria longe das suas vistas?

Desliguei o telefone e me levantei. Ouvi-o chamar meu nome, mas mal tive tempo de me virar antes que a mão dele batesse na minha face. Caí no chão com o impacto, o celular que caíra foi pego por meu pai e espatifado na parede. Não sei o quanto ele me bateu, mas as palavras ali pronunciadas foram as piores.

“Não criei filha para ser vagabunda. A culpa é minha, que te poupei demais... Quer envergonhar seu pai sendo uma puta?”

Aquilo rompeu de mim toda a civilidade que antes me habitava. E, naquele momento, eu revidei. Chutei com todas as forças que tinha entre as coxas dele e o vi, cair, em dor e espanto. Levantei-me com esforço, e continuei a bater com os pés cegamente, com uma força que nunca imaginei ter, até que meu pai perdesse o fôlego. Aproveitando os poucos minutos de vantagem que eu

ganhara, fui à cozinha, lágrimas de dor e mágoa a me escorrerem pelos olhos, e peguei o cutelo que tinha na gaveta, parar cortar carnes.

Quando voltei ele estava de pé, e toda a força machista, de sentir-se superior, opressor e juiz, evaporou-se quando me viu com a lâmina na mão. Para mim, meu pai estava destituído do seu poder, fora colocado em seu verdadeiro local, de homem fraco e mesquinho, que precisa diminuir os outros para se engrandecer.

— Você vai embora! — minha voz saiu firme, mesmo quando queria fugir, de maneira instintiva. — Vai abandonar minha mãe e sair dessa casa de uma vez por todas!

— E você vai me obrigar a fazer isso? — era notório o desprezo e incredulidade na voz dele.

— Ou some daqui ou eu te mato, pai. Posso não conseguir agora, mas você vai dormir... E, no escuro, vou cortar sua garganta, sorrindo por me ver livre desse inferno.

— Andreia, te falta coragem para isso... Você é fraca, como sua mãe.

— Me testa, pai. Tira minha faca, me bate mais um pouco... — o sofrimento de dizer aquilo era inominável. — Mas se fizer isso, me mata... Porque se eu sobreviver, eu vou para a delegacia e conto cada uma das coisas que você já fez. Agora eu tenho suas marcas no meu corpo para provar.

— Tem coragem de fazer isso com o seu pai? A culpa foi sua! Viu como estava agindo? Como parecia ao telefone?

— Eu te odeio... Desprezo tudo aquilo que representa... O tanto que fere e machuca. Gostaria de não ter pai... Ou que morresse para não machucar mais ninguém...

Naquele momento, eu o vi derrotado. Ele era como tantos homens, vítima e propagadores do machismo que veio do meu avô, e de antes disso. Uma corrente do mal que vem se fortalecendo de geração em geração, até que alguém tenha coragem de quebrá-la... E foi o que fiz.

— Deixe a gente em paz. Construa uma nova vida e esqueça que existimos. Senão destruirei a imagem perfeita que tão bem construiu fora dessas quatro paredes. Farei de forma que nada de bom sobre você reste na lembrança dos outros. Em vez de orgulho, seu nome será motivo de vergonha.

Ele ponderou e examinou as possíveis alternativas, duas forças opostas em tensão no mesmo ambiente. Por fim, resolveu ir embora do mesmo jeito que havia chegado. E só quando me vi sozinha, deixei a faca cair no chão e chorei, alegre e triste, ferida e curada, até que a força me deixasse.

Quando minha mãe voltou, me encontrou ainda no chão, com a faca diante de mim. Assustada, perguntou o que tinha acontecido, assustada com meu rosto ferido e o olhar perdido em meio a tantos sentimentos conflitantes.

Eu mandei o meu pai embora... Ele não vai voltar nunca mais...

A loucura havia me tomado ou seria a razão? Pois me lembro de tê-la fitado, e beijado seu rosto que me fitava, pálido, para em seguida afirmar, categórica.

— *E você não vai atrás dele, mãe. Vai recusá-lo se tentar voltar, aprender a ser feliz longe daquele desgraçado... Se ele voltar a fazer parte da nossa vida, um de nós morrerá. Eu ou ele... Cabe a você decidir.*

Ela se afastou de mim naquele instante, como se me visse sob novos olhos. Talvez testemunhasse em mim a coragem que nunca habitou nela mesma. Ou me desprezasse como o ser que tomou dela a única coisa que tinha. Dona Júlia fora arrancada do posto de esposa e mãe para ser o quê? Descobrir-se pode ser uma jornada árdua, e, ao contrário de mim, penso que ela sequer estava disposta a descobrir.

Mas, querendo ou não, ela ligou para meu pai, na busca pela verdade. E como se recusasse a vestir o uniforme de vilania e se assumir, o covarde lhe imputou mais essa culpa, dizendo que estava cansado dela, de suas reclamações e da existência vazia que tinha ao seu lado. E por isso a abandonava para ser feliz e viver a própria vida.

Ao descobrir aquilo, minha vontade era de sair dali até encontrá-lo, e lhe abrir o peito para descobrir se tinha um coração. Mas por ela não o fiz. Permaneci do lado de fora do quarto que dividiu com o marido todos aqueles anos, batendo na madeira até me cansar de ser ignorada, ouvindo o seu choro convulso a noite toda.

No outro dia ela trocou as fechaduras da casa e contratou um advogado para representá-la, de forma discreta e sem alarde, desejando manter a beleza de um falso brilhante na própria vida. Brilhante, porém frio e vazio.

Acompanhei-a durante todo o processo, e quando tive de voltar à faculdade nós nos falávamos todos os dias, para não a deixar recuar. Meu pai, em sua célebre lábia, transformara as duas mulheres da vida dele em algozes, mostrando o quanto deixara de viver para suprir nossas necessidades. Tonara-se vítima e nós duas, tóxicas, dispostas a tomar sem retornar nada.

Aquilo acabou com ela. E, em vez de salvá-la, eu a condenei. Minha mãe se tornou um ser oco, pois não tinha nada para preencher o peito sem ser o ódio, a obsessão apaixonada e insana a que ela e meu pai se submetiam. Ao

arrancar aquele relacionamento doentio da sua existência, ficara sem algo para preenchê-la.

Na assinatura do divórcio, meu pai apareceu com uma namorada quase da minha idade. Olhou-nos com tamanho desprezo e rancor, como se verdadeiramente fôssemos culpadas da história deles tomar aquele rumo. Eu precisei ser contida não só por minha mãe, mas pelo advogado dela, quando a “namorada” nos olhou de cima a baixo e comentou, com desdém, para que dona Júlia escutasse:

“Agora eu te entendo, amor” — dirigiu-se ao meu pai. — Você não tinha uma mulher, mas sim um trapo. Um capacho que se esfregava pela casa.”

Depois daquilo veio o primeiro surto de depressão. Crises cada vez mais graves no decorrer dos anos, seguidas de internações. No começo, consegui cuidar dela, correr para acudi-la a cada vez que caía, aquela parte de mim se culpando, ainda com a faca na mão, na sala de casa, em lágrimas.

Ela foi mudando, gradativamente, se perdendo, e eu não sabia como ajudar. Em pouco tempo, já não me reconhecia, sequer se mantinha sozinha. Após uma série de exames, ela foi diagnosticada com demência vascular... Era como se, na tentativa de se desvincular de todo o sofrimento, seu cérebro se rebelasse, rompesse aos poucos, isolando-a nesse mundo que ainda vive, cercada daquilo que ela vê como felicidade. Penso que, no final, ela se rendeu, entregou-se por acreditar que vivia em mundo onde não tinha função, nem se fosse para ser o alvo das frustrações e ira do meu pai.

Com o dinheiro que ela recebera do divórcio, paguei uma enfermeira para ela, que passou a viver naquela casa antiga, cheia de lembranças. E me fazia também sentir grata por aquilo. Só consegui trazê-la para cá após o divórcio. Por ironia do destino, com ajuda daquele que a aprisionou durante tanto tempo.

Descobri, por telefone, que ele tinha morrido, sozinho em casa, esquecido, encontrado pelo cheiro de podridão que o cercava. Na ocasião, não senti nada, nem tristeza. Ele nunca mais se casou ou teve filhos. O seguro de vida ainda estava no nome da minha mãe, e foi com esse dinheiro que eu a trouxe. Os bens foram liquidados, a parte dele na empresa vendida aos sócios, a sua presença imaculada na existência passou a se tornar história.

Se um dia a julguei por amar um homem o suficiente para abdicar de si mesma, hoje não o faço mais... Porque, como eu disse no começo dessa confissão, eu segui os seus passos. Na busca de fazer diferente, de construir o meu final feliz, construí um ilusório castelo — de areia ou de cartas, como

preferir — algo frágil e delicado, aparentemente belo, mas falso. Mergulhei nele de tal forma que, assim como ela, precisei ser abandonada para me libertar...

Pois é, quando Marcos se cansou de mim e me renegou como mulher, eu me vi livre dele... Mas ao contrário de minha mãe, consegui me reconstruir com aquilo que eu tinha, resiliente e alquebrada, mas eu mesma. E isso é o mais importante.

Entende agora o meu ódio, meu medo, por que tanto hesito nessa felicidade que promete me dar? Consegue imaginar o quanto é mágico e difícil eu me entregar para você aos poucos, ter vergonha daquilo que me tornei, do meu corpo e feminilidade? Existem mais coisas, detalhes, fatos a narrar e superar... Mas agora não consigo... Nesse instante, pelo menos...

Tem certeza de que ainda me quer na sua vida? Mesmo sabendo que, como ela, em algum momento posso me partir e me perder?

Ainda quer se arriscar?



20

O beijo interrompe as lembranças, liberta e me traz de volta ao presente, disposta a construir um futuro. Fecho os olhos e as imagens se dispersam, perdendo-me em sensações que me fazem tocar as estrelas. Caio me afasta por um momento e sorri, olhando-me de forma segura, repleta de ternura e determinação.

— Sim, Andreia. Eu a quero ainda mais... Não importa quantos segredos e medos tenha, caminharei ao seu lado...

Os lábios retomam a dança de carícias, as línguas se tocam, expulsando as palavras, pedindo que elas se refreiem por enquanto. Gemo, mas não o afasto. Puxo-o contra mim, em dualidade, querendo ainda contar o que me aflige, colocar à prova o que me consome, acabar com o principal fantasma a nos circundar.

Quero me mostrar para ele, mas não tenho forças... Torna-se impossível raciocinar diante dos dentes que mordem meus lábios, a boca que suga minha língua em um vai e vem quase sexual, em um beijo que me excita e em uma sensação de entrega e posse.

Esquecendo-me de onde estou, eu o devoro, esfaimada, apaixonada...

Até que um barulho destoa do ambiente. Um pequeno murmúrio, talvez uma tosse baixa chega aos nossos ouvidos. É nesse instante que olho para a casa e vejo Míriam e mais umas três senhoras debruçadas sobre a janela, deliciando-se com o nosso contato.

— Tá vendo, Gilda? Você tinha que engasgar? — a senhorinha revira os olhos, fazendo com que Caio e eu caíamos na gargalhada. — Acabou com a nossa festa... — Uma outra mulher, mais nova, com as bochechas rosadas e jeito delicado, parecida com aquelas vovós de filmes infantis, ergue os ombros, sem graça.

Assim, entre resmungos, elas voltam para dentro. Míriam, sem graça, comenta um discreto “com licença” antes de fechar a janela.

— Vamos embora. Ainda tenho de te levar para casa antes de voltar...

— Vai voltar para São Paulo ainda hoje? — eu o imagino pegando mais quase quatro horas de estrada após um dia tão atribulado.

— Como eu prometi, só vim te trazer...

— Sei que é um homem de palavra, Caio, mas me preocupo com você. Dirigiu a tarde toda...

— Fizemos outras coisas também — noto no rosto dele certa malícia e fico vermelha ao lembrar nós dois, na chuva.

— Várias coisas que você teve de dispor de muita energia... Deve estar cansado.

— E o que propõe? Que passe a noite com você? — aquele ar cheio de segundas intenções só aumentou. *Caio, você nem imagina como eu desejo ser amada por você a noite toda...* Contudo, ainda há coisas a serem ditas. Temo não saber como lidará quando o momento chegar.

— Não acho ruim a ideia de dormir comigo... — a satisfação em seu semblante é evidente. — Pode tirar da sua cabeça qualquer ideia obscena. Deve se comportar, como um cavalheiro. Você sabe parte da minha trajetória, imagina outras... Mas o que mais me incomoda ainda não foi dito. Eu te contei que fui abandonada e rejeitada como mulher, pelo homem que abusava de mim emocionalmente. No entanto, não te contei o porquê... E pode ser que, ao saber a resposta, você também escolha me afastar...

— Pare de falar besteiras, minha deliciosa Andreia! Você é a única a produzir som no silêncio que antes me dominava. Lembre-se de que este é um reencontro... Já conheço seus pensamentos, medos e infortúnios, até os que hesita em contar...

— Estou namorando um médium, talvez um profeta? — brinco com a insistência em dizer que nada em mim pode surpreendê-lo. — Deixei de viver um drama para entrar em um universo fantástico?

— Tudo tem a sua hora certa de saber... Nossa história tem muitas nuances, Andreia. Às vezes, as pessoas nos servem de inspiração para que, mais adiante, possamos retribuir isso... Eu me atrevo a dizer, sem sombra de dúvidas, que parte do homem que me tornei foi por sua causa...

— Nunca cansará de exhibir mistérios, Caio?

— Como mantereí a paixão de uma mulher se me mostrar por inteiro? Certo ar enigmático é bom para aguçar os sentidos... — Saímos da casa de repouso e entramos no carro. Antes de ligar o veículo, Caio colocou os dedos sob o meu queixo e vira delicadamente minha cabeça na direção dele.

— Para te aquietar o coração, farei o seguinte: iremos para sua casa...

— Apartamento — eu o corrijo. — Bem pequenininho, por sinal. — Mantenho o bom humor do diálogo.

— Dormirei no seu ninho então... De conchinha, de forma bem respeitosa.

— Obrigado por entender, meu pianista — acaricio os lábios dele com um selinho.

— E, se te sentires preparada, poderás dizer o que tanto te aflige. Prometo que não sairei correndo no meio da noite ou te julgarei menor ou diferente.

— Tire suas próprias conclusões depois que me ouvir... Depois que me ver... — sussurro o final da sentença, quase sem voz.

— Por acaso se lembra que eu olho para você, como verdadeiramente é, desde a primeira vez? — assinto com a cabeça. — E como eu a defini?

— Perfeição... — a resposta veio junto com um suspiro.

— Só me promete uma coisa, Andreia?

— O quê? — sempre me deixo dominar pela curiosidade dos pedidos dele.

— Que depois de sanar todas essas dúvidas tolas, eu vou poder te dar prazer? De modo louco, selvagem e impulsivo, nas posições que eu quiser? Quero ver quantas notas consigo extrair de seus lábios quando o meu corpo converter seus incontáveis orgasmos em música.

Dou um tapa nele, sem graça, mas tentada com a ideia.

— Quem sabe...

— Já é alguma coisa. Antes preciso que me leve a alguma loja. Preciso de, pelo menos, uma cueca nova para tomar um banho e dormir, e roupas para ir embora amanhã. Ou quer que eu permaneça o tempo todo nu?

— Apesar da visão extremamente prazerosa, agora eu te prefiro vestido...

— O agora é muito efêmero e mutável... Pode ser mudado daqui a um segundo.

Desta vez sou eu quem sorrio e me mantenho em silêncio, voltando a me manifestar só para conduzi-lo ao Ribeirão Shopping, o maior da cidade — e também o mais elitista. Mas, de qualquer fora, o mais próximo de onde estávamos.

Típico do interior, as pessoas iam ali com as melhores roupas, cabelos

alinhados e maquiagem impecável, para fazer compras, ou até mesmo tomar um café, assistir a um filme na rede de cinemas local ou visitar uma livraria, já que a maioria delas se encontram dentro dos shoppings, e não pelas ruas da cidade.

Ignorando qualquer tipo de olhares, entramos desalinhados e descabelados pelos corredores acarpetados, de braços dados, à procura de uma loja que atendesse aos pedidos de Caio. Encontramos uma e, enquanto ele separava o que lhe agradava, fico observando as roupas nas araras, analisando algumas possíveis sugestões caso ele precise de ajuda.

De repente, ouço-o me chamar na porta do vestiário. Meu pianista me dá aquele sorriso de canto, tão deliciosamente cafajeste e que me faz suspirar. Está com uma polo vermelha que evidencia cada detalhe da sua tentadora musculatura. Parece que, ao pedir que ele se vista, Caio deseja me desafiar, colocando cada peça de forma que eu consiga imaginá-lo despido.

— O que acha? Estou aprovado?

— S-sim... — Tento manter a voz firme e indiferente, sem sucesso. Ele volta para o vestiário e, só então, reparo na calça jeans, que mostra toda a fartura que o povoa, tanto no ir quanto no vir.

Mordo os lábios de maneira involuntária e chacoalho a cabeça, a fim de espantar os pensamentos. É nessa hora que escuto duas mulheres, na casa dos vinte anos, perto de mim, conversando:

— Viu que cara gostoso?

— Tem como não ver?

— E que bunda é aquela? Meu Deus! Dava fácil... — na mesma hora sei de quem falam.

A vontade de me aproximar e dizer, toda orgulhosa: *aquele homem é todinho meu*, era grande, mas a ideia de fazer isso é tão descabida quanto o pensamento.

— Pena que é tão escuro... Se fosse um pouco mais claro — aquele comentário tão descabido me tira a respiração. *Eu tinha mesmo ouvido aquilo?*

— O que tem, amiga? De vez em quando é bom pegar um gato preto para tirar o azar — a outra comenta e ambas riem. Sinto o rosto ficar vermelho, tomada pela raiva.

— Imagina eu apresentando um negrão pra minha mãe? Ela surtaria.

Nessa hora, sequer me contenho. Eu me aproximo das duas, tomada pela indignação, mas disposta a manter a compostura. Encaro-as, surpreendendo-as pela intromissão, e vou diretamente na jugular.

— Mulheres como vocês, que se limitam a padrões e expectativas fúteis, vão sempre permanecer sozinhas, ou com vidas vazias e ridículas. Quando aprenderem a pensar de verdade e aprenderem a gostar das pessoas pelo que elas são, talvez possam ser salvas da vida medíocre que têm.

— Quem é você para falar assim com a gente? — uma delas tenta levantar a voz para mim, mas eu respondo em igual força. Enquanto a outra olha para os lados, sem graça diante do flagra.

— A namorada do homem sobre o qual estavam falando. E se eu escutar mais algum comentário preconceituoso, chamo a polícia. Racismo é crime, sabiam?

— Você deve ter entendido errado... — a primeira a comentar fica pálida, olhando para um ponto além de mim. As pessoas deviam estar nos escutando. Acho ótimo, pois qualquer coisa terei testemunhas de tamanho disparate. — Não queríamos ofender o seu namorado.

— No momento, a única coisa que vocês devem querer é sumir daqui, antes que eu sente a mão na cara de vocês... — o desprezo no meu olhar é nítido e, portanto, logo elas somem.

Fecho os olhos e respiro até me acalmar. Não quero que Caio me veja assim, cheia de raiva por ele, não por mim. Nunca diria para ele o que ouvi, incrédula como algumas pessoas podem ver aquela pele negra tão linda através de olhos preconceituosos. Por um momento penso em como sou tola, imaginando a forma com que ele me julgará ao me ver nua.

O que pode ser considerado defeito — na verdade um eco de Marcos que ainda ecoa em mim — está longe dos olhos, recobertos de panos ou pele. Passo a pensar como seria se aquilo que tanto criticassem estivesse por mim exposto sob todos os ângulos, visto de longe. Mais ainda, pergunto-me quantas vezes Caio deve ter sido vítima de comentários como aquele, e, mesmo assim, tem tanta força e perseverança em si? Como ainda consegue manter a segurança impetuosa de um monarca nos gestos? Isso me faz admirá-lo ainda mais...

Como se soubesse que meus pensamentos estivessem tomados pela presença dele, sinto as mãos delgadas do meu pianista no ombro.

— Está tudo bem?

— Sim, sim... Escolheu suas roupas? Agora é só passar pelo caixa...

— Eu já fiz isso. Até passei por aqui para te chamar, mas estava bem ocupada. Pelo jeito, defendendo a honra do seu namorado.

Na mesma hora, olho para ele, desconcertada. No calor da discussão, sequer pensei que ele poderia estar ali, próximo a nós. Devia ser por isso que a

dona daquele comentário tão desnecessário desconversou. Penso em me explicar, mas só o que sai é meu desabafo.

— Como consegue lidar com isso, Caio? — sinto-me tão decepcionada naquele momento.

Ele apenas coloca a mão em meus ombros, sério, de forma a me mostrar que aquilo sequer o balançou. Pelo menos não mais.

— Aprendi a ignorar isso a partir do momento que passei a me amar sem medidas. Por que me ofenderia se alguém desdenha daquilo que eu me orgulho? Você deveria fazer o mesmo — e aquele comentário me atinge no âmago, mais do que ele imagina. — Agora, vamos embora, tá bom? Antes vamos passar da praça de alimentação e comprar alguma porcaria bem calórica para comemorar a minha primeira visita ao ninho da minha passarinha...

Pelo jeito, as piadas sobre o meu apartamento não acabariam tão cedo.

— Você acha esse espaço pequeno? Bondade sua — Caio ri assim que reviro os olhos, e se joga na cama.

Moro em um *loft*, quase uma quitinete, com quarto, cozinha e banheiro, com vista para o Parque Luiz Carlos Raya, um dos cartões-postais da cidade. Adoro passar horas ali, sentada na varanda, com uma taça de vinho nas mãos e uma música de fundo, olhando as pessoas andando pelo parque, ou dando volta com seus cães. Meu espaço, ou ninho como Caio chama, é um ambiente asséptico, sem retratos ou adereços, além de poucos quadros na parede e livros de arte em um vão da parede.

— Acho que, na verdade, aqui é aconchegante... — tento me defender, colocando os lanches no balcão.

— Para ter aconchego, falta personalidade... — Caio e sua sinceridade me encabulam. — Esse lugar só me confirma o quanto você hesita em expor suas emoções. Inclusive para si mesma.

— Só gosto de um visual *clean*, Caio. Pare de criticar o meu ninho — completo, entrando na brincadeira.

— Parece mais um quarto de hotel, deliciosa. Vamos ter de mudar isso.

— Ah, é? Vai mudar a decoração do meu canto agora?

— Para mudar algo, tem de ter uma... Dona Odete teria uma verdadeira síncope aqui...

— Sua mãe deve ser ótima, Caio — concluo, imaginando a figura cheia de energia sobre a qual ele me falou.

— Prometo te apresentá-la em breve...

— Vai me levar para conhecer a sua mãe, pianista?

— Por que não? Eu conheci a sua.

— É diferente, Caio.

— Para mim, é a mesma coisa... — rouba-me um beijo, me deixando-me sem ar. — Agora, vamos comer! — murmura, dando um dúbio sentido a frase que me fez arrepiar.

Depois que devoramos o lanche com refrigerante, como dois adolescentes verdadeiramente esfomeados, Caio pega o celular. Corre os dedos pela tela por alguns minutos e, como se tivesse encontrado o que procura, coloca o aparelho no balcão. Afasta os bancos e me estende a mão, em um claro convite.

— O que quer fazer?

— Venha... — toco os seus dedos, que se fecham sobre os meus, me levando até a sacada. Encosta-se em mim e começa a se mexer, em um ritmo lento, incitando-me a acompanhá-lo.

Um, dois... Um, dois...

Os acordes de *Perfect Symphony* nos envolvem e, maravilhada, deixo-me levar. Com a cabeça encostada no peito dele, nós nos cobrimos de amor e silêncio, fazendo daquele instante, algo único e especial.

Uma lembrança de amor para deixar neste lugar, quebrando a apatia e excesso de trabalho que fizeram os meus dias ali, os instantes solitários em que me abraçava ao travesseiro, com medo de dar o próximo passo em direção a vida. Como se soubesse do que preciso, Caio traduz a música e a declama para mim, em uma inevitável declaração de amor.

“Amor, eu estou dançando no escuro

Com você entre meus braços

Descalços na grama

Ouvindo nossa música favorita

Quando você disse que parecia uma bagunça

Eu sussurrei, bem baixinho

Mas você ouviu

Querida, você está perfeita essa noite.”

— Andreia, você está sempre perfeita para mim... Eu te amo!

E, naquele momento, sei que é verdade, por isso, não hesito em responder.

— E eu também te amo!

Nós nos beijamos até depois que a música termina.

Quando saio do banho, Caio já está dormindo, deliciosamente confortável em minha cama, apenas com uma cueca boxer branca que me enche de ideias pervertidas. Deixei que ele tomasse banho primeiro e relaxasse um pouco enquanto me esperava. Sei que pareço adiar o momento do nosso decisivo diálogo, mas quero saborear por um tempo, aquecer meu coração com a mágica daquele instante de amor vivido enquanto dançávamos, antes que a realidade quebre o lirismo do momento.

Eu me recuso a acordá-lo, e fico por alguns instantes o admirando. A rigidez das coxas, o peito delineado, com poucos pelos enrolados que descem através do umbigo, tão macios quanto a barba que já tão divinamente arranhou meu rosto e coxas. Eu me lembro dos pelos do púbis, a aninhar o membro que tanto me delicia e a boca seca ao se relembrar do cheiro dele misturado ao meu. Contenho o gemido ocasionado pela vontade.

Tento pensar em outra coisa e verifico se a calcinha e o sutiã estão devidamente arrumados, em seus devidos lugares, sob uma camiseta branca, simples. Deito-me, apago a luz e me encaixo nos braços protetores, como se fosse um gesto comum e natural. Vou, aos poucos, apagando, nossas respirações entrando em compasso, a mente divagando para um lugar onde todos os finais são felizes.

O prazer me traz de volta... Nem sei dizer quanto tempo depois. É a minha própria voz, convertida em gemido, que me desperta. Ainda sonolenta, sinto os lábios de Caio no meu pescoço, mordiscando, lambendo, provando do meu gosto, enquanto a mão me massageia dentro da calcinha, brincando com o meu clitóris. Passa a outra mão por baixo do meu corpo e me puxa contra si, para que sinta o pênis duro, pulsante, contra as minhas nádegas.

— Acorda, minha deliciosa... Faz amor comigo...

É impossível recusar tão deleitoso convite. E, sem me virar para ele, coloco o braço para trás e arranco seu sexo para fora da cueca. Em seguida, Caio o encaixa entre as minhas coxas e coloca a minha calcinha de lado, para que possa se roçar entre meus grandes lábios. Ele me toca com as mãos e o pau, excitando-me, nesse ar onírico, de quem o corpo desperta, mas a consciência não.

— Hoje eu te quero toda para mim, Andreia!

— Já sou sua, Caio. Como posso negar?

— Relaxe, então. Deixe que eu a toque como desejo, fazendo de você

o meu mais precioso instrumento.

Nossos corpos se esfregam, em um delicioso movimento. Nossas vozes se entrecruzam, em um dueto feitos de promessa e prazer. Sussurra no meu ouvido, pedindo que eu goze para ele, que não pare, e me recuso a desobedecê-lo.

O ritmo aumenta, torna-se poderoso, e Caio ergue a minha blusa em um rompante, procurando os meus seios. Abre o fecho na frente e me liberta do sutiã. É nesse instante que meu lado racional desperta, aterrorizado e eu grito, despedaçando-me ao ver que a realidade que tanto ensaiei contar se revela entre nós, com uma jocosidade cruel.

— Não! — o tom angustiado nos percorre como um choque, mas já é tarde.

Eu me levanto aos prantos e o sutiã está na cama, diante de um Caio que parece espantado com a minha reação. Cubro o busto, na tentativa de me proteger, desfazer tudo aquilo... Ter calma para explicar e não me sentir envergonhada, a própria antítese da feminilidade quando vejo, entre os lençóis, diante dele, a prótese esquerda, que utilizava no lugar do seio, para suplantiar a perda de um corpo ainda em remissão.

Caio tenta se levantar, falar algo, mas me antecipo. Entro dentro do banheiro e fecho a porta, frustrada e cheia de dor, surda aos seus apelos. Ele bate na porta, me chama, pede, implora para que eu abra, mas a vergonha me toma de assalto, intensificada pelo fato de me sentir imperfeita, inacabada, feia.

Ele e Marcos se fundem em apenas uma imagem, e me lembro do vislumbre de espanto que percorreu os olhos dele quando viu o pedaço de silicone disposto, abandonado sobre a cama, ocupando um espaço onde deveria haver carne, um mamilo que se enrijeceria sob o seu toque, arrepiaria na boca...

Tiro a camiseta e olho o meu reflexo do espelho. Para que eu não me esqueça do que eu sou, ou quem eu sou. Um arremedo de pessoa, uma sombra que não conseguirá encarar nesse instante o homem que ama.

— Caio...

— Oi, amor... Estou aqui. *Me* deixa entrar, tomar conta de você.

— Caio — a voz sai tremida, tomada pelo choro. — Preciso que vá embora...

— O quê? Não ouse me mandar embora, deliciosa...

— Caio, eu preciso ficar sozinha, por favor...

Sinto-o encostar na porta, a voz se transformando em lágrimas, o que

me dói ainda mais.

— Tem certeza? — sinto nele um fio de esperança de que eu mude de ideia, que seja tudo diferente... Mas nem sempre a realidade é como desejamos.

— Tenho, Caio. Vai embora, por favor...

Depois de alguns minutos, um buraco se abre no meu estômago, e sei que ele foi embora. E aquilo me rasga inteira, fazendo-me sangrar mais do que as palavras ferinas que Marcos me lançou em todos os nossos anos de relacionamento ou do seu abrupto abandono.

A realidade me deixa mais quebrada que a cicatriz que me cobre o lado esquerdo do peito, marcando a ausência do seio que o câncer levou, transformando-me em carne viva e sangue mais do que os cabelos que caíram e as vezes que via, aos pés da minha cama, a morte esperando que eu, solitária, por fim cedesse ao seu chamado.

Nesse instante, toco a cicatriz e choro... Transformo em pranto o amor que não sei como manter, sentada no chão do banheiro, a porta já aberta, vislumbrando uma cama vazia. Eu me encolho em posição fetal e permaneço até que o dia chegue. Quem sabe ele não traga um pouco de luz à minha escuridão?



A PRIMEIRA CONFISSÃO

Quando você ler esta mensagem, eu provavelmente não terei morrido, como tanto desejou... Terei sobrevivido ao naufrágio entre quimioterapias, quedas de cabelo e dores, ansiando por ter entre as mãos um seio que já não existe. Sou uma mutilada fraturada, quebrada e destroçada mulher, com a sua participação, é claro, mas já sem você... Portanto, deixarei que tudo que eu fui ao seu lado se transforme em carne pútrida, vermes e ossos, um nome a ser esquecido, apagado da sua memória, assim como desejo te arrancar da minha.

Lembra-te do que me disse quando notei o caroço, ainda minúsculo, no meu seio esquerdo? Estava no banho e o chamei para senti-lo em meu corpo, notar para ver se não era impressão... Você sequer prestou atenção, disse que não precisava criar problemas tolos ou distrações para aquele momento. Achou que minha solicitação ali fora um mero e tolo convite para sexo e, entre beijos, disse-me que parasse de pensar bobagens.

Afinal, comentou, ao me penetrar ali mesmo, como se o gozo, pudesse tirar aquela questão da minha cabeça, precisava de minha ajuda para organizar seus eventos e estar presente ao seu lado, como a esposa perfeita e imaculada, o troféu essencial e vazio para o diretor de cinema que finalmente despontara para o sucesso.

Você sempre teve ideias de grandeza, não é mesmo? Será que tinha um ego gigante para compensar algumas partes mínimas da anatomia? Deixo que o tempo te responda, através de outras mulheres, pois eu já tenho as minhas respostas...

“Não precisa se distrair com essas paranoias, Andreia. Use sua imaginação para alimentar outras ideias, bem mais prazerosas”... Sempre foi mais fácil me entorpecer, não é mesmo? Por isso, a tola que agora falece concordou, e com a intensidade do ápice ali proporcionado, tentei jogar tudo para debaixo do tapete, esquecido, como uma coisa boba, fútil. Deixe que o abuso emocional que me impunha não tolhesse apenas os meus sentidos e

vontade, mas também a minha vida...

“Não há nada com você...”, repetia de forma incansável, na tola expectativa de que o nódulo sumisse. Afinal, aquele caroço rígido, quase uma minúscula estrutura desconhecida alojada em meu peito, poderia ter inúmeros significados. Nele não havia dor ou estranhamento... Era como se parte de mim se rebelasse, mostrando a rigidez e a força que devia habitar em mim contra os seus desmandos.

Contudo, quando o seio inchou, sabia que não podia mais recusar a ideia de que algo de ruim se insidiava de dentro de mim. Fui escondida ao médico, sozinha, com medo de quebrar a imagem tão perfeita e preservada que fizera de mim, a mente em negras nuvens a me povoar, tecendo as mais tenebrosas hipóteses...

Os dias após a mamografia, seguida da biópsia, foram os piores para mim, mas devem ter sido os melhores para você, Marcos. Eu estava apática, sem voz, serva obediente e gentil, vestindo com habilidade a máscara de boa esposa, distribuindo sorrisos que não eram meus.

Por dentro era criança, chorosa e amedrontada, sem ninguém para quem pudesse pedir alento. Minha mãe era como a mulher de Ló, transformada em sal, perdida e assassinada em vida... Nana até insistira em manter os laços, mas parecíamos desconhecidas naquele momento. E por que haveria de atrapalhá-la?

Demoramos nove meses para nascer... E, no restante dos dias, morremos pouco a pouco... Queria que tudo aquilo apenas passasse, acabassem os medos e apreensões. Se fosse insanidade minha e eu estivesse fora de perigo, celebraria a vida e agradeceria por tudo aquilo que tinha.

Entretanto, se deixasse de existir, que fosse silenciosamente, sem alarde. Precisava deixar a vida sem causar incômodo ou ruído, sem causar dor, desprezo ou decepção. Já que nos nossos piores momentos da vida você insistia em me imputar defeitos, que minha morte pelo menos fosse perfeita aos seus olhos.

Na ocasião em que veio a resposta derradeira do médico, sobre o tumor agressivo que me invadia o seio, eu fechei os olhos e deixei que a voz dele se distanciasse... Imaginei como seria minha lápide, entre tantas as outras, e quem de verdade derramaria ali lágrimas por mim. Desejei não ter fotos ou enfeites, odiava a ideia de anjos ou arabescos, apenas a frase que definia aquela que eu era, aquela que servia apenas a oferecer sombra aos outros: Entre um momento e outro, ela deixou de existir.

Enquanto o médico falava sobre a radioterapia e os sintomas que viriam, sequer me preocupava comigo. Pensava em como diria a você que me tornaria um peso maior, alguém doente e sempre fatigado, que não estaria sempre disposta a te acompanhar.

Deixaria de ser a esposa modelo, a sempre disposta, para ser a doente, aquela que lutaria com afinco para me tornar inteira... Concordei com tudo, marquei as datas e saí dali meio alienada, como se aquela vida não fosse a minha, como se tudo que passara até ali fosse uma mentira, uma pantomina mal dirigida... Em algum momento, tinha certeza de que você me acordaria e falaria que eu tinha tido um pesadelo. Então, me daria um beijo, deitaria sobre mim e se acomodaria entre as minhas coxas, fazendo com que sua fome de mim me saciasse.

Mas sabemos o quanto foi diferente, não é mesmo?

Eu me lembro do seu olhar de incredulidade e decepção ao saber do câncer... De me perguntar, tentando conter o horror, se eu ficaria careca, ou amputada... Foi essa palavra que disse... Mutilada. E, como naquele instante, a mastectomia era só uma hipótese, eu neguei.

“Tudo vai dar certo... Na minha vida, tudo sempre deu certo... Dessa vez não será diferente.”

“Sua vida? E a minha?! Era eu quem estava morrendo, seu egoísta filho da puta!” — Era isso que minha razão queria gritar, esbravejar, mostrar o quanto eu me enganei até ali. Mas meu coração, esse órgão imbecil, inventava mil desculpas para a frieza com que começara a me tratar a partir dali.

Talvez não soubesse lidar com a possibilidade da minha finitude, ou pelo destino, esse moleque brincalhão, resolver destruir o seu modo de viver o nosso “felizes para sempre”... Nunca imaginaria que ali começava a se formar o abismo entre nós. O que me destruiria para me salvar.

Por isso, insisto em dizer: neste instante estou morta. Pelo menos para você, para que eu possa voltar a viver.

Minhas dores, inchaços e revertérios eu suportei em silêncio, pois me ouvir reclamar te desagradava, fazia com que inventasse desculpas e saísse. E eu precisava de você ali, para falar comigo e me tocar, mesmo que com uma civilidade e distanciamento que antes não havia entre nós.

Ignorava deliberadamente o peso que perdia, a falta de fome e o tempo que ficava no banheiro, contendo os soluços. Uma vez em que fizemos sexo, e você me fez atingir o gozo como antes, eu cheguei ao cúmulo de te agradecer pelo afeto proporcionado.

No que eu me transformara? Será que tinha noção do quanto me destruíra?

Por que eu não fui mulher o suficiente para abandoná-lo? Simplesmente não o confrontei, como fiz com meu pai, e pedi que fosse embora, já que não era homem o suficiente para mim, perdido em seu mundinho de egocentrismo?

Talvez porque, inconscientemente, eu precisasse fazer o meu luto, queimar as pontes que te ligassem a mim, de forma a não ter segunda vez. Deixar que saísse por livre e espontânea vontade, rei de seu obtuso mundo miserável, para que nunca me tentasse com sua volta, aproveitando-se das minhas fraquezas.

Nosso final não poderia ser diferente... Eu, numa cama de hospital, destruída pela radioterapia não ter sido o suficiente para me salvar. O tumor não havia regredido, mas lutado firme por mim, pela posse do meu corpo, da minha vida. Sim, o câncer me amava mais que você, um homem incapaz de me oferecer o suporte de que eu precisava, egoísta demais para se dedicar a mim sem receber nada em troca...

Soubera, dias antes, que eu teria de passar pela temida mastectomia total, antes de algumas sessões de quimioterapia para destruir quaisquer ramificações do tumor que poderiam resistir. Após a notícia, da qual você fugira como se fosse uma portadora de um vírus contagioso e fatal, e mal me dirigia a palavra, eu passava horas a me abraçar, imersa em dor, a se despedir de um pedaço de mim que era exibida como arma de sedução, traço de feminilidade ou fonte de prazer.

Fitava a escuridão, agarrava o silêncio, tentando fazer com que as lágrimas me trouxessem alívio, mas elas só pareciam intensificar o sofrimento. Você nem apareceu para me desejar “algo” no dia em que fui operar...

Deixou que eu fizesse o processo de me internar, vestir os trajes assépticos e ficar no quarto sozinha, o busto marcado pelas canetas como um alvo... As palavras do médico e das enfermeiras dizendo que eu ficaria bem, menos as suas, mostrando que sobreviveríamos... Ah, a inconsciência foi tão bem-vinda para calar os meus demônios por aquelas horas que pareceram um piscar de olhos!

A surpresa me tomou quando, ao abrir os olhos, você estava lá... Foi a última vez que deixei a esperança me tomar... Naquele quarto de hospital, no derradeiro encontro com o meu marido, aquele com quem alimentei sonhos, o homem que julgava me fazer bem, mas que só me causou mal... Será que tudo,

até aquele momento, tinha sido um arremedo tolo de verdade? Era o que eu pensava. Sentiria os seus lábios nos meus novamente, as mãos a me acariciarem o rosto, e honrar as juras proferidas ao casar?

Marcos, consegue se lembrar do que fez? Do jeito que olhava para o meu peito, enrolado em bandagens e reto, com desprezo? O modo que evitava me encarar e as palavras frias que não demonstraram em nenhum momento compartilhar da minha dor?

“Eu vou embora, Andreia. Não consigo lidar com isso”...

“O que está falando, meu amor? Não estou te entendendo”... Eu sabia a verdade, mas como assumi-la?

“Não quero ficar com você, Andreia. Estou indo embora... Desculpa, mas não posso lidar com isso... Me perdoe, mas nada é como eu tinha imaginado.”

Nessa hora me indignei com você, mal imaginando que aquele era o seu modo de fazer um término amigável. Por isso, gritei, em lágrimas, esperando que o coração, aquele que acreditava habitar em ti, se condoesse... Não que arrancasse sua máscara, dando vazão a todo o desprezo de seus gestos.

“Acha que isso é como imaginei, Marcos? Ficar doente e arrancar uma parte de mim? Ter um marido que foge como uma criança na hora que mais preciso? E ainda tem a coragem de dizer que me amou algum dia... Que sentimento é esse?”

Eu me lembro de que estava de costas para mim nesse instante e, de repente, ficou estático, os ombros perdendo a tensão, o drama deixando seus gestos como um autor que sai de cena. Olhou-me sério e se aproximou de mim como se fosse o gentil e solícito marido. Pegou o meu rosto entre as mãos e virou na tua direção, fazendo-me estremecer... Pois poderia imaginar qualquer coisa em suas feições, menos o gélido e cruel vazio que se mostrava diante de mim.

“Eu não sinto mais nada por você, Andreia... Eu quero me cercar de coisas boas e perfeitas, de gente bonita e saudável. Como posso andar ao seu lado, um projeto de mulher? Nem mais completa é... Tudo bem que nunca foi algo maravilhoso, e sim sempre sem graça, me entende? Mas, agora, o que me sobra? Não sou obrigado a lidar com sua doença, dores e problemas... Me recuso a tirar o seu sutiã todas as noites e lidar com uma coisa horrenda no lugar de um seio, um buraco pertencente a uma mulher doente. Para que eu vou perder mais tempo com você, me responde?”

Aquelas palavras eram facas cravadas na minha carne, a me rasgar

infinitas vezes. Eu queria gritar, rasgar-me até que nada mais de mim existisse, furar os tímpanos para que as palavras sumissem, evitando assim perder a razão. Eu queria te punir e me machucar por ainda desejar, após tudo aquilo, que ficasse do meu lado. Como eu podia amar um homem que espezinhava sobre o meu corpo ferido? Que destroçava aquele que deveria acalantar?

“Por que ficou comigo esse tempo todo então, Marcos?”

“Quer a verdade? Penso que é pelo fato de me amar tanto. Porque, quando eu olhava no fundo dos seus olhos apaixonados, eu me via... E nunca pareci tão belo e perfeito aos olhos de alguém... Eu sabia que, independentemente de qualquer coisa, com você eu tinha o incentivo necessário para seguir em frente... Pena que agora se quebrou, tornou-se um ser mutilado, defeituoso, que não serei obrigado a ver se arrastando pela casa... Adeus, Andreia.”

Em nenhum momento o seu tom de voz aumentou ou agiu de forma que alguém, de fora, pensasse que estávamos nos despedindo. Só eu senti o aço em sua voz e o modo que tocou a minha testa com os lábios fechados, para em seguida limpá-los. Saiu dali enquanto eu me desfazia, sem olhar para trás uma única vez.

Foi para Nana que liguei naquele mesmo dia, foi ela quem largou tudo para me fazer companhia. Mas isso você sabe... Já que ela invadiu a produtora e ameaçou destruí-lo se me deixasse desamparada financeiramente durante o tratamento. Fico imaginando como deve ter sido isso para você... Porque até hoje isso me faz um bem danado, sabia?

Como eu queria estar ao lado dela enquanto fazia isso... Ela nunca mais me abandonou, ao contrário de você. Estive ao meu lado quando assinamos os papéis do divórcio, mas também quando tirei o curativo pela primeira vez e vislumbrei a ausência no meu peito.

Foi ela quem me abraçou e compartilhou da minha dor, sendo forte por nós duas, e me ajudou a trocar os curativos e monitorar os drenos. Aceitou a minha decisão de não fazer a reconstrução do seio até que a doença se erradicasse de mim, uma lembrança não só de como eu era uma sobrevivente, mas de como o seu amor me fazia mal, Marcos. Aquela cicatriz simboliza o fato de ter sido arrancada de você, e, por enquanto, preciso me lembrar disso...

Quando meus cabelos começaram a cair, foi Nana, sempre disposta a ver o lado positivo das coisas, que me ajudou a raspar a cabeça, e fez com que eu experimentasse os turbantes de tecidos mais coloridos e chapéus espalhafatosos.

“Você é uma artista. Mostre sua linda careca com criatividade.” Isso era o que me falava, contendo a tristeza. Em nenhum momento ela deixou de sorrir, mas seus olhos não conseguiam esconder a pena que sentia de mim. Como todos que me rodeavam.

Eu era a doente, a que poderia morrer, a frágil, a abandonada. Você foi o primeiro a me fazer com que eu me sentisse fraca... O restante das pessoas não conseguiu evitar de pensar a mesma coisa. Caberia a mim quebrar esse vínculo e fazer as mudanças de que precisava.

Sabe quando isso aconteceu? No dia em que parei de chorar e sentir a tua falta... Foi em uma ocasião que tive de passar a noite no hospital. Nana não havia conseguido vir de São Paulo para cá e aquela sessão de quimioterapia havia me feito muito mal... Por isso, o médico insistiu que eu passasse a noite lá. Estava enjoada, o corpo dolorido e uma depressão imensa a me atingir.

Queria ficar na cama e dormir, desejando que as enfermeiras me dessem remédio até a inconsciência me tomar, mas não pude ter isso. Fui levada até uma área comum do hospital e colocada sentada em uma cadeira... Perguntei por que estava ali, mas as respostas eram vagas ou incompreensíveis para mim. Foi quando um piano começou a ressoar uma doce e cálida canção natalina.

Não me recordo se era Noite Feliz ou algo do tipo, pois o meu estado não me permitia raciocinar direito, mas na minha mente vieram imagens que nunca viveria ao seu lado. Os filhos que não teria, as risadas, a árvore que nunca seria montada. Focada em minha doença e na dor do abandono, nem tinha percebido que os dias passaram, os meses correram e o ano se findava. A época de esperanças se resumia à dor de sobreviver mais um dia. Apenas mais um...

Foi quando o choro me tomou de assalto e sem defesa. Eu me lembro do murmúrio dos outros doentes, o balbúcio das enfermeiras, mas eu nada via, tomada pela dor que extravasava, eliminava de mim todo e qualquer vestígio de uma vez por todas, embalada pela canção que foi dedilhada até o final.

Após o seu encerramento, eu só conseguia ouvir os meus soluços, histéricos, sem conseguir pará-los. Até que braços acolhedores me tocaram nos ombros, e me puxaram para si. Uma paz me inundou e pude sentir bater próximo ao meu, o coração daquela pessoa, cujo rosto, no meu desespero, não conseguia discernir.

“Você é maravilhosa. Tenho certeza de que é mais forte do que tudo isso...” A voz grave ressoou em meus ouvidos em um acalento, e apenas acenei

com a cabeça, deixando a dor se calar aos poucos, tomando um nível controlado. Queria agradecer aquelas palavras tão singelas e verdadeiras, vindas de um desconhecido, mas não pude. Logo fui retirada dali e levada de volta ao quarto.

No outro dia, aquele momento foi como uma lembrança apagada, talvez um sonho vindo dos remédios, mas as palavras ditas para mim permaneciam gravadas na alma. Eu tinha de ser forte. Por mim mesma, acima de qualquer coisa.

Na mesma semana, comecei a fazer sessões de terapia em grupo, junto com mulheres mastectomizadas na Enfermagem da USP, junto ao Hospital das Clínicas, e aprendi a tornar a dor mais leve. Compartilhamos da mesma insegurança em relação aos nossos corpos, as dores e incômodos, os constantes exercícios para evitar inchaços causados pela falta dos gânglios que foram retirados próximos à mama.

Quando passo mal em uma sessão de quimioterapia, posso contar sem medo de ser julgada ou tratada como algo defeituoso, como você fez. Porque elas me entendem, compartilham da minha força e da minha tristeza...

Assim como elas, eu me reconstruo. E terei de lidar com as minhas cicatrizes pelo resto da vida. Foi em uma das sessões, ao falar de tudo que eu passara ao seu lado, uma das pacientes que me ouvia desabafou, com desprezo no olhar.

“Se eu encontrasse esse homem, diria umas boas para ele”...

“E por que não fazê-lo?” — minha terapeuta me interpelou. — “Escreva cartas para ele. Faça dela as suas confissões. Coloque para fora toda sua dor e mágoa. Exorcize o Marcos de uma vez por todas da sua vida.”

E aqui, na minha última sessão de quimioterapia, seis meses depois de você ter saído por aquela porta de hospital, eu faço a minha primeira confissão para você.

Marcos, eu te odeio por ter me abandonado. Por ter sido um homem que abusou do meu coração e da minha confiança, sempre pondo as suas vontades e desejos na frente. Mas estou feliz por, finalmente, conseguir te mandar embora.

Hoje consigo parar de me odiar por te amar tanto, mesmo quando me feria... E começo a tentar me amar. Será difícil, doloroso, mas é com isso que crescerei. Porque, como disse o moço do piano, em um dia triste, seja real ou de sonho, eu sou mais forte que tudo isso.

E serei cada vez mais...



21

*Perfeição, hoje, para mim, é ser livre para ser e viver o que eu desejar.
Esse, sem dúvida, é o maior presente que a vida pôde me dar.*

Termino assim a derradeira confissão, no peito uma confusão de sentimentos a me assomarem. Deixo a caneta de lado e enxugo as lágrimas para que elas não caiam no papel.

Faz uma semana que Caio deixou esse apartamento, após a voz se exaurir em lamento, chamando meu nome, abafado pela minha dor ao ser vista inteira, sem artifícios. Recusei toda e qualquer tentativa de encontro antes que ele fosse embora de Ribeirão Preto: deixei que o telefone tocasse e pedi ao porteiro que impedisse sua subida, afirmando que eu havia saído.

Eu me isolei do mundo, saindo, naquele dia, do chão frio do banheiro e me abraçando nas almofadas da cama, ainda mais gelada, recoberta pela névoa da ausência do meu pianista. Perdi a noção das horas, seminua, confrontando o meu corpo cicatrizado, afundada em um poço de dor e vergonha, chorando até dormir, em pesadelos.

Neles, eu me via caminhando pelas ruas, cercada por olhos em acusação, descaso, horror e pena, enquanto tentava tampar o peito aberto, a ossatura arreganhada onde o seio deveria estar, o coração exposto, sangrando. Acordei quando a noite chegou, com o celular tocando. Era Nana. Lógico que Caio a tinha procurado para contar tudo, assim que chegou. Minha amiga parecia o único elo a nos sustentar...

— Deia, o que pensa que está fazendo? — a voz dela era dura, disposta a me repreender, mas doce.

Antes que ela me dissesse qualquer coisa, sabia que ele estava ali, ao lado dela, sentindo-se tão abandonado quanto eu. Caio disse uma vez que éramos conectados pela dor, e nunca senti isso tão presente quanto naquele instante.

— Pede para ele esperar, Nana... Preciso mais do que nunca respirar, colocar os destroços que sou eu em ordem...

— É a última vez que permito vê-la se autossabotando, amiga — nunca a voz dela me soou tão séria, talvez decepcionada com minha decisão.

— Como assim? Do que está me acusando? — fui logo me colocando na defensiva.

— Você tem um homem que te ama, caralho! — ouvi ela andando, o som se distanciando, uma porta se fechando. Nana deve ter ido para o quarto a fim de falar sem censuras. — E independente do que aconteceu, vejo o mesmo brilho no olhar dele, de alguém capaz de sentir, sem se limitar... Agora me conta, seja sincera: ele te fez alguma coisa para você mandá-lo embora? Porque se deu um passo fora do quadrado, aproveito que ele está aqui e o castro agora mesmo... Ou melhor, pico em milhares de partes e espalho por São Paulo inteira... Demorarão anos para juntá-lo.

— O que ele te disse, Nana? — ela sabia que aquilo era incapaz de me descontrair, por isso suspirou, desolada.

— Essa foi a primeira vez que o vi derrotado, Deia — ouvir aquilo me tirou o ar. — Contou sobre a viagem, como tudo entre vocês começava a se resolver. Até que algo aconteceu durante a noite... Da forma que o rejeitou e o mandou embora, sem dar ao menos uma chance de conversarem... Sabe, se fosse em outra ocasião, eu podia ter me negado a escutá-lo, mas ele parece tão perdido, sentado no meu sofá... Ele chora feito criança, Deia... Fica repetindo que nada vai mudar... Que o amor entre vocês não vai mudar...

Tampeei assim a boca, ao escutar aquilo, na tentativa de refrear um soluço. A comisseração, por fim, se afastou, para me encher de algo que nunca imaginaria sentir naquele momento: a pesada e silenciosa culpa.

— Ele viu, Nana... — confessei, hesitante.

— O quê?

— A cicatriz! O meu pior ângulo finalmente apareceu... Agora, para ele, além de ser a abusada, sou a deformada — o sarcasmo me dominou.

— Fique quieta, Andreia... — minha amiga por um tempo ficou sem palavras. — Você contou para ele sobre a doença? Apesar de que Caio deve ter tirado as próprias conclusões... O pianista pode ser tudo, menos um tolo.

— Não, Nana. Eu entrei em pânico... empurrei-o e corri, trancando-me no banheiro. Só conseguia mandá-lo embora — e, ao repetir aquilo, em voz alta, via o quanto aquela atitude era absurda.

— Ai, que merda... E como vai fazer para resolver isso? — pela primeira vez Nana não tentava ser a amorosa que me acalenta nos braços. Parecia com uma mãe, sem dúvida, mas aquela que repreendia, esperando o meu

amadurecimento.

— Mais do que nunca, preciso que tenham um pouco de paciência... Agora, mais do que nunca, a distância é necessária para que eu tenha fôlego para deixar tudo de ruim para trás, de forma única e definitiva.

— Visualizar o todo...

— Isso mesmo!

Todas as vezes que me perdia na confusão das emoções e reviravoltas que minha vida se colocou, parava e dava um passo para trás, a fim de rever cada decisão e escolha tomada em toda a magnitude. Assim conseguia ver, com exatidão, quais etapas precisava encerrar para que o show continuasse sem interrupções.

— Eu vou falar com ele... E sei que esse tolo vai te esperar. Homens, quando se apaixonam, voltam a ser garotos — riu por um momento, e eu o acompanhei. — Mas já te aviso que me recuso a deixá-lo no escuro. Contarei a ele o que sei... O resto caberá a você, certo?

— Obrigado, Nana... Por tudo — Aquilo era mais do que podia desejar.

— Só quero que pense uma coisa. Analise cada uma de suas atitudes e se pergunte o quanto se aceita... De que maneira se vê, de verdade. Será que se ama, como tanto afirma, sem hesitar?

— Sou uma sobrevivente, e isso para mim é motivo de orgulho, não de repúdio — entro em defensiva.

— Então, por que tanto se esconde? Para mim, não fez diferente de seu ex-marido, repudiando o homem que aceita o seu corpo assim como é. Porque Caio não se cansa de repetir que nada mudou... Mas e para você?

E aquela verdade me doeu na alma. Dei uma desculpa qualquer e desliguei, a voz em um sussurro, tocada pela questão que me incomodava. Passei a relembrar a noite anterior, com toda a dor exalada, a minha negação, a fuga... A vergonha e o medo de ser vista, a carne frágil e marcada exposta.

E passei a notar que, em todas as vezes que relembro das reações de Caio, em nenhuma constato pena, repugnância ou medo... Ao contrário, como a própria Nana concluía, ele vira espanto devido a minha reação, mas sem estranhamentos, o desejo e paixão nos olhos dele sequer oscilaram. Como se já soubesse, e não visse problema nenhum naquilo... Será que em algum momento Caio já tinha descoberto o que tanto evitava dizer?

Se assim fosse, como aos olhos dele eu ainda poderia ser considerada perfeita?

Eram inúmeras as dúvidas que eu precisava enxotar do meu pensamento. Fatos e indagações que nunca deveriam ser minhas. O que eu poderia me questionar, de verdade, era *por que ele não me acharia mais um sinônimo de perfeição a seus olhos?* Porque essa insistência em me afirmar quebrada, se tanto insistia para me mostrar exatamente ao contrário?

Em choque, constatei que Nana estava certa... Fugira de Caio na noite anterior não por pensar de que forma ele veria o meu corpo ainda em recuperação, mas sim pela vergonha de mostrá-lo. Eu sequer esperei para ver as reações dele, fiz tolas suposições de como o faria, colocando-me em seu lugar.

Prezava tanto quebrar o julgamento dos outros sobre mim, mas, carregava ideais, arquétipos e padrões internos que não me serviam mais... Capazes de transbordar ódio, mágoa e comiseração por uma situação que sequer era minha, incapaz de superar os traumas deixados por um homem que já deve ter até me esquecido.

Foi assim que me dispus a me despedir dessa mulher tola e fraca de uma vez por todas. Passei aquele dia, e vários outros a seguir, sentada no balcão, verbalizando minhas falhas, erros, e colocando em cada um as devidas culpas, vomitando todas as confissões que ainda me restavam fazer.

Coloquei para fora cada sentimento, como se Marcos tivesse diante de mim, lendo as palavras ferinas, as raivas e frustrações de quem renega o sofrimento até aquele momento passado e decide transformá-lo em força e aprendizado, para nunca mais me deixar anular e destruir.

Dessa forma correu a semana. Enquanto não trabalhava nas questões do projeto, empunhava a caneta e me exorcizava, amadurecia e mudava, externando tudo que antes me era sombrio, transformando em som pela minha boca, ao pronunciá-las em voz alta, assim que terminadas. Era lagarta, trancafiada no meu casulo, à espera da força certa para eclodir, finalmente alcançar os ares, impulsionada pelo amor daqueles que realmente importavam.

Hoje, finalmente após dar o devido fim àquela história, é na sacada, com os dedos ainda doendo pelo esforço da caneta sobre o papel, que eu me abraço. Apago da mente a visão do parque sob mim e fecho os olhos. E, como numa prece, deixo os últimos resquícios do ciclo de abuso e ódio que haviam sobre mim se dissiparem, murmurando, como em uma prece:

— Marcos, eu te perdoo... E eu me perdoo... Que ambos possamos viver com nossos acertos e erros. E cheios de paz no coração!

Vou para dentro de casa e arranco a short e a camiseta que ficaram em contato comigo o dia todo. De calcinha e sutiã vou até o banheiro. Tiro a prótese

de silicone do bojo, que fiz para se moldar com perfeição à lingerie, do mesmo tamanho da mama extirpada, e deixo de lado, sem me importar com quantas vezes eu o utilizara antes para me proteger.

— Você já fez a sua parte... Obrigada.

Tomo um banho e me jogo na cama, ainda nua, sem me esconder de mim mesma. Pego o celular e entro no aplicativo de mensagens. Acho facilmente o nome que desejo, pois várias vezes pensei em dizer um “oi” ou simplesmente “estou com saudades”, mas correria o risco de mandar tudo para o espaço e permitir que as feridas em algum momento reabrissem.

Contudo, agora é o momento da verdade, onde as histórias não serão mais resumidas, e sim detalhadas. É chegado o momento de eu, finalmente, abrir o coração para o meu pianista, uma vez que aprendi a me enxergar sem medos!

Caio precisa conhecer a minha história completa, de verdade, sem subterfúgios... Já conhece o meu amor, meus medos e inseguranças, deve também conhecer meu ódio, minha mágoa e rancor. Ver como sou feita de luz e de sombras. Vislumbrou parte do passado, mas precisa conhecer todos os seus meandros, pois do presente já faz parte... E não quero cometer os mesmos erros e falhas no futuro.

Respiro fundo e começo a digitar. Eu o afastei, e agora preciso dar o primeiro passo:

Eu:> Oi...

Em poucos segundos, vem a resposta, como se estivesse à minha espera.

Caio:> Oi, deliciosa...

Caio:> Já está de volta à minha vida, em definitivo?

Eu:> Falta mais alguns acordes para a música estar completa... Mas estou alinhando os compassos.

Nunca a falta dele me doeu tanto...

Caio:> Qualquer canção é incompleta sem você.

Sorrio, os olhos úmidos por pequenas gotas de felicidade. Naquele momento, tenho a certeza de que tudo dará certo.

Eu:> Me passa o seu endereço, por favor? Tenho algo para te enviar...

Caio:> Posso saber o que é?

Ensaio várias respostas para explicar, mas nada sai. Como explicar o que estou fazendo em mínimas palavras? Que confio nele o suficiente para lhe entregar tudo o que me fez sangrar? Como se percebesse a minha hesitação, Caio

adianta.

Caio:> Não vai me contar, certo?

Eu:> Estou te mandando tudo o que precisa saber, Caio.

Ele nada diz. Só digita o endereço. Em pouco tempo, eu o anoto em um pedaço de papel.

Eu:> Obrigada.

Caio visualiza o agradecimento, mas nada responde. Começa a digitar várias vezes, e para. Até que algo finalmente aparece no visor do telefone.

Caio:> Para mim, você é perfeita, Andreia. E nada mudará isso...

Aquela constatação me emociona, traz lágrimas aos olhos, mas nada mais digito. Em vez disso, eu me muno de coragem e vou até o guarda-roupa. Pego uma volumosa pasta preta. Abro-a com cuidado, quase com reverência, e retiro dali todas as minhas confissões, uma a uma, como nunca havia feito antes.

Em vez de escondê-las, como sempre me acostumei a fazer, releio as mais antigas laudas, relembrando cada amassado, marca de lágrima ali derramada, digital deixada por algo que comera, as palavras tomadas pela vivência da lembrança, do sutil momento em que cada cena voltou à memória. Junto todas, com tamanho desvelo e carinho, colocando-as em um plástico e, em seguida em um envelope pardo.

De um lado, eu marco o espaço com meu nome, em uma caligrafia rápida e reta, sem rebuscamentos. Do outro, desenho o nome de Caio, seguido do endereço na capital paulistana.

Pego uma última folha, com uma taça de suco de uva, e começo a escrever um novo capítulo, de uma obra onde as únicas palavras são de amor e perdão.

Meu pianista,

No momento em que ler esta carta, talvez parte de mim esteja morta. Sentada no balcão, encarando a cama desse apartamento minúsculo, que pareceu tão grandioso com a sua presença, faço destas as últimas palavras antes de me despedir do mundo.

Entretanto, antes que essa declaração te encha do mais irrestrito pavor, peço que acalme esse coração que bate agora em descompasso, em um novo ritmo, alucinado. Saiba que estou levando para a terra o meu ser velho e cansado, cheio de medos, resistências e autopiedade. Sepulto entre as raízes a mulher alquebrada e vitimista, que viveu com medo, disposta a mandar todos embora a fim de evitar novos sofrimentos.

Precisava me afastar e parar de culpar o mundo pelas minhas dores. Aprender a me perdoar por permitir, por me tolher, por ter medo de seguir em frente e me apaixonar mais uma vez... Não só por outro homem, como aconteceu... Mas por mim mesma.

Como podia te entregar o meu amor, Caio, se tinha medo de me sentir vazia? Naquela noite, em que o tirei da minha frente, vi que, por mais que você me visse como perfeita, eu era incapaz de me sentir assim... Ainda tinha raiva demais a me pulsar no peito, pensamentos e mágoas demais, me afogando, me retorcendo. E, por isso, eu te afastei na tentativa de me enxergar de verdade, sozinha, como é preciso em todo processo de renascimento.

Aprendi a transformar minha carne em papel, meu sangue em tinta, meus ossos em caneta. Sentimentos foram convertidos em letras, as emoções sentidas as transformaram em palavras, e minhas atitudes as ordenaram. Assassinei, pouco a pouco, o ser miserável e monstruoso que havia em mim, autossabotando-me sem piedade.

Deixei só que as experiências em mim permanecessem, pois estas se converteram em força, sendo capazes de espantar qualquer temor. É esse pedaço meu, esse corpo em luto, que te envio, para que conheça o pior de mim... Para, se quiser, possa viver com o melhor que existe do meu ser... Mas, para isso, você deve conhecer cada detalhe, página por página, entender o que contribuiu para que esse antigo “eu” fosse tão alquebrado e destruído.

Essas são as minhas confissões... Não foram direcionadas para você... Mas para Marcos, talvez para mim, os responsáveis por orquestrar esse caos. Penso que você saberá entendê-las melhor do que eu as fiz um dia. E saberá me ajudar, perceber os sinais caso os fantasmas voltem a querer ter voz, e os expulse e os exorcize quantas vezes forem necessárias.

O primeiro compasso, o movimento crucial dessa sinfonia está dado. A batuta já foi agitada, e os músicos estão à expectativa, a postos para ressoarem as primeiras notas pelo teatro. Mas para que isso aconteça, o seu dedilhar sobre o piano deve ressoar. Após ler toda a história “daquela” Andreia, que aqui sepulto, deve verdadeiramente decidir se está disposto a seguir em frente com a nova mulher que nasce, aquela que se dispõe a voltar a sonhar, casar, ter filhos — por que não? — e reconstruir a hipótese do “felizes para sempre”.

Enquanto isso, serei um corpo à espera, participando do projeto à distância, fazendo meus exames de rotina, monitorando as etapas finais do tratamento contra o câncer, fazendo a minha fisioterapia, indo à terapia em grupo, visitando a minha mãe na tentativa de tirá-la de seu mundo ilusório... Imersa no entorpecedor passar dos dias, no ritmo inalterável das horas.

E, quanto ao meu ser,... Ah, essa parte minha que está inevitavelmente ligada a você ficará bem escondida, oculta na beleza dos dias. Se eu for à sacada e olhar o parque, logo abaixo, posso ver uma árvore, no topo de uma íngreme ladeira. Já fui lá muitas vezes, sentei-me em seus galhos e fiquei ali fazendo os meus pedidos aos céus, à espera de mudanças, enquanto as pessoas rodavam em círculos aos meus pés, perdidos em pensamentos.

Gosto de pensar que essa centelha mais profunda da minha alma está ali, sob a grama, entre as raízes... À espera de ouvir sua voz, de colher os seus beijos e me banhar em suas lágrimas de felicidade. Esperando que você a aceite, para que, por fim, desabroche, para ser colhida e alojada em seu peito, como parte do coração que já considera sua morada.

Eu te amo, Caio... Por todos os meus instantes.

Andreia.



22

O pior inimigo aos incautos, aflitos e apaixonados não reside na desilusão, na recusa ou nos ciúmes, como afirma a maioria das pessoas. Está na silenciosa e torturante espera, que nos corrói e mina nossas energias, pouco a pouco, de uma forma que parece interminável, infinita.

Quando ficamos contra o tempo, à espera, com o coração se dilacerando de ansiedade, queremos gritar, correr atrás, buscar uma solução para que a situação ou fato possa ser resolvida da melhor forma possível, mas somos impossibilitados, tolhidos, obrigados a vestir uma máscara de calma que não nos pertence só para não parecermos apressados demais, ansiosos demais... Desesperados demais...

E ficamos à espera do próximo passo.

Um mês se passou e a única coisa recebi de Caio foi um frio e indiferente nada. Caminho nas trevas, sem saber se as minhas confissões já se encontram em suas mãos, se todo o ódio e dores, ali impressas, foram absorvidos pelos seus olhos e tocaram o coração dele. Fico inventando desculpas para sua ausência, jogando a culpa nos correios, em algum número que eu tenha escrito errado, em qualquer acaso que possa ter afastado aquelas palavras do leitor final.

Em algumas ocasiões, eu o imagino degustando cada carta aos poucos, bebendo minhas lágrimas, absorvendo para si os meus gritos e tentando criar empatia com a minha dor, entendendo assim os meus receios e hesitações como quem nunca o fez. Nas piores cenas da minha mente, ele descarta tudo em um canto e se dispõe a me esquecer, pois já tem dores demais, problemas demais para acalantar.

É ao vislumbrar essas imagens que me deito na cama e choro, deixando nos travesseiros a marca das minhas lágrimas como traços de um mapa que não leva a lugar algum, mas ainda assim, a cada dia, eu o espero. Acho que uma parte de mim sempre o esperará. Talvez como um sonho, um devaneio... Mais como uma inspiração. Mesmo se nossos passos deixarem de se cruzar, o que Caio me ajudou a despertar não tem preço.

Enquanto isso, aproveito a minha solidão. Entre os assuntos a resolver *home office*, as consultas, visitas à minha mãe e a terapia em grupo, aproveito para rever a minha estrutura e me reconstruir. Preencho as partes que me faltavam com cada um dos momentos que vivi ao lado de Caio... Como a ausência do medo em entregar o meu coração àquele súbito sentimento, nascido à primeira vista.

A forma em que pude descobrir como posso ser desejada com tal ímpeto e fome, que nada mais importa, transformando a discrição ou racionalidade em itens dispensáveis. Aprendi que não sou a única no mundo a ser trincada, quebrada e magoada por outras pessoas, em mim não existe a única e inexorável vítima do mundo. Todos temos nossas fissuras e lidamos com elas da forma que conseguimos, mas podemos viver com isso... E não ficar estagnados, com medo da mudança. Não importa se ele for benéfico ou não, qualquer alteração nos transformará... E isso é o que mais importa.

Em algumas ocasiões, temos de nos ferir novamente, reabrir velhas cicatrizes, relembrar as dores, para sair da inércia, da ausência do sentir em que muitas vezes nos colocamos. Para aprender a suprir a falta que a ausência nos faz... De uma pessoa que se afastou, de um corpo que um dia foi inteiro, da pessoa que você já foi. Basta dialogar com a solidão e procurar. Todos temos essas partes ausentes, que tentamos suprir com coisas que já se foram, em vez de procurarmos por novas emoções.

Nesse momento, eu só quero me preparar para recomeçar. Acompanhada ou sozinha, do jeito que tiver de ser.

Estou sem ar. Tremo e hesito, tentando encaixar as ideias na minha cabeça. Quero gritar, sorrir, chorar, esparançar, contar para o mundo todo o que está acontecendo... Todavia, ao mesmo tempo, sou uma criança amedrontada, cuja porta gigantesca que passei meses tentando abrir, de repente aparecesse escancarada, e o medo do desconhecido me consumisse.

Quem eu seria a partir desse momento? No que eu me tornaria? Sentada na cadeira, de frente para a oncologista, permaneço mergulhada na incredulidade da cena diante dos meus olhos. Ela sorri, para enfatizar a notícia, tirando-me da letargia, e só percebo o alívio que sinto quando começo a falar e vejo que minha boca está marcada pelo sal das lágrimas.

— Tem certeza, doutora? — a voz, quando quer evidenciar um fato, hesita. Como se, ao fazer-se presente, pudesse destruir ou mudar os fatos.

— Sim, Andreia. O seu câncer entrou em remissão... Isso quer dizer que o tratamento, junto com seu organismo, conseguiu lidar com as células

cancerígenas. A taxa deve estar zerada ou com um número mínimo, quase indetectável...

— Isso não quer dizer que estou curada... — Ia começar a se lamentar, mas paro. Nunca mais me autossabotarei. Sei que é um exercício diário até que me acostume, mas não pararei de me fiscalizar até que o otimismo em meu pensamento se torne natural.

— Isso quer dizer que está mais próxima da cura total do que imagina. Ainda não comprovamos que a doença foi erradicada do seu organismo. Por isso, faremos apenas a manutenção, com remédios para te fortalecer e minar a doença pelos próximos seis meses, talvez um ano. Se nada se alterar, aí sim diremos que está plenamente curada.

— Mas nunca pronta para outra — tento brincar, sentindo-me mais aliviada.

Pelo menos em algumas partes da vida eu começava a obter minhas respostas.

— Não, mas já não precisará passar por mais nenhum tratamento quimioterápico...

— Nada mais de dores, cabelos caindo e enjoos... Isso já é bom demais. Prometo nunca mais usar apliques de cabelo na minha vida... — até a médica compartilhou da minha piada, rindo discretamente.

As pessoas quando pensam no tratamento quimioterápico pensam somente na clássica queda de cabelos. Isso, para mim, foi o fato menos problemático, pois temos perucas, atualmente, que são extremamente naturais, e depois que o cabelo cresce um pouco, como foi no meu caso, colocamos *megahairs*, apliques e outras estratégias, mantendo o aparente o mais próximo do natural. E se pensar racionalmente, o que era a perda de alguns fios diante do seio arrancado? E ter uma parte do corpo extirpado, na conquista de uma segunda chance?

Mas o complicado é lidar com os enjoos, as cólicas, a fraqueza que te convida a nunca mais sair da cama. A pele ressecada, as unhas quebradiças, a falta de apetite. O remédio capaz de lhe curar também insiste em te manter doente. Sempre, após uma sessão, quando não ficava no hospital, ia para casa e me recolhia, mergulhada em pânico e autocomiseração. Nana, sempre que podia, estava presente, e repetia incessantemente que tudo ficaria bem...

E agora eu sei que vai.

Depois de agradecer à médica inúmeras vezes sob a boa nova, respiro fundo ao ouvir a questão de que sempre me desvencilhei.

— Andreia, se estiver pronta, podemos dar andamento à reconstrução da mama. Já pensou na ideia?

Mostro para ela uma segurança que nunca tive e mento que tinha uma decisão tomada?

A verdade é que essa interrogação já povoou a minha cabeça de várias maneiras, formas e receios. No começo, ansiava em ter o seio de volta, triste e revoltada, desejando que nada me tivesse acontecido. Depois, pensei em renegar qualquer tipo de cirurgia reparadora, disposta a mostrar minhas cicatrizes com orgulho, evidenciando a campeã que me tornara, derrotando a doença.

No entanto, agora me fica na memória aquele instante com Caio e analiso o quanto eu, em minha humanidade, rejeito o peito liso e marcado. O quanto eu me envergonho e o cubro, para me integrar aos outros, perder-me na multidão... Será isso que desejo? E quanto arrisco a me decepcionar com os resultados?

Por isso, faço, de meu pronunciamento, verdade mais uma vez.

— Não sei, doutora... Vários motivos me rondam a mente, a senhora me entende? Nessas horas, eu sou várias, querendo uma coisa num momento e outras alguns segundos depois, mas sei que essa decisão deve ser tomada por mim, e não pelos outros. Eu tenho de me olhar no espelho e me reconhecer, com todo o orgulho próprio que mereço.

— E você está certa... Temos vários fatores que devem ser levados em conta. O seu tipo de mastectomia e o modo como o corpo se recuperou a tornam uma candidata ideal à reconstrução. O cirurgião terá de fazer uma reconstrução total da mama, com enxertos retirados das pernas e costas. Ou seja, terá mais cicatrizes... Não pudemos salvar a auréola, mas, para isso, tenho endereços de ótimos tatuadores, que deixarão visualmente impecável. Contudo, como disse, a escolha é sua. Temos de lhe mostrar os caminhos, os prós e contras. O mais importante é seguir em frente...

Assinto, já mais tranquila. Ir adiante, um passo após o outro, é essencial.

— Eu gostaria de marcar com o cirurgião, sim. Tirar minhas dúvidas antes de tomar a decisão... Se a senhora não se incomodar.

— Claro que não. Farei uma guia de encaminhamento... — começa a anotar no prontuário. Balanço a cabeça e concordância, pego o papel e me levanto. Sem saber o que dizer, eu a abraço forte.

Quantas mulheres como eu passavam por ela, com seus dramas, dores e medo da morte todos os dias? Éramos histórias que, profissionais como ela,

tentavam deixar de lado, esquecer ao sair do consultório, desvincular de seu emocional sempre que podiam? Mas será que obtinham sucesso?

Porque, para nós, eles eram mais que isso. Eram bravos guerreiros, que lutavam ao nosso lado com todas as forças, dispostos a derrotar as sombras da morte... Mesmo que, na realidade, apenas adiassem o inevitável encontro.

— Obrigado, doutora. Por tudo... — é o que consigo dizer, incutindo nas palavras todo o amor do mundo por ter aceitado lutar ao meu lado.

Ela nada diz e bate nas minhas costas suavemente. Sempre séria e prática, vejo, ao fechar a porta, que ela enxuga uma discreta lágrima, revelando as emoções contidas.

— Quer dizer que... — ouço a voz de Nana, ansiosa pelo telefone.

— Sim. Já estou livre de perigo, Nana...

Afasto o aparelho da minha orelha quando ela dá um grito, entusiasmada. Tento conter o sorriso enquanto ela murmura alguns “Sim”, outros “Arrasa” ou até mesmo um ou outro “Iupi”.

— Já acabou? — tento me manter séria, mas está difícil.

— Sim. Assim que der vou para Ribeirão... Precisamos comemorar!

— Por enquanto, eu quero que você fique por aí... — corto toda a euforia dela, tentando buscar as palavras certas para expor as decisões que me dispus a tomar.

Saio do hospital naquele dia com a cabeça em turbilhão, cheia de planos, expectativas e anseios. Mas a uma coisa eu estava determinada: não ser mais a doente, a necessitada de proteção, a que vivia cercada de necessidades e cuidados alheios. Deixaria de procurar, de pedir, de ansiar e começaria a fazer... Ao saber que o meu tempo não era mais contado, fiz as pazes com ele, e permiti que me conduzisse como bem entendesse. Em troca, deixaria que cada um alçasse os próprios voos.

— Do que você está falando, Deia? — noto uma certa tensão na voz dela.

— Eu preciso reaprender a caminhar sozinha, Nana... Sem você para me proteger...

Como estou sem disposição alguma para voltar para casa, ao sair do Hospital das Clínicas, decido caminhar um pouco pela USP, que faz parte do mesmo complexo. Um dos lugares mais bonitos da cidade, o campus é um dos marcos históricos, pois antigamente era a sede da Fazenda Monte Alegre, que teve como proprietário, nos tempos áureos, o alemão Francisco Schmidt, o

maior produtor brasileiro de café.

Só para se ter uma ideia, na década de 20, haviam por ali 14 milhões de pés de café, que graças ao trabalho de 14 mil colonos, produziam, por ano, 700 mil sacas do famoso grão. Existia até uma linha de trem própria, circulando a propriedade, que foi desapropriada na década de 40 pelo governo, para fins educacionais. Mas ainda havia em cada lugar ali a opulência que a modernidade não foi capaz de arrancar.

Enquanto falo com Nana, nesse momento, estou sentada debaixo de uma árvore, os sapatos de lado, vendo diante de mim o enorme lago que percorre uma parte considerável da área. É diante desse visual que a ouço hesitar, tentar falar algo uma, duas vezes, antes de se pronunciar, à meia-voz:

— Para de falar besteira, Deia...

— Eu nunca estive tão certa das minhas palavras. *Te* amo, amiga... Você me salvou com unhas e dentes quando estava prestes a me deixar levar. Eu estava perdida, ferida e abandonada. Joguei-me em seus braços e você grudou em mim com toda a força que o coração permitia. E deixei que tomasse todas as decisões, virasse uma leoa a tomar guarda das minhas portas, e largasse tudo para me socorrer sempre que eu precisava. Eu deixei que você ocupasse o lugar do Marcos — ela começa a me xingar e a interrompo. — Nunca no sentido dos maus tratos, sua doida. Mas no sentido de ditar os meus passos... Troquei os velhos encargos para uma nova pessoa. Portanto, preciso pegá-los de volta.

— *Te* defenderia mil vezes se fosse preciso... Mas se pensa que vou simplesmente te dar as costas, está doida...

— Eu sei que não... Quero uns dias para me ajeitar, tomar algumas decisões e depois vou para São Paulo. Tenho algumas coisas da peça para resolver, já que as bases do fundo de cena estão prontas, e comemoramos aí, em grande estilo... O que acha?

— É assim que eu gosto... Mas esse não é o único motivo, né?

Para ela, em algumas ocasiões sou mistério. Em outras — ou melhor, na maioria — eu me torno um livro aberto. Diante do silêncio aparente que agora eu mantenho, ela continua.

— Nada do Caio ainda?

— Não... — deixo escapar com um suspiro.

— Faz umas duas semanas que não o vejo, pois os horários deles não cruzam com a minha agenda. A última vez em que o vi foi em um ensaio da orquestra. Ele estava entre ensaios, com uma pasta na mão, lendo algumas folhas.

Nesse momento meu coração quase sai do peito... Só podiam ser as confissões.

— Como, em todas as vezes que tentei falar dele você mudou de assunto, resolvi respeitá-la... Mas se quiser saber algo mais, posso ver com o Ícaro...

— Não precisa, obrigada. Preciso encontrá-lo pessoalmente. E, com os meus olhos nos dele, pretendo descobrir o rumo dos nossos sentimentos de uma vez por todas... Chega de dúvidas! Preciso saber se a canção entre nós ainda existe antes que eu pense em abandonar a cena.

Minha cabeça está transbordando com tantas informações que demoro a entender as últimas sentenças de Nana e toda a novidade nela incutida.

— *Peraí...* Quem é o Ícaro? — na mesma hora, consigo notar que ela engasga, percebendo que falou demais.

— É... É alguém que estou pegando... — eu a vejo hesitar cada vez mais, o que aumenta a minha surpresa.

— Vai pegar outro dos caras da Orquestra, Nana? Não podia variar o cardápio não, *jiboia*?

— Tá, vou falar... É o mesmo — e um fato inédito acontece. É como se eu sentisse naquelas palavras toda a sua fria e metódica segurança desabar.

Relembro do moço andando pelado pela cozinha, chamando-a pelo nome de batismo... Penso em dizer várias coisas, mas é claro que o humor vem em primeiro lugar.

— Regina Célia, você está apaixonada?!

Por um segundo, ouço somente um estrondo. Logo em seguida, a voz de Nana, distante, começa a soltar uma quantidade de palavrões que deixaria até os mais devassos sem graça. Algum tempo depois, ela volta a ligação.

— Tá vendo o que você me faz... A porra do celular caiu até no chão...

— Mas você não me respondeu, Re...

— Não se atreva... — ela me interrompe. — Assumo que estou gostando de ficar com o moleque. Ele é desastrado, fala demais, tem um bando de conceitos bobos sobre namoro... Mas está sendo legal conviver com o Ícaro. Vamos ver...

— Gosto assim. Então, agora, mais do que nunca, é o momento de te deixar ir... Descobrir o que esse novo sentimento nesse seu coração de pedra pode te trazer — começo a rir, sentindo-me feliz por ela.

— E você, Deia? — nessa pergunta de Nana haviam tantos questionamentos implícitos.

Nos bons e nos maus momentos ela esteve ao meu lado. Juntas estávamos quando eu ingressei os primeiros passos na vida adulta, longe do papel de filha de um lar destruído, onde a voz era calada a cada noite, e aprendi a lidar com meus sonhos, até que o relacionamento com Marcos nos afastou.

Quando eu lhe pedi socorro, sinto que Nana veio disposta a superar todo o tempo perdido. Sem hesitar, ela me abraçou e me embalou nos braços, protegendo-me de um medo que me massacrara na sua ausência. Todavia, em todos os momentos em que eu vivera, sempre cantei as canções alheias, sendo aquilo que as pessoas esperavam.

Era hora de eu ter a minha própria música. E me fazer ouvir!

— Eu vou ficar bem, Nana... Pode acreditar. Tive uma ótima professora...

Ficamos um tempo ainda conversando sobre as efemeridades da vida, coisas tolas e engraçadas, outras sérias e emocionantes, como só os amigos verdadeiros, aqueles conectados pela alma, são capazes de fazer... Tornar um assunto banal em algo para se falar por horas.

Desligo o aparelho me sentindo em paz e contente por saber o que fazer, lidar com metas, objetivos e planos, em vez de expectativas. Olho para os céus e agradeço a mulher em que, aos poucos, eu me consolido.

Fico ali, na solidão acalentadora, com os pés em meio à grama fresca, até o sol começar a atingir o seu descanso, celebrando, na quietude, a beleza da vida até ser a hora de voltar para casa.



23

Sororidade.

Sentada diante daquelas mulheres que há tantos meses, assim como eu, compartilham as próprias histórias, repito essa palavra tão nova, mas repleta de significados. Nessas sessões, acho que temos um exemplo prático de como isso ocorre. Não no sentido pleno e ideal, mas o mais compatível dentro de nossas realidades.

Assim que atravessamos a porta da sala, deixamos de nos ver como rivais, ricas ou pobres, novas ou velhas, ou qualquer outro traço que nos defina, e passamos a ser iguais, ligadas pela sobrevivência, o afeto, o espírito de luta... Não somos mães, filhas, seres objetificados ou dignos de pena. Sangramos umas com as outras, compartilhamos nossos anseios e medos, choramos e nos alegramos, unidas, em plena identificação, nessa hora onde o peso imposto pela rotina se torna irrelevante, compartilhado.

Nesse momento, sou alegria e reconhecimento. Acabo de dar a notícia da remissão, e cada uma delas compartilha comigo dessa notícia à sua maneira.

Lílian, nossa terapeuta, sorri de forma complacente e acolhedora. Sempre centrada, como a posição exige, mantém o humor e a humanidade, de vez em quando comentando sobre a família e os dois filhos. O mais novo, inclusive, foi testemunha dos meus alentos e descobertas, ainda dentro da barriga da mãe, impreterivelmente, todas as semanas.

Lucinda, a mais nova entre nós, está de pé, fazendo uma dancinha de vitória na melhor forma que consegue, esquecida, por um momento, do câncer que corrói a recente maioria adquirida, minando-lhe os sonhos de vida longínqua e cheia de experiências. Enquanto Jussara, a gentil senhora sexagenária pega uma das minhas mãos e a beija, esquecendo-se da dor diária que corre o braço e o ombro onde o seio foi extirpado, graças ao inchaço recorrente da retirada das linfas.

E não tem só elas ali... Tem a Jéssica, que também foi abandonada

pelo marido assim que descobriu o diagnóstico da doença. Valéria, que tem de lutar contra o câncer de mama descoberto seis meses após a morte da irmã, vítima da mesma doença. Ou até mesmo Cláudia, uma modelo que, ao descobrir o pequeno tumor em uma das mamas, optou por retirar as duas, diminuindo assim as chances da doença reincidir. Olho para cada uma, as lágrimas ameaçando se derramarem pela face, vendo-me pela primeira vez capaz de compartilhar algo tão raro e grandioso, que muitas vezes renegara: as possibilidades de um final feliz. Para todas nós.

Sou grata a estas mulheres por me proporcionarem cada momento e transformação. Por me escutarem nas horas de lamento, onde eu simplesmente deixei de lado motivações e esperanças, sem saber onde me apoiar, vendo a mim mesma como uma desconhecida. Por me mostrarem suas histórias cheias de ranhuras e cicatrizes, dando-me forças para me encontrar em meio ao lamaçal em que fui deixada.

Torço para cada uma delas, na esperança de que encontrem o fim dos sofrimentos pessoais, dores e incertezas. Espero um dia entrar aqui e falar de cura, irmos de mãos dadas ao departamento de oncologia e tocarmos o sino que simboliza a vida, a vitória sobre a solitária morte, cercada de dores.

Quero não apenas ser felicitada, mas fazer o mesmo com cada uma dessas mulheres, com quem tenho compartilhado meus meses, e que possamos um dia ver isso apenas como um episódio ruim, mas capaz de nos tornar pessoas melhores e mais gratas pelas pequenas surpresas da vida. Aprendemos a valorizar o serendipismo — mais uma nova palavra tão em voga — que são as coisas boas que surgem, por acaso, em nossas vidas. Os pequenos e fortuitos momentos que tornam tudo tão especial... Como Caio se tornou para mim.

Após a conversa com Nana há dois dias, deixei de olhar o celular e buscar respostas, *me* roer de ansiedade ou pensar se ele me ama ou não. Comecei a planejar os meus próprios passos, organizar para buscar as respostas de que necessitava.

Eu o encontraria, agora sem reservas, pois nada mais havia a esconder, para ver o quanto de sentimento ainda havia naquele homem que tanto amo... Que fiz a besteira de mandar embora com medo de que ele partisse com pena no olhar. Não adianta ser aquela que só espera que o outro tome as atitudes, em um lúdico e irreal conto de fadas.

Chegou o momento de eu dar o primeiro passo. E, conseqüentemente, todos os próximos que me couberem na caminhada a dois.

E é ali, entre as palmas e cumprimentos efusivos das outras mulheres

da terapia que vejo o quanto eu sou forte, guerreira e mereço toda a felicidade que eu quiser, mesmo que parte de mim, aquela que se encontra cada vez menor, derrotada e diminuída, deposta do controle que me prendeu durante anos, julgue que essa minha atitude seja egoísta. Ainda bem que cada vez mais ela está perdendo a voz.

Quando os aplausos cessam e as vozes aos poucos perdem o murmurinho, tornando-se um zumbido cheio de expectativas, Lilian dá continuidade à reunião.

— Alguém mais quer compartilhar algo com a gente? — olho para os rostos, que voltam às faces normais, prontas para, no final da sessão, se afundarem na frieza do mundo que nos rodeia.

Por um momento, os olhares se cruzam, na expectativa de que as boas-novas continuem, sob lábios inéditos, dando milhares de motivos para sorrirmos, mas todas anuem com a cabeça, negando que mais alguma palavra surja.

— Eu poderia falar? — uma voz interrompe Lillian, que está prestes a encerrar a sessão. Os olhos dela se levantam, surpresos, na direção de quem vem de fora para romper o silêncio.

Vislumbro os rostos que se erguem, os corpos que tensionam pela súbita invasão do recinto, as mulheres que inconscientemente se aprumam diante do visitante. Eu apenas estremeço, confusa e surpresa, pois reconheceria aquela voz em qualquer lugar.

— Não sei se aqui é o lugar indicado para o senhor...

— É exatamente aqui que eu desejo estar... — diante do olhar ainda interrogativo dela, a voz se apresenta, aproximando-se das minhas costas. — Caio. Caio Rodrigues...

E, enquanto eu me torno tensa, sem saber como reagir, na dúvida entre se levanto e corro o risco de perdê-lo como Morfeu desvencilhhou-se de sua Eurídice, todas as mulheres ali presentes me encaram, consternadas, diante da reviravolta. Ali, ele já foi motivo de inúmeras indagações, já que o construí e o materializei em minhas narrativas, assim como o desmaterializei nos momentos de descrença, como se fosse Penélope a tecer o tempo e o amadurecimento da minha alma.

Algumas torceram por mim, outras tentaram de convencer de que ele parecia perfeito demais, transformando-o talvez em uma alegoria dos meus sonhos e frustrações. Entretanto, só o que me importa é que ele está aqui, para encerrar um círculo que começou cercado de segredos, mágoas internalizadas, receios e frustrações. Fomos pegos de surpresa no jogo das emoções e nos

redescobrimos, procurando na alma e na companhia um do outro a remissão de nossas falhas e fraturas.

É chegada a hora de recomeçar a vida, sob uma nova ótica... A questão que me resta descobrir é se naquele momento reside o início ou o fim de uma história.

Penso em me mover, me virar, fitar-lhe nos olhos e descobrir o que restava daquilo que nos uniu, mas Caio não permite. Toca-me gentilmente nos ombros, e sinto ali um silêncio, um pedido para que eu não me mova.

E assim o faço.

Ficamos todos na expectativa. Eu, as meninas, a doutora... Como os músicos com os instrumentos afinados e prontos, à espera do início do espetáculo, naqueles segundos que parecem eternos, antes que a música preencha todo o ambiente... Caio, então, pede permissão para que comece a solar o trecho que lhe trouxe ali, daquela história trazida pelo sentimento. Receio e ansiedade me tomam, mas fecho os olhos, concentrando-me apenas no toque terno e sutil das mãos dele no meu ombro quando espero que, pela última vez, ele se confesse.

Existe um momento em nossas vidas, em alguma curva da trajetória, que as coisas deixam de fazer sentido. As notas destoam, o movimento cessa, as cortinas se fecham, e, quando percebemos, estamos sozinhos, perdidos. Se olhamos para trás, parece que perdemos os passos, o caminho se desfez, a música já se perdeu até mesmo no eco para que possamos nos lembrar da última nota musical proferida. Mais adiante, é possível notar a réstia de luz, o vazio indefinido das incertezas, a indecisão do que está por vir... É nesse instante, famigerado e tão especial, que retomamos a verdadeira jornada em busca da existência.

A minha existência.

Quando eu comecei a trilhá-la, estava no fundo do poço, sabem? Minha esposa há mais de uma década se tornara uma lembrança amarga, objeto de negação e desprezo a qualquer coisa boa. Juju, minha pequena filha, a única luz que eu possuía, capaz de trazer alegria a esta alma miserável, havia dado o último suspiro há um tempo que ainda me parece recente demais, deixando-me desorientado, sem rumo, esvaindo-me em sangue, sem saber como conter a hemorragia emocional em que me encontrava... Pensara que Tamianara fosse aquela capaz de calar a minha dor, mas só me proporcionou mais aflições.

Foi em carne viva, o coração exposto e pulsando em lamentos e lágrimas que fugi. Pedi licença para me afastar e assim o fiz, buscando, através

da música, trazer alento a mim e aos outros. Entrei em contato com conhecidos, pessoas das quais infelizmente me afastei, músicos de outras cidades... e pedia para me ajudarem a utilizar a música como cura... Não só para mim, mas para os outros. Para calar-me, perdi a minha identidade, tornei-me instrumento, voz para acalantar o sofrimento, espantar as sombras que nos tornam cada vez mais sozinhos, fortalezas gélidas e impenetráveis.

Nesse período, corri pelos mais diversos lugares, em uma eterna prece musical, levando, através das notas meus pedidos, medos e frustrações, na espera de que rompessem o ar e se transformassem em acalanto, alento para aqueles que, como eu, necessitavam de respostas.

Além dos concertos oficiais, pedia para entrarem em contato com hospitais, creches, asilos e outras instituições, para que nos intervalos eu pudesse trazer alegria às pessoas, mostrar como a existência delas era perfeita, pois ainda estavam vivas, e tinham forças para lutar a cada dia... Foi nesse período que te encontrei pela primeira vez, Andreia... Graças a você que a dor começou a me deixar de verdade...

Levanto-me em um rompante, desvencilhando-me das mãos dele. Encaro-o, diante desta nova informação, incrédula diante das palavras. Procuro nas memórias algo que seja o elo que liga o que ele afirma com tanta ênfase, mas permaneço sem respostas.

Tento evocar os registros mentais daquela época, exatamente quando meu mundo se despedaçava, ainda lamentando o corpo recém-mutilado, mas parece que nada nos conecta. A lembrança primordial que tenho de Caio é aquele encontro na estação, apesar da sensação de reconhecimento que nos aproximou naquela ocasião.

Assumo que parte de mim se sente enganada, por acreditar naquela atração irrefreável que nos uniu à primeira vista, e pelo fato de, em nenhum momento, ele me dizer sobre a possibilidade de um encontro anterior. Contudo, outro pedaço do meu ser, incluindo o coração, culpa a minha interpretação, já que em vários momentos ele disse que havíamos nos reencontrado.

Penso em interpelá-lo, exigir respostas, mas sei que ele as dará. Caio ergue um dos braços, com gentileza, e estende a mão, em um gesto, sugerindo eu que espere. Eu então me contenho e aguardo.

Em todas as vezes que eu passei por essa cidade, meu mundo de alguma forma mudou... E o engraçado é o fato de que, nas três vezes que por aqui passei, Andreia estava presente, e mexeu com o meu mundo. E, em cada ocasião, conheci um pedaço dela, sua luz e sombras, dores e medos, santidade e

pecado.

Sei como é frágil, ferida e incerta... Mas também como é forte, paciente e disposta a ser feliz. Conheço cada um dos medos em relação a nós, e como tem medo de se destruir ao se entregar. Mas eu fiz a minha escolha, Andreia. E, se depender de mim, eu nunca mais te deixarei...

Vejo a inquietude nos teus olhos, Andreia. Deve, nesse momento, estar inconformada, escavando a memória em busca de respostas, não é mesmo? Eu vim para Ribeirão Preto, a convite de um concerto da Orquestra Sinfônica da cidade, para o início das comemorações oficiais do final de ano... Aproveitei o ensejo e vim dois dias antes.

Tinha um amigo de faculdade, o Francisco, que morava aqui. Liguei antes, e, colocando o assunto em dia, falei do desejo em levar um pouco de música àqueles que verdadeiramente precisavam. Utilizar a canção para cicatrizar os corações machucados, essa foi a frase que ele me disse, traduzindo com perfeição aquilo que eu acreditava ter se tornado minha missão. Sanar a dor alheia para calar a dor em mim.

Foi assim que ele me arrumou uma apresentação no Hospital das Clínicas. Pegamos emprestado um teclado e me dispus a montá-lo nas mais diversas áreas, trazendo um pouco de calor às pessoas tão sem esperança no ambiente asséptico hospitalar. Abrir uma fresta que fosse das emoções contidas para fazê-las acreditar na esperança de um novo amanhã.

É nesse instante que tudo se encaixa... O que parecia um devaneio em meio à dor se torna presença, real... Lembro-me da sensação da dor vazar pelo meio peito, como se esse estivesse em carne viva. Da perda da identidade e o vazio que me consumia, e a forma com a música natalina me preencheu.

Perco o ar e os acordes do piano me irrompem, trazendo a sensação que os braços de Caio — antes um anjo sem nome — me trouxeram. Foi ali que comecei a me sentir humana novamente... E o homem por quem eu estou apaixonada é o responsável por isso.

“Você é maravilhosa.” Foi o que disse assim que te vi, naquela cadeira de hospital, tão ferida, quebrada e abandonada. Sua dor e necessidade me atingiram assim que o choro alcançou os meus ouvidos. Identifiquei em você o grito, que eu até ali contivera, as lágrimas que eu insistia em segurar, o lamento que nunca consegui colocar para fora de uma só vez, coisa em que só era bem-sucedido através da música.

Eu me vi em você, Andreia. E, sem entender as minhas emoções, eu a abracei. Passei a mão pela sua cabeça lisa e a embalei como tanto queria que

fizessem comigo, da mesma forma que desejei fazer tantas vezes com a minha filha, pedindo que tudo mudasse, a dor acabasse, e o silêncio da paz calasse os gritos que nos povoavam.

Senti o peito liso, que depois tanto lutou para me esconder, e deixei que nossos corações ficassem mais perto um do outro, sabendo que não batiam sozinhos. Beije a sua testa e deixei que as minhas lágrimas caíssem e se misturassem com as suas. Permiti que o seu caos e a minha quietude se unissem, e finalmente partissem.

Terminei os eventos daquele dia e você não me saiu da cabeça. Passei o dia como louco, correndo com os ensaios do concerto, mas assim que a apresentação terminou, fui para o hospital como um insensato, à sua procura. Nem se fosse para te desejar um final feliz... Mas não estava mais lá.

No decorrer dos meses seguintes, volta e meia eu me pegava pensando em você, imaginando se tinha alguém, como seria a sua história, se o sorriso algum dia voltara aos seus lábios. Criava histórias sobre a moça misteriosa que mandou a minha dor para longe.

Imaginava suas conquistas, sorrisos e amores. Torcia para um dia revê-la, nem se fosse em um vislumbre, daqui há 50 anos, cercada de filhos e netos, com uma vida plena. Pedia para a moça do sonho aquilo que desejava para mim... Ao desejar que você fosse feliz, a minha possibilidade de recomeçar passou a ser mais crível, menos remota.

Até a noite em que eu vi a minha filha...

Eu me lembro de que, no sonho, eu andava por um grande salão. Recordo-me do eco dos meus passos e da penumbra. Da sensação de me sentir perdido, sem saber o que fazer... Até que, diante de mim, de repente, um piano surgiu em meu campo de visão. Havia uma luz forte sobre ele... Consigo vislumbrar até o chão em volta, em arabescos que lembram uma flor-de-lis...

“Papai, toca pra mim”... Assim que ouvi aquela voz, meu coração soube que era da minha filha. Mesmo que a doença a tivesse impedido de falar, de entonar qualquer sequência de palavras com total dicção, eu tinha certeza de que ali ela podia...

E, sentado diante do piano, eu comecei a tocar a música que eu escrevera para ela. Mesmo imerso no piano, mergulhado nas notas a fim de homenageá-la, senti que meu pequeno tesouro estava ali, dançando em volta da figura que eu e o instrumento formávamos. Sentia sua felicidade, ouvia suas risadas, sentia o perfume que eu lhe passava, aquela sensação de que estava completo novamente se apossara de mim.

No sonho, coloquei minha alma naquela apresentação, como se dela dependesse a minha vida. E quando a última nota ecoou, deixando seu eco no ar, vi uma pequena mão me tocar... Vislumbrei os dedos longos e a mão delicada a me acariciar, sem a invalidez ocasionada pela lesão. Fechei os olhos e me abaixei, à procura de consolo... E senti um cálido beijo pousar em minha testa.

“Seja feliz, papai”... Foi a última frase que escutei antes de acordar.

Não sei dizer o quanto aquilo foi a minha mente finalmente me mostrando que era a hora de seguir em frente. Ou quanto dos mistérios que existem entre o céu e a Terra me visitaram naquela noite. Mas foi naquele mesmo dia que recebi o convite para fazer parte da peça. Sabia que reveria Tamianara, mas existia algo no ar, à espera, uma certa tensão, como uma chuva que paira no ar, dizendo-me para esperar.

No dia do nosso reencontro, eu já estava na sala São Paulo há horas, tinha feito o nosso ensaio normal, e passado a música com Tamianara. Cada vez que a revia, com sua pose vazia e galante, a me segurar e flertar, fazendo a sua interpretação, eu me enojava. Era como se a loucura dela me tocasse e me fizesse mal, trazendo à tona o pior de mim. Mas ela é uma loba, incansável... Mesmo depois de tanto tempo ausente, sente-se dona dos outros. As pessoas só são descartadas dela quando assim deseja.

Por isso, mesmo que eu tenha ignorado as investidas dela, aquele ser nocivo não se deu por vencido... Enquanto eu acertava umas coisas com o maestro, ela descobriu com um dos músicos que eu havia deixado as minhas coisas ali, em um dos escritórios, para me trocar para a festa. E lá ficou, à minha espera, nua em uma cadeira, como se a sua exposição crua me seduzisse.

Assim que entrei por aquela porta e me deparei com Tamianara sorrindo para mim, como se nenhuma réstia de mágoa ou desprezo existisse entre nós, eu me irritei. E, sem mencionar nenhuma palavra sequer, eu lhe dei as costas. Procurei pelo segurança mais próximo e pedi que a retirasse de lá.

Em busca de ar, paz e não deixar que a loucura me tomasse, acabei atravessando a rua e entrando na estação... E, poucos minutos depois, eu me deparei com o piano. Espantado, reconheci sob ele o mesmo padrão dos pisos que vira no sonho, e me lembrei de cada detalhe com uma nitidez incrível.

“Toca pra mim, papai”...

Não me lembro do instante em que sentei ao piano... Nem se havia alguém ao meu redor. Meus dedos começaram a dedilhar as notas de Pavane antes mesmo que eu pensasse. Aquela havia sido a primeira música que tocara

para Juju, antes mesmo de sua mão apertar as minhas, aprovando as notas da própria canção. Era com as notas seguidas, em um crescendo apaixonado, que ela se aquietava do choro e ressonava. Foi a sua canção de ninar.

Ali coloquei todos os meus sentimentos, pedindo que fosse feliz. Debrucei-me sobre as teclas para mostrar que estava pronto para um sentimento real, que fizesse do meu mundo festa. Alguém que pudesse amar, respeitar e receber o mesmo de volta. Uma mulher que me proporcionasse o mesmo final feliz que eu desejara à moça do sonho, aquela em que há tanto tempo não pensava... A mesma que, quando eu terminei de tocar, estava diante de mim, como um devaneio, uma ilusão.

Senti algo me arrebatar na mesma hora que nossos olhares se cruzaram. Sabia, em meu íntimo, que estava destinado a viver ao seu lado, desde que te abracei para reunir os seus cacos, esperando que eles se solidificassem com o calor do meu corpo, há tão pouco — e tanto tempo — que parece que vidas nos separam daqueles que fomos. E tinha a certeza de que, se fosse preciso, eu me afogaria para te trazer à tona...

Nunca te menti, Andreia. A dor nos conectou, mas o amor nos salvou.

Da primeira vez que vim a essa cidade, eu te encontrei, mas acabei te perdendo...

Da segunda vez, eu prometia que não a perderia, mas deixei que me mandasse embora...

E agora, pela terceira vez, digo que não a deixarei mais partir...

O mundo, sob os meus pés, foge, e eu cambaleio. Algumas vozes se alteram, e mãos me colocam sentada. Todas as peças se encaixam e percebo como sempre estivemos destinados a nos encontrar. Entregam-me um copo de água e eu bebo com sofreguidão, as mãos trêmulas.

Ouçó a voz de Lilian, imperiosa, pedindo que se afastem, deem espaço para que eu respire, que Caio se aproxime... Meus olhos não precisam procurar muito para encontrá-lo, pois ele logo se ajoelha diante de mim.

Sabia que esse final de semana é meu aniversário? Os músicos e parte do pessoal da ópera, além de alguns amigos organizaram uma festa, lá no Dendê, com a ajuda de dona Odete. Mas que festa eu teria sem você? Que motivos eu tenho para celebrar sem a mulher que eu amo, com quem pretendo viver o resto da vida ao lado?

Comprei um voo para Ribeirão só para te encontrar... Fui no seu endereço, mas não estava. Liguei para Nana, que finalmente me disse onde poderia te achar. Vim para dizer que te amo, que te aceito e te recebo com toda

a sua bagagem, dores, amores e tristezas que fazem de você essa mulher única.

E espero que me receba em igual intensidade. Vim também para te buscar, pois não passo nem mais um dia longe do calor dos teus braços. Tenho duas passagens para São Paulo daqui a duas horas, e não quero entrar naquele avião sozinho... De que adianta comemorar o meu aniversário sem o meu maior presente?

Viva comigo, Andreia. Deixe que toda a tristeza que nos povoou pereça. Vamos celebrar a vida!

Meu ser racional pensa em cravá-lo de perguntas e defesas. Como espera que eu abandone tudo e vá embora assim, ainda que seja por um final de semana? Como posso deixar minha casa e viajar, sem arrumar malas ou fazer planos? Mas então eu o olho, e sei que não preciso de mais nada. Apenas de Caio a me apoiar e me dar amparo. Para me dar prazer e amor e nunca me deixar esquecer, naqueles momentos que as velhas sombras me tocarem, o quanto sou perfeita.

Dou as costas para a Andreia temerosa e cheia de receios, aquela que sempre vê o pior das situações, se sabota a cada passo e não se permite viver. Calo os seus lamentos e lamúrias quando pego o rosto de Caio entre as minhas mãos e o beijo, perdendo-me em no gosto que já considero como meu, sob as palmas daquelas mulheres que dividiram comigo as dores, e agora compartilham das minhas conquistas.

Quando nossos rostos se distanciam, ele sorri e eu retribuo. A felicidade parece, finalmente, sorrir para nós.

— Sou toda sua — é só o que murmuro.

Estendo as mãos e deixo que ele me leve para onde quiser.



24

Falamos até que as vozes se cansassem de serem escutadas. Nós nos olhamos com o calor e desejo dos adolescentes apaixonados. E nos tocamos durante toda a viagem, dedos entrelaçados como se tivéssemos medo de que o outro fugisse, bocas que insistem em se encostarem, redescobrimos gostos e significados. As declarações de amor parecem naturais, mesmo quando se tornam banais, pois a força do sentimento que nos arrebatava, a completude que ele proporciona, parece além das palavras.

Após idas e vindas, choques e aprendizados, nós nos encontramos, enfim. Sem o peso dos segredos, o anseio das expectativas, o receio tolo de sofrer, como se temer algo nos impedisse de senti-lo. Como se esse receio que nos consome, agente de mudanças, não nos fosse tão benéfico.

Eu, por exemplo, passei parte da minha existência com medo, das coisas mais banais até as plenamente complexas. De altura, de sentir dor, de me desiludir, de ficar cega, por exemplo... Depois, de ficar só, de me entregar, de partir meu coração, do câncer, de ser rejeitada... Assim, por receio de perder tudo, por muito tempo eu deixei de me encontrar. E, ao me analisar, no meu eu mais profundo e secreto, aquele que nem sei definir, constatei que havia em mim um único e presente temor, o primordial: das coisas que não são para sempre.

E, diante disso, que alternativa tenho a não ser me libertar? Pois nada é eterno, sequer a minha existência. Assim, desapegando-me aos poucos de tudo que me apavorava e consumia, descobri que precisamos do fim para que tenhamos reinícios, necessitamos de expulsar do peito aquilo que nos corrói para que a cura surja. É preciso que algo dentro de nós morra para que a nossa alma viva.

É exatamente isso que vou fazer agora... Ao lado de Caio, sem mais hesitar.

Pegamos o carro dele no estacionamento do aeroporto de Congonhas e seguimos na direção de Pinheiros. Ele dirigia calmamente, como se adiasse o momento de ficarmos a sós, nas paredes do apartamento dele, livre de roupas,

esquivas e receios. Como se tentasse dispensar a ansiedade, tirando-a do eixo, mandando-a embora, para que tudo o que ocorresse entre nós naquela noite fosse sem pressa ou reservas.

Eu me apoio no banco e fico admirando o rosto dele, enquanto se revela um exímio guia turística... Mostra-me onde fica o Dendê, na Vila Madalena, o lugar onde cresceu cercado de amor e música, assim como o prédio onde a mãe mora atualmente, perto dali.

Fico abismada diante do Instituto Tomie Ohtake, um lugar que uma aficionada por arte como eu ainda não tinha conhecido. Ele fora especialmente projetado, arquitetônica e conceitualmente, para abrigar a conhecida arte moderna e contemporânea. Demos a volta no SESC Pinheiros e paramos no famoso Beco do Batman, referência do *grafitti* paulistano.

Ele andava todo orgulhoso ao meu lado, de mãos dadas, como o garoto típico do ensino médio que exibia a namorada bonita. Comentei isso com ele, que vermelho, me deu um beijo e exclamou, todo atencioso:

— Ah, deliciosa Andreia. Como posso esconder a minha boa sorte? Assim como toda essa arte que lhe traz vida aos olhos, você me ilumina... Minha perfeição!

Como não o beijar com paixão? Como não me sentir plena?

Depois de encher os meus olhos com artes e inspirações, criar mundos coloridos para me inspirar a alma, vamos para a Arthur de Azevedo, onde ele mora. Deixamos o carro no estacionamento e subimos o elevador permeados de ansiedade e expectativa. Tenho comigo apenas uma mochila básica, com algumas peças de roupa e o notebook, já que ele me cedeu apenas alguns minutos no meu canto antes que fôssemos para o aeroporto, sob uma ótima alegação.

— Pretendo deixá-la grande parte do tempo nua... — Foi impossível resistir ao arrepio na pele ao ouvir essa declaração sussurrada ao ouvido. Pior ainda foi ser racional na escolha das roupas que eu trouxe. Mal consigo me lembrar se trouxe calcinha ou sutiã...

Entramos no ambiente elegante que nos circunda. Uma casa de tons claros, alegres, com alguns detalhes pontuados de sobriedade, mostrando Caio em todas as suas faces: o músico, o pai, o homem...

Paro por um momento diante de um porta-retratos e o vejo, todo sorridente, ao lado de Juju em sua cadeira. Ele parece tão orgulhoso, cheio de amor naquela imagem... Contenho-me para não me entristecer, deixando que a tristeza dele se sobreponha àquele momento. Por isso, coloco a fotografia

delicadamente no seu lugar e me deparo com ele, observando-me, com certa comoção a lhe assombrar a face.

— Quantas vezes te imaginei aqui, Andreia. Passeando pelos cômodos, sentindo as texturas e cores dos móveis. Deleitando-se no sofá com o seu corpo prensado ao meu. Ecoando a canção do seu prazer, convertido em gemidos, por todos os cantos da casa...

Eu me aproximo dele em um rompante, sem hesitar. Roubo sua boca para mim, mordendo-lhe os lábios grossos e rosados, tão convidativos. Enlaço-o pelo pescoço e cruzo as pernas sob a cintura dele, com fome e vontade. Sem gestos gentis, deixo que aqueles braços fortes me carreguem até o piano de madeira escura, no meio da sala. Caio me coloca em cima, como um objeto de arte, e arranca meus calçados e calças, despojando-os como faz com algo sem importância.

— Eu te reverencio, deliciosa... Assim como faço com a música. Para as duas serei amante, disposto a atender os prazeres e caprichos mais insanos! — declara enquanto beija-me os pés.

Passa os lábios por minhas canelas, mordisca-me a pele, fazendo-me arrepiar. Então, *me* puxa para si e lambe a suave pele entre as coxas enquanto os dedos encontram o meu sexo, ansiado e ansioso, através do fino tecido da calcinha. Arfo, mal contendo o gemido enquanto ele me masturba a vagina, tornando-se úmida, pulsante e viva diante dos dedos que com destreza a acariciam.

Abro ainda mais as pernas, convidando-o a me penetrar, a pélvis a se contorcer, ansiando pelo choque dos corpos no vai e vem ritmado do sexo. Os dedos que se lubrificam não param, arremetem e me enlouquecem, incitando-me a atingir o gozo. E, quando nenhum controle é suficiente, no instante em que pareço explodir, ele me puxa mais uma vez... E sua língua, quente e devassa, *me* fode.

A partir desse instante, todo o pudor e delicadeza me abandonam. Ergo o tronco e olho o deleite com que ele me lambe, brinca com os meus lábios entre os dele, provoca-me com o olhar enquanto se refastela.

Pego em sua nuca e o pressiono contra o meu corpo, esfrego o rosto dele por toda a extensão da boceta, fazendo com que o meu prazer se misture à sua saliva, mele a face dele, afogue-o e o sacie. As mãos dele me pegam pelos quadris e puxam, enquanto os dentes passam pelo clitóris, intercalando com a língua, fazendo-me alcançar o primeiro orgasmo em poucos minutos.

Quando meu prazer se torna voz, grito, isso parece deixá-lo ainda mais

esfomeado e atrevido, pois o ritmo acelera, o rosto se afunda mais em mim e a língua vibra, incessante, fazendo-me revirar os olhos. Estremeço e amoleço, perco as forças, mas ele está apenas começando.

Caio me desce do piano e me coloca de pé, diante dele, o teclado fechado às minhas costas. Com todo o carinho do mundo, deixa o amante indomável por um momento, e coloca a mão na barra da minha camiseta, à espera de permissão. Eu fico trêmula, receosa do próximo passo, doida para dizer não, cruzar os braços e fugir dali, mas é exatamente contrária a forma com a qual reajo.

Ele tira a minha camiseta com todo cuidado, sem pressa. Fecho os olhos e me sinto exposta quando, sem nada dizer, ele desabotoa o fecho do sutiã, tomando-o entre as mãos. Descarta a peça íntima e me fita, nua, em todos os detalhes, como nenhum homem o fez.

Hesito, por um momento, ansiosa e cheia de medo de que tudo se estilhace por fim, mas isso não acontece. Caio, sem medo ou receio, toca a cicatriz com as mãos, de uma ponta a outra... Não em um gesto de curiosidade, mas de puro afeto, aproxima-se e a beija, e encosta ali a cabeça, os braços envolvendo a minha cintura.

— Aqui consigo ficar mais perto do seu coração...

É nesse momento que o ar me volta, aquele que sequer sabia que estava guardado. As lágrimas me descem, tirando qualquer vestígio de tristeza que pudesse nos separar. Em me entrego então, como nunca fiz antes. Deixo que nossos corpos se unam, *se enrosquem* e *se entreguem*... Eu o beijo com desejo e lágrimas, arrancando a calça e a camisa sem nenhum cuidado e deixo que nossas peles se esfreguem, branco e negro, opostos que se completam, que em breve se devorarão.

Caio se senta na banqueta, onde apoia o corpo para correr os dedos pelas teclas, e me pressiona entre o instrumento e seus quadris, duas peças sinuosas em curvas, rígidas e protuberantes nas partes certas que, quando estimuladas, *nos* proporcionam prazeres e emoções indescritíveis.

Coloca então o preservativo e eu nele me sento, os braços apoiados sobre os teclados, fazendo com que nós, no vai e vem do sexo despido, sujo e prazeroso, da cópula, da fornicção ou da simples e gostosa foda, *nos* percamos.

Foco-me na respiração acelerada de Caio, intercalada com gemidos, que me povoam o ouvido e me excitam. O ruído descompensado das teclas, que batem na minha bunda, pois ele ergue os nossos corpos e arremete dentro de mim, o corpo a subir e descer, o pênis grosso e lubrificado a quase sair do meu

corpo e entrar de novo, forte e fundo.

Como inquieto ele morde a minha orelha, desce pelo pescoço e procura com a boca o meu seio, livre e tão carente de cuidados, proporcionando prazer a um corpo que se julgava dilapidado, adormecido. Gozo incontáveis vezes, e choro... Grito e me desfazo em gemidos há tanto tempo em mim contidos. Deixo que ele goze e busque a minha boca para converter as palavras obscenas em murmúrios de amor.

Por fim, relaxamos, mas não o deixo. Após ele descartar o preservativo, volta ao mesmo assento que fez parte de nossa cena erótica. Coloca-me sentada em seu colo, de frente para ele, e faz com que o abrace. Assim, com o meu corpo aninhado ao dele, puxa a banquetta para perto do piano e começa a dedilhar as teclas que não sei como ainda se mantém afinadas após a bagunça que fizemos.

Conforme a música começa, sinto o meu peito se apertar. Uma sensação de amor intenso e perda se apoderam de mim, como se a música, ainda inédita aos meus ouvidos, fossem capazes de mostrar uma linda vivência, junto a uma saudade gigantesca. Não é necessário que Caio me diga que canção é aquela.

Eu estava ouvindo “Uma Canção para Juliana”.

Assim como provei do êxtase proporcionado pelos nossos corpos, sorvi também ali da alegria da paternidade, do amor irrestrito, do ato de doar-se por completo e receber aquilo que pode sem pestanejar.

Pela primeira vez me senti como seria se fosse mãe, ligada a um ser por laços infinitos e infindáveis, um sentimento único e intrínseco de entrega, como só pais podem oferecer às suas proles. E imaginei a dor insuportável e antinatural de se perder um filho.

Perdi-me em sonhos, visões e devaneios enquanto a música era tocada... Disse o quanto o amava, abri o meu peito em flor enquanto ele mostrava a única parte de si que eu ainda não conhecia.

— Você é a primeira pessoa a escutá-la... — ele desabafa, depois de algum tempo, quando o silêncio volta a reinar entre nós.

— Espero não ser a última... Muito obrigado, meu amor. Ela é linda...

— Você que é, Andreia. Minha sempre deliciosa... — ele se levanta e me ergue junto, como se eu não tivesse peso, provocando risos. — Agora vou te levar para a cama... Em breve teremos um aniversário e uma festa para ir...

— Mas tenho algumas coisas para resolver. Preciso avisar Nana que estou aqui, caso ela precise de algo...

— Não, você será somente minha... Sua única obrigação é me mostrar quantos orgasmos consegue ter em um dia...

— Ah é? — mordi o pescoço dele, provocando-o.

— E já aviso que estou disposto a quebrar todos os seus recordes...

Eu grito assim que ele me joga nos lençóis, e, quando o vejo nu, consigo pensar em tudo, menos em dormir. Tinha intenções de permanecer acordada o maior tempo possível, e pela forma com que o pênis dele, grosso e duro, pulsava na minha direção, Caio também concordava. Preferia ocupar os meus lábios com outras coisas que meros roncos.



25

Hoje, a leveza faz parte de mim. O riso está solto e as palavras saem cordatas e ordenadas dos meus lábios. Não olho para os lados com desconfiança ou recuso o toque. Em meio a tanta gente desconhecida, poderia me tornar arisca e arredia, com medo das palavras alheias, dos olhares avaliadores e possíveis palavras maldosas. Coisas pequenas como essas deixaram de me incomodar.

Passamos os dois últimos dias alinhando prazos, ultrapassando limites, descobrindo novas maneiras de ver o corpo um do outro, de senti-lo e nos permitir. Meu corpo, sempre visto por mim como objeto, desgastado e inacabado, tornou-se idolatrado, admirado, tocado pelas mãos de Caio em cada reentrância, sugado, mordido e lambido de formas nunca imaginadas por minha mente anteriormente.

Meu pianista permitiu que eu descobrisse cada pedacinho dele, sentisse o aroma de suor e saciedade, provasse do gosto almiscarado de sêmen. Agora sei como é o pênis crescendo e pulsando na minha boca, desbravando espaços, assim como no meu sexo, que parece salivar de fome diante de tão glorioso alimento a lhe abrir as carnes. A cicatriz, antes motivo de tabu, torna-se elo que nos liga, já que ele insiste em apoiar a cabeça para escutar *a música do meu corpo*, como insiste em dizer.

Mas se pensa que ficamos apenas entre as quatro paredes, entre a lascividade das coxas a se roçarem, dos sexos a se encaixarem no som seco, intercalando de gemidos e safadezas, engana-se. Fui a namorada mimada, levada para compras de vestidos e acessórios para a comemoração de aniversário na qual me encontro.

Apareci durante os ensaios, de mãos dadas, surpreendendo não apenas Nana, que nos abraçou, comovida, mas fez Tamianara quase ter uma síncope. Pela primeira vez, a voz da *prima donna* hesitou, falhou e destoou nos ensaios. E não posso negar que um lado meu, capaz de abraçar a sombra que habita em mim, vangloriou-se com isso. Senti o olhar gélido e cruel sobre mim todo o tempo, mas sequer me deixei abater, pois as maldades das palavras e gestos

proferidos por aquela mulher já não me incomodavam mais.

Eu já havia me tornado vencedora, conquistado com o coração, aquele que ela tentara possuir como um bem material e perecível. Só que, ao contrário de Tamianara, nunca me tripudiaria sob a derrota do outro, coisa que ela faria sem hesitar. Deixo que histórias de vingança e frases ácidas, plenas de reviravoltas, fiquem limitadas à arte... Eu tento ser empática, perdoá-la e seguir em frente na constante busca pelos meus próprios acertos e erros. Se me perguntarem o que desejo para essa mulher que, em todas as ocasiões que nos encontramos tentou me ferir, serei sincera em dizer que desejo vê-la feliz. Já que, como diz a concepção moderna: *gente feliz não enche o saco*.

Além das afrontas e felicitações que cercam o nosso relacionamento, Caio me preparou a mais bela surpresa: surpreendeu-me ao me levar para conhecer e a me apresentar à mãe dele, assim como fiz na ocasião em que fui levada para Ribeirão. Ao vê-la e compartilhar da alegria e força que nela são visíveis e admiráveis, foi impossível evitar a comparação com a minha própria mãe.

Ambas passaram pelas desavenças da vida, mas dona Odete foi forte o suficiente para se tornar protagonista de sua própria história. Burlou as regras e faz, do destino, as próprias vontades, abandonando pesos que nunca lhe pertenceram. Lutou por um lugar no mundo, enfrentando uma sociedade que a discriminava pela raça, sexo e condição social, e soube transformar isso em conquistas ou sorrisos.

Enquanto dona Julia, minha mãe, foi constantemente julgada e regida por regras de criação familiar, que hoje vemos como arcaicas, fazendo que, em busca do casamento e submissão esperados, ela se diminuísse, anulasse e visse no amor um peso a ser carregado, tanto que, quando pôde se ver livre, tornou-se vazia. Uma utilizou os sentimentos oferecidos pela vida para se libertar, a outra para ser anular.

Foi espantoso ver aquela mulher baixa e elegante, com o cabelo crespo cortado bem baixo, usando uma saia colorida e uma blusa branca, *me* receber nos braços desde o primeiro encontro, como se aquele contato com ela também fosse um reencontro. Dona de um verdadeiro abraço de urso, dona Odete efusivamente me encheu de beijos assim que a encontramos para almoçar — em um dos restaurantes dela, é claro.

— Até que enfim você trouxe sua namorada para eu conhecer, *oxe!* Quero saber quem é a mulher que faz seus olhos brilharem...

— Mãe... — comecei a rir na mesma hora ao vê-lo como um

adolescente, sem graça, diante da energia esfuziante daquela mulher. Ela estendeu as mãos na minha direção e eu aquiesci, sentindo-me muito segura e acolhida.

— *Se pique*, homem. Aqui a conversa é entre a gente... — Avaliou-me de cima a baixo, ainda analisando o que pensar sobre mim, até comentar alguns “massa” e “ó paí” que me fizeram rir. Dona Odete fez Caio sair por alguns minutos para buscar algo para ela no escritório, e, quando voltou, já conversávamos como velhas amigas. Foi estranho e mágico o jeito com que nos identificamos sem reservas.

— Já vi que estou perdido. Entreguei nas mãos da minha mãe uma aliada — sorriu de canto ao ver que estávamos completamente à vontade uma com a outra. Eu o encarei naquele instante, sentindo-me tão cheia de ternura por tamanho acolhimento que tentei agradecê-lo através do meu olhar, em um gesto sem palavras. — Logo começam a ficar de segredinhos pelos cantos...

— E lá sou eu mulher de *ficar de cocó*? Não douro a pílula, nem dou *migué*... Gostei dela, e pronto! Portanto, tome tenência, menino — a voz era alta, como se estivesse a repreendê-lo, mas, nos olhos dela, via-se apenas aquela ternura enorme reservada nas atitudes maternas.

Nem vi passarem aqueles momentos em que ficamos com ela, regados a sucos de frutas típicas e uma excelente moqueca com legumes fitados, em um prato exuberante aos olhos e inesquecível ao paladar.

Agora, de pé, com uma taça na mão, reflito que esse momento, na festa de aniversário do Caio, é o momento ideal para um final feliz. Se a minha vida for um romance, peço que o criador digite agora mesma a palavra *fim*, despedindo-se com satisfação dessa trajetória. Cercada de pessoas alegres, o coração quieto e preenchido e me sentido amada pelas pessoas que verdadeiramente importam, do jeito que sou, sem enfeites ou falsos sustentáculos.

Ainda uma mulher em mudanças, é um fato, mas a serei pela vida toda... O importante é que sem a sombra da frágil figura temerosa da vida que batia às minhas portas, desejando inundar-me. Caio, um pouco à frente, conversa com os amigos a que já me apresentou no decorrer da noite. Dona Odete vai e volta da cozinha, em um passo ligeiro, garantindo que tudo ocorra com o primor que deseja.

Até mesmo Nana está ali, em uma cena cômica com Ícaro... Os dois são tão destoantes, mas, por outro lado, complementares. Ela comenta algo, com o jeito extremamente mandão, de quem traz as rédeas da própria existência nas

mãos, enquanto o belo e pueril loiro parece tentar agradá-la, como os eternos românticos o fazem. Sinto que ainda verei muitas aventuras loucas, divertidas e intensas sobre esses dois...

Um beijo na face me tira dos devaneios. Olho para o lado e me deparo com Caio e aquele sorriso que contém a luz de mil sóis a me aquecer a alma. Passo a mão pelo rosto dele, que toma meus dedos entre os dele e os beija. Com toda gentileza que lhe é característica, ele me conduz em direção ao piano.

Uma inquietação no peito me assoma. A sensação de que o mundo podia parar ali, congelado naquele momento persiste, o instante perfeito e incomparável, que sabe incapaz de vivenciar novamente. Paro diante do instrumento que o transformou no homem que é, aquele que fez com que nos encontrássemos e transformou o amor e dor em canção... O que foi também testemunha do nosso prazer... O presente com que a música, nossa madrinha e amante, resolveu nos ofertar.

— Amor, quero te dar algo... — meu namorado se senta ao piano e ergue a tampa, com um toque de emoção na voz.

— Mas é seu o aniversário, meu pianista... — tento explicar, mas ele nega com a cabeça.

— Graças a você que este é um novo dia, no qual sou capaz de me sentir novamente feliz — confessa, e eu o beijo antes de que os dedos comecem a correr as teclas.

Não me surpreendo quando *Pavane* começa a preencher o ambiente, fazendo com que meu coração dispare e eu fique trêmula, emocionada. A dor, que antes nos conectou, tornou-se amor, afeto e respeito que reforça os laços entre nós e as pessoas ao nosso redor.

Sequer pisco, os olhos sombreados de lágrimas, a voz travada na garganta, enquanto ele subverte as notas em certo momento, ajusta e a altera, criando algo novo, inédito, algo nunca visto por mim e, pelo jeito, pelos outros, já que os olhares se abrem em espanto.

As notas tornam-se sublimes, pungentes, as notas com toques sensuais a nos embalar, a prometer beijos sublimes e afetos incalculáveis. Fecho os olhos e sinto na música que cresce palavras e promessas de uma vida a dois não por uma noite, um mês ou poucos anos, mas por uma vida e várias que se seguirão, se assim for possível.

Um homem, quando diz “eu te amo”, quando feito de verdade, é uma lembrança inesquecível. Contudo, quando alguém tem coragem de o transformar em arte para compartilhar ao mundo, é algo que foge à concepção de qualquer

palavra. Choro, a emoção transbordando de mim, e sinto que nunca poderei agradecer a Deus o suficiente por tamanha sorte.

— Esta é *Perfeição*, minha mais recente composição, feita especialmente para a mulher da minha vida, enquanto ela me revelava as suas mais tristes e belas confissões, expondo a fragilidade da sua alma... — Caio murmura de maneira que só eu escuto, enquanto o sal das lágrimas me umedece o sorriso.

Ele termina, também emocionado, levanta-se e me beija, enquanto todos os convidados, sem exceção, batem palmas fervorosas diante da apresentação.

Eu me perco nos lábios, entre sensações e palavras, murmurando “*eu te amo*” nos mais variados tons e volumes. Ele corresponde na mesma intensidade, e sei que nunca mais ficarei sozinha.

Mas, de repente, um frio invade o recinto. Uma sombra que abre caminhos, ameaça, estilhaça sonhos. Um calafrio me sobe pela espinha, o ser irracional que habita em mim pressentindo o perigo antes que ele se pronuncie. E a voz, imperiosa e destemida se faz presente, na tentativa de roubar as atenções.

— Pelo jeito cheguei na hora certa... Que coisa linda essa música, Caio — Tamianara traz ao recinto a nociva presença, cheia de ódio e fúria.

Para os outros, aquela aparição pode parecer normal, mais um dos ataques da *mezzo-soprano*... Talvez Caio se irrite com aquela invasão, pensando que terá de fingir uma sociabilidade que não está disposto a executar... Dona Odete, que conhece a história dos dois, deve estar xingando baixinho, disposta a enxotar a megera do lugar que antes estava tão alegre. Mas não para mim... Ao vê-la, meu corpo enrijece e o estômago embrulha.

O chão parece perder a sua firmeza e travo a mandíbula, porque sei que, se começar a gritar, nunca mais pararei. Nana, pela primeira vez, fica pálida, as palavras roubadas como se tomasse um soco, sem saber se corre na minha direção ou se perde a compostura e voa no rosto de *diva*, para arrancar-lhe o sorriso do rosto, fazê-la sangrar de forma inesquecível. Tudo porque ela conseguira, a desgraçada conseguira.

Manteve-se quieta, mas não porque cederia ou viu-se derrotada por mim, considerada sua oponente. Em silêncio, planejava a revanche, a notável desforra que cabem aos amargos e infelizes, que deixam o coração em festa diante da desgraça alheia. Fico pensando em quanto deve ter se dedicado a me investigar, vasculhar o meu passado, vislumbrar meus pontos frágeis, capazes de me causar dor. Pois a desgraça quando surge, nunca vem só... Assim como

Tamianara, que trouxe junto com ela a única coisa capaz de me arruinar.

— Boa noite! — como a fada maldita que adentra a festa para amaldiçoar a princesa do conto de fadas, Tamianara se aproxima de nós, trazendo com ela o silêncio.

Caio me vê passar mal, mas não compreende, olhando aquela que um dia foi objeto de seu afeto, assim como aquele que a acompanha.

— Parabéns, meu querido. Espero que não se importe de eu ter trazido um amigo... — O outro lhe estende a mão, e eu automaticamente recuo, batendo no piano. Reconheço o sorriso, a falsa cordialidade, e com ela todo o passado me volta, sufoca e atropela.

— Esse é o Marcos, Caio... — e quando a mão do meu namorado congela no ar, ela se dirige a mim. — Acho que não preciso te apresentá-la, operária... Já o conhece tão bem...

Meu pianista puxa a mão no mesmo instante, como se aquele contato queimasse. Marcos, como um fantasma ressurgido dos mortos, me olha com a mesma superioridade de quando éramos casados. E, em um tom de deboche, que o torna tão ideal para acompanhar uma mulher vil como Tamianara, comenta ao me encarar:

— Olá, Andreia. Não vai ser uma mulher educada e cumprimentar o seu ex-marido?



26

A vida real nunca é como na ficção. É impossível deixar os momentos mais importantes das nossas existências serem eternizados, como uma declaração de afeto congelado no ar, a sensação de um orgasmo *ad infinitum* ou qualquer outra coisa boa, antes que as lágrimas caiam pelos olhos. Nada é sempre lindo e maravilhoso, sequer temos nossos problemas resolvidos em grandes arroubos ou questões.

Por exemplo, nem todos os heróis de nossas histórias são lindos e maravilhosos o tempo todo. Eles têm imperfeições, erram, agem de forma egoísta muitas vezes, mas tentam oferecer o melhor de si para a pessoa que está ao seu lado. Os dias, ocasionalmente, não serão bons... Mas superar, dialogar e aprender são o cerne da questão humana. É através destas pequenas ações que fortalecemos e seguimos em frente.

Mas e quanto aos monstros, a gente se pergunta... Eles existem?

Sim, eles estão em toda a parte, mas se escondem sob peles iguais às nossas, gestos copiados e máscaras aparentemente banais. É dentro dos âmagos que se escondem as coisas feias, sujas e nocivas... Algo viscoso, capaz de causar arrepios, que fica sob a pele, ondulante e parasita, disposto a destruir e magoar o outro para sentir-se bem, para esquecer de seus próprios medos, vícios e problemas... Em busca de uma superioridade inexistente.

Muitas vezes nos deixamos destruir por esses seres, sermos tocados por seus dedos podres, cercados de intolerância e violência, dispostos a nos vencer... Somos jogados no escuro, de surpresa, apavorados e temerosos de como perdemos o controle. Gritamos, *nos* rendemos, deixamos que o medo e a inércia nos consuma, mas esquecemos o item mais importante: nós somos a chave de nossa própria liberdade. Parte de cada um dar ao inimigo o seu exato tamanho e proporção. Você pode deixá-lo do tamanho de um arranha-céu e permitir que te pulverize, ou dar a ele as dimensões de uma formiga, e simplesmente esmagá-lo e seguir adiante.

Neste instante, tenho diante de mim, a luz e a sombra do meu coração.

Marcos me olha, a mão estendida, o sorriso predador nos lábios a esconder os vermes da mágoa, do abuso e da capacidade intensa de provocar dor que esconde sob a pele, e deixa aflorar no privado, a impregnar e quebrar vontades. Caio, com as mãos em minha cintura, numa atitude de proteção e posse, após finalmente compreender as artimanhas nocivas de Tamianara, exala ódio e periculosidade. Está disposto a deixar toda a civilidade de lado e riscar aqueles dois da face do planeta.

A cantora parece inebriada de poder. Morde os lábios e respira ansiosa, os olhos arregalados dispostos a não perder nenhuma das minhas reações. Espera me ver fraquejar, me encolher, ruir...E que Marcos mine todas as minhas forças, como era quando estávamos casados.

Entretanto, em todo o seu fútil e imaturo planejamento, esqueceu-se de que não sou a mesma mulher, massacrada e fraturada de dois anos atrás. Quando os laços foram rompidos, sim, eu sangrei, convulsionei e sofri... Como alguém que entra em reabilitação de uma droga viciante e nociva, chamada paixão, livrando-se da ilusão de um amor que parecia ser eterno, o brilhante falso que rapidamente fosqueia.

Eu fraquejo diante desse reencontro? É claro, pois há anos não ficava diante do homem que me subjugou por quase uma década, transformando meus sentimentos em algemas capazes de inibir e anular. É inegável que um filme passa pela minha cabeça, revendo cada palavra, gesto e resultado, de bom e ruim que a pessoa me causou...

E ainda o vejo me dando as costas, deixando-me sozinha, a palavra *mutitada* a ressoar sobre mim, como se fosse uma escolha ou consequência de algo que não sabia ter feito. Mas também vislumbro o homem vazio que é, fraco e miserável, que se alimenta das réstias de poder que o controle causa. Um reizinho mandão ditando as regras para um castelo vazio, ocupado por teias de aranha e ecos, enquanto as pessoas fingem que obedecem, segundo os próprios interesses.

Por isso antes de qualquer gesto, fecho os olhos e respiro fundo. Sinto o toque de Caio em mim, dando-me forças, além de perceber, em um vislumbre, que Nana se aproxima como um animal feroz, pronta a rasgar carnes e quebrar ossos com os próprios dentes... Eu me lembro do que disse a ela, há poucos dias... Era hora de dar os meus próprios passos. Eles já haviam me ajudado a levantar, ensinado a voar... O céu era o limite.

Para surpresa de todos, eu respondo ao cumprimento. Toco a mão dele, que hesita ao sentir o meu aperto firme, parecendo repeli-lo... Mas cravarei minhas unhas naquelas mãos, se for preciso, para provar que do meu universo,

agora, ele já não faz mais parte.

— Que bom te reencontrar, Marcos. Como o mundo dá voltas, né? Nunca pensei te reencontrar aqui, na festa de aniversário do meu namorado...

— Pois é, Andreia. Quando Tamianara me pediu para acompanhá-la, a oferta me pareceu irrecusável...

— Fico contente em ver que, mesmo após tanto tempo, não saio do seu pensamento. Mas cuidado, não é bom viver de passado... — Caio começa a relaxar às minhas costas, pois sabe que certas fatos e pessoas são assim.

Nas lembranças, eles nos assustam muito mais que quando confrontados na vida real. A prepotente Tamianara quis me derrubar e acabou de encerrar, por vez, com todos os cadeados que ainda estavam a me prender.

— Mas vejo que está bem e em ótima companhia. Isso me deixa feliz... Você e Tamianara são quase reflexo um do outro...

— Sabemos reconhecer o poder um do outro... E não hesitamos em destruir os que estão no nosso caminho — a cantora se vangloria e, mais uma vez, sinto pena de como poder ser tão cega pela soberba e insanidade, como se possuir algo e manipular as pessoas para se sentir vivo fosse uma qualidade.

— Não, Tamianara,... O de pessoas vazias mesmo... Que se acham capazes de fazer e acontecer, mas quando são vistos de perto, sem os efeitos e maquinações, olhamos e pensamos: nossa, é só isso?... Ah, sem contar que ambos estão na categoria de *ex*... Isso prova a importância de cada um em nossas vidas. Não é mesmo, amor?

— Passo a mão pelo rosto de Caio e ele parece acordar, talvez em choque pela minha ferocidade ao atacar de modo certo e silencioso, sem perder a pose. Ou talvez por júbilo, por ver toda a prepotência de Tamianara desmoronar... Ele, por fim, aquiesce e me beija o pescoço, arrepiando-me realmente a pele, fortalecendo laços e expulsando de vez aqueles que nos fizeram mal.

Marcos puxa a mão, em um rompante, o rosto fechado em irritação. Tamianara pensa em responder, mas se recompõe e volta a sorrir, parecendo mais um cão prestes a morder.

— É preciso muito mais que isso para tirar a minha calma, *aleijadinha* — o desprezo da última palavra me revira o estômago. Marcos já tinha feito questão de lhe contar tudo. — Ainda vou tirar essa alegria da sua cara, nem que seja a última coisa que eu faça.

Penso em retrucar, mas é Caio quem o faz. Encarando-a, sem pudor nenhum, ele sobe as mãos pelos meus quadris, e coloca a mão sob a cicatriz

onde antes ficava o seio perdido... Um gesto de posse e desejo, capaz de me excitar de forma incontida, fazendo, por um momento, querer possuí-lo ali mesmo, aos olhos de todos.

— Se quiser saber quem é a verdadeira aleijada, Tamianara, olhe-se no espelho... Vê o quanto lhe falta de emoção. Você é apenas um corpo vazio, nada mais. Andreia, a minha deliciosa Andreia, é a mulher que você nunca será. Eu desprezo você e tudo o que representa. Eu nunca, em nenhum momento, voltaria a ter algo com um ser desprezível e repugnante como é. De que adianta encantar com a voz, ter um belo corpo e rosto e, por dentro, onde realmente importa, ser digna de nojo. Com a mulher que eu amo, fazemos amor e música... Você só merece o desprezo do silêncio.

Nessa hora ela grita, cheia de ódio, e toda a festa para, vendo-a perder o controle. Tamianara tenta avançar sobre nós, mas alguns convidados a contém. Ela me xinga de vagabunda, doente, miserável... Mesas tombam, pessoas comentam, outras gravam e tiram fotos do descontrole daquela que parecia ser a dama dos palcos. Eu me sinto vazia, sem ódio ou mágoas... Sei que cada um deles, tanto Marcos quanto ela, provam apenas o gosto de seus próprios venenos.

É Nana quem a contém. Resolve intervir, parando diante dela. Dá um só tapa, estalado na face da morena, que faz todo o alvoroço se esvair como fumaça dissipada.

— Cale essa maldita boca e suma daqui, agora mesmo...

— Quem você pensa que é para falar assim comigo?! — Tamianara coloca a mão no rosto, ofendida, mas de volta à razão.

— A mulher que fez questão de ter você em uma ópera, por respeitar e prestigiar o seu trabalho. Que falou para agir com racionalidade, tentou mantê-la nos eixos e te tratou com empatia para não te punir em um mundo onde já temos que nos posicionar como mulheres... Mesmo tentando machucar a minha melhor amiga. Alguém que pediu, cada dia, para que raciocinasse e não se deixasse ser levada pelos impulsos, mesmo você sendo julgada pelos outros como a histérica, aquela que joga tudo fora por causa de um homem. Mas eu falhei, Tamianara... Olhe à sua volta. Todos te filmando, apontando o dedo na sua direção e julgando, tirando as próprias conclusões...

Tamianara olha em volta e vê, finalmente, o papel em que se colocou. Penso em fazer algo para mudar aquilo, dizer algo que a conforte, mas sei que ela está recebendo de volta o que ofertou aos outros, com tanta força e vontade, de forma desregrada. Nesse momento, Marcos entra em ação. Segura-a pelo braço, cheio de gentilezas, aproveitando aquele momento de fragilidade para

exercer o controle que tão bem conheço.

Vejo-o pronunciar palavras gentis junto ao ouvido dela, fazendo-a sentir forte de novo, alimentando-lhe o ego com ilusões, como tanto fez comigo. E aquilo, por um momento, machuca-me, pois sei que por mais que grite e diga algo, Tamianara irá me ignorar, por puro despeito, tornando-se vítima da própria armadilha que criara.

Ele por fim, me olha. No seu ar de desprezo por mim, vejo ali a nossa despedida. Sinto que nunca mais nos encontraremos, e ele fará questão de garantir isso, para que eu não utilize dos argumentos que tenho para o destruir. Parasitas, quando rechaçados, procuram outras vítimas. Pessoas que possam sugar até a última gota, que ainda não tenham conhecimento o suficiente para erradicá-los.

— Vamos embora, Tamianara... Agora consigo entender por que esse cara escolheu a Andreia... Olha a cor dele, morena. Esses escurinhos estão acostumados a ficar com os restos. Isso aí deve ter tido aqueles brinquedos quebrados na infância... Faltando pernas, braços. Por que não ia querer uma mulher que faltasse um peito?

O que acontece em seguida é rápido demais. Caio, em um instante, deixa de estar do meu lado e reaparece sob Marcos, os punhos acertando o rosto do outro. Os corpos rolam, gritos ecoam, pessoas falam que vão chamar a polícia. Tamianara olha a cena, vendo por fim, os próprios atos se tornarem tragédia.

Tento conter Caio e dona Odete me ajuda, enquanto Nana gruda nas costas de Marcos, arranhando-lhe o rosto. Marcos a empurra e ela cai sobre uma mesa, enquanto Ícaro por fim deixa o ar pacificador de lado, e empurra meu ex-marido em direção à saída.

— Isso não vai ficar assim! — os gritos dele ecoam por todo o espaço. — Vamos embora, Tamianara! — vejo na voz dele o mesmo tom imperioso que usava comigo... E não consigo evitar uma última tentativa.

— Fica, Tamianara... Sempre há segundas chances. A gente sempre pode mudar... — por um instante vejo sua fragilidade, mas o orgulho é mais forte.

Ela me dá as costas e sai caminhando, entre as mesas, atrás de Marcos. Machucada, as roupas rasgadas, ferida, mas completamente indiferente aos meus apelos.

Eu não desisto. Largo Caio e corro atrás dela, pego no braço daquela mulher que fez tanto mal a mim, e a ela mesma, e tento trazê-la a razão. Como

posso deixar que ceda ao machismo de Marcos, aos seus ataques e fúrias? Quem no meu lugar deixaria que a história se repetisse com alguém, mesmo que fosse aquela que te considera uma inimiga?

— Tamianara, você não precisa disso... Por favor, fique... — o empurrão vem antes mesmo que eu consiga dizer algo. Meu corpo escorrega e sinto algo bater na minha cabeça, a dor irradiando por toda a parte. Minha cabeça roda, lateja, e ouço alguém chamar meu nome... Mas as coisas parecem confusas demais.

Olho para Tamianara e vejo espanto. Tento entender o que está acontecendo, coloco a mão na base do meu pescoço e sinto algo úmido... Estou sangrando?

— Acha que preciso da sua piedade, Andreia? — a acusação de Tamianara ecoa e ela some do meu campo de visão. Caio me levanta, fala comigo, mas algo acontece.

Um som na rua rasga mais uma vez a cena, como o acorde destoante da cena final. O som estridente e arrepiante de ferro em choque, vidros estilhaçados e novos gritos. Pessoas assomam a rua e algo contorce em meu peito. Tento me firmar, raciocinar, mas a visão pisca, a dor na cabeça aumentando...

Acidente... Ouço as pessoas dizerem, e me desespero antes da dor me cegar mais uma vez, e eu perder a noção de tudo.



27

Hoje eu sei que o esquecimento é branco. Luz que cega, deturpa e nos tira a razão, o sentido de raciocínio, rouba a voz. Não é sombra, e sim luz que nos dói as vistas, arde o corpo e nos tira do comodismo e frescor das sombras, das definições e daquilo que nos habituamos a discernir e identificar, dia após dia...

Sinto-me como se estivesse mergulhada em uma piscina, prestes a vir à tona, mas tudo se afasta, parece longínquo, sufocante... Sinto a dor na cabeça, as costas repuxarem, mas não consigo gemer, encontrar a consciência e me fazer presente. Eu me lembro do empurrão, da dor e surpresa em Tamianara, o acidente...

Sobrepondo a isso, Marcos me assombra, o cinismo e o desprezo no olhar, dando-me as costas entre os lençóis assépticos do hospital... Nos meus sinistros devaneios tento colocar a mão no seio arrancado, os dedos recobertos de sangue, como um passado que nunca deixa de me perseguir. Grito, mas a voz não sai... Estou sozinha, mais uma vez, e sei que dessa vez ninguém vai me encontrar.

Mas, de repente, uma voz faz a claridade fraquejar, abrandar, diminui o calor que me massacra. É a voz de Caio, como uma doce e restauradora melodia, tornando-se guia em meio aos destroços, conduzindo-me com segurança para retomar a vida que tanto insistiram em lapidar, magoar e destruir.

Abro os olhos, finalmente, e as imagens que pareciam com fantasmas se definem, criam corpo, massa e emoção. Assim que chamo por ele, Caio se levanta da poltrona e pega em minha mão, o sorriso onde a emoção faz morada a me acalantar. A razão volta aos poucos, assoprando da minha mente lembranças e associações que não mais existem.

Ele me beija a testa e se senta diante de mim, tocando-me com carinho, deixando que sua presença me acalme, mas a ansiedade em mim é premente, impossível de que seja atenuada com a espera. Por isso, busco seus olhos, à procura da verdade que não conseguirão omitir.

Ele hesita, antes de me encarar, deixando-me apreensiva. Quero erguer o meu braço, puxar o rosto de meu pianista sobre mim, mas, agora, esse simples gesto é impossível... Não posso deixar meus receios e ansiedades colocarem tudo a perder.

Nossos olhares se cruzam, e os dele parecem insondáveis...

— Deu certo, amor? — a voz sai num fraquejo, como se a resposta pudesse se tornar uma benção ou uma maldição.

Ele me dá as costas por um momento e o pânico me toma. Vai até a porta e cochicha algo com uma enfermeira que passa. A profissional entra, com gestos gentis e um rosto acolhedor a me fitar. Tento decifrá-la, pois, mediante as dúvidas que me assolam, não sei se identifico ali a alegria ou a comiseração.

— Só um instantinho... — ela murmura e levanta a cabeceira da minha cama, lentamente, o máximo possível diante da minha condição. Caio agradece e volta a se aproximar.

A alegria, agora sim, é facilmente identificável no semblante dele. Antes de que qualquer coisa seja dita choro, emocionada, tendo ali a certeza de que tomei a decisão certa. Ele se aproxima e toca meus lábios com os seus, de uma forma meio desajeitada e juvenil, causando-me riso em meio ao choro.

— Está pronta? — sussurra e assinto, os olhos brilhantes, como a criança que ganha o ansiado presente de Natal.

Caio desce o lençol com cuidado e tudo aquilo que contive até ali se derrama e deságua. Os soluços são ouvidos por todo o departamento e alguns param para olhar, estranhando um paciente se debulhar com tamanha intensidade diante de uma conquista. É de um tremular estranho quando a felicidade se faz presente em um lugar onde todos vão recobertos de dor e tristeza, como se aquilo fosse errado, e não o ansiado entre aquelas paredes.

Penso em palavras que possam definir aquele momento, agradecer a Caio por não me deixar hesitar ou desistir após ter tomado a decisão, mas a voz somente se embarga e me traz alívio, através delas celebro e felicito, ao ver a curva suave do seio reconstruído, em meio às bandagens.

— Ficou perfeito, Caio... — É impossível outra palavra que defina o maravilhamento que me toma diante daquele momento em que me torno inteira, corpo e alma finalmente alinhados. Ele me olha sem espanto, como se aquilo em nada o surpreendesse.

— Se você pudesse se ver através dos meus olhos, Andreia, veria o quanto sempre foi, para mim, perfeição em cada um dos teus detalhes...

— Eu sei disso, meu pianista. Suas palavras e afirmações há muito

deixaram de ser necessárias para reafirmar minha confiança. Deixei de ser a garota ansiosamente à espera de aprovação dos outros. Sequer tenho receio de perder a sua companhia na minha jornada. Sou confiante no quanto nossa história está escrita entre as estrelas. E sabe por quê?

— Me diga, deliciosa — Os olhos dele brilham e a felicidade transparece por todos os lados. Nós nos conectamos como almas afins, destinadas a viverem lado a lado durante todo o infinito.

— Porque quando estou ao seu lado, respiro o mesmo ar que você e mergulho nos teus lábios, cheiro e pele, sinto algo único e incomparável, que muitos tentam definir, fazer odes e poesias, livros e filmes, mas nada é capaz de descrever essa sensação mágica, especial e encantadora a não ser uma única palavra...

— Qual? — Por um momento o questionamento percorre aquela face que tanto gosto de observar, até que chega à conclusão esperada. Mas, antes que ele me responda, eu adianto.

— Amor, Caio. Apenas amor... — e o beijo com ternura.

O tempo nos conduziu até esse momento de modo intenso, em caos, dor e redenção. Desde aquela noite em que passado e presente entraram em choque. Daquele momento, consigo me lembrar da inconsciência me pegar por um momento, tocar-me com os dedos frios e me largar, trazendo-me à realidade, sob o contato de Caio. Logo em seguida, os gritos de horror e pena a deflagrarem o ar e nós dois alcançando a rua, pensando como o destino pode ser um cruel jogador com os mais incautos.

Fui saber depois o que aconteceu... Como Marcos e Tamianara discutiram ao sair dali, distraindo-se entre gritos e ofensas, jogando um no outro a culpa do insucesso da noite. Talvez ela, num rompante, tenha batido nele, ou até mesmo, meu ex-marido tenha feito algo, na sutil e tola tentativa de manter o poder que lhe escapava entre os dedos... O fato é que ambos estavam distraídos a ponto de ignorarem o sinal vermelho. O choque com uma caminhonete, que vinha em alta velocidade foi intenso, jogando o carro contra um poste.

Como foi o lado do motorista que sofreu o maior impacto, Marcos morreu antes mesmo de chegar ao hospital. E, por mais que pareça inadequado, eu me cobri de luto por ele, sangrei e sofri por aquele homem e todos que o amavam, assim como eu um dia o fiz. Porque, por mais que tivéssemos momentos de intensa crueldade mental e covardia, entre nós existiram momentos de singeleza, carinho e desejo.

Ele, assim como todos nós, procurava o próprio lugar no mundo,

tentando construir o seu conceito utópico e dominador de felicidade próprio. Não sou daquelas que acha que as pessoas quando morrem se tornam santas, nem me revisto de intensa culpa, pensando no que poderia ser diferente... Entretanto, ninguém merece ter a vida arrancada em um momento fugaz, um mísero instante de dor intensa antes de que tudo se acabe.

A questão é: e quando os temores da vida, sobrepujam a morte? Como acalantar e tentar salvar aquela pessoa que vê tudo aquilo em que se apoia desmoronar? Por mais que muitos acham justo quando os atos de alguém se voltam contra ele sob a forma de castigo, não consigo celebrar a dor alheia... Tamianara sobreviveu, mas acho que todos os dias, em segredo, ela briga com os céus porque isso aconteceu.

No acidente, o rosto dela bateu contra o vidro lateral do carro, diversas vezes, e o material cedeu por fim, tornando-se estilhaços, pequenas lâminas a desfigurar a pele, cobrar o preço da passagem em sangue. Alguns estilhaços lhe atingiram a visão, cegando-a momentaneamente. A beleza, no qual tanto se firmara, despediu-se dela naquela noite, mostrando talvez a feiura que lhe habitava o interior, como Caio mencionara na última discussão entre eles.

Assim como eu, seu coração se tornara lamento, vendo uma juventude cheia de propósitos ser desperdiçada por uma sucessão de erros demarcados pelo egoísmo. Deixamos de lado as mágoas e ranhuras, na tentativa de auxiliá-la a se reconstruir, permitindo-se ser acolhida pelas segundas chances, mas a natureza imatura da mezzo-soprano, que tanto encantara multidões, continuava a ver como inimigos aqueles que não cediam às suas vontades.

Ela impediu que tentássemos qualquer espécie de contato. Até mesmo no hospital, assim que ouviu nossas vozes, o rosto cercado em bandagens, recebeu-nos entre gritos e fúrias, alegando que não nos daria a chance de tripudiar sobre ela, que procurássemos os mortos para ter pena, pois ela ainda estava viva...

Não houve festa para nós, nem para Nana, quando ela teve de ser retirada do projeto. Apesar de Tamianara nunca reconhecer os esforços da minha amiga, ela tentou com unhas e dentes mantê-la ali, impedir que fosse retirado da *prima donna* a única coisa que lhe restava, os palcos.

Contudo, como mantê-la se a visão dela ainda não retornara? Como, segundo a Secretaria de Cultura, manteria como símbolo da misteriosa beleza e sedução uma mulher com o rosto coberto de cicatrizes? E, assim, aos poucos, Tamianara Diniz, a mulher que causou frisson e recebeu salvas de palmas vindas de casas de ópera lotadas em todo o mundo, abraçou a reclusão em seu auge, tendo por única companhia alguns poucos, cínicos como ela, capazes de acatar

aos pedidos mais absurdos para viverem às custas dela, dos bens adquiridos e da fama que, com o tempo, seria apenas uma lembrança.

Ao pensar nela, hoje, consigo imaginá-la sozinha, durante as madrugadas, sem vozes ao redor, nem a mais leve sutil respiração a lhe servir de inspiração na cama. Pego-me a pensar se ali, despida de todo egoísmo e máscara, ela mostra a mulher de verdade que existe em si mesma, aquela que encontrei em nosso último vislumbre, cujo maior temor era ser esquecida... Será que sente culpa, pensa em se redimir? Ou prefere lidar com o inferno pessoal dia após dia a se desculpar?

Infelizmente, não há como descobrir. Algumas pessoas se colocam em limites além da salvação.

Com o tempo e o cuidado necessário, as limitações e as dores diminuem, até se tornarem uma lembrança incômoda. Perdi o receio de me olhar no espelho, usar roupas com decotes ou até mesmo lingerie mais ousadas. Para Caio, o seio removido nunca foi visto como algo feio ou que me diminuísse.

Ele, inclusive, foi essencial para que eu me visse como mulher novamente e percebesse que a reconstrução da mama não faria eu ser a mulher que era... Longe disso. Ainda restariam em mim cicatrizes, algumas novas, como a que tenho nas costas de onde foi retirada a musculatura e pele para refazer toda a minha estrutura mamária, inseridas junto ao implante.

O essencial era que me visse como realmente era, uma lutadora, que sobrevivera a uma das doenças que mais mata mulheres no mundo. Através da dor eu vencera, pelo amor eu me consagrara, e, por mim mesma, eu viveria.

Com a aproximação do lançamento de Carmen, tendo como estrela agora Carla Said, uma moça até então desconhecida, bonita e talentosa, que Nana acabou encontrando entre o coral de apoio, o trabalho se intensifica. Acabo ficando mais tempo em São Paulo que em Ribeirão Preto, visitando a minha mãe sempre que posso.

Para irritação de Nana e sua vertente superprotetora, foi natural a minha estadia cada vez mais frequente no apartamento de Caio, tanto que não consigo mais me imaginar em outro lugar. Não fizemos acordos ou exigências. Ele nada exigiu e nem eu pedi. Simplesmente íamos para lá, matar as saudades um do outro e por lá ficamos.

Com o tempo, descobri várias facetas do meu pianista entre quatro paredes. Em um mesmo homem existia alguém romântico e dedicado, mas também devasso e dominador. Qualquer lugar era propício para liberarmos as vontades de nossos corpos, desde a escada de incêndio ao carro de madrugada.

Na sala, no aconchego do sofá, ou na varanda, apoiada nas grades da sacada, enquanto ele me penetrava por trás, o corpo negro e rígido úmido de suor.

O sexo se intercala de momentos ternos e românticos, como só casais que sabem tudo um sobre o outro são capazes de entender. Adquirimos o nosso próprio ritmo, e aprendemos a nos fechar em nosso mundo, aquele capaz de transformar sexo em música, sempre que necessário. Fosse em meros gemidos, no barulho que os meus lábios faziam a sugar-lhe o membro rígido, ou o modo que sugava a seiva que meu orgasmo proporcionava, lambuzando-lhe o rosto e as minhas coxas.

Até mesmo o rouco exalar de Caio ao atingir o orgasmo ou o meu suave suspirar, intercalado de pedidos sujos e sacanas a preencher o ar, tendo como base o “bombar” do corpo dele ao penetrar o meu. Tudo fazia parte de nossa canção íntima e secreta, que fazíamos questão de que fosse executada sempre, variadas vezes, nas mais diversas intensidades e velocidades. Antes que a saciedade do silêncio nos tomasse, acalentando nosso sono.

E é pensando nele que estou, nesse momento da manhã, deitada em uma maca, sob um zumbido insistente, segurando a dor e massacrando a mão de Nana, enquanto o tatuador faz o seu trabalho. Faz umas três, quatro horas que estou ali, para refazer o mamilo, em um desenho impresso na pele em 3D, além de outra ilustração, mais longa e extensa, que o profissional aceitou fazer na hora assim que lhe contei a minha história.

Quando o zumbido e a ardência na pele finalmente acabam e visualizo tudo ali, diante do espelho, sinto uma felicidade que não cabe em mim. Minha amiga visualiza cada detalhe da nova tatuagem, que se desenha pelas costas até o mamilo, cobrindo as cicatrizes, circundando a mama que parece tão real. Por mais que Nana seja forte, eu a vejo se emocionar e enxugar, sem graça, uma lágrima que cai pelo rosto.

— Estou ficando mole demais, amiga...

— Deve ser a convivência com o Ícaro — comento e rio diante da cara feia que ela faz.

— Juro que não sei o que estou fazendo com aquele moleque. Eu me canso, mando-o embora, mas logo ele volta, e não consigo dizer não... O Ícaro é grudento, liga quinhentas vezes por dia para saber como eu estou, aparece sempre que pode sem me dar um minuto de sossego... Nossa, ele realmente me tira do sério! — revira os olhos.

— Mas você o ama, Nana...

Ela fica calada por um minuto, e tenta perguntar sobre o Caio,

desconversar. Mas depois de alguns minutos sabe que não vou ceder. Por fim, revela, irritada por ceder.

— Se comentar com alguém que eu disse isso, te mato... Mas sim, gosto daquele bebê chorão...

— Então, permita-se sentir. Não precisa cuidar de mais ninguém a não ser de si mesma.

Ela aquiesce. Até ameaça fazer um bico, prestes a chorar, mas se contém.

— Essa TPM acaba comigo — confessa, como se precisasse de um motivo para ter coração.

Após o tatuador colocar o filme em todo o desenho, com as pomadas para prevenção de possíveis inflamações, ela me ajuda a vestir a blusa.

— Vamos embora, Deia. Agora essa fada madrinha aqui tem de te levar ao príncipe encantado. — Tínhamos poucas horas para ajeitar tudo o que minha mente louca e apaixonada tinha planejado.

Correndo contra o relógio e ignorando qualquer possível incômodo vindo da tatuagem ou o corpo cansado, Nana e eu corremos como doidas para deixar cada coisa em seu devido lugar, sem que Caio desconfiasse. Para ele, eu estou trabalhando em mais um dia intenso de montagem e treino de mudança de cenários, certo de que nos encontraríamos à noite.

Dona Odete, exultante com o que eu faria, ajuda, providenciando uma refeição leve e flores para enfeitar o nosso *jantar surpresa*. Como Caio é muito querido entre os membros da OSESP, conseguimos com a diretoria algumas horas para utilizar o palco principal da sala São Paulo, onde eu o esperaria. Dentro das paredes do lugar onde trocamos o primeiro beijo, eu declararia o meu amor... Cada detalhe foi feito com cuidado, tudo planejado há tempos para que nada desse errado.

Eu me arrumo, naquela mesma sala em que me preparei antes, naquilo que agora parece tanto tempo, durante a festa de apresentação, antes que Caio mudasse a minha existência. Sou novamente ajudada por Nana, que ri e brinca como sempre fez, mas diante de uma mulher que não mais hesita, tentando se cobrir e se esconder.

Sinto o ciclo finalmente se fechar. Fecho os olhos e vislumbro a antiga Andreia, tímida e receosa, se afastar de mim com um beijo de despedida, e dissipar-se ao vento, porque tive coragem de me entregar e abrir o coração aos novos ventos que se achegavam, mesmo que eu tivesse ficado assustada, em um primeiro momento, por destruírem a frágil segurança em que me colocara. Só

assim puder ver que aquilo que tanto hesitava sentir, por medo de me fazer mal, só me trouxe felicidade.

— Tudo pronto, Deia... Olha, vou assumir uma coisa: você está demais, mulher! Até eu, que sou sua amiga, fiquei com vontade de te pegar... — começo a gargalhar diante do inusitado comentário, indo em direção ao espelho para ver o resultado final. — Se eu tivesse ideia de que trazer você para São Paulo te faria tão bem, enfiaria seu nome em qualquer projeto pelo menos seis meses antes...

A voz de Nana se perde assim que me deparo com o meu reflexo, dando boas-vindas à nova Andreia, aquela que chegou para ficar. Bagunço um pouco mais os cabelos repicados, que terminam logo abaixo das orelhas, e passo as mãos pela camisa feminina, de seda branca, que acentua a curva dos seios, sem sutiã... Expondo a mulher que antes eu escondia, a feminilidade à tona, capaz de tomar as rédeas da própria vida... Finalmente, eu me sinto bem com aquilo que vejo e sou. Alguém que o amor salvou, que nunca mais seria discriminada, diminuída ou rechaçada por alguém.

Eu me viro para minha amiga e a abraço. Agradeço a ela repetidas vezes, baixinho, por tudo que ela foi na minha vida e continua sendo... Ela repete as mesmas palavras de amor, e, ao sentir que começa a chorar, se afasta.

— Vou manchar toda a sua blusa... — pega um pedaço de papel e limpa os olhos, fingindo estar irritada comigo. — Puta que pariu, olha a cara de palhaça de circo de quinta que estou agora... Vamos embora, deixa eu te levar para a sala principal. Já está tudo arrumado lá. Só falta você e o chocolate... — Fiz a besteira de comentar com ela, um dia, o apelido que dona Míriam dera ao Caio naquele dia em que fomos visitar a minha mãe. Isso deu motivos suficientes para, hora e meia, ela o provocar.

Atravessamos, por fim, a porta do salão. Ando pelos bancos, apenas o ecoar dos meus passos sobre o chão acarpetado, o palco ainda à meia-luz. Subo na estrutura de madeira e vou até o fundo do palco, acender as luzes. Quando eu volto, arrumo os petiscos e o vinho uma última vez, e fico ensaiando a pose certa, sensual, mas romântica, para me apresentar quando Caio abrir a porta.

Fico de pé, andando de um lado para o outro, ensaiando as minhas falas, tentando traduzir os meus sentimentos, tão cheia de ansiedade e nervosismo em fazer direito, que mal percebo que o meu pianista entra ali, aproxima-se e me fita, com cara de espanto.

Só quando o ouço me chamar que quase desmorono, vendo todo o grande momento do encontro, ansiado por mim, ir por água abaixo.

— Andreia? Amor, o que está fazendo aqui... Recebi uma chamada, urgente, do maestro para que viesse encontrá-lo na sala principal e...

— Surpresa — estendo os braços, sem graça, em um fio de voz, xingando-me mentalmente por ser tão distraída.

Vejo-o sorrir diante da descoberta, eu sem graça, sem saber como continuar enquanto ele se aproxima.

— Eu planejei tudo direitinho, sabe? Fiquei semanas pensando em um modo de te surpreender, assim como me faz todos os dias... Até separei a música certa para isso — frustrada com a minha falta de atenção, ando até o controle de som que está perto de mim e aperto o *play*, deixando de as notas de *Cinema Paradiso*, na voz de *Josh Groban*, preenchessem o recinto.

Contudo, eu, na tentativa de explicar, somente continuo a falar até que o fôlego se vê, numa ladainha movida pelo nervosismo.

— Mas não, eu tinha de ficar viajando, pensando em como seria o momento, ensaiando frases marcadas, e perder o instante ideal para que tudo acontecesse lindamente. Sou aquele músico que se perde em devaneios e perde a entrada na hora do concerto, meu pianista...

Caio se aproxima e me beija, com fome, amor e vontade. Ele me puxa pela cintura, com desejo, impetuosidade e quaisquer palavras se tornam gemidos diante do calor daquele gesto. Os lábios dele só me deixam quando perco o fôlego, e ele se afasta um pouco para que eu respire...

— Andreia, cada vez que abro os olhos e te vejo ao meu lado, eu me surpreendo. Como a qualquer momento fosse acordar e você voltasse a ser apenas a moça do sonho, alguém que anseio diariamente sem encontrar... Todos os dias você escolhe ficar comigo, Andreia... E isso é surpreendente. Abraçou a minha dor e alento, e permitiu que dividisse o seu fardo. *Me curou* — e ainda o faz — dia após dia, e permite que eu cuide de suas feridas. Recebeu o meu amor, minha deliciosa, com uma coragem que poucos têm... Então, não me venha com desculpas, exigências e arroubos, pois sempre tenho o melhor de você... E só isso importa...

— Mas é que... — e outro beijo me cala, *me envolve* e me excita.

A cada vez que tento me explicar ou dizer algo, ele me puxa contra si, esfregando os nossos quadris, excitando os nossos corpos sobre a roupa, elevando o desejo a tal ponto que perco o raciocínio e o quero aqui, nesse exato instante, dentro de mim...

— Ainda quer falar alguma coisa, Andreia? — ele provoca, afastando-se mais uma vez e disposto a me calar com beijos mais uma vez.

— Case comigo, droga! — desabafo de uma vez, fazendo de forma *nonsense* o que havia ensaiado anteriormente, dias a fio, com frases belas e poéticas. — Pronto, era isso que ia falar, meu pianista... — Eu o encaro, estático, diante de mim, a respiração acelerada. — Foi para isso que te trouxe aqui, Caio. Para pedir para ser o meu marido, e fazer de todos os dias, pela vida afora, do coração o palco de nossas canções.

Sem esperar uma resposta, eu me viro de costas. E desabotoo a camisa suavemente, despindo o torso, expondo o corpo. Ouço-o arfar quando percebe o que fiz, a cicatriz coberta por um uma trilha que lembra uma partitura, pontilhada de notas musicais. Sinto-o se aproximar antes que as mãos me toquem sob o plástico protetor, causando-me arrepios.

Ele ergue o meu braço devagar, acompanhando a tatuagem e vê as notas me percorrendo a curva do seio, contornando o novo mamilo, marrom, tão parecido com o natural quanto possível, e se encanta com a frase, que coloquei, acompanhando o grafismo, dando som às letras...

“Com a sua música, descobri o amor. E ao aprender a amar, descobri em mim a perfeição.”

Vejo as lágrimas em seus olhos, junto à paixão. Entrego-me às sensações quando ele toma entre os lábios o seio livre e levanta minhas saias, livrando-se da calcinha. Vamos ao chão, os corpos unidos, a carne aberta em flor para receber o pênis ansioso, que mal espera o preservativo o cobrir para fincar em mim, penetrar e sair, as roupas se livrando com os corpos grudando, enquanto a mais linda declaração de amor ressoa pelo sistema de som.

“Se você visse através dos meus olhos apenas um dia.

*Você veria a beleza, que me inunda de alegria,
um misto de magia com lealdade.*

*Se você estivesse em meu coração apenas por um dia,
poderia ter uma ideia do que eu sinto.*

*Quando você me abraça forte, junto ao teu corpo,
peito a peito, respirando o mesmo ar.”*

Caio faz amor comigo, e eu com ele. *Me fode*, com força, como eu gosto e anseio. Entrega-se a mim, por inteiro, como eu mesma faço. A saia embolada na cintura, as calças abaixadas até a canela, tudo se perde diante do contato da carne a nos satisfazer. Meus gemidos aumentam quando o orgasmo vem, intenso e certo, fazendo meu corpo doer de vontade de mais. Meu pianista, o homem que eu amo, acompanha-me em seguida, mas em vez da voz que fica rouca ao alcançar o gozo, ele grita a resposta ao meu pedido.

— Sim, sim... Eu me caso com você, meu amor — Debruça-se sobre mim e me beija, sorridente.

E eu, feliz e surpresa com a impetuosidade da resposta, começo a gargalhar, solta e leve, sem regras ou modismos. Caio me acompanha e se deita ao meu lado, antes de pegar, também aos risos, um morango que se encontra numa cesta ao lado. Eu me deito de lado e ele passa a mão pela tatuagem, encantado, enquanto me beija a orelha e murmura palavras de amor.

Assim fecho os olhos, percebendo como somos tolos, achando que Perfeição é algo mágico, único e irretocável, isentos de defeitos ou algo que desqualifique. Ficamos em busca dessa utopia toda a vida, em um gesto inalcançável, vazio e tolo, como se pudéssemos ser os primeiros a definir o que é imaculado e exato em um objeto, alguém ou um instante.

E, com isso, perdemos o verdadeiro entendimento... De que não são necessárias buscas sem sentido para encontrarmos o nosso ideal de perfeito. Basta vivê-lo, aproveitar cada instante e oportunidade que faz o coração acelerar, tremer, se sentir vivo... Cada ação que te tira da zona de conforto e te faz hesitar. Atitudes e momentos que vão te transformar, com amor ou dor, não importa...

O momento de mais perfeição, a coisa mais preciosa, a pessoa que nasceu para ser a amada, é a que te transforma, te muda, e não apenas uma vez, mas várias e várias vezes, a cada segundo, em todos os instantes. É que te dá, no final, a sensação de que você e o mundo são uma coisa só, e nada consegue te conter.

Perfeição é olhar o outro e compartilhar de sua existência. É valorizar as pequenas conquistas e vitórias como se fossem grandiosas. É acreditar em si mesmo e perceber o quanto é um ser único e especial, e tem valor tanto quanto os outros.

Perfeito é aquele que ama, como Caio e eu fazemos nesse momento, recomeçando o prazer sem nos importamos com o mundo lá fora. É quando temos a certeza de que os anos não nos separarão, e nos veremos com peles flácidas e pelos grisalhos com o mesmo furor da juventude.

É imaginar e ansiar que, a última imagem que meus olhos vejam antes de se fecharem para sempre seja ele, o homem que me completará por todas as vidas que eu assim existir. Antes disso muitas coisas vão acontecer. Pessoas casarão e morrerão, crianças nascerão e se tornarão adultas para viverem as próprias paixões. Brigas, risadas e lágrimas passarão, criando e destruindo mais momentos mágicos e inteiros como esse.

Mas uma coisa será constante, algo que a sabedoria e o tempo me

ensinou: todos os dias, não importa onde esteja, eu me levantarei da cama. Irei até o banheiro e verei o meu reflexo diante do espelho. Lavarei o rosto, se for preciso, arrumarei os cabelos, caso ache necessário, posso até tirar a maquiagem que esqueci de fazer por pura preguiça.

Mas nunca deixarei de sorrir. Para mim, em um gesto íntimo, expondo toda a alegria, amor-próprio e autoconfiança adquiridas. Olharei no fundo dos meus olhos, abrirei o meu coração e falarei a frase que, para mim, são as mais importantes... Pois elas nunca me deixarão esquecer...

Perfeição é você.



EPÍLOGO

A respiração está acelerada, as mãos tremem, estou ansiosa diante da emoção desse momento. O vestido branco, cheio de pedrarias, em uma longa cauda como manda o figurino, parece refulgir diante da luz branca. Tento segurar o choro da emoção, ergo a cabeça, respiro fundo, mas aquela parece ser uma tarefa hercúlea. Olho para Nana, que está ali comigo, diante das portas fechadas. Tento ignorar os murmurinhos, a expectativa, o fato de compartilhar não só com ela e Caio, mas com todos que amo aquele momento mágico.

— Pronto, Deia? — vejo na voz da minha amiga a mesma expectativa que habita em mim. Apenas aceno, pois nesse instante a voz me falta... Fecho os olhos e dou o primeiro passo quando as portas se abrem, tornando tudo real.

Caminho decidida pelo corredor, o buquê de flores nas mãos, olhos, sorrisos e rostos com as mais diversas emoções a me fitar. Tento retribuir cada reação com afeto, surpresa e perseverança. Transmitir a esperança de que tudo dará certo, que todas as dores passam, que sobrevivemos.

Quando não temos nada... É nesse instante que temos tudo. Uma imensidão de possibilidades.

Cada pessoa que me vê passar ali, naquele corredor, parece retratar um instante da minha vida. As lágrimas derramadas, a dor, a sensação de solidão e a morte à espreita. Quando somos cercados pela impotência e pensamos em desistir antes de lutar. Somos cercados de angústia, mas também de fé e esperança... Basta buscarmos nos lugares certos ou encontrarmos as pessoas certas. Como aconteceu comigo...

Olho para Nana, que me tirou da gaiola, cuidou das minhas asas, insistiu que não tivesse medo de respirar, um sopro de cada vez... Aquela que me fez ver o mundo lá fora e as possibilidades que eu poderia ter. Aquela que nunca fez eu ver o relacionamento abusivo com Marcos ou o câncer como fatos e situações em que eu devesse me entregar. *Você pode até cair, mas não sem lutar.*

— Obrigado, Regina... — na hora em que ela fecha o semblante, eu me corrijo, em tom de brincadeira. — Nana, minha amiga, mãe e irmã. A ex-jiboia que tanto amo... — Ambas não nos contemos e deixamos o riso quebrar o silêncio daquele ambiente, tão marcado pela sacralidade da doença e luta pela esperança. — Espero que você agora lute por seu final feliz...

— Eu também espero — ela repete a minha fala, mas uma sombra percorre o seu olhar. Sinto que algo perpassa o coração dela, e na hora certa pretendo descobrir. Mas não agora, nem nesse momento.

Do outro lado, assim que me viro, Caio brilha, refulge, lábios e olhos solares a me aquecer. Esse é o homem que me fez voar, saber que não tenho limites, ensinou-me que a cura, a real cura, não se limita apenas ao corpo, mas sim à alma. E o amor, aquele dado sem medida, é o remédio mais efetivo.

Ao lado dele me redescobri e floresci... Não era mais o ser abjeto, mas sim mulher, sensual, sedutora e amante. Capaz de sentir e oferecer prazer e afeto. Inteira e completa, cicatrizando-me sempre, mas também perdendo pedaços de mim, pois não me contenho mais... Sou capaz de me dar sem reserva, pois transbordo... Não mais desaguo... Desoceano.

— Obrigado, meu pianista. Por descobrir a música secreta que existia em mim. Por permitir que eu visse a beleza e a delicadeza que existem sob as aparências, trazendo à tona a mulher desejosa e trancafiada que gritava, solitária, nas profundezas da minha alma. Será que um simples “eu te amo” será o suficiente para te mostrar o que sinto?

— Você é melhor que isso, deliciosa. Prefiro que diga uma única coisa, todos os dias... *Eu me amo. Por isso posso te amar.* Aí sim saberei que aquilo que temos é o suficiente, minha perfeição. Obrigado por ser parte da minha vida, Andreia. E por surgir na minha vida no momento certo, naquele instante que mais precisávamos, trazendo-me à realidade através do grito, de coração aberto, externando a sua dor e me confrontando com ela, aqui, nesse mesmo lugar... — Acompanho o olhar dele e vejo as pessoas se aproximarem, enchendo o espaço, repletas de expectativa, imaginando o que estava prestes a acontecer ali, sentindo a energia positiva preenchendo o ar.

São pacientes, médicos e enfermeiras, dos mais diversos tipos e idades, que naquele instante anseiam por uma boa notícia, uma gota de esperança para mudar o dia de todos naquele departamento de Oncologia, onde eu passara por tanta coisa, mas também me deparei, face a face, com o meu destino. Ali foi onde um abraço foi o início de tudo.

Nesse lugar, onde confrontei a solidão e o medo, sem encontrar heróis

nos quais pudesse me espelhar, eu me transformo em exemplo para os outros, de que a esperança existe, a vida sempre continua... E sobrevivemos.

Nesse instante, ergo os braços, e, sob os aplausos de todos e as minhas risadas e choro convulso, eu toco o sino... O pequeno objeto que representa a cura, a libertação da doença que mudou a minha vida. As meninas do meu antigo Grupo de Apoio, que ali estão, fazem festa, em um gesto de alegria. Mãos se estendem, cumprimentando a mim e ao Caio, abraços desconhecidos me tomam, molhando o meu vestido e rosto de beijos e lágrimas compartilhadas.

Sou cercada de tanto amor que parece que vou explodir, dizendo mensagens de apoio e afeto para pessoas e familiares que não sabem no que se agarrar. Perco a noção das horas ali, em meio às pessoas, até que, aos poucos, cada um se dispersa, a fim de resolver os próprios problemas, lidar com a própria realidade. Mas, nos semblantes, é possível ver uma nova energia, um fôlego, a promessa de que tempos melhores podem surgir, basta lutarmos para que isso se realize.

Faço o caminho de volta pelo corredor, a cabeça apoiada em Caio, uma das mãos segurando a dele, e a outra o buquê que sobreviveu. Apesar da maioria dos nossos laços agora estar em São Paulo, pedi para fazermos o casamento em Ribeirão exatamente por isso, para fazer aquele gesto tão simbólico e verdadeiro, como retribuição a todos que estiveram comigo.

Algumas que sobreviveram, outras que faleceram durante o processo... Mas todas fizeram parte da minha história. Minha mãe, inclusive, esteve no casamento, e nunca me pareceu tão lúcida. Por ironia do destino, dona Júlia tinha se esquecido completamente do meu casamento anterior, e vivia todas as emoções da cerimônia como se fosse a primeira vez.

Assim que terminou a cerimônia, foi para o hospital que nos dirigimos, antes de irmos para a festa, que dona Odete exigiu que tivesse... Poucas pessoas me acompanharam até ali: Nana, Caio, a doutora Lílian e todas as “meninas” do grupo... Ou quase, já que Valéria, infelizmente, não venceu a batalha, seguindo o caminho da irmã, o que nos encheu de tristeza. Mas as demais estavam ali, lutando, cada uma à sua maneira, buscando as próprias realizações e felicidades.

Ao passarmos por um quarto, algo me faz parar. Estaco e me aproximo da porta, pedindo que Caio me espere. Bato e peço licença, e a paciente que está sentada, olhando a janela, me olha com surpresa, enxugando as lágrimas. A jovem está magra, com os olhos encovados e sem nenhum fio de cabelos na cabeça. Pelas pintinhas que percebo nos membros, sei que deve estar lutando bravamente contra a leucemia. Além da fraqueza habitual pelo tratamento, reconheço algo nela, o que me atraiu até ali... A dor, a que conecta, nos chama e

pede por ajuda.

A mesma que fez Caio se aproximar de mim, naquele dia, mostrando que eu era importante. A que me pede para que eu faça esse círculo de amor seguir adiante.

— Qual é seu nome? — Ela parece se retrair ao me ouvir, como se a saúde que agora tenho, como se o fato de ser *normal* lhe ferisse os olhos.

— Madalena...

— Oi, Madalena. Eu sou a Andreia... Acabei de me casar — em um gesto de personalidade, a jovem revira os olhos, como se aquilo fosse óbvio, sem entender o que eu, uma insana vestida de noiva, fazia naquele hospital.

— Só passei para avisar que já estive no seu lugar... — A curiosidade vem aos seus olhos e eu me aproximo, sentando-me ao lado dela na cama. — Só queria te falar que não desista, porque vai passar. Você é linda e tem um futuro lindo pela frente. E, se em algum momento se sentir triste demais e esquecer disso, vou te dar um presente — estendo-lhe o meu buquê. — Olhe para ele e se lembre de quem você é... De quanta beleza e amor existem dentro de você.

Ela pegou as flores na mão, hesitante, e se permite ser apenas uma jovem cheia de medos e desesperanças. Enquanto as lágrimas surgem, eu a abraço e a acalento, como um dia um anjo fez comigo.

— Você é perfeita... — minha voz se embarga ao declarar. Ergo a fronte e vejo Caio, na beirada da porta, me observando, também emocionado. Nos lábios dele, as palavras são construídas, sem que haja som algum.

— “Eu sempre te amei, deliciosa Andreia”...

Sorrio, realizada, dando e recebendo, naquele ínfimo espaço, afeto no estado mais puro, sem tamanho ou medida.

E isso, nesse momento, é tudo que eu preciso.

Agradecimentos

Foram meses de escrita, doloridos e libertadores, onde fui capaz de expulsar os meus fantasmas e os transformei em amores. Nessas páginas, eu me tornei Andreia e me derramei no papel. Dei vida a Caio, um homem por quem se apaixonar todos os dias. Descobri, neste enredo, o melhor de mim.

“Perfeição” é a minha história mais triste, mas também libertadora, cheia de autoestima, dores a serem sanadas e descobertas. Um livro pelo qual me apaixonei diariamente desde que desopilei o peito na primeira confissão, e chorei muitas vezes diante do teclado.

Espero que toda essa emoção chegue até vocês.

Bom, preciso agradecer à Renata Margaria, por nunca me deixar desistir, mesmo quando estava dolorido demais. Gabriela Canano, grato por ser sempre esse anjo da guarda, e por me permitir conhecer o seu abraço. Tamianara Sousa, lembra o dia que me pediu uma personagem com seu nome? Eu te fiz uma vilã à altura de sua alegria, aproveite!

Também sou grato a quem acompanha essa história linda no Wattpad — e assumo que fico, todas as quartas e sextas-feiras, esperando as reações de vocês —, bem como a quem a lerá em outras plataformas.

Ursetes do meu coração, essa história é para cada uma que fala comigo nos grupos, nos aplicativos, nas mais diferentes horas, fazendo-me sentir amado, dando-me a sensação de que estou no caminho certo.

Doutora Ivânia Aziz, ou melhor, S. Miller, obrigado pela consultoria médica . Ivani Otto e Bárbara Ricchi, meus eternos termômetros amorosos, só tenho a agradecer. Ivany Souza, obrigado por comprar essa briga comigo, deixando esse texto lindo.

E agradeço, acima de tudo, a todas mulheres que, como Andreia, foram quebradas por seus companheiros de alguma forma, física ou psicologicamente. A todas aquelas que sobreviveram ao câncer de mama, entrego meu coração. Espero que, aqui, vocês se sintam representadas e se lembrem do quanto são lindas, perfeitas e poderosas!

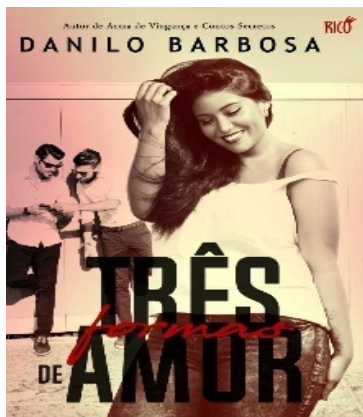
Contem comigo, sempre que precisarem. Lutem pela própria felicidade, porque todas merecem! Sou fã de cada uma de vocês.

Fica aqui o meu amor.

Abraços de urso,

Danilo Barbosa.

Conheça outras obras do autor



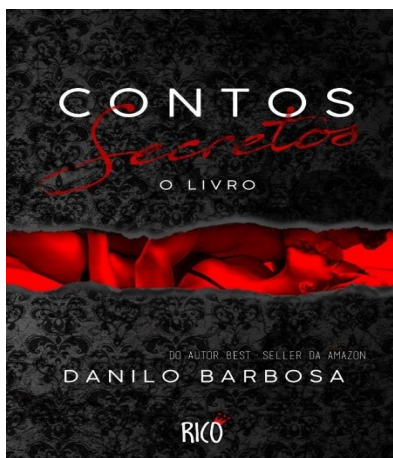
Três formas de amor — <https://goo.gl/MQGx81>

"Temos aqui o rei da literatura erótica brasileira em um texto cru, intenso e marcante. Danilo Barbosa já se tornou referência de escrita; com sua narrativa poética e sempre arrebatadora, consome nossos corações até que não sobre nada além de um suspiro apaixonado."Mila Wander, autora de O Safado do 105.

A vida de Mila está de pernas para o ar. De uma hora para outra deixou de ser a noiva feliz para virar a traída enfurecida, descabelada, bêbada e louca. Também, como podia imaginar que o noivo a trairia um mês antes do grande dia? E que terminaria a noite no pub em que trabalha, sendo consolada pelo chefe, enchendo a cara de cerveja e cantando músicas deprimentes? Para piorar, nem tem ideia de como explicará, no dia seguinte, à mãe dominadora e à irmã pura, recatada e do lar, que a vida perfeita que imaginavam para ela tinha descido pelo ralo.

Só que Mila mal imagina que aquela noite está longe de terminar. Assim que chega ao prédio onde mora, se envolve em um encontro de sexo libertador e excitante... Não com um, mas dois homens lindos e maravilhosos, sem pudor ou regras, transformando aquele momento antes deprimente na mais perfeita definição dos seus desejos. Agora, a mulher que queria fugir de relacionamentos tem dois homens à sua disposição: Gabriel, o vizinho sensual, tarado e gostoso; e Leandro, o homem romântico e sensível, mas que sabe deixar qualquer mulher doida entre quatro paredes. Juntos, os dois são o homem perfeito. Mas será que ela está pronta para viver algo assim? Em uma história divertida e cheia de desejo, disposta a quebrar padrões e conceitos, Danilo Barbosa dá vida aos personagens do conto que ficou entre os mais vendidos no formato digital durante meses após o lançamento. Venha perder os pudores e

limites com esse trio, capaz de mexer com os seus desejos mais secretos.



Contos Secretos – <https://goo.gl/MVBm7W>

Quais são os seus desejos mais secretos? Foi pensando nisso que o escritor Danilo Barbosa, criador dos best-sellers *Arma de Vingança* e *A Princesa da Lapa* decidiu criar os seus *Contos Secretos*, uma série de histórias com um conteúdo altamente erótico, para mulheres que estavam dispostas a quebrar tabus e explorar as suas sexualidades. Nele, a protagonista passiva e romântica dá lugar a mulheres empoderadas, capazes de realizar os seus fetiches e viver a sua sexualidade em plenitude, com um toque sarcástico e mordaz, algumas vezes cru e visceral, típico da linguagem do autor. Resultado: o primeiro conto, *Três Formas de Amor*, lançado em março de 2016, ficou 3 meses entre os 10 mais vendidos da plataforma digital Amazon. E os contos seguintes foram lançados com igual sucesso. Por isso, agora os *Contos* que tanto deram o que falar na internet chegam em um único volume, além de dois contos inéditos, para atizar a curiosidade das leitoras, e as incentivar a realização de suas vontades.

DANILO BARBOSA é verdadeiramente apaixonado por literatura e um autêntico cheirador de livros. Seu primeiro romance foi *Arma de Vingança*, que recebeu uma resenha no conceituado jornal inglês *The Guardian*, além de ser o primeiro romance, escrito por um homem brasileiro, a ser best-seller na plataforma Amazon, em 2014. No ano seguinte, publicou *A princesa da Lapa*, que concorreu ao prêmio Oceanos e São Paulo de Literatura, além de participar da antologia *Tardes Sensuais*, junto com grandes nomes do romance contemporâneo. Em 2017, publicou os *Contos Secretos*, grande sucesso em formato digital, onde fala sobre o fetiche e desejos das mulheres, sem censura ou pudor. Logo em seguida, aventurou-se pelo romance erótico nacional e nunca mais largou. Escreveu *Eduardo, Fernando e Eu*, com as autoras Josy Stoque e Juliana Mello, *Selvagens* com a autora Sue Hecker, *Por toda a minha vida* com Janaína Rico, Lucy Berhends e LM Gomes, e aventurou-se através do poliamor com *Três Formas de Amor*. Ele já conquistou uma legião de fãs, sendo

amplamente conhecido nas redes sociais. Adora conversar com pessoas sobre livros, viver cercado deles e tomar café – não consegue escrever sem. Vive em Ribeirão Preto, interior de São Paulo, em meio a obras literárias – é claro – e dois gatos.

Siga o autor nas redes sociais

Facebook – <https://www.facebook.com/autordanilobarbosa>

Fanpage – <https://www.facebook.com/danilobarbosaaautor>

Grupo do Face –
<https://www.facebook.com/groups/657210664428376/>

Instagram – https://www.instagram.com/danilo_barbosa/
Grupo do Whats –
<https://chat.whatsapp.com/1PGBQyqrHFEAoFQuw7JG>

[1] A orquestra de câmara é um grupo instrumental composto por um menor número de músicos e instrumentos musicais, se comparado a uma [orquestra](#). Normalmente, realiza apresentações em ambientes restritos, daí o nome “câmara”, que, nesse caso, é referência ao local destinado à apresentação.

[2] Haja o que houver — Álbum “O Paraíso”, 1997.

[3] Querendo, precisando, esperando / Por você para justificar meu amor / Esperando, rezando / Por você para justificar meu amor.

[4] Conjunto Residencial de Estudantes Universitários, moradia de estudantes da USP.

[5] Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade.

[6] Referência ao filme *Atração Fatal*, de 1987

[7] **Otelo, o Mouro de Veneza** (no original, *Othello, the Moor of Venice*) é uma obra de [William Shakespeare](#) escrita por volta do ano [1603](#). A história gira em torno de quatro [personagens](#): Otelo (um general [mouro](#) que serve o reino de Veneza), sua [esposa](#) Desdêmona, seu tenente Cássio, e seu sub-oficial Iago. Por causa dos seus temas variados — [racismo](#), [amor](#), [ciúme](#) e [traição](#) — continua a desempenhar relevante papel para os dias atuais, e ainda é muito popular.

[8] Musical “O fantasma da ópera”, de Andrew Lloyd Weber.

[9] Filme de 1985, dirigido por Hector Babenco.

[10] Uma das mais conhecidas cantoras líricas brasileiras, prestigiada como uma grande estrela de ópera mundial. Admirada por Toscanini, uma das vozes preferidas de Villa Lobos, Bidu foi ovacionada até pelo presidente americano Roosevelt, que desejou lhe conceder até mesmo a cidadania americana. Foi parte do elenco do Metropolitan durante anos e faleceu nos EUA, em 1999, aos 97 anos, sem conseguir rever a sua amada Baía de Guanabara.

[11] Canção ligeira, bem-humorada ou espirituosa, por vezes satírica.

^[12] Realizado no primeiro e no quinto minuto de vida da criança, o teste baseia-se em cinco critérios de avaliação: **frequência cardíaca, respiração, tônus muscular, prontidão reflexa e cor da pele**, que, individualmente, podem receber notas de 0 a 2, somando um total de 10 pontos.

Table of Contents

[CONFISSÃO](#)

[1](#)

[CONFISSÃO](#)

[2](#)

[CONFISSÃO](#)

[3](#)

[4](#)

[CONFISSÃO](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[CONFISSÃO](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[CONFISSÃO](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[A PRIMEIRA CONFISSÃO](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[EPÍLOGO](#)

[Agradecimentos](#)

[Conheça outras obras do autor](#)

[Siga o autor nas redes sociais](#)